



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Anna Freitas Portela de Souza Pimenta

**A perspectiva do apego ao lugar voltada para o patrimônio cultural do século
XX**

Florianópolis
2025

Anna Freitas Portela de Souza Pimenta

**A perspectiva do apego ao lugar voltada para o patrimônio cultural do século
XX**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do título de Doutora
em Projeto e Tecnologia do Ambiente Construído.

Orientadora: Profa. Adriana Marques Rossetto, Dra.
Coorientadora: Profa. Maíra Longhinotti Felipe, Dra.

Florianópolis

2025

Pimenta, Anna Freitas Portela de Souza

A perspectiva do apego ao lugar voltada para o patrimônio cultural do século XX / Anna Freitas Portela de Souza Pimenta ; orientadora, Adriana Marques Rossetto, coorientadora, Máira Longhinotti Felipe, 2025.
214 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Patrimônio do século XX. 3. apego ao lugar. 4. vontade de conservar. I. Rossetto, Adriana Marques . II. Felipe, Máira Longhinotti . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. IV. Título.

Anna Freitas Portela de Souza Pimenta

**A perspectiva do apego ao lugar voltada para o patrimônio cultural do século
XX**

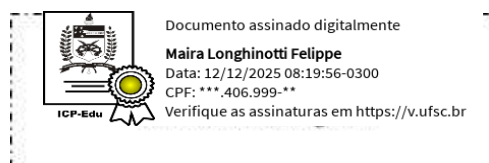
O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros: :

Prof.(a) Soraya Nórr, Dr.(a)
UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)

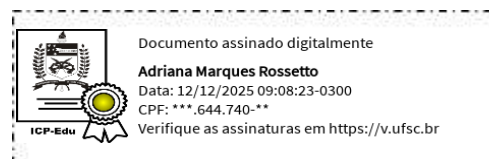
Prof. João Paulo Schwerz, Dr.
UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)

Prof.(a) Rachel Zuanon Dias, Dr.(a)
UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Projeto e Tecnologia do Ambiente Construído.



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof.(a) Adriana Marques Rossetto, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2025.

Dedico esse trabalho aos meus pais Maria de Lourdes e Washington (*in memorian*), com todo o meu amor e gratidão. Ao meu eterno mestre professor Luiz Eduardo Fontoura Teixeira (*in memorian*), que tanto me ensinou.

Também ao meu marido Chico Pimenta e filhos, que precisaram renunciar à minha companhia por diversas vezes para que esta tese fosse possível.

AGRADECIMENTOS

Muita gratidão neste longo processo de doutoramento, começando por agradecer a Deus, porque tenho certeza que Ele controla tudo que acontece na minha vida, me protege, me conduz e me ilumina. Depois agradeço aos meus dois grandes mestres que não estão mais entre nós, professor Luiz Eduardo Fontoura Teixeira que continua presente para sempre na minha memória com seus ensinamentos sobre patrimônio, sua simplicidade e cultura e ao meu pai que me ensinou a nunca desistir, sempre me esforçar e trabalhar duro pelos meus objetivos. Agradeço a minha família que sempre me apoiou incondicionalmente, em especial meu marido Chico que precisou por diversas vezes ficar sozinho com os nossos meninos para que eu conseguisse produzir e me concentrar no doutorado e a minha mãe que está sempre pronta a me ajudar no que eu precise. Ao meu primeiro orientador, professor João Carlos Souza, que me ajudou a entrar no programa de pós-graduação para o doutorado e teve a humildade e delicadeza de me convencer a trocar de orientador quando o tema foi para mares nos quais ele não navegava. A minha orientadora Adriana Marques Rossetto e à coorientadora Maíra Longhinotti Felipe, é impossível expressar em palavras o quanto essas duas profissionais são incríveis e me ajudam a todo momento, são meu exemplo de competência, gentileza e empatia. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que me acolheu desde a graduação até agora no doutorado e é também o meu local de trabalho, do qual me orgulho muito em fazer parte da equipe docente do curso de Arquitetura e Urbanismo. Aos meus colegas e amigos de trabalho que estão sempre prontos a me ajudar, em especial a minha parceira de sala de aula, a Letícia Mattana, amiga que está sempre disposta a me ouvir e me auxiliar com toda a sua organização e eficiência. Ao professor Beau B. Beza que aceitou ser supervisor no meu Doutorado sanduíche na Austrália e abriu todas as portas para que eu pudesse ter essa experiência enriquecedora. A CAPES com o programa PRINT que me deu oportunidade com uma bolsa de estudos para o doutorado sanduíche. Finalmente aos meus amigos, que deixam a minha vida mais leve. Gratidão.

[Para o moderno não há passado e nem futuro: nesse sentido, por exemplo, pode ser explicada a preocupação (quase obsessiva) dos modernos em arquitetura, em cortar todo e qualquer vínculo (estilístico) com o passado. (Teixeira, 2009, p.75)]

RESUMO

A conservação do patrimônio arquitetônico do século XX na arquitetura é muito recente e, portanto, muitas vezes não é reconhecida pelo senso comum das comunidades locais. Embora o Brasil tenha alguns ícones da era Moderna, inclusive incluídos na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, como a cidade de Brasília, tudo o que é morfologicamente diferente do modelo modernista tradicional muitas vezes não é reconhecido como importante e digno de se conservar. Já é estabelecido que o apego ao lugar, no contexto dos estudos pessoa-ambiente, é um fator que influencia positivamente na integração e satisfação de um indivíduo perante uma comunidade. A combinação dos conceitos de apego ao lugar e patrimônio cultural tem atraído atenção considerável de pesquisadores em turismo, antropologia, geografia e arquitetura. No entanto, apesar da discussão e conscientização sobre a importância desses conceitos, os dados sobre esse tópico raramente são medidos e analisados do ponto de vista do patrimônio cultural não legitimado. Assim, esta tese fundamenta-se na Teoria do Apego como base para examinar a influência das quatro dimensões do apego ao lugar, sendo elas a dependência de lugar, a identidade de lugar, o vínculo afetivo com o lugar e o vínculo social, na vontade de conservar o patrimônio cultural do século XX. Considera-se aqui que a presença de edificações com valor cultural em comunidades contribui para definir a identidade das pessoas, dar mais sentido à vida enriquecendo-a com valores, metas e significado. Nesta pesquisa, buscou-se investigar em que medida se dá o reconhecimento e consequentemente a vontade de proteger e dar visibilidade ao patrimônio da arquitetura do século XX por uma comunidade local no Brasil e comparar com outra realidade, na Austrália, analisando sempre a dependência de lugar, a identidade de lugar, o vínculo afetivo com o lugar, o vínculo social e a vontade de conservar, estabelecendo um *framework* que evidencie as relações identificadas entre todos estes fatores. Para preencher a lacuna de conhecimento identificada e destacar este ponto de vista centrado no ser humano, este estudo de pesquisa exploratória, qualitativa e quantitativa aplicou questionário e entrevistas. Os questionários foram aplicados em três grupos diferentes: envolvidos com patrimônio, pessoas que tiveram alguma experiência de vida no espaço que está sendo avaliado e pessoas que apenas ouviram falar desse espaço. As entrevistas foram feitas para um maior aprofundamento das investigações com uma amostra igual de cada grupo. O tratamento e análise dos dados provenientes da aplicação dos instrumentos serviram para análise de dados, testes de hipóteses e conclusões. Foram utilizados como estudos de caso um edifício localizado na cidade de Florianópolis, localizado no sul do Brasil e outro na cidade de Geelong, localizado na Austrália. O resultado principal e mais significativo é a descoberta de que o apego emocional e social ao lugar (Identidade de Lugar e Vínculo Social) são os fatores mais cruciais para motivar a comunidade a preservar o patrimônio do século XX. Essa é a similaridade essencial entre os casos do Brasil e da Austrália e a diferença reside na intensidade da motivação: a experiência de uso direto do local, mais evidente no grupo australiano, intensificou drasticamente o vínculo afetivo, levando-os a sentir a conservação como uma defesa direta de sua identidade. O estudo espera que as relações identificadas possam ser usadas para elaborar sugestões que auxiliem comunidades e profissionais na preservação patrimonial.

Palavras-chave: Patrimônio do século XX; apego ao lugar; vontade de conservar.

ABSTRACT

The conservation of 20th-century architectural heritage is very recent and, therefore, is often not recognized by the common sense of local communities. Although Brazil has some icons of the Modern era, including those included on the UNESCO World Heritage List, such as the city of Brasília, anything that is morphologically different from the traditional modernist model is often not recognized as important and worthy of conservation. It is already established that place attachment, in the context of person-environment studies, is a factor that positively influences an individual's integration and satisfaction within a community. The combination of the concepts of place attachment and cultural heritage has attracted considerable attention from researchers in tourism, anthropology, geography, and architecture. However, despite the discussion and awareness of the importance of these concepts, data on this topic are rarely measured and analyzed from the perspective of non-legitimized cultural heritage. Thus, this thesis is based on Attachment Theory as a foundation for examining the influence of the four dimensions of place attachment—namely, place dependence, place identity, affective attachment to place, and social attachment—on the desire to preserve 20th-century cultural heritage. It considers that the presence of buildings with cultural value in communities contributes to defining people's identity, giving more meaning to life and enriching it with values, goals, and significance. This research sought to investigate the extent to which a local community in Brazil recognizes, and consequently desires to protect and increase the visibility of 20th-century architectural heritage, and to compare this with another reality in Australia. The analysis focused on place dependence, place identity, affective attachment to place, social attachment, and the desire to preserve, establishing a framework that highlights the relationships identified between all these factors. To fill the identified knowledge gap and emphasize this human-centered perspective, this exploratory, qualitative, and quantitative research study employed questionnaires and interviews. The questionnaires were administered to three different groups: those involved with heritage, people who had some life experience in the space being evaluated, and people who had only heard of this space. Interviews were conducted to further deepen the investigations with an equal sample from each group. The processing and analysis of the data from the application of the instruments served for data analysis, hypothesis testing, and conclusions. A building located in the city of Florianópolis, in southern Brazil, and another in the city of Geelong, Australia, were used as case studies. The main and most significant result is the discovery that emotional and social attachment to the place (Place Identity and Social Bond) are the most crucial factors in motivating the community to preserve 20th-century heritage. This is the essential similarity between the cases in Brazil and Australia, and the difference lies in the intensity of the motivation: the experience of direct use of the site, more evident in the Australian group, drastically intensified the affective bond, leading them to feel conservation as a direct defense of their identity. The study hopes that the identified relationships can be used to develop suggestions that assist communities and professionals in heritage preservation.

Keywords: 20th-century heritage; place attachment; desire to conserve.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização dos respondentes segundo idade no Brasil	179
Tabela 2 - Caracterização dos participantes do Brasil quanto a conexão com a cidade	180
Tabela 3 - Caracterização dos respondentes segundo idade e dimensão na Austrália.	181
Tabela 4 - Caracterização dos participantes da Austrália quanto a conexão com a cidade.	181
Tabela 5 - Análise de associação entre a categoria de respondente e as dimensões no Brasil	182
Tabela 6 - Análise de associação entre a categoria de respondente e as dimensões na Austrália	184
Tabela 7 - Análise de associação entre a vontade de conservar o patrimônio (Negativo, Nenhum/Neutro e Positivo) e as dimensões no Brasil	186
Tabela 8 - Análise de associação entre a vontade de conservar o patrimônio (Negativo, Nenhum/Neutro e Positivo) e as dimensões na Austrália	187
Tabela 9 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e cada uma das dimensões no Brasil	189
Tabela 10 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Afeto no Brasil	190
Tabela 11 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Identidade no Brasil	192
Tabela 12 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e a dimensão Social no Brasil.	193
Tabela 13 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e cada uma das dimensões na Austrália	194
Tabela 14 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Afeto na Austrália	195
Tabela 15 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Identidade na Austrália.	197

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Estrutura conceitual das hipóteses apresentadas	26
Figura 2 - Versão 2.0 do GEW com 40 termos de emoção organizados em 20 famílias de emoções.	41
Figura 3 - Esquina Edifício das Diretorias, centro de Florianópolis- SC.	69
Figura 4 - Sede principal do Clube 12 de agosto em Florianópolis, SC.	70
Figura 5- 01- Lagoa late Clube, 02- Praça da Cidadania, 03-Edifício Normandie e 04- Assembleia Legislativa do Estado.	71
Figura 6- Mapa dos cinemas antigos da cidade de Florianópolis.	74
Figura 7- Anúncio publicitário da inauguração do Cine São José em Florianópolis.	75
Figura 8 - Perspectiva do projeto do Cine São José, feita por Wolfgang Ludwig Rau.	75
Figura 9- Carteira de habilitação profissional (CREA) do Wolfgang Ludwig Rau.	77
Figura 10 - Elementos decorativos nas paredes laterais do cinema.	78
Figura 11- Luminária central da plateia inferior	79
Figura 12 - Mural feito por Franklin Cascaes no guarda corpo do mezanino	79
Figura 13 - Pranchas das plantas baixas do projeto original do Cine São José	80
Figura 14 - Prancha do corte longitudinal do projeto original do Cine São José.	81
Figura 15 - Prancha das duas opções da fachada da Rua dos Ilhéus do projeto original do Cine São José	81
Figura 16 - Prancha da Fachada rua Padre Miguelinho do projeto original do Cine São José.	82
Figura 17 - Prancha do corte com vista para o palco do projeto original do Cine São José	83
Figura 18 - Foto Fachada principal do Cine São José a esquerda e Fachada fundos a direita.	84
Figura 19 - Localização da cidade de Geelong, Austrália.	87
Figura 20 - Edifício esquina da Moorabool St com Brougham St, hoje estabelecimento comercial de lojas	88
Figura 21 - Antigo Hotel Carlton, 1937.	89
Figura 22 - Rose Seidler House, residência tombada como patrimônio histórico e agora um museu em Sydney.	90
Figura 23 - Ópera de Sidney.	90
Figura 24 - Deakin University Geelong Waterfront Campus	91
Figura 25 - Denny Lascelles Woolstore - Área Histórica de Geelong Woolstores.	92
Figura 26 - Antigo Tribunal de Geelong e escritórios públicos, 1938.	93
Figura 27 - Escritórios do governo de Geelong, 1979.	93
Figura 28 - Distrito Comercial Central de Geelong.	94
Figura 29 - Edifício T&G a esquerda e à direita as estátuas de pai e filho fazendeiros saindo da torre do relógio.	95
Figura 30 - Edifício T&G, cidade de Hobart, estado da Tasmânia, na Austrália.	97
Figura 31 - Edifício T&G na cidade de Newcastle, estado de New South Wales, Austrália.	98

Figura 32 - estatuetas mecanizadas do Edifício T&G de Geelong.	98
Figura 33 - Planta baixa Edifício T&G atual.	100
Figura 34 - Escadas e pisos originais bem conservados.	101
Figura 35 - QR Code do vídeo postado para recrutamento	114
Figura 36 - Imagem postada para recrutamento.	115
Figura 37 - Antigo Cine São José	116
Figura 38 - Roda de Emoções de Genebra	124
Figura 39 - Cartaz de recrutamento para conseguir respondentes na Austrália.	126
Figura 40 - Gráfico de dependência de lugar - Brasil	132
Figura 41 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - EP - Brasil.	133
Figura 42 - Gráfico de dependência de lugar - Austrália	133
Figura 43 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - EP - Austrália.	134
Figura 44 - gráfico de identidade de lugar, Brasil.	135
Figura 45 - Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - EP - Brasil.	136
Figura 46 - Gráfico identidade de lugar Austrália	136
Figura 47 - : Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - EP - Austrália.	137
Figura 48 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - EP - Brasil.	139
Figura 49 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - EP - Austrália.	139
Figura 50 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - EP - Brasil.	141
Figura 51 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - EP - Austrália.	141
Figura 52 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - EP - Brasil	143
Figura 53 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - EP - Austrália.	144
Figura 54 - Nuvem de palavras EP - Brasil.	145
Figura 55 - Nuvem de palavras EP - Austrália.	146
Figura 56 - Gráfico dependência de lugar EV-Brasil	147
Figura 57 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - EV - Brasil.	148
Figura 58 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - EV - Austrália.	148
Figura 59 - Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - EV - Brasil.	151
Figura 60 - Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - EV - Austrália.	151
Figura 61 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - EV - Brasil.	153
Figura 62 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - EV - Austrália.	154
Figura 63 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - EV - Brasil.	156
Figura 64 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - EV - Austrália.	157
Figura 65 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - EV - Brasil.	159
Figura 66 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - EV - Austrália.	160
Figura 67 - Nuvem de palavras EV - Brasil.	162
Figura 68 - Nuvem de palavras EV - Austrália.	162

Figura 69 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - C - Brasil.	165
Figura 70 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - C - Austrália.	165
Figura 71 - Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - C - Brasil.	168
Figura 72 - Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - C - Austrália.	168
Figura 73 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - C - Brasil.	170
Figura 74 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - C - Austrália.	171
Figura 75 - Gráfico vínculo social Brasil	173
Figura 76 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - C - Brasil.	174
Figura 77 - Gráfico vínculo social Austrália.	174
Figura 78 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - C - Austrália.	175
Figura 79 - Gráfico vontade de conservar Brasil.	177
Figura 80 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - C - Brasil.	177
Figura 81 - Gráfico vontade de conservar Austrália.	178
Figura 82 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - C - Austrália.	178
Figura 83 - Nuvem de palavras EV - Brasil.	181
Figura 84 - Nuvem de palavras EV - Austrália.	181
Figura 85 - Associações significativas entre categoria de respondente e as dimensões no Brasil	187
Figura 86 - Associações significativas entre categoria de respondente e as dimensões na Austrália	189

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GEW	Roda de emoções de Genebra (Geneva Emotion Wheel)
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
1.1 A ESCOLHA DO TEMA DE PESQUISA	16
1.2 DECLARAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	19
1.3 HIPÓTESES	25
1.4 OBJETIVOS	26
1.4.1 Objetivo geral	26
1.4.2 Objetivos específicos	26
1.5 JUSTIFICATIVA	27
2 REVISÃO DE LITERATURA	31
2.1 O PATRIMÔNIO AFETIVO E EMOÇÕES: FUNDAMENTOS PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL	32
2.2 AS EMOÇÕES	38
2.3 TEORIA DO APEGO AO LUGAR	42
2.4 AS QUATRO DIMENSÕES DO APEGO AO LUGAR	46
2.4.1 DEPENDÊNCIA DE LUGAR	50
2.4.2 IDENTIDADE DE LUGAR	51
2.4.3 VÍNCULO AFETIVO	54
2.4.4 VÍNCULO SOCIAL	55
2.5 INDICADORES PARA O CUIDADO AMBIENTAL / VONTADE DE CONSERVAR	58
2.6 ARQUITETURA DO SÉCULO XX	60
2.6.1 O SÉCULO XX EM FLORIANÓPOLIS	67
2.6.2 OBJETO DE ESTUDO NO BRASIL – CINE SÃO JOSÉ	72
2.6.3 ARQUITETURA DO SÉCULO XX EM GEELONG	86
2.6.4 OBJETO DE ESTUDO NA AUSTRÁLIA – T&G	95
3 MÉTODO DA PESQUISA	102
4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	105
4.1.1 FASES DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	106
4.2 CONTEXTO DA PESQUISA	109
4.3 PARTICIPANTES	110
4.4 INSTRUMENTOS	113
4.5 ANÁLISE DOS DADOS	127
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	130
5.1 ANÁLISE DE ASSOCIAÇÃO	185
5.2 ANÁLISE DE REGRESSÃO	192
6 CONCLUSÃO	204
6.1 RECOMENDAÇÕES PARA A PRÁTICA E GESTÃO DO PATRIMÔNIO:	207
6.2 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	207

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo são apresentados os motivos para a escolha do tema de pesquisa, a declaração do problema, os objetivos gerais e específicos, a justificativa e as hipóteses que serão analisadas neste trabalho. Ao final deste capítulo, é apresentada também as delimitações da pesquisa.

1.1 A ESCOLHA DO TEMA DE PESQUISA

A pesquisa de doutorado foi inspirada pelas aulas do curso “Canteiro de Projeto e Obras de Conservação e Restauro da Arquitetura Moderna – Teoria e Prática”, oferecido pelo Centro de Estudos e Ensino Avançados da Conservação Integrada – CECI-Educação. O Curso visava preparar indivíduos com a capacidade de compreender os princípios da Arquitetura Moderna, reconhecer os desafios ligados à preservação e reabilitação e proporcionar conhecimento das teorias e métodos exemplares para intervir nas estruturas. Ao demonstrar como identificar resoluções e elaborar estratégias práticas para a promoção efetiva da salvaguarda do patrimônio, o respeitado professor, Jorge Eduardo Lucena Tinoco, apontou que as questões materiais já estavam, de certa forma, dominadas e que as questões subjetivas do que conservar e porque conservar eram a grande lacuna.

Anterior a esta etapa, o plano de pesquisa era investigar a conservação e o restauro do concreto aparente em edifícios históricos exemplares da arquitetura brutalista, percebendo-se que havia uma falta de técnicas eficientes para efetuar reparos da superfície exposta de estruturas de concreto, sem deixar as correções visíveis, o que conduziria à perda da estética inicialmente idealizada na obra. Entretanto, a partir dos apontamentos do professor Tinoco, citado anteriormente, aprofundar-se no material em si pareceu menos relevante.

Após trabalhar durante muitos anos com projetos de restauro, estando na equipe de trabalho do Inventário das Freguesias Luso-brasileiras na Grande Florianópolis, do restauro do Colégio Vidal Ramos em Lages, Casa Duque de Caxias em Joinville, Escola Urbana em Timbó, Casa e Engenho da Costeira do Ribeirão da Ilha e Casarão Andrade, entre outros, ficou evidente que quanto mais a pesquisadora buscava informações a respeito do tema, mais valor era atribuído ao

patrimônio e sua importância. Mas era claro que nem todos pensavam igual, nem todos davam o devido valor às obras e às histórias que elas carregavam, menor ainda era o número de pessoas que se sentiam motivadas a conservar e apenas pequenos grupos pareciam identificar-se com as obras. E o patrimônio não deveria ser para as pessoas? Conservar e enaltecer os traços culturais de uma comunidade equivale a sustentar a essência que a define. Isso se traduz em ações que contribuem para a construção da cidadania. Mas como entender o que motiva as pessoas a darem valor a uma obra e verem importância em sua conservação?

Ao participar da pesquisa “A arquitetura neocolonial em Santa Catarina: do erudito ao popular” juntamente com a arquiteta e urbanista Vanessa Maria Pereira e o saudoso professor Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, percebeu-se que durante sua realização, a passos largos, íamos perdendo exemplares importantes desta época. O que deixou muito clara a urgência em se tratar do patrimônio recente.

O Brasil ficou conhecido, no período do início dos anos 1940 até a inauguração de Brasília, em 1960, como a “meca” da arquitetura moderna mundial, para onde se voltavam os olhares de todo o mundo. Foi o primeiro país do mundo a implementar ações legais visando a salvaguarda de exemplares da arquitetura moderna, com a inscrição no Livro de Tombo das Belas Artes do IPHAN, em 1947. Ao mesmo tempo em que o Brasil foi pioneiro na preservação de exemplares da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo modernos, preocupou-se quase que exclusivamente com a salvaguarda de edifícios e sítios representativos somente de uma das vertentes da arquitetura moderna brasileira: a escola carioca. Assim, as ações do IPHAN com relação à preservação do patrimônio edificado moderno têm, até o momento, se concentrado nas obras realizadas entre as décadas de 1920 e 1960 por ícones como Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Affonso Eduardo Reidy, MMM Roberto e Burle Marx.

Segundo Pinto e Moreira (2016, p. 155) a sociedade brasileira ainda não consolidou a ideia de que a arquitetura moderna é um produto cultural que deve ser protegida para as futuras gerações. O reconhecimento de um edifício como um bem cultural de uma comunidade não acontece de forma rápida. Muitos edifícios

modernos estão sob o risco de descaracterização ou demolição, e ainda não tiveram seus valores reconhecidos pela sociedade.

Por apresentar esta relação com a realidade vivenciada através de trabalhos práticos, pesquisa relacionada ao tema, por entender esta urgência e por apresentar estas inquietações com relação ao patrimônio centrado nas pessoas, iniciou-se uma pesquisa bibliográfica para identificar quem estava abordando o tema do patrimônio histórico, sob uma lente focada no ser humano e não no material em si. Já foi estabelecido que as ações das pessoas são influenciadas pelo ambiente, da mesma forma que as ações das pessoas têm impacto sobre o ambiente (Corral-Verdugo; Pinheiro, 1999; Prayag; Chen; Del Chiappa, 2018; Shuman; Vera; Schlegel; Katja; Scherer; Klaus, 2012). Esta é uma das ideias fundamentais da psicologia ambiental, um campo de estudo que examina a ligação entre o comportamento humano e o ambiente ao seu redor, incluindo tanto ambientes construídos quanto naturais.

Foi, portanto, na psicologia ambiental que a pesquisadora buscou suas respostas para entender qual a influência das quatro dimensões do apego ao lugar na vontade de conservar o patrimônio histórico do século XX. O apego ao lugar é um conceito estabelecido nos estudos pessoa-ambiente que descreve o vínculo afetivo, cognitivo e funcional que um indivíduo desenvolve com um determinado local. Baseando-se no *framework* adotado de autores como Latiff et al. (2020), a tese examinou as suas quatro dimensões: dependência de lugar, identidade de lugar, vínculo afetivo com o lugar e vínculo social.

A pesquisa consultou bases de dados buscando a relação entre apego ao lugar/engajamento emocional e patrimônio histórico. Essa busca foi fundamental, pois não existiam estudos que aplicassem essa relação especificamente ao patrimônio do século XX, ou não legitimado, indicando a lacuna de conhecimento abordada pela tese. Nesta busca, chamaram atenção as poucas vezes que estas relações eram medidas e avaliadas, já que, segundo Jong et al. (2021) no capítulo do livro “Metodologias pessoa-centrada para conservação do patrimônio”¹, editado por Madgin e Lesh (2021), demonstrar e medir o apego ao lugar é uma tarefa

¹ O conceito de Patrimônio Centrado nas Pessoas defende que a conservação deve ir além do material, exigindo que a memória coletiva valorize as obras históricas e que as pessoas desenvolvam apego a elas (conforme os livros "People-centred methodologies..." e "Human-centered...").

desafiadora, pois esse vínculo é subjetivo, em constante mudança, frequentemente arraigado nas vivências diárias das pessoas e é sustentado por características do local que são menos concretas e mais complexas de se definir e administrar.

Desta forma, o tema da pesquisa foi construído e pareceu coerente e mais sensível buscar evidências, baseadas nos aspectos humanos da conservação do patrimônio a partir de uma forma mais justa, democrática e inclusiva do processo da salvaguarda de lugares históricos. O apego ao lugar é considerado benéfico para comunidades, uma vez que facilita o envolvimento desta em assuntos locais. Estudos demonstram que o apego ao lugar contribui para a atividade cívica em nome do local de residência, na forma de um comportamento sustentável (Lewicka, 2005). Entende-se, portanto, que é preciso descobrir maneiras de fazer a comunidade sentir-se mais envolvida e incentivada a participar ativamente no planejamento e na gestão do patrimônio para que este possa ser preservado de forma mais sustentável, sem que seja preciso que necessariamente o poder público tome a frente.

1.2 DECLARAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Este trabalho pretende abordar a preservação e valorização do patrimônio moderno visando tratar das questões emocionais por parte do usuário. Por se tratar de edifícios recentes, edificadas nos séculos XX e XXI, muitas vezes não são reconhecidos pelo senso comum das comunidades locais, ao contrário da maior parte do patrimônio arquitetônico brasileiro constituído por edificações dos séculos XVI, XVII e XVIII (Brasil colônia) ou século XIX (Brasil Império), com seu valor histórico por vezes considerado mais evidente.

Já é consolidado o conhecimento de que uma comunidade só se compromete com um patrimônio cultural edificado quando ela está engajada e consegue estabelecer laços afetivos com ele. Entretanto, interessa saber qual o “gatilho” mais importante entre as dimensões do Apego ao Lugar que irão de fato impulsionar a comunidade a se importar com aquele bem. Partindo do pressuposto que este sentimento não seria igual para todos os imóveis, de todas as épocas, pretende-se trabalhar com a singularidade de um imóvel específico do século XX. A ideia seria

que a metodologia proposta pudesse ser aplicada para dar suporte às decisões tomadas pelos órgãos públicos, identificando os fatores que mais influenciam o reconhecimento, ou não, por parte da comunidade, da importância do bem e em sua vontade de conservar aquela edificação, antes de interferir.

Jong *et al.* (2021) destacam que listas, registros e classificações de patrimônio são frequentemente criticados por descontextualizar lugares de suas comunidades. Seu foco é definir propriedades, documentar valores e garantir a conservação do material. Ainda assim, o próprio motivo para se cadastrar lugares de importância patrimonial são os valores da memória que grupos específicos de pessoas guardam por eles. A metodologia proposta pelos autores, que corrobora com este trabalho, inverte o foco na conservação do material, buscando desenvolver um meio de articular o apego das pessoas ao lugar, para que seja considerado de forma a contribuir para entendimentos mais refinados das interações entre pessoas e lugares e, na prática, à formulação de políticas e à conservação do patrimônio.

O edifício do século XX lida com a necessidade de adequação seja pelas novas exigências de uso e funcionamento, seja por problemas decorrentes dos anos de experimentação da tecnologia utilizada e do uso de materiais com vida útil reduzida. Ainda não sabemos claramente até que ponto podemos intervir de modo que seja assegurada a permanência do valor patrimonial do edifício. Identificar quais aspectos passíveis de interferência aumentam o vínculo afetivo com relação ao patrimônio moderno irá contribuir com a tomada de decisão relacionada com a preservação dos edifícios históricos deste período.

O interesse pelos laços afetivos estabelecidos entre as pessoas e os lugares acontece em função da percepção do papel que esses laços apresentam na definição e na qualificação da identidade pessoal, instaurando o sentido de pertencimento a um lugar e promovendo a apropriação e o cuidado físico do espaço (Felippe; Kuhnen, 2012). Pretende-se identificar relações entre a psicologia ambiental e estratégias efetivas de intervenção no patrimônio histórico moderno que possam contribuir para conservar e valorizar o bem material em questão.

A área do turismo já vem há tempos estudando o apego ao lugar como ferramenta para entender o que leva um visitante a se identificar com um lugar de destino e recomendar ou retornar a este lugar. Foi neste tema, que foram encontradas informações substanciais sobre como medir o apego ao lugar e

relacionar com lealdade. Prayag e Ryan (2012) avaliaram um modelo teórico baseado em relações hipotéticas entre imagem do destino, apego ao lugar, envolvimento pessoal e satisfação dos visitantes, fator este que antecede a lealdade ao destino. Esta relação é mediada pelos níveis de satisfação na experiência vivenciada no destino turístico.

Já Jiang *et al.* (2017) apontam a autenticidade existencial como a motivação fundamental para os visitantes e como ligação entre a imagem do destino e o apego ao lugar. Nessa pesquisa os resultados indicam um efeito positivo e significativo da imagem do destino na autenticidade existencial. A pesquisa também encontra um efeito positivo e significativo da autenticidade existencial na dependência do lugar, identidade do lugar, afeto do lugar e vínculo social do lugar; assim como um efeito mediador significativo da autenticidade existencial na relação entre a imagem do destino e cada uma das quatro dimensões do apego ao lugar. Mais especificamente, autenticidade existencial refere-se aqui a um estado de ser existencial (ser o verdadeiro eu ou ser fiel à própria natureza) que pode ser ativado através do envolvimento em atividades turísticas.

Medindo ainda apego ao lugar, motivação do turista, a atitude geral e intenções dos turistas em recomendar um destino, Prayag, Chen e Del Chiappa (2018) mostram que motivos como socialização, novidade e aprendizado, fuga e relaxamento têm relações positivas com a atitude geral e o apego ao lugar. Segundo os autores, tanto a atitude geral quanto o apego ao local são preditores significativos da intenção de recomendar.

Latiff *et al.* (2020) no artigo “Antecedentes e resultados do apego ao lugar em sítios patrimoniais”² fazem uma pesquisa que seria a que mais se assemelha à proposta desta tese. O estudo revela novas descobertas segundo as quais a motivação cultural influencia positivamente cada uma das quatro dimensões do apego ao lugar. Revela, entretanto, que apenas a dependência do lugar e os vínculos afetivos foram encontrados influenciando positivamente a intenção de recomendar. Entretanto, o artigo de Latiff *et al.* (2020) não trabalha com um edifício patrimonial específico não legitimado do século XX e sim com Melaka e George Town, cidades declaradas como Patrimônio Mundial da UNESCO. Outras pesquisas

² Título traduzido do inglês pela autora, sendo o título original: “Antecedent and outcome of place attachment in heritage sites”.

abordam patrimônio e o turismo cultural como visitas a uma série de instalações culturais ou voltadas para o patrimônio, incluindo museus, aquários, centros de artes cênicas, escavações arqueológicas, teatros, locais históricos, monumentos, castelos, relíquias arquitetônicas, centros religiosos e até zoológicos (Bonn *et al.*, 2007). Mas em todos os casos sempre com patrimônios já consagrados. Também a forma como a motivação cultural é medida no estudo de Bonn e colegas (2007) apresenta limitações, tendo sido utilizado como indicador a quantidade de livros que cada respondente possuía.

Alguns artigos abordando comunidades foram encontrados respondendo questões como: as associações de clãs persistiram em suas funções anteriores no presente? (Chan; Khaild, 2020); como o apego ao lugar dos residentes locais foi estruturado no contexto de uma área do Patrimônio Cultural Mundial? (Hoang; Brown; Kim, 2020); como a Disneylândia se torna um elemento de apego ao lugar para os residentes do sul da Califórnia? (McCarthy, 2019); como a herança cultural e a experiência vivida de um local influenciam as intenções comportamentais dos residentes em relação a uma cidade, e essa relação é mediada por que fatores? (Magnoni; Valette-Florence; De Barnier, 2021); qual é o nível de apego ao lugar em relação a Tugu, Malioboro, Zero Kilometer e South Square por parte dos nativos, recém-chegados e turistas, e existe alguma diferença de percepção entre esses grupos em relação a esses objetos culturais tangíveis? (Sari; Munandar; Fatimah, 2018); e, como os índices de apego ao lugar e identidade de lugar variam entre os habitantes de bairros patrimoniais em Valparaíso (Chile) e Quito (Equador), considerando fatores como tempo de residência, estado de consolidação dos bairros e posse de propriedades? (Berroeta; Mancilla; Zumárraga-Espinosa, 2021).

A maior parte das medições feitas de apego ao lugar nos casos estudados baseiam-se em questionários com perguntas fechadas, que excluem o poder das palavras. Palavras são usadas cotidianamente, conferindo importância à consideração profunda da linguagem, o que acarreta uma gama de dados e informações valiosas. Isso nos capacita a aprofundar nossa compreensão sobre o processo de transformação de espaços em lugares, identificando uma influência previamente subestimada, senão completamente desconsiderada (Tuan, 1991).

Para uma mensuração adequada do apego ao lugar é preciso encontrar uma forma de vincular esta análise ao idioma local, que pode ser usado para identificar

especificamente distinções linguísticas e culturais dentro de um contexto nacional próprio. Os léxicos emocionais podem ser usados para descrever o significado afetivo das palavras e, portanto, constituir uma peça central para a análise avançada de sentimentos e emoções (Hernández-García *et al.*, 2018). Este artifício é, portanto, uma metodologia que vai além do questionário com perguntas fechadas puro e simples, mais comumente usados para estas mensurações.

No capítulo intitulado “Histórias do patrimônio urbano: apegos emocionais e experienciais através do tempo e do espaço”³ os autores usam perguntas abertas em questionários auto aplicáveis, grupos focais e entrevistas para medir o que eles chamam de índice de amabilidade, particularmente em relação a lugares históricos significativos, avaliado através dos elementos que geram apego ao lugar no presente, antes de procurar considerar aspirações e elementos que devem ser preservados no futuro das quatro cidades Sorrento, Queenscliff, Melbourne e Ballarat (Madgin; Lesh, 2021). O método emprega os aspectos emocionais da linguagem como uma lente para compreender os elementos aos quais as pessoas, grupos e comunidades se apegam e atribuem significado. Mas novamente não considerando um edifício patrimonial específico não legitimado.

Desta forma, apesar de já existirem estudos que utilizam a teoria do apego ao lugar para edificações históricas, quatro lacunas importantes foram identificadas, sendo que as principais são:

Lacuna 1: entendimento do apego ao lugar em patrimônio não reconhecido, recente e sob ameaça iminente de desaparecer.

- Risco/Prejuízo: Ignorar o valor afetivo desse patrimônio recente (do século XX) resulta em sua fácil demolição, pois ele carece de proteção oficial e de uma justificativa de valor técnico imediata. O resultado é a perda acelerada de bens culturais, fragmentação da memória coletiva e empobrecimento da identidade urbana.
- Benefício: Construir esse conhecimento oferece uma justificativa social robusta para a proteção. O vínculo afetivo da comunidade pode ser usado

³ Título traduzido do inglês pela autora, sendo o título original: “Histories of urban heritage Emotional and experiential attachments across time and space”.

como ferramenta para antecipar a salvaguarda antes do reconhecimento oficial, mobilizando apoio público para evitar a perda desses bens.

Lacuna 2: Apego ao lugar e sua relação com a motivação da população local na preservação (em oposição ao uso em turismo).

- Risco/Prejuízo: O foco excessivo no turismo pode desviar os esforços de preservação para atender a uma demanda externa (visibilidade), desvalorizando a genuína conexão emocional da população residente. Isso leva a projetos de preservação que não têm sustentação interna, tornando-os frágeis e insustentáveis a longo prazo, pois são impostos de cima para baixo.
- Benefício: Ao relacionar o apego à motivação local, garante-se que a preservação seja um processo *bottom-up* (de baixo para cima), conduzido por quem realmente se importa. Isso fortalece a base social da conservação, resultando em decisões mais alinhadas com as necessidades e a identidade da comunidade.

Lacuna 3: Carência de metodologias para o diálogo com comunidades sobre bens patrimoniais, integrando o valor afetivo.

- Risco/Prejuízo: A tomada de decisão continua sendo feita apenas por especialistas, focada no valor histórico/artístico, alienando a comunidade cuja memória e valor afetivo são desconsiderados. O prejuízo é o conflito social, a resistência aos projetos e o enfraquecimento da legitimidade pública das ações de preservação, levando a falhas na implementação ou rejeição social do bem.
- Benefício: O desenvolvimento dessas metodologias permite capturar e integrar o valor afetivo no processo decisório. Isso facilita um diálogo democrático, tornando as ações de preservação mais eficazes, aceitas e socialmente sustentáveis, pois são construídas em conjunto com a comunidade.

Lacuna 4: Falta de distinção dos grupos analisados (especialistas, vivência no bem e jovens sem vivência).

- Risco/Prejuízo: Tratar a comunidade como um bloco homogêneo mascara diferenças cruciais na percepção e motivação. Decisões baseadas em dados médios ignoram o intenso engajamento dos grupos com vivência (que são os maiores defensores) e a potencial indiferença dos jovens. Isso leva a estratégias de comunicação e engajamento mal direcionadas e, consequentemente, ineficazes na mobilização de apoio público.
- Benefício: A comparação de grupos gera um conhecimento mais refinado (nuançado), permitindo ações de preservação e educação patrimonial personalizadas. Isso viabiliza o engajamento estratégico dos *stakeholders* mais conectados e a criação de programas educativos direcionados aos jovens, assegurando o apoio público amplo e a transmissão de valor para as futuras gerações.

Posto isso, a pergunta desta pesquisa é: Qual a influência das quatro dimensões do apego ao lugar (dependência de lugar, identidade de lugar, vínculo afetivo e vínculo social) na vontade de conservar o patrimônio cultural do século XX?

1.3 HIPÓTESES

Latiff *et al.* (2020) afirmam que embora muitos estudos tenham indicado suporte à ideia de que o apego ao lugar desempenha um papel na intenção de agir de forma específica para com este lugar, é importante ressaltar que as dimensões de apego afetivo e conexões sociais foram omitidas em grande parte destes estudos. No contexto de sítios patrimoniais, as dimensões de apego afetivo e laços sociais têm um peso significativo, uma vez que os espaços culturais nesses locais proporcionam uma oportunidade ímpar para as pessoas cultivarem sentimentos pessoais e estabelecerem conexões culturais. Portanto, aqui serão abordadas as dimensões de apego afetivo e vínculo social em conjunto com a dependência e a identidade ligada ao lugar. A teoria do apego, nesse sentido, propõe que o grau de afeição pode influenciar indivíduos a tomar medidas para conservar o lugar a que estão ligados emocionalmente. Ou seja, assim como os turistas apegados podem tender a recomendar mais o destino, a comunidade apegada também pode ser

influenciada a querer conservar o patrimônio edificado, com o mesmo objetivo apontado no turismo de ajudar o lugar a alcançar o sucesso que merece. Alcançar o sucesso aqui significa querer que aquele lugar seja conservado, visitado e valorizado.

Assim, as hipóteses que serão analisadas são:

Figura 1- Estrutura conceitual das hipóteses apresentadas



Fonte: Framework adaptado de Latiff et al 2020

H1: A dependência do lugar influencia positivamente a vontade de conservar.

H2: A identidade do lugar influencia positivamente a vontade de conservar.

H3: O apego afetivo influencia positivamente a vontade de conservar.

H4: O vínculo social influencia positivamente a vontade de conservar.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo geral

Investigar a influência das quatro dimensões (dependência de lugar, identidade de lugar, vínculo afetivo e vínculo social) do apego ao lugar na vontade de conservar o patrimônio histórico cultural do século XX.

1.4.2 Objetivos específicos

- a) Identificar a relação entre cada uma das quatro dimensões do apego ao lugar com a vontade de conservar o patrimônio histórico do século XX;
- b) Investigar a influência das quatro dimensões do apego ao lugar na vontade de conservar o patrimônio do século XX em diferentes contextos culturais, por meio dos estudos de caso do Cine São José (Florianópolis, Brasil) e do Edifício T&G (Geelong, Austrália).
- c) Estabelecer um *framework* que evidencie as relações identificadas.

1.5 JUSTIFICATIVA

Este estudo foca na conservação e valorização do patrimônio moderno (séculos XX e XXI), que muitas vezes carece do reconhecimento popular atribuído a edifícios mais antigos (séculos XVI a XIX), examinando o papel central das questões emocionais do usuário e do engajamento comunitário como cruciais para a sua efetiva conservação. O intuito é identificar o fator desencadeador mais relevante, no âmbito das dimensões do apego ao lugar, por meio de uma metodologia aplicável a um imóvel específico do século XX, que possa dar suporte aos órgãos públicos ao analisar os elementos que levam a comunidade a reconhecer a importância do bem e a se dispor a conservá-lo.

Os sistemas formais de patrimônio, como listas e registros, são criticados por priorizar a conservação material e a documentação das propriedades, acabando por descontextualizar os bens de suas comunidades. Contudo, o verdadeiro valor desses lugares reside nos valores de memória e no apego afetivo que as pessoas nutrem por eles. Uma metodologia mais alinhada a este trabalho propõe inverter essa prioridade, focando em articular e considerar o apego das pessoas ao lugar para aprimorar a compreensão das interações entre pessoas e patrimônio, servindo como base para políticas públicas e ações de conservação mais eficazes (Jong et al., 2021).

Para uma mensuração adequada do apego ao lugar é preciso encontrar uma forma de vincular esta análise ao idioma local, que pode ser usado para identificar especificamente distinções linguísticas e culturais dentro de um contexto nacional próprio. Os léxicos emocionais podem ser usados para descrever o significado

afetivo das palavras e, portanto, constituir uma peça central para a análise avançada de sentimentos e emoções (Hernández-García *et al.*, 2018). Este artifício é, portanto, uma metodologia que vai além do questionário com perguntas fechadas puro e simples, mais comumente usados para estas mensurações.

Os edifícios do século XX frequentemente enfrentam o desafio de se adequar a novas funções ou lidar com a deterioração causada pela experimentação tecnológica e por materiais de menor durabilidade. A dificuldade reside em saber o limite da intervenção para garantir a permanência do valor patrimonial. Identificar quais aspectos da intervenção podem fortalecer o vínculo afetivo com o patrimônio moderno é crucial para apoiar as decisões de conservação.

Tais laços afetivos entre as pessoas e os lugares se formam à medida que percebemos o papel desses locais na definição da identidade pessoal, fomentando o sentido de pertencimento e, conseqüentemente, impulsionando a apropriação e o cuidado físico do espaço (Felippe; Kuhnen, 2012). O presente trabalho busca estabelecer a conexão entre a Psicologia Ambiental e as estratégias de intervenção no patrimônio histórico moderno para valorizar e conservar o bem material.

A escolha de trabalhar com patrimônio recente se justifica na atualidade, pois vivemos uma época em que o foco dos estudiosos da preservação da arquitetura do século XX está na reflexão de como lidar com este bem histórico. A experiência com a proteção da produção de outros períodos já sinaliza, de acordo com Tinem (2010), a impossibilidade (e irresponsabilidade) de tentar tombar tudo que possa ter algum valor na história ou na arquitetura como forma impositiva de proteção do bem, sem se preocupar com os sentimentos da comunidade. O autor destaca o alto custo das restaurações, agravado pelo fato de que a arquitetura moderna do século XX foi concebida sob a falsa premissa de que os materiais utilizados teriam longa duração e não exigiriam manutenção ou intervenções de restauro. Muito se fala do edifício e no que se precisa proteger para que não se perca o testemunho material daquela história, mas poucos estudos focam em para quem estaríamos preservando e como isso afetaria de fato as pessoas ao redor. Surge então, segundo Wells e Stiefel (2019), um olhar mais atual, deslocando a visão centrada no material para uma visão centrada no ser humano e nas relações deles com os lugares e com o seu passado.

Em 2008, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) deu início, em diversos estados brasileiros, ao Inventário Nacional da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo Modernos, com o objetivo de realizar uma análise comparativa das obras concluídas a partir do final da década de 1920, de forma a identificar os edifícios e conjuntos que possuíam valores históricos que justificassem o seu tombamento. Dentre as dificuldades encontradas nesta ação, Junior *et al* (2016) apontam a quase absoluta ausência de estudos sobre a arquitetura, o urbanismo e o paisagismo modernos fora dos grandes centros.

Visando complementar os trabalhos existentes e atendendo a demanda visível de estudos nesta área, o trabalho contribui para reflexão da conservação e restauro do patrimônio moderno, entendendo que este patrimônio ainda não consegue uma comoção evidente da comunidade que por vezes não enxerga este como um bem histórico. Entende-se, portanto, que nestas edificações os laços afetivos muitas vezes não foram criados, ou são vistos como algo sem importância.

Segundo Andréa De Paiva (2018) o espaço afeta as funções cerebrais e estes dados podem ajudar os arquitetos a projetar edifícios que tendem a melhorar o comportamento, desempenho e o bem-estar do usuário. O ambiente construído tem um impacto direto no cérebro humano. As relações sociais, o foco, a cognição, a criatividade, a memória e o bem-estar podem ser influenciados pelo espaço físico circundante.

Latiff *et al.* (2020) relata que apesar de vários estudos darem suporte a influência do apego ao lugar na intenção comportamental, as dimensões de apego afetivo e vínculo social estavam ausentes na maior parte desses estudos. As dimensões de apego afetivo e vínculo social são relevantes em sítios patrimoniais porque os espaços culturais nos sítios patrimoniais oferecem a oportunidade para os usuários do espaço construírem seus sentimentos pessoais e para que ocorram relacionamentos culturais. Os autores incluem no estudo o apego afetivo, o vínculo social e a motivação cultural, juntamente com dependência de lugar e identidade de lugar. A teoria do apego sugere que um alto nível de vínculo afetivo pode motivar os indivíduos a se esforçarem ao máximo para assegurar a conservação da edificação à qual estão ligados. Paralelamente, a motivação cultural engloba diversos fatores culturais que impulsionam as pessoas a desejarem visitar uma edificação histórica.

Embora não seja possível criar o ambiente perfeito, o espaço pode ser utilizado de forma estratégica, dependendo da tarefa que os indivíduos ali devem realizar e dependendo das pessoas (idade, gênero, cultura) que farão uso daquele espaço. Paiva (2018) aponta o caso das escolas como um projeto que pode ser concebido de forma a melhorar a cognição, a aprendizagem e a memorização; edifícios hospitalares podem através do seu *design* ajudar a melhorar a recuperação; os espaços de trabalho podem melhorar o desempenho, a criatividade e a colaboração. Encontramos estas relações feitas na literatura, porém ainda são pouco exploradas. Esse conhecimento pode auxiliar na preservação e valorização do patrimônio histórico moderno e é esta lacuna que se pretende explorar neste trabalho.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A ideia de envolvimento afetivo tem sido particularmente importante quando lidamos com edificações da era moderna, porque suas histórias e cultura material estão além da memória viva, existe uma falta de pontos de conexão entre as pessoas com o início do período moderno (Fielding, 2022).

Encontram-se nas variadas disciplinas científicas diferentes conceitos e definições relacionados à memória, identidade e apego (Sandholz, 2017). Esta multiplicidade de visões impossibilita um consenso em vários aspectos do apego ao lugar e sobre as dimensões que devam ser consideradas para interligar os mesmos com o patrimônio histórico, a vontade de conservá-lo e as possibilidades de ligações emocionais. Assim, neste capítulo vamos evidenciar conceitos e definições que oportunizem a escolha de elementos passíveis de serem utilizados na mensuração das relações pretendidas entre as muitas versões na literatura que tratam de um mesmo componente, muitas vezes somente com nomenclaturas diversas.

Cada vez mais, tais conceitos são introduzidos em áreas urbanas, partindo da premissa de que as pessoas se vinculam a determinados objetos que fazem parte da identidade urbana e tornam uma cidade única. Tais ativos são múltiplos e combinam espaços construídos e não construídos, ou seja, tangíveis e intangíveis, lugares e apegos ao lugar (Sandholz, 2017). O mesmo autor aponta que os estudos sobre o apego ao lugar, em sua maioria, deixam de lado o patrimônio como um aspecto importante para o sentimento de apego à cidade, o que demonstra uma lacuna que, posteriormente a esta publicação de 2017, vem sendo trabalhada e parcialmente preenchida. Como no trabalho de Latiff *et al.* (2020), que analisa e mede o apego ao lugar entre os turistas em locais históricos em duas cidades da Malásia ou Hoang, ou de Brown e Kim (2020), que examina como o apego ao lugar dos residentes locais foi estruturado no contexto de uma área de Patrimônio Cultural da Humanidade em Hoi Na no Vietnã.

Além destes artigos e alguns outros que serão citados no decorrer deste trabalho, os livros *Human-centered built environment heritage preservation* (Wells;

Stiefel, 2019) e *People-centred methodologies for heritage conservations* (Madgin; Lesh, 2021) também reúnem trabalhos de diversos pesquisadores com discussões variadas sobre a preservação sob o olhar da psicologia ambiental. Identifica-se um novo olhar para essa relação sempre focado no ser humano, mesmo que ainda em poucos estudos a teoria do apego ao lugar seja efetivamente citada e medida.

Desta forma, desde a Topophilia de Tuan (1990) ou o apego emocional a lugares citado por Madgin e Lesh (2021), autores que lidam com o estudo pessoa-ambiente, especialmente ligado à lugares históricos, serão considerados neste capítulo. Será apresentado cada aspecto levantado nas hipóteses, as quatro dimensões consideradas do apego ao lugar e a vontade de conservar.

2.1 O PATRIMÔNIO AFETIVO E EMOÇÕES: FUNDAMENTOS PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

O Conselho da Europa (2005) elaborou na Convenção de Faro um conceito maior e interdisciplinar de patrimônio cultural a partir da necessidade de se colocar a pessoa e os valores humanos como elemento central e em evolução. Existe uma mudança em constante revisão dos entendimentos sobre patrimônio e entende-se cada vez mais que a preservação do patrimônio cultural, em sua essência, ultrapassa a mera salvaguarda de bens materiais ou imateriais, adentrando uma dimensão complexa de significados e vivências humanas. Nesse contexto, a intersecção entre o patrimônio e as respostas subjetivas dos indivíduos revela o conceito de patrimônio afetivo. Este pode ser compreendido como a herança cultural que mobiliza aspectos profundos da subjetividade humana, estando intrinsecamente atrelada à preservação de identidades, memórias e com a dimensão do afeto (Parente; Bomfim, 2020).

A base desse conceito de patrimônio afetivo reside na relação indissociável entre afeto e emoção, que embora distintos, são inerentemente interligados. A integração do afeto e da emoção é fundamental para a formação da identidade, do bem-estar e da memória. O afeto, como processo mais fundamental e primitivo, uma experiência neurofisiológica contínua caracterizada por valência (grau de agrado ou desagrado) e excitação (intensidade), é constantemente produzido pelo cérebro e

serve como um ingrediente básico ou "matéria-prima" para a construção de estados mais complexos, que são as emoções (Abreu; Silveira, 2025 ; Barrett *et al.*, 2025).

Portanto, para que uma emoção seja experimentada ou construída, deve haver um estado afetivo subjacente de valência (agrado/desagrado) e excitação, atuando como "matéria-prima" essencial (Barrett *et al.*, 2025). Sendo assim, a emoção não existiria sem a base do afeto, isto é, não se pode ter qualquer emoção por aquilo pelo qual não possuímos nenhum afeto. Posto isso, a emoção é uma experiência mais estruturada, consciente e socialmente construída, não é biologicamente inata, mas sim uma categoria conceitual que o cérebro elabora a partir da interação do afeto central com informações contextuais e conhecimento conceitual (Abreu; Silveira, 2025 ; Barrett *et al.*, 2025). Este conceito de emoção aqui apresentado é relativamente recente, considerando que antes dele a emoção era vista como um simples ruído, que eram fontes de informações não confiáveis, concepção esta que foi quebrada em 1990 quando os psicólogos Peter Salovey e John Mayer apresentaram pela primeira vez uma teoria estruturada sobre "inteligência emocional" no meio acadêmico, evidenciando que o uso inteligente das emoções contribui para a capacidade de raciocinar e solucionar questões complexas (Brackett, 2021).

Como posto anteriormente, o afeto antecede a emoção, atuando como sua base primordial, ele também tende a ser mais durável e contínuo, formando um pano de fundo persistente de sensações, enquanto as emoções são mais pontuais e emergem em resposta a situações específicas, manifestando-se por exemplo como alegria, tristeza, raiva ou empatia (Smith; Campbell, 2015). Entretanto, ambos interferem na ação: o afeto pode influenciar o comportamento em um nível mais básico e pré-cognitivo, enquanto as emoções, por serem mais organizadas e conscientes, guiam respostas e comportamentos mais específicos e direcionados. Segundo Brackett (2021) as emoções relacionam-se com os processos cognitivos e atribuem sentido, direcionamento e atenção ao nosso raciocínio orientando como lidar com as informações captadas pelos nossos sentidos e desta forma levando à ação.

Além disso, as emoções são cruciais por serem julgamentos avaliativos que afetam diretamente o bem-estar (Smith; Campbell, 2015). Sendo intrinsecamente ligadas à memória, pois esta, juntamente com o raciocínio e a cognição, depende da emoção e do afeto, sendo mutuamente constitutivas para a compreensão do significado do passado (Smith; Campbell, 2015; Abreu; Silveira, 2025). Segundo Barret et al. (2025) o cérebro constrói continuamente a experiência cotidiana e cada ação por meio de um processo de alostase, que significa que estamos constantemente antecipando e ajustando as necessidades do corpo para manter a estabilidade, processo esse que envolve o afeto central e as emoções construídas.

A formação da identidade, por sua vez, é profundamente influenciada pelo apego emocional a narrativas e experiências, sendo fundamental para a afirmação da identidade individual e comunitária (Abreu; Silveira, 2025; Smith; Campbell, 2015;). O processo de construção de emoções a partir do conhecimento conceitual e das experiências passadas também contribui para a forma como o cérebro constrói nossa compreensão do eu e do mundo (Barrett *et al.*, 2025).

A dimensão afetiva tem sido historicamente negligenciada nos estudos sobre patrimônio, configurando-se como um aspecto central, mas pouco abordado (Smith; Campbell, 2015). No entanto, a experiência dos visitantes em sítios patrimoniais não pode ser plenamente compreendida sem considerar os aspectos emocionais de suas visitas (Smith; Campbell, 2015). O reconhecimento do afeto e da emoção como elementos constitutivos essenciais da construção do patrimônio é crucial para que diversas disciplinas interessadas em estudar o passado no presente possam fazer perguntas significativas sobre como as pessoas utilizam o passado como um recurso cultural contemporâneo (Smith; Campbell, 2015).

Um estudo de caso em Morro Redondo-RS apresentado por Oliveira e Ribeiro (2019), por exemplo, destaca a metodologia de identificação desses "patrimônios afetivos" através da evocação de lembranças de idosos da cidade. A pesquisa buscou desenvolver um conceito para essa categoria de patrimônio, reconhecendo que tais lembranças e a afetividade a elas associada poderiam ser um novo atrativo turístico, fomentando a cultura local e estimulando a participação da comunidade, complementando assim os roteiros já existentes (Oliveira; Ribeiro, 2019).

Sítios patrimoniais não são apenas repositórios de história, mas espaços vivos onde as pessoas interagem com o passado, sentem, elaboram e exploram emoções que as ajudam a se envolver com aspectos da memória para dar significado ao presente. Essa interação emocional pode se manifestar de diversas formas, desde engajamentos intensamente emocionais com questões traumáticas ou nacionalistas, até a performatividade de visitas "rotineiras" que reforçam narrativas de consenso (Smith; Campbell, 2016). As ações de preservação de bens culturais, por exemplo, muitas vezes buscam evocar no visitante a experiência dos sujeitos do passado, gerando uma experiência sensível e um sentido de pertencimento (Casarin; Castriota, 2019). As respostas afetivas em sítios patrimoniais são dinâmicas e podem ser profundamente pessoais, moldadas pelas experiências individuais e coletivas.

A pesquisa de Smith (2006) argumenta que o patrimônio é uma performance cultural de criação de significado, enfatizando a dependência de reivindicações de "autenticidade emocional" (Smith; Campbell, 2016). Em um projeto que examinava a comemoração da abolição do tráfico de escravos na Grã-Bretanha (Smith *et al.*, 2011), verificou-se que as pessoas lidavam com uma gama complexa de emoções. Elas iam desde tentativas ativas de trabalhar questões difíceis, negociando a dissonância cognitiva para mitigar o envolvimento de sua nação no tráfico de escravos, até recusas "passivas" em estender empatia e reconhecimento. Pessoas com tais mentalidades "passivas" eram ativas em sua falta de vontade de engajar seus pensamentos ou suas emoções com a experiência histórica da escravidão ou seu legado contemporâneo (Smith; Campbell, 2016). Em contraste, visitantes afro-caribenhos britânicos estavam emocionalmente engajados com as exposições, buscando reconhecimento e empatia não apenas por erros passados, mas para sustentar um sentido vívido de engajamento com a política racial contemporânea (Smith; Campbell, 2016). Essas respostas emocionais demonstram como o patrimônio pode ser um catalisador para a reflexão pessoal e a ação social.

O "patrimônio sensível", que recorda acontecimentos traumáticos e dolorosos que violaram os direitos humanos, representa um tipo de patrimônio cultural de natureza sensível e muitas vezes dissonante (Casarin; Castriota, 2019). A sua preservação, que envolve muitas controvérsias, exige políticas sólidas de

interpretação que resgatem uma memória de dor e sofrimento, em consonância com a realidade atual e a universalidade dos direitos humanos (Casarin; Castriota, 2019). Isso demonstra a intrínseca ligação entre emoção, memória e a gestão do patrimônio.

A compreensão e a valorização do patrimônio afetivo e das emoções são fundamentais para a conservação eficaz do patrimônio cultural. Ao articular o patrimônio cultural com a dimensão dos afetos, é possível preservar identidades e memórias de forma mais profunda e significativa (Parente; Bomfim, 2020). O reconhecimento da importância do valor afetivo na identificação do que deve ser preservado e no modo de fazê-lo, embora por vezes ainda enfrente resistências, já é encontrado em políticas públicas de preservação do patrimônio histórico e cultural em âmbito federal no Brasil (Olender, 2017).

As lembranças que abarcam experiências individuais e familiares, e que estão ligadas às sensações de conforto em um ambiente familiar, formam um patrimônio afetivo. No entanto, são poucas as pessoas que tomam a iniciativa de empreender ações para construir uma memória compartilhada, uma herança coletiva, que vai além das recordações presentes nos álbuns familiares (Braga, 2011). As memórias representam uma coleção única de informações provenientes das vivências pessoais, elas ajudam a moldar a essência de cada indivíduo e exercem influência sobre sua personalidade (Zuanon *et al.*, 2020). A identidade de um grupo é formada pelas memórias compartilhadas por todos os seus membros e essas memórias dizem respeito à história de cidades, nações, povos e civilizações, assim como às recordações pessoais (Zuanon *et al.*, 2020).

O aumento do enfoque na conservação baseada nas pessoas está introduzindo novas perspectivas na abordagem dos locais históricos, que envolvem reconsiderar o significado desses locais para pessoas e comunidades, bem como entender como isso pode afetar a preservação do passado (Madgin; Lesh, 2021). Wells e Stiefel (2019) apontam, ao investigar uma abordagem de conservação do patrimônio focada nas pessoas, que se busca deliberadamente um equilíbrio entre a academia e a prática, a teoria e a implementação, a estrutura e os significados, os especialistas tradicionais e a participação da comunidade, bem como as ideias

convencionais e não convencionais subjacentes à prática e à pesquisa. Os autores acrescentam ainda que dar esse enfoque em um espaço interdisciplinar entre essas dicotomias, de modo a dar voz e reconhecimento a várias perspectivas, e ao mesmo tempo manter o objetivo central de que a conservação do patrimônio deve beneficiar todos, coloca as pessoas no universo da discussão do patrimônio. Essa abordagem é crucial para desenvolver uma prática emancipatória de conservação do patrimônio construído, que deve ser capaz de abranger eficazmente diferentes perspectivas.

Procura-se então uma perspectiva muito mais centrada no significado das coisas, do que no material propriamente dito, o que não diminui em nada a importância das estruturas em si. Na verdade, sem o material ou a construção, não teríamos um lugar histórico para a comunidade se apegar ou algo para dar referência às pessoas e às cidades. Os lugares históricos ajudam a dar ambiência às histórias e têm o papel de conservar e transmitir a memória coletiva de uma sociedade. Eles ajudam a manter viva a história, as tradições e os valores de um povo.

Ignorar o papel do afeto e da emoção no processo de patrimonialização e na experiência do público empobrece a capacidade de compreender como o passado é utilizado como recurso cultural no presente (Smith; Campbell, 2016). Portanto, integrar a dimensão emocional na pesquisa, nas políticas e nas práticas de gestão do patrimônio cultural é essencial para engajar profissionais e a sociedade na sustentabilidade e nos "Patrimônios Futuros" (Muniz, 2020). Ao reconhecer que o patrimônio cultural mobiliza aspectos profundos da subjetividade humana, as ações de preservação podem ir além das propriedades meramente conhecidas dos bens, alcançando uma camada mais significativa de conexão e pertencimento para as comunidades.

A emoção é frequentemente apresentada como a manifestação mais direta e observável das respostas subjetivas dos indivíduos em relação ao patrimônio (Smith; Campbell, 2016). Os estudos de Smith e Campbell (2016) e Casarin e Castriota (2019) sobre "patrimônio sensível" ilustram a gama de emoções — como dor, sofrimento, desconforto, mas também empatia e reconhecimento — que podem ser

evocadas em sítios patrimoniais. Tais emoções são cruciais para a construção de significado e para a negociação de narrativas históricas.

Dessa forma, as emoções podem ser vistas como as expressões dinâmicas do afeto, as quais, ao se repetirem e se interligarem com memórias e identidades, contribuem para a formação do patrimônio afetivo. Uma visita a um local histórico pode evocar uma emoção momentânea de tristeza ou admiração, mas é o acúmulo dessas experiências emocionais e a conexão delas com a própria história de vida e da comunidade que consolidam o afeto por aquele patrimônio. Assim, emoções são componentes ativos que alimentam e sustentam o vínculo afetivo, tornando-o um pilar essencial para a valorização e a conservação do patrimônio cultural. Conforme Calkins (1907) sugere, a agradabilidade e o desagrado (componentes do afeto ou "affections") são elementos da vida emocional, o que reforça a ideia de que afeto e emoção estão intrinsecamente ligados, com o afeto potencialmente funcionando como um estado mais duradouro ou uma predisposição que gera emoções específicas.

2.2 AS EMOÇÕES

A identificação das emoções é fundamental para compreender o vínculo afetivo de uma comunidade com um bem patrimonial, uma vez que as emoções, enquanto construções sociais e históricas, expressam não apenas sentimentos individuais, mas também dinâmicas coletivas, relações de poder e significados culturais compartilhados (Víctora; Coelho, 2019). As emoções são experiências complexas e multidimensionais, conforme já explicado anteriormente, que se manifestam por meio da cognição, da fisiologia e do comportamento, sendo determinantes na forma como os indivíduos percebem e interagem com espaços de valor simbólico e identitário (Dias *et al.*, 2014; Esperidião-Antonio *et al.*, 2008).

Nesse contexto, o conceito de apego ao lugar revela-se central para entender os vínculos que comunidades estabelecem com bens patrimoniais. Esse apego é definido como o elo afetivo e funcional entre pessoas e lugares significativos, e pode ser decomposto, segundo Latiff *et al.* (2020), em quatro dimensões principais: dependência de lugar, identidade de lugar, vínculo afetivo e vínculo social. Essas

dimensões, que serão abordadas detalhadamente nos capítulos seguintes, relacionam-se diretamente a diferentes emoções. Por exemplo, a dependência pode provocar alívio ou frustração, conforme o local atenda (ou não) às necessidades práticas dos indivíduos; a identidade de lugar pode suscitar orgulho, vergonha ou pertencimento; o vínculo afetivo pode manifestar-se por meio de amor, nostalgia ou contentamento; e o vínculo social pode ser expresso por admiração, compaixão ou desprezo. A análise dessas emoções permite não apenas confirmar a presença do apego ao lugar, mas também avaliar sua natureza e intensidade.

Para esse fim, a Roda de Emoções de Genebra (Geneva Emotion Wheel - GEW) é adotada como ferramenta metodológica de investigação. Desenvolvida por Scherer (2005) e colaboradores no âmbito do Swiss Center for Affective Sciences, a GEW é um instrumento de autorrelato que combina abordagens dimensionais (como valência e controle) com categorias discretas de emoção. Ela organiza (Figura 2) 40 termos emocionais (agrupados em 20 famílias) em uma estrutura circular baseada em dois eixos: valência (agradável/desagradável) e controle (alto/baixo), permitindo aos participantes indicar com clareza o tipo e a intensidade da emoção sentida em relação a uma experiência ou espaço (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012; Scherer, 2005). A GEW é especialmente eficaz para captar o componente subjetivo das emoções — aquele que os indivíduos conseguem verbalizar conscientemente — e, por isso, é amplamente utilizada em pesquisas sobre experiências afetivas em contextos culturais diversos. A seguir, apresenta-se um quadro (Quadro 1) com a descrição de todas as emoções consideradas nesta técnica (agrupamentos de 20 famílias de emoções), que será utilizado como instrumento de análise na presente pesquisa. A aplicação prática e detalhada da GEW será discutida no capítulo de método.

Quadro 1- 20 categorias de emoções da GEW

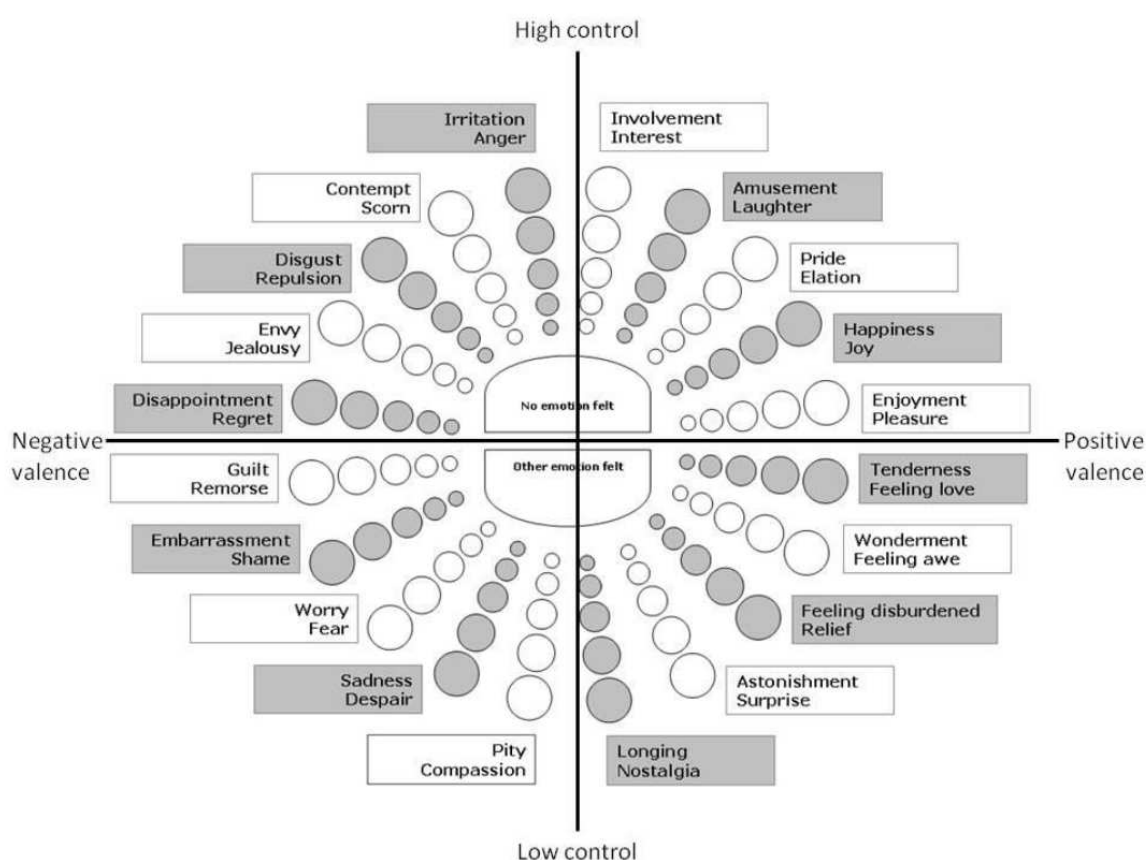
Emoção	Explicação
Interesse	Emoção de valência positiva e alto controle, associada à atenção focada e motivação para explorar (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012).
Diversão	Sentimento ligado à leveza e prazer lúdico, geralmente associado a contextos sociais e descontraídos (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012).

Orgulho	Emoção positiva ligada à autoavaliação favorável, muitas vezes socialmente influenciada (Scherer, 2005).
Alegria	Estado emocional positivo de alta ativação, relacionado à satisfação com eventos favoráveis (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012 ; Dias et al., 2014).
Prazer	Experiência sensorial ou emocional agradável, com valência positiva e ativação variável (Esperidião-Antonio et al., 2008).
Contentamento	Estado de bem-estar tranquilo e aceitação, de baixa ativação e valência positiva (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012).
Amor	Emoção complexa e relacional, envolve vínculo, afeto profundo e empatia (Víctora; Coelho, 2019).
Admiração	Valência positiva, associada à percepção de excelência ou grandeza em outro, gera elevação (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012).
Alívio	Emoção positiva de baixa ativação após cessação de um estado negativo ou ameaçador (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012).
Compaixão	Sentimento voltado ao sofrimento alheio, pode reforçar hierarquias sociais (Víctora; Coelho, 2019).
Tristeza	Emoção negativa associada à perda ou frustração; envolve retraimento e reflexão (Dias et al., 2014).
Culpa	Emoção moral resultante da percepção de violação de normas; motiva reparação (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012; Scherer, 2005).
Arrependimento	Foco em decisões passadas percebidas como erradas; envolve desejo de mudança (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012).
Vergonha	Estado emocional negativo voltado para si diante de julgamento social; implica retraimento (Víctora; Coelho, 2019).
Desapontamento	Frustração por expectativas não cumpridas; geralmente menos intensa que a tristeza (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012).
Medo	Resposta a ameaça percebida; prepara o corpo para fuga ou proteção (Esperidião-Antonio et al., 2008).
Nojo	Rejeição de estímulos considerados contaminantes físicos ou morais; marca distinções sociais (Víctora; Coelho, 2019).

Desprezo	Expressa superioridade moral ou intelectual; desvaloriza o outro (Víctora; Coelho, 2019).
Ódio	Estado emocional de alta negatividade e controle; motiva agressão ou rejeição intensa (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012).
Raiva	Resposta à injustiça percebida; envolve ativação elevada e impulso de correção ou confronto (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012).

Fonte: Elaboração própria.

Figura 2 - Versão 2.0 do GEW com 40 termos de emoção organizados em 20 famílias de emoções.



Fonte: (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012)

Diante da relevância das emoções como indicadores das experiências subjetivas associadas a lugares simbólicos, torna-se necessário aprofundar a compreensão dos vínculos duradouros que indivíduos e grupos estabelecem com esses espaços. O próximo capítulo abordará o conceito de apego ao lugar, destacando suas múltiplas dimensões e sua importância para a análise das relações

afetivas e identitárias em contextos patrimoniais (Latiff *et al.*, 2020; Scannell; Gifford, 2010). Ao integrar este referencial, será possível compreender como os laços emocionais se estruturam ao longo do tempo e contribuem para a construção do pertencimento, da memória coletiva e da valorização cultural.

2.3 TEORIA DO APEGO AO LUGAR

Anterior e precursor à Teoria do Apego ao Lugar está a própria Teoria do Apego, criada pelo psiquiatra e psicanalista inglês John Bowlby (1907-1990). Essa teoria parte das observações sobre a falta de cuidados adequados durante a primeira infância e o desconforto e a ansiedade que as crianças pequenas experimentam quando separadas de seus cuidadores (Ainsworth; Bowlby, 1991). O laço afetivo estabelecido nos primeiros anos de vida revelou-se fundamental para cultivar a sensação de segurança e confiança na fase adulta. Isso desempenha um papel crucial no desenvolvimento saudável das estruturas cerebrais em pequena escala, nas ligações entre neurônios e no surgimento de uma autoimagem positiva (Lewicka, 2011). A teoria forneceu uma estrutura conceitual que tem sido apoiada por uma gama de evidências empíricas, ajudando a iluminar a importância dos relacionamentos afetivos na formação da personalidade e no bem-estar emocional (Giuliani, 2003).

Em 1974, no livro *Topophilia: A Study of Environmental Perception, Attitudes, and Values*, escrito pelo geógrafo e filósofo cultural Yi-Fu Tuan, as complexas relações entre as pessoas e os lugares são exploradas, investigando como os seres humanos desenvolvem um apego emocional e psicológico aos ambientes que os cercam. “Topophilia” combina elementos da geografia, psicologia, antropologia e filosofia para compreender como as pessoas percebem, se conectam e atribuem significado aos lugares. Tuan (1990) cunhou o termo “topofilia” para descrever esse apego afetivo aos lugares. O autor também discute como a linguagem, a arte e a literatura contribuem para a construção desse vínculo emocional com os lugares.

O livro destaca que as relações das pessoas com os lugares são influenciadas por vários fatores, como a familiaridade, a estabilidade e a sensação de pertencimento. Ele mostra também as diferenças culturais na forma como as

peessoas experimentam e interpretam os lugares. Ainda examina como a urbanização, a industrialização e as mudanças na paisagem podem afetar os sentimentos das pessoas em relação aos ambientes em que vivem (Tuan, 1990).

Posteriormente, no livro *Space and Place: the perspective of experience*, Tuan também discute o conceito de apego ao lugar, mas o aborda de maneira mais ampla e profunda. Ele explora como as pessoas não apenas formam conexões emocionais com os lugares, mas também como essas conexões moldam suas identidades, memórias e visões de mundo. Tuan argumenta que os lugares não são apenas cenários passivos onde a vida acontece, mas são ativamente construídos e transformados pelas experiências humanas (Tuan, 2002). Ele aborda a distinção crucial entre espaço e lugar, que reside no fato de que um lugar não é apenas um local físico, mas um espaço impregnado de significado subjetivo e experiência humana. O espaço se torna um lugar quando é preenchido com memórias, emoções, identidades e relações que conferem um sentido único e pessoal àquele local (Tuan, 2002). Traduzindo literalmente suas palavras (Tuan, 2002, p. 6): “se pensarmos no espaço como aquilo que permite o movimento, então o lugar é uma pausa; cada pausa no movimento permite que o local se transforme em lugar”.

O papel das emoções ligadas a lugares é explorado em várias abordagens da Psicologia Ambiental, podendo ser mais ou menos proeminente dependendo da área de estudo dentro desse campo (Felippe; Kuhnen, 2012). Os autores explicam que todas as pessoas já estiveram conectadas emocionalmente de alguma maneira a um local, seja de forma positiva ou negativa, gerando sensações agradáveis ou desconfortáveis. Esse lugar pode estar associado ao que estamos vivendo agora ou a experiências passadas, como locais da nossa infância (Giuliani, 2003). A autora ressalta que, às vezes, essa conexão se estende ao futuro, incluindo lugares onde sonhamos viver ou para onde aspiramos retornar. Esses vínculos podem variar em escala, desde o espaço íntimo da nossa casa, um cômodo específico, a vizinhança, a cidade e até o país (Giuliani, 2003).

Diversos autores buscaram sistematizar o apego ao lugar em dimensões. Lewicka (2008) entende a teoria do apego ao lugar como multidimensional (afetivo, cognitivo e comportamental) e mostra como esses vínculos não apenas sustentam a

identidade e o bem-estar das pessoas, mas também moldam o interesse, a memória e até a maneira como diferentes grupos interpretam a história dos espaços que habitam. Esse modelo de três componentes — 1-afetivo, 2-cognitivo e 3-comportamental — também é apoiado por Scannell e Gifford (2010), que discutem como esses componentes podem ser influenciados e desenvolvidos ao longo do tempo.

Outros modelos incluem:

- Altman e Low (1992): destacam o papel do apego ao lugar na criação, manutenção e proteção da identidade pessoal, de grupo ou cultural, influenciando também autoestima, autoconfiança e orgulho coletivo.
- Hidalgo e Hernández (2001) e Graham (2009): abordam a complexidade do apego, incluindo experiências sociais e características do ambiente.
- Scopelliti e Giuliani (2004) e Williams; Vaske (2003): enfatizam influências das características naturais e culturais dos locais e da experiência pessoal.
- Kyle, Jun e Absher (2014): relacionam o apego ao lugar à teoria da identidade, mostrando variações nos indicadores.
- Kirkpatrick, Lefroy e Harwood (2018): destacam a diversidade de razões que explicam o apego — beleza, familiaridade, simbolismo do lar, natureza, espiritualidade, associações de infância e de vida.
- Dameria *et al.* (2020): diferenciam quando a teoria é aplicada a espaços patrimoniais, utilizando o termo “Sense of Place”, dividido em três dimensões: identidade de lugar (cognitivo), apego ao lugar (afetivo) e dependência de lugar (ativo).

Para operacionalizar o conceito, diferentes escalas foram propostas. Lewicka (2005), por exemplo, mede o apego ao local com uma versão da escala de “Identificação com o local”, composta por sete itens em escalas de 5 pontos, que

descrevem sentimentos positivos em relação ao local (sentir falta quando ausente, segurança, orgulho, enraizamento, desejo de permanência dos familiares no futuro) e negativos (sentir-se estrangeiro).

Outros instrumentos de medição exploram dimensões como atividades recreativas, identidade simbólica ou vínculos sociais (Kyle; Graefe; Manning, 2005; Williams; Vaske, 2003). Isso reforça que não há consenso metodológico, mas sim uma variedade de abordagens.

As pesquisas revelam que o apego ao lugar é um conceito complexo, multifacetado e sem consenso único. Enquanto alguns autores destacam dimensões afetivas, outros priorizam aspectos cognitivos, funcionais ou sociais. Há ainda variações terminológicas, como “Sense of Place” (Dameria *et al.*, 2020), ou diferentes modelos dimensionais (três ou quatro componentes).

Para esta tese, será considerada a teoria proposta por Latiff *et al.* (2020), que amplia e atualiza os modelos anteriores ao estruturar o apego ao lugar em quatro dimensões: 1- Dependência do lugar (funcional), 2- Identidade de lugar (cognitiva), 3- Apego afetivo (emocional) e 4- Vínculo social (relacional).

No estudo de Latiff *et al.* (2020), a motivação cultural foi mensurada por meio de questionário aplicado a turistas em sítios patrimoniais de Melaka e George Town, utilizando itens adaptados de Nguyen e Cheung (2016), que buscavam captar interesses como enriquecer o conhecimento, aprender sobre a cultura e o patrimônio do destino e aumentar a compreensão histórica do local. Os resultados mostraram que a motivação cultural influenciava positivamente todas as quatro dimensões do apego, mas apenas a dependência do lugar e o apego afetivo influenciaram significativamente a intenção de recomendar, enquanto identidade de lugar e vínculo social não apresentaram relação significativa.

Apesar desses achados, a motivação cultural permanece um construto de difícil mensuração, pois “cultura” assume múltiplas interpretações, variando conforme contexto e experiência individual. Por essa razão, embora tenha sido inicialmente considerada, a variável motivação cultural foi posteriormente retirada das análises desta tese. A decisão deve-se ao entendimento de que os instrumentos

disponíveis não representam de forma satisfatória se a pessoa é ou não culturalmente motivada, o que pode comprometer a validade dos resultados. Assim, nesta tese optou-se por não utilizar motivação cultural e adotar exclusivamente as quatro dimensões do apego ao lugar propostas por Latiff *et al.* (2020), por se tratar de uma teoria recente, coerente e consistente com o objetivo da pesquisa.

Além disso, partindo da interpretação do modelo de Latiff *et al.* (2020), que utiliza a intenção de recomendar um destino como desdobramento do apego ao lugar, esta tese propõe um novo componente, denominado “vontade de conservar”. A intenção de recomendar, segundo os autores, refere-se ao comportamento em que turistas, ao criarem vínculos com um destino, tendem a indicá-lo a outras pessoas. Essa recomendação não se limita ao compartilhamento de uma boa experiência individual, mas expressa também um desejo de que o destino tenha sucesso, continuidade e reconhecimento, de modo que familiares e amigos possam igualmente desfrutar da experiência positiva.

Inspirando-se nessa lógica, a presente tese optou por adaptar esse conceito, transformando-o em “vontade de conservar”. Isso porque, ao recomendar um lugar, o que se busca implicitamente é também sua preservação e manutenção, para que ele permaneça íntegro e acessível a outros. Assim, o vínculo afetivo, cognitivo, funcional e social não apenas sustenta a relação pessoal com o lugar, mas se traduz também em um impulso coletivo de proteção e conservação do destino, garantindo que a experiência positiva vivida possa ser repetida e compartilhada.

2.4 AS QUATRO DIMENSÕES DO APEGO AO LUGAR

Goussous e Al-Hammadi (2018) iniciaram a sua medição do apego ao lugar em lugares históricos, considerando apenas três dimensões, de dependência de lugar, identidade de lugar e vínculo social. No estudo perceberam o que chamaram de valor espiritual, mostrando as novas variáveis fatoriais que contêm o vínculo especial das pessoas e o significado subjetivo do lugar. O apego ao lugar contém vários conceitos ocultos, semelhantes ao aspecto simbólico que está relacionado a um ambiente específico. Eles também acrescentaram que os atributos emocionais

são acompanhados por consciência e comportamentos. Aqui vamos chamar de vínculo afetivo para englobar esta parte mais subjetiva.

Vários autores, com pode ser visto no Quadro 2, discutem as dimensões do apego ao lugar, reconhecendo que esse conceito pode ser multifacetado e composto por várias dimensões. A grande maioria explora as dimensões do apego ao lugar com o modelo tripartido que inclui as dimensões afetiva ou emocional, cognitiva e comportamental como Scannell, Gifford (2010) e Lewicka (2011), Altman e Low (1992) entre outros.

Quadro 2 - Dimensões de diferentes sentidos de lugar em vários contextos de estudo.

Term used	Construction		Setting	References
	Dimensions	Sub-concept		
Place attachment	2	Place identity	Recreation area	Williams & Vaske (2003)
		Place dependence	Regional area	Brown et al. (2015)
Sense of place	3	Place dependence	Residential area	Jorgensen & Stedman (2001)
		Place attachment	Heritage area	Hawke (2011); Ram et al. (2016); Vong (2013)
		Place identity		
Sense of place	3	Sense of justice	Heritage area	Tan et al. (2018)
		Sense of loss		
		Sense of mission		
Sense of place	3	Place attachment	Freshwater area	Newton & Sinner (2017)
		Place identity		
		Place satisfaction		
Sense of place	3	Place identification	Heritage area	Goussous & Al-Hammadi (2018)
		Place dependence		
		Social bond		
Place attachment	4	Place identity	National park	Ramkissoon et al. (2012)
		Place attachment		
		Place dependence		
		Place satisfaction		
Sense of place	4	Place dependence	Shopping center	Deutsch & Goulias (2010)
		Place identity		
		Place affect		
		Place social-bonding		
Place bonding	5	Place identity	Natural setting	Hammitt et al. (2009)
		Place dependence		
		Place familiarity		
		Place belongingness		
		Place rootedness		
Place attachment	6	Place identity	Urban area	Chen & Dwyer (2017)
		Place dependence		
		Affective attachment		
		Social bonding		
		Place memory		
		Place expectation		

É o significado emocional que os espaços geográficos conseguem assumir na experiência humana que os transforma em lugares (Giuliani, 2003). Emoção é definida por Ferreira *et al.* (1999) como uma resposta rápida e intensa do corpo a uma situação surpreendente, acompanhada por um estado afetivo que pode ser desconfortável ou agradável. Neste trabalho vamos chamar de vínculo afetivo com o lugar para abordarmos esta dimensão afetiva ou emocional, o que não significa que as outras dimensões apresentadas aqui, também não contenham o fator emocional.

Já cognição, para Ferreira *et al.* (1999) significa aquisição de um conhecimento. Pode-se considerar aqui a consciência das coisas, ou como os artigos trazem a expressão em inglês "*awareness*". A consciência da história do lugar intensifica o apego ao lugar, mas provavelmente o inverso também é verdadeiro (Lewicka, 2005). Ao que se refere à dimensão cognitiva, quando é abordada a forma como as pessoas percebem emocionalmente os espaços físicos, ou seja, como desenvolvem um conjunto de cognições tanto positivos quanto negativos sobre um lugar específico, podemos denominar isso como a "identidade de lugar", (Proshansky; Fabian; Kaminoff, 1983), os autores sugeriram que o apego a esse lugar ocorre de maneira mais forte nas pessoas cuja identidade de lugar é composta predominantemente por pensamentos positivos sobre esse local, em comparação com os pensamentos negativos (Felippe; Kuhnen, 2012). Esse conceito implica que todas as relações emocionais humanas estão, de alguma forma, ligadas a aspectos do lugar. Acredita-se aqui, entretanto, que todas as dimensões abordadas do apego podem ocorrer independente de quanto as pessoas tenham consciência ou não do que elas estejam sentindo com relação aos lugares.

A combinação das formas como pensamos e sentimos possibilita descrever diferentes maneiras em que o sentido de um lugar pode variar, abrangendo diversas nuances, como variações na sensação de contentamento, conexão pessoal, identificação, apego emocional, percepção consciente e imagem da comunidade (Giuliani; Feldman, 1993).

Agora partindo para explicar a última dimensão do modelo tripartido do apego ao lugar, a dimensão comportamental, começamos aqui definindo comportamento como maneira de se comportar, conduta, procedimento ou conjunto de atitudes e reações em face ao meio social (Ferreira *et al.*, 1999). Tuan (2002, p. 5) aponta que a cultura influencia fortemente o comportamento e os valores humanos. Felipe e Kuhnen (2012) mostram diversas referências de autores que associam a ligação emocional com lugares com engajamento e comportamento pró-ambientais como atenção à área de residência e monitoramento para garantir a ordem em comunidades. Aqui vamos considerar a vontade de conservar como uma espécie de intenção de comportamento pró-ambiental também, pois irá se referir a uma medida de cuidado.

Conclui-se que estamos na literatura nos aprofundando em como todas as facetas do apego ao lugar afetariam o comportamento humano e mesmo considerando a vontade de conservar como algo que não seja de fato uma atitude em si, mas uma intenção. Essa intenção já levaria a algo importante, pois entendendo o que poderia aumentar a vontade de se manter um bem histórico, no futuro poderia levar a chamada “lealdade” a algum lugar, termo explicado por diversos autores como Prayag e Ryan (2012), Rivetti e Lucadamo (2022) e Latiff *et al.*, (2020), já que um dos precedentes apontados da lealdade é o valor percebido. E subsequentemente evidências mostram que a lealdade e a satisfação com o lugar são capazes de influenciar o comportamento cada qual a sua maneira (Prayag; Ryan, 2012).

Pode-se entender aqui então que existe uma linha de pesquisa que divide as dimensões do apego no modelo tripartido de cognição, afeto e comportamento e outra linha que trabalha com termos mais específicos desenrolando o apego ao lugar como dependência, identidade e vínculos afetivo e social, nas combinações mais diversas. Há ainda quem considere a identidade de lugar como algo distinto do apego (Berroeta; Mancilla; Zumárraga-Espinosa, 2021), mas aqui optou-se por usar a abordagem considerada mais abrangente, com o apego ao lugar medido pelas quatro dimensões, sendo elas: dependência de lugar, identidade de lugar, vínculo afetivo e vínculo social (Latiff *et al.*, 2020).

2.4.1 DEPENDÊNCIA DE LUGAR

Dependência do lugar pode ser vista como algo que denota uma tentativa de realizar uma ação (Jorgensen; Stedman, 2001). Os autores tratam a dependência de lugar como uma dimensão relacionada com quão eficaz um ambiente é para alcançar objetivos, levando em conta várias alternativas disponíveis ("como esse lugar se compara a outros no que eu gosto de fazer?"). A dependência de lugar foca na funcionalidade do local e pode se tornar negativa quando o ambiente impede o indivíduo de atingir seus objetivos ou resultados valorizados (Jorgensen; Stedman, 2001). Essa intensidade do vínculo é baseada em metas comportamentais específicas, e não em um afeto geral, o que leva essa dimensão a ser chamada de "apego funcional" (Graham, 2009). Por exemplo, um indivíduo pode ter um forte apego funcional a uma rota de ônibus por ser o único meio eficaz de chegar ao trabalho, mesmo que não goste do bairro em si.

Graham (2009) enumera algumas afirmações encontradas na literatura feitas para medir a dependência de lugar, como: nenhum outro lugar pode se comparar a este; eu tenho mais satisfação em visitar este lugar do que visitar qualquer outro; este é o melhor lugar para o que eu gosto de fazer; este é o meu lugar favorito para ir durante o meu tempo livre; ou, fazer o que eu faço aqui é mais importante para mim do que fazê-lo em qualquer outro lugar. Identifica-se nestes questionamentos que a dependência de lugar se refere aos aspectos práticos e funcionais associados ao senso de lugar, explicando como as pessoas se tornam dependentes deste.

Essa dimensão envolve uma abordagem ativa, mostrando a intenção de realizar ações ligadas a um determinado lugar. Teoricamente, esses componentes ativos são construídos a partir de componentes mentais e emocionais que evoluem em conjunto. Pesquisadores destacaram que memórias e conhecimentos sobre lugares podem realmente incentivar as pessoas a permanecerem e se adaptarem a eles (Dameria *et al.*, 2020).

Latiff *et al.* (2020) concluíram que a dependência de lugar influenciava positivamente no que os autores chamam de intenção de recomendar um destino, que seria uma forma de lealdade. Também encontraram que a motivação cultural influenciava na dependência de lugar. Aqui neste trabalho vamos rever algumas destas questões testando hipóteses em lugares históricos não legitimados, já que os autores testaram em um lugar considerado um patrimônio mundial da humanidade pela UNESCO.

2.4.2 IDENTIDADE DE LUGAR

Não à toa perguntamos de onde é uma pessoa quando a conhecemos, porque a informação do lugar de origem das pessoas diz muito sobre quem elas são, o modo como vivem, o sotaque com que falam e muitas vezes até do que gostam de fazer ou comer. O lugar importa, tem potencial para moldar e nos direcionar a determinados comportamentos e sentimentos e podemos nos sentir imediatamente pertencentes ou não a determinado ambiente.

A identidade do lugar é uma forma pessoal de entender cognitivamente a afiliação com um local, podendo ser considerada como um valor simbólico associado a esse lugar (Williams; Vaske, 2003). Latiff *et al.* (2020) sugerem, baseado em evidências, que os turistas não planejam recomendar os locais históricos apenas com base na identificação com esses locais. Declaram que isso acontece porque os turistas talvez não tenham conseguido perceber uma harmonia entre sua própria identidade e os locais patrimoniais. É possível que os locais do estudo não tenham oferecido uma exposição suficiente ou experiências relacionadas à cultura, o que pode ser a razão subjacente para a ausência de uma relação significativa.

Existem diferentes funções que a identidade de lugar desempenha, abrangendo reconhecimento, significado, expressão, mediação de mudança e papel na ansiedade e defesa (Proshansky *et al.*, 1983 apud Chen; Dwyer; Firth, 2014). A identidade de lugar assume um papel crucial ao auxiliar indivíduos a moldarem sua identidade social. Chenm Dwyer e Firth (2014) encontraram evidências de três níveis

de autoidentidade, que variam de restrito a amplo: núcleo da identidade, conteúdo da identidade e comportamentos de identidade. Apontaram que a identidade de lugar permeia todos esses níveis de autoidentidade, delineando como um lugar se conecta internamente com uma pessoa, desde autodefinição até valores, metas, crenças e, finalmente, comportamentos.

Cada aspecto da vida de uma pessoa contribui para sua compreensão do passado, bem como para sua personalidade, opiniões políticas e senso de identidade. Devido a isso, a experiência de cada visitante é única, e o patrimônio deve ser interpretado de maneira a reconhecer como diversas pessoas podem se relacionar com ele (Fielding, 2022).

Berroeta, Mancilla e Zumárraga-Espinosa (2021) apontam que a identidade local é uma estrutura interna que faz parte da identidade pessoal e inclui pensamentos sobre o ambiente físico no qual uma pessoa vive. Os autores explicam que esses pensamentos englobam lembranças, ideias, sentimentos, atitudes, valores, preferências e interpretações de como se comportar e vivenciar as diversas complexidades dos ambientes físicos onde as pessoas interagem. Rijnks e Strijker (2013) afirmam que a conexão pessoal com um lugar pode ser expressa através das identidades que são associadas a esse lugar, e essas identidades frequentemente se entrelaçam com a própria identidade das pessoas.

A identidade de lugar abrange um conjunto de crenças que derivam das percepções cognitivas sobre locais, as quais têm a capacidade de moldar a autoidentidade (Jorgensen; Stedman, 2001). A percepção cognitiva envolve os processos humanos de observação, conhecimento e pensamento para entender e reconhecer o ambiente. Os lugares históricos, em particular, desempenham um papel significativo na formação da identidade local e têm uma relação notável e positiva com a sensação de pertencimento ao local (Dameria *et al.*, 2020). Os autores mostram que a ideia de que o patrimônio exerce uma influência crucial na construção do sentido de lugar já foi defendida por muitos.

As características especiais de locais com patrimônio podem ser objeto de atribuição de significados profundos pelas pessoas que se conectam com eles. De

fato, locais patrimoniais podem se tornar um símbolo ou um substituto de identidade e pertencimento para indivíduos ou grupos específicos (Smith, 2006).

Quando relacionada à identidade do lugar, as experiências passadas e presentes evocadas pela singularidade dos locais patrimoniais são percebidas como parte integral da auto identidade do indivíduo. Com base nesse entendimento, o artigo de Dameria *et al.* (2020) adotou três princípios para explicar a identidade do lugar no contexto do patrimônio. Os autores explicam ainda que a palavra "identidade" abarca dois aspectos: distintividade e continuidade. Portanto, o termo "identidade do lugar" deve incorporar ambos os aspectos (Lewicka, 2008). O terceiro princípio, familiaridade, foi adotado de Fullilove (1996) (apud Dameria *et al.*, 2020), que o considera um componente cognitivo do sentido de lugar.

Goussous e Al-Hammadi (2018) medem a identidade de lugar com base em três perguntas fechadas para as quais os respondentes deveriam dizer o quanto concordam: Q1 (Significado): O anfiteatro romano significa muito para mim. Q2 (Identificar): Conheço o contexto histórico do anfiteatro romano. Q3 (Apego): Sou muito apegado ao anfiteatro romano. Q4 (Compromisso): Sinto-me comprometido com o anfiteatro romano. Os autores afirmam que o apego ao lugar está ligado à identidade do lugar, pois ambos são diretamente correlacionados e dependem da percepção de significado que as pessoas elaboram sobre o local.

A criação de uma "identidade de lugar" pode ser impulsionada por interações frequentes e positivas com o ambiente (Korpela, 1989). Segundo Korpela (1989), criar oportunidades para que as pessoas desenvolvam uma conexão emocional com o lugar pode envolver eventos comunitários, histórias locais e atividades que destaquem a singularidade e a história do lugar. O autor destaca que envolver ativamente a comunidade no processo de planejamento e tomada de decisões em relação ao ambiente local dá chance de influenciar o seu ambiente e moldá-lo, aumenta a probabilidade de a comunidade desenvolver uma identidade positiva em relação ao lugar.

2.4.3 VÍNCULO AFETIVO

Madgin e Lesh (2021) declaram logo no início do seu livro que ao enxergarmos os locais históricos como construções emocionais, e não apenas como heranças materiais, podemos nos desvincular da necessidade de identificar o que é essencial, para nos concentrarmos em como o patrimônio nos evoca sentimentos e, consequentemente, compreender por que ele é crucial para a continuidade tanto do lugar quanto das pessoas. Destaca-se então a importância deste vínculo afetivo, no qual afeto pode ser definido como “amor” ou sentimento de afeição (Ferreira *et al.*, 1999). Madgin e Lesh (2021) ressaltam a ligação entre as pessoas e o local histórico em todas as suas dimensões, reforçando que os laços emocionais com locais históricos são fundamentais para a própria razão pela qual o passado tem importância para as pessoas, e, por conseguinte, são essenciais para a conservação.

De acordo com Jorgensen e Stedman (2001), o apego afetivo inclui conteúdo emocional de maneira explícita, indo além da cognição, preferências ou julgamentos na relação entre as pessoas e um lugar. Dameria *et al.* (2020) encontram evidências que propõem que à medida que a experiência das pessoas com um lugar se aprofunda e se diversifica, o vínculo afetivo também aumenta ao longo do tempo. Os autores destacam que o apego afetivo representa um componente vital do apego ao lugar, uma vez que pode gerar sensações de bem-estar e segurança que as pessoas obtêm neste. Adicionalmente, o apego afetivo envolve uma interação entre sentimentos e emoções, conhecimentos e crenças, assim como comportamentos e ações relacionados a um lugar (Altman; Low, 1992).

Reforçando essa ideia, Hidalgo e Hernández (2001) citam a importância de um vínculo afetivo positivo para manter uma associação próxima com o lugar, afirmando que o apego emocional pode existir independentemente da identificação do local. Ou seja, um senso de lugar é melhor compreendido como composto de apego ao lugar, que pode ser relacionado a um engajamento emocional com este (Jorgensen; Stedman, 2001).

A pergunta que normalmente é feita para medir este vínculo é muito simples e direta: Estou emocionalmente ligado a este lugar? Ou tenho uma ligação emocional com este lugar, ele tem um significado para mim? (Graham, 2009). O autor aponta que é importante compreender que os lugares podem ser pensados como compostos por uma série de tipos bastante diferentes de fatores que se estendem desde o ambiente construído até ao envolvimento emocional e psicológico das pessoas com o lugar.

Latiff *et al.* (2020) se baseiam em diversos autores para definir o apego afetivo como um elo emocional entre uma pessoa e um ambiente específico que envolve a conexão emocional que as pessoas estabelecem com um lugar, indo além de apenas cognições, preferências ou julgamentos. Os autores especificam que o vínculo social contribui para o apego emocional formado através das interações interpessoais entre indivíduos e o ambiente e o apego ao lugar se desenvolve quando as pessoas constroem laços comunitários com outras, incluindo moradores locais e visitantes, ou seja, o apego a um destino também é motivado por fatores sociais.

2.4.4 VÍNCULO SOCIAL

Alawadi (2017) sustenta que as ações de preservação não devem restringir-se à dimensão material do ambiente, mas precisam abranger igualmente os seus componentes sociais. Nessa perspectiva, tanto a formulação teórica quanto a aplicação prática da preservação devem considerar as relações sociais vinculadas aos espaços, assim como a continuidade das práticas culturais e das atividades cotidianas que asseguram a vitalidade e o significado desses lugares.

Hidalgo e Hernandez (2001) sublinharam o elemento social do apego ao lugar, argumentando que a ligação com um local tem uma base substancial nas relações entre as pessoas que habitam esse espaço. Low e Altman (1992) também realçaram a vertente social do apego, destacando que isso engloba sentimentos

emocionais e vínculos entre os residentes, bem como interações cotidianas e conexões vizinhas.

Memmott e Long (2002) esclarecem que uma compreensão social do lugar surge, cresce e é mantida por grupos de indivíduos que compartilham experiências coletivas naqueles locais do ambiente, e essa compreensão é fortalecida por meio do feedback contínuo das vivências nesses lugares. O autor acrescenta que essa compreensão social também se desenvolve através de interações sociais com outras pessoas que possuem mais experiência ou conhecimento específico desses lugares. A existência prévia dos lugares, antes de nossa interação com eles, é resultado da ação de outras pessoas, que moldaram esses lugares por meio de atividades passadas no ambiente. As características dos lugares são transmitidas socialmente, o que possibilita que permaneçam consistentes através de diferentes gerações e períodos culturais (Memmott; Long, 2002).

Jong, Ursula de *et al.* (2021) reconhecem que o apego ao lugar está sendo cada vez mais interpretado como uma expressão do valor social que um local carrega, e apontam exemplos de vários autores que indicam a relevância desse apego nos debates sobre sustentabilidade ambiental, desenvolvimento econômico e qualidade de vida. Chen, Dwyer e Firth (2014) definem vínculo social como a dimensão que engloba a intensidade da ligação social entre pessoas e lugares, e o sentimento de pertencimento que as pessoas têm em relação a esses lugares. Os autores argumentam ainda que relações sociais sólidas podem levar a conexões emocionais profundas com um lugar, e essas emoções frequentemente resultam em interações e experiências repetidas no lugar, que gradualmente aumentam o sentimento de conexão. As investigações têm cada vez mais dado atenção ao vínculo social, uma vez que a comunidade desempenha um papel fundamental na formação do apego ao lugar (Chen; Dwyer; Firth, 2014).

Goussous e Al-Hammadi (2018), no seu estudo, fazem quatro perguntas fechadas para medir vínculo social, nelas os respondentes devem dizer se concordam com as seguintes afirmações sobre o Anfiteatro Romano: Q1 (Lembranças): Tenho muitas boas lembranças. Q2 (Residência): Eu moro perto deste lugar. Q3 (Usuários): Vou (trarei) meus filhos para este lugar. Q4 (Obrigação

especial): Tenho uma ligação especial com o Anfiteatro Romano. Laços sociais são emoções de pertencimento ou conexão entre pessoas devido a características comuns. Nas suas investigações, eles percebem o vínculo social como um aspecto emocional, embora outros estudiosos o tenham considerado como uma componente cognitiva (Dameria *et al.*, 2020). Dameria *et al.* (2020) apoiam-se em bibliografia para fazer esta análise e consideram o vínculo social uma qualidade intangível que está intrinsecamente ligada à identidade humana, a qual é abordada no âmbito cognitivo. Apesar de seguirem abordagens similares, os estudos focados no contexto patrimonial não apresentam uniformidade quando se trata de explorar a percepção de sentido de lugar.

Kirkpatrick, Lefroy e Harwood (2018) mostram no seu estudo que muitas pessoas demonstraram vínculos sociais a lugares, mesmo sem escrever nada a respeito do apego à natureza ou ao patrimônio local. O que demonstra que o vínculo social pode ocorrer de forma independente das demais variáveis. Em contrapartida, muitas pesquisas anteriores indicaram que o apego às características naturais da paisagem é mais forte e mais persistente do que o apego por causa do contexto social (Lewicka, 2011).

Se relações sociais de importância ocorrem e continuam em ambientes particulares, é razoável esperar que esses ambientes também carreguem algum significado, já que eles proporcionam o cenário para essas relações e experiências compartilhadas (Kyle; Graefe; Manning, 2005).

Existe também o conceito de capital social que é um termo que descreve os benefícios resultantes de interações interpessoais, que englobam bem-estar, boa saúde e participação cívica (Graham, 2009). O autor alega que as conexões entre "capital social" e o "senso de lugar", juntamente com seus elementos específicos de apego e dependência do lugar, podem ser abordadas de três maneiras distintas. Primeiro, é possível estabelecer conexões ao relacionar o apego ao lugar com resultados como maior autoestima ou orgulho pela pertença a um local. Em segundo lugar, nas pesquisas focadas no patrimônio, explorar o passado é visto como uma maneira de sustentar valores compartilhados e a cidadania. Uma conclusão comum é que formas mais ativas de engajamento - como criar, expor e participar ativamente

- têm um impacto positivo no valor social. Terceiro, é igualmente plausível ver uma relação entre a dependência do lugar e o valor social por meio dos tipos de interações sociais que um lugar possibilita (Graham, 2009).

2.5 INDICADORES PARA O CUIDADO AMBIENTAL / VONTADE DE CONSERVAR

A Vontade de Conservar é definida como a disposição ou intenção de agir ativamente em prol da preservação do patrimônio cultural, sendo tratada pela tese como uma manifestação específica do Comportamento Pró-Ambiental (CPA). Ela se relaciona diretamente com os indicadores de cuidado ambiental, pois, conforme demonstram Corral-Verdugo e Pinheiro (1999) — apoiados em diversos autores —, indivíduos com conhecimento, atitudes positivas, motivação, habilidades, senso de controle sobre sua vida, responsabilidade e crenças favoráveis ao meio ambiente são os que mais demonstram essa disposição para proteger o ambiente ao seu redor.

Os autores complementam que ao identificar a influência marcante da cultura no histórico comportamental das pessoas, é essencial examinar minuciosamente a comunidade em questão antes de tentar explicar o comportamento pró-ambiental (CPA). Isso requer uma análise profunda das características únicas desse grupo humano e como essas particularidades afetam as ações individuais. Ao levar em consideração as variadas culturas, poderemos criar uma representação mais precisa, abrangente e prática, capaz não apenas de antecipar condutas responsáveis em relação ao meio ambiente, mas também de elaborar abordagens de intervenção para lidar com os crescentes problemas de degradação ambiental (Corral-Verdugo; Pinheiro, 1999).

Os estudos existentes sobre comportamento pró-ambiental concentram-se principalmente na questão da conservação do meio ambiente natural, sendo raras as teorias psicológicas que abordam o cuidado em relação ao ambiente construído (Felippe, 2012). Usaremos então estes conceitos como ponto de partida e vamos relacionar com a teoria da lealdade. Florek (2010) aponta que as pesquisas sobre turismo são frequentemente úteis para entender o conceito de lealdade em uma perspectiva do apego a um lugar. Essa relação baseia-se na sua dimensão

comportamental, avaliada geralmente pelo número de vezes que as pessoas revisitam o local e na dimensão emocional, levando em consideração tanto a intenção de retornar ao local como a indicação deste local para os outros.

Relações positivas entre os habitantes e um determinado lugar podem levar a manifestações tangíveis e ações por parte desses habitantes (Florek; Magdalena, 2010). Entender a importância e os mecanismos subjacentes à formação de vínculos emocionais entre indivíduos e locais, e como isso influencia o comportamento das pessoas em ambientes urbanos, oferece *insights* valiosos para os gestores municipais. Isso possibilita a escolha de abordagens adequadas para atender às necessidades de ambas as partes nessa relação, contribuindo para a criação de cidades mais bem cuidadas e agradáveis para se viver (Florek; Magdalena, 2010).

Os turistas que têm um forte apego ao destino têm maior probabilidade de recomendar o local, buscando contribuir para que o destino alcance o reconhecimento, cuidados e manutenção que ele merece (Latiff *et al.*, 2020). Entende-se portanto, que torcer pelo sucesso do local poderia se equivaler a querer conservar o mesmo e querer que aquele bem imóvel permaneça e seja visitado por outras pessoas.

A conservação do patrimônio cultural, como marcos históricos, depende crucialmente dos esforços de preservação e cooperação de atores importantes envolvidos. Yang, Qiu e Fu (2021) fizeram um estudo separando os entrevistados em dois grupos, os residentes e os paisagistas (profissionais) e, embora os planejadores paisagistas contribuam com seu conhecimento profissional e projetos para a gestão sustentável de locais de patrimônio cultural, concluiu-se que o engajamento ativo e a participação das comunidades locais são os fatores determinantes para o sucesso da implementação das medidas relevantes de preservação. Os autores se surpreenderam com a descoberta de que os residentes locais demonstraram uma conexão mais forte e uma maior disposição para conservar paisagens tradicionais com elementos culturais do que os profissionais (Yang; Qiu; Fu, 2021), mesmo que mais influenciada pela percepção de benefícios econômicos e utilidade diária do que por valores culturais. Por outro lado, a

disposição de preservação dos profissionais estava mais relacionada à percepção de valores recreativos e culturais (Yang; Qiu; Fu, 2021).

De acordo com a Teoria do Comportamento Planejado, as intenções são moldadas por três considerações distintas: 1) as crenças em relação às consequências de uma ação, que levam a avaliações pessoais positivas ou negativas (atitude); 2) as crenças sobre as expectativas normativas, que refletem as pressões sociais externas (norma subjetiva); e 3) as crenças a respeito dos fatores que podem dificultar a execução ou o controle percebido sobre o comportamento (Gonçalves et al., 2020). Os autores complementam ainda que esses fatores podem influenciar o grau de concretização das intenções, as atitudes e as normas subjetivas são frequentemente mediadas pelo controle comportamental percebido. Isso ocorre porque geralmente as pessoas não planejam realizar ações que consideram estar fora de seu controle. Elementos como conhecimento, habilidades, recursos, disponibilidade, oportunidades e colaboração são os principais fatores que afetam como as pessoas percebem seu controle sobre a situação (Gonçalves et al., 2020).

Investir na facilitação da acessibilidade e em melhores atrações culturais/históricas, por exemplo, provavelmente aumentará o apego ao lugar através da identidade e da dependência do lugar. Até o momento, a lealdade tem sido medida usando-se três abordagens para o uso de dados: (1) dados comportamentais, (2) dados atitudinais e (3) compostos (combinação de ambos) (Prayag; Ryan, 2012).

2.6 ARQUITETURA DO SÉCULO XX

O movimento moderno na arquitetura e no *design* não teve uma única origem. Ele se desenvolveu a partir de várias influências distintas. Uma das principais influências foi o movimento das “Artes e Ofícios” liderado por William Morris, que enfatizava a valorização do artesanato e o retorno à produção manual em contraste com a produção em massa da Revolução Industrial (Pevsner, 2002). Outra influência

significativa foi o Art Nouveau, um movimento artístico e arquitetônico que priorizava formas curvas, motivos naturais e ornamentações orgânicas (Pevsner, 2002).

Pevsner (2002) ainda acrescenta a obra de engenheiros do século XIX como algo que desempenhou um papel fundamental nesse novo estilo. Suas abordagens inovadoras para a engenharia e a construção contribuíram para a evolução das ideias arquitetônicas modernas. Portanto, o movimento moderno não se originou de uma única fonte, mas sim de uma combinação dessas influências, cada uma contribuindo de maneira única para a formação desse estilo inovador para a época.

O contexto de avanços tecnológicos e a introdução de novos materiais desencadearam dois eventos cruciais que foram pioneiros para o surgimento do movimento moderno no século XX, o movimento Art Nouveau, citado anteriormente, e a fundação da escola Bauhaus (Ferreira; Oldini, 2019). Segundo Silvano (2022), as bases da educação em *design* começaram a se formalizar por meio das experiências marcantes da Bauhaus (1919-1933) e de sua sucessora, a Escola de Ulm (1953-1968), ambas localizadas na Alemanha. As trajetórias dessas escolas alemãs representam a conexão entre *design* e sociedade, com a crença de que um mundo melhor é possível, buscando projetar um futuro mais promissor como resposta ao desencanto com o passado histórico e os horrores resultantes das guerras (Silvano, 2022).

Benevolo (2016), em seu livro "História da Arquitetura Moderna", reforçando o que havia dito Pevsner (2002), discute como o movimento moderno foi influenciado por várias correntes de pensamento e movimentos culturais, incluindo a industrialização, o urbanismo, as inovações tecnológicas, as artes plásticas e o desejo de romper com as estéticas históricas. Ele enfatiza a importância das ideias de arquitetos como Louis Sullivan, que defendia que a "forma segue a função", e como a busca por simplicidade, funcionalidade e eficiência começou a prevalecer sobre a ornamentação excessiva. O autor destaca também a contribuição de figuras proeminentes do movimento moderno, como Le Corbusier, Walter Gropius, Ludwig Mies van der Rohe e Frank Lloyd Wright, que desenvolveram teorias e práticas arquitetônicas que refletiam os valores da modernidade, como a busca pela pureza

formal, o uso de materiais industriais e a integração da arquitetura com o ambiente urbano.

Leonardo Benevolo (2016) aborda o início do movimento moderno na arquitetura como um período marcado por uma ruptura significativa com as tradições arquitetônicas anteriores. Ele enfatiza a transição da arquitetura historicista e ornamentada do século XIX para uma abordagem mais funcional, racional e minimalista no início do século XX.

Em uma tentativa de apontar quando se iniciaria o período do modernismo, Frampton (2015) conclui que para encontrar esta origem é preciso retroceder historicamente, ao menos a meados do século XVIII, quando os arquitetos, tomados por uma nova visão da história, passaram a contestar as diretrizes clássicas de Vitrúvio e a registrar os indícios do mundo antigo com a finalidade de definir uma base mais clara para a qual trabalhar. Colin (2020) retrocede ainda um pouco mais, até o século XVII, chegando nos adventos do ferro e do cimento Portland, que foram dois novos materiais que alteraram o quadro da simbologia histórica da arquitetura (Colin, 2020). Neste cenário, Ferreira e Oldini (2019) acrescentam que neste contexto ocorria o surgimento da máquina a vapor, das pontes metálicas e dos elementos pré-fabricados, apresentado pelo progresso técnico que transformou o ferro em uma revolução notável.

Assim, identifica-se no cenário europeu de 1940, que os princípios da arquitetura moderna já existiam, mesmo que ainda como conceitos e propostas. Com o término da Segunda Guerra Mundial, a mobilidade de importantes nomes da arquitetura europeia pelo mundo, juntamente com a necessidade urgente de reconstrução da Europa, explica como as ideias modernistas passaram a ser amplamente adotadas na arquitetura global (Ferreira; Oldini, 2019).

No contexto brasileiro, entretanto, a situação foi um pouco diferente e começou a se manifestar já durante o período entre guerras (1920-1939). A primeira geração de arquitetos modernistas no Brasil já havia realizado diversas obras de grande significância, contribuindo para consolidar a arquitetura moderna nacional

(Ferreira; Oldini, 2019). Esse grupo de arquitetos havia desenvolvido um conjunto notável de projetos que reforçaram os alicerces da arquitetura moderna no país.

Nascimento (2015) descreve o modernismo no Brasil como um movimento amplo e intrincado, com suas primeiras manifestações ocorrendo entre os anos de 1912 e 1917, e atingindo seu ponto central em 1922 durante a Semana de Arte Moderna. Após esse evento, surgiram desdobramentos diversos ligados à Semana, incluindo publicações de revistas e manifestos vanguardistas que seguiram caminhos distintos. Uma das correntes mais relevantes dentro do movimento modernista é aquela inaugurada pelo Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, que ganhou destaque a partir de 1928 e ficou conhecida como o movimento da Antropofagia (Nascimento, 2015).

Segundo Segawa (2018), a modernidade reuniu várias correntes que ocorreram ao mesmo tempo dentro do modernismo. O autor adverte sobre o risco de interpretar esse movimento como uma única entidade e criar uma visão que abarque tudo, apagando as diferenças. Isso poderia exaltar as formas dominantes e ocultar a diversidade presente.

Na época dos anos 1920, o estado de Santa Catarina já tinha experimentado um crescimento industrial notável, especialmente visível nas áreas de colonização alemã no Vale do Itajaí e ao longo da costa de São Francisco do Sul, regiões que já haviam começado a se industrializar no final do século XIX (Teixeira, 2009).

Posto isso, Macdonald (2013) aponta que atualmente, várias autoridades em âmbito nacional e local estão incluindo edifícios e patrimônios do século XX em seus programas de preservação. No entanto, a autora acrescenta que em algumas partes do mundo, ainda existe hesitação em proteger elementos que não sejam os ícones mais reconhecíveis da era moderna. Críticas como "há muitos", "não gostamos disso" e "é complicado de lidar" são frequentes (Macdonald, 2013).

A ausência de estratégias eficazes (e subsequente legislação correspondente) para conservar essa produção da arquitetura moderna, por parte das autoridades de conservação do patrimônio em níveis federal, estadual e municipal, é evidente (Teixeira; Grad, 2011). Os mesmos autores ainda argumentam

que é possível perceber um certo desinteresse em relação a essas estruturas tanto por parte dos cidadãos, quanto de muitos arquitetos, que geralmente não enxergam esta arquitetura como possuidora de valor histórico, seja porque é relativamente recente ou porque não se destaca como criações excepcionais.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), realizou a proteção oficial de algumas construções do período moderno, entretanto essa ação ocorreu principalmente para os edifícios construídos entre a década de 1940 e o surgimento de Brasília (1957 a 1960). Teixeira, Grad e Munarim (2013) destacam que essa preocupação com a preservação se concentrou quase que exclusivamente nos exemplos associados ao modernismo do Rio de Janeiro. Isso se deve, em parte, à participação ativa de Lúcio Costa, que também serviu no Iphan. Essa situação realça a ausência de políticas sistemáticas de preservação (Teixeira; Grad; Munarim, 2013).

Também vale complementar este cenário com a criação da organização DOCOMOMO (Comitê Internacional para a documentação e a conservação dos edifícios, sítios e bairros do Movimento Moderno). A filial brasileira do DOCOMOMO foi estabelecida em 1992, quatro anos após a criação do DOCOMOMO International em Eindhoven, nos Países Baixos (Herbst; Peixoto; Paiva, 2022). Com o estabelecimento do DOCOMOMO, a existência da arquitetura moderna não é mais uma questão por si só, mas sim está inserida em um novo contexto que a reexamina, determinando critérios para sua preservação e continuidade (Pedrão, 2022).

No entanto, a legislação relacionada à preservação da arquitetura moderna sofre com insuficiência e ineficácia devido à mobilização limitada por parte dos órgãos de conservação do patrimônio (Teixeira; Grad; Munarim, 2013). Como resultado, a conservação dos poucos exemplos remanescentes é precária e rapidamente perde-se exemplares importantes não reconhecidos. Portanto, é crucial e urgente conservar e manter adequadamente essas obras, o que demandaria estratégias de preservação a serem adotadas de imediato. Como, por exemplo, a possibilidade de adaptação adequada das edificações para novos usos, garantiria que as mudanças não comprometessem suas características originais enquanto

atendessem às demandas modernas da cidade, afinal a arquitetura deve servir bem a comunidade para que seja valorizada. Contudo, para implementar essa medida, é fundamental reconhecer esses edifícios como patrimônio histórico e auxiliar na formação do apego emocional por parte da população.

É necessário apresentar aqui brevemente o contexto histórico e cultural da Austrália, uma vez que, em etapas posteriores desta tese, o país — representado pela cidade de Geelong — será retomado na análise. A compreensão desse percurso histórico, desde a colonização britânica até a consolidação de sua identidade própria e a consolidação da arquitetura moderna do século XX, permite situar os elementos que serão discutidos posteriormente no estudo.

A Austrália, antes uma série de colônias britânicas habitadas por aborígenes nativos, consolidou-se como uma nação em 1901, com a criação da Federação de estados (Goad, 2003). O termo Federação, neste contexto, significa o nascimento da Austrália como uma nação de estados federados, mantendo, desde então, a condição de domínio da Comunidade Britânica (Goad, 2003). A busca por uma cultura australiana própria resultou em duas reações importantes na arquitetura: a procura por uma fonte de inspiração para o desenvolvimento do país e a necessidade de escolher ou construir uma cidade capital. Embora a Austrália tenha alcançado a independência em 1942, o soberano da Inglaterra continuou a ser o chefe de estado formal. A história da Austrália como nação no século XX é intrinsecamente ligada à sua participação nas guerras mundiais (Goad, 2003; Johnson, 1980).

As primeiras manifestações da arquitetura moderna na Austrália ocorreram antes mesmo da Primeira Guerra Mundial (Goad, 2003). Em 1911, o projeto da nova capital, Canberra, foi concedido a arquitetos americanos, e a Biblioteca Pública de Melbourne viu a conclusão da maior cúpula de concreto armado do mundo na época (Goad, 2003). Esses avanços tecnológicos refletiam o desejo de ser moderna que já permeava a cultura australiana. Ao final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, a Austrália já tinha uma "amostra" do que o modernismo poderia significar, marcando o início da assimilação de novas ideias arquitetônicas no país (Goad, 2003; Johnson, 1980).

O período entre as guerras mundiais foi crucial para a introdução do modernismo europeu, que chegou por meio de viagens, exposições, publicações, migração e educação (Johnson, 1980). A Segunda Guerra Mundial, embora não tenha sido o ponto de partida do modernismo, catalisou a consolidação dessas ideias, e a atração pelo mercado australiano encorajou empresas de outros países a testar seus produtos no país (Johnson, 1980). Após a guerra, a Austrália experimentou a ascensão de arquitetos imigrantes, como Harry Seidler, que iniciou sua prática em 1948. Tanto Seidler quanto o arquiteto da Ópera de Sydney, Jørn Utzon, eram estrangeiros e acreditavam na supremacia do indivíduo para criar arquitetura, refletindo os traços e ideais de seus antecessores. A Ópera de Sydney, embora não seja um exemplo direto do modernismo inicial, representa um ponto culminante na arquitetura australiana, servindo como epílogo para a era de 1901 a 1951 (Johnson, 1980).

A assimilação da arquitetura moderna na Austrália resultou em uma "interação e infusão crítica de ideias", e não de um isolamento geográfico (Goad, 2003). Essa abordagem resultou em uma forte tradição de edifícios modernistas em tijolo, especialmente em projetos educacionais patrocinados pelo governo (Goad, 2003). O patrimônio construído do século XX passou a ser reconhecido como fundamental para o desenvolvimento da Austrália como nação (Macdonald, 2003). Nesse sentido, a Austrália ICOMOS, fundada em 1976, desempenhou um papel importante no desenvolvimento de uma abordagem filosófica e metodológica para a conservação, adaptando os debates internacionais sobre a preservação do patrimônio do século XX à realidade australiana (Macdonald, 2003).

Assim, ao considerar a arquitetura da modernidade do século XX no Brasil e na Austrália, observa-se que os processos históricos, sociais e culturais de cada país conformaram práticas e linguagens próprias, ainda que permeadas por influências globais. Este panorama geral se mostra essencial, pois o contexto do estudo centra-se em duas cidades específicas: Florianópolis, no Brasil, e Geelong, na Austrália. Nos subcapítulos seguintes, a investigação prosseguirá sob o enfoque da modernidade arquitetônica, iniciando com um panorama de cada cidade e de seus processos de transformação urbana, para então avançar à análise de uma obra representativa em cada localidade — o antigo Cine São José, em Florianópolis, e o antigo Prédio T&G, em Geelong. Dessa forma, busca-se compreender como os

princípios e tensões da arquitetura moderna do século XX se expressaram em contextos distintos, mas igualmente significativos.

2.6.1 O SÉCULO XX EM FLORIANÓPOLIS

Durante os anos de 1930, após a construção da Ponte Hercílio Luz, que conectou a ilha de Santa Catarina ao continente, e da Avenida Hercílio Luz na área central periférica, o processo de modernização de Florianópolis realmente ganhou impulso, consolidando-a como a capital de Santa Catarina (Teixeira *et al.*, 2014). A subsequente expansão em direção ao norte da ilha nos anos 1950 antecipou o desenvolvimento do turismo relacionado às praias, o que levou com que os terrenos próximos ao mar experimentassem um aumento significativo em seu valor. Esta valorização resultou na perda dos antigos ocupantes dessas terras, que não conseguiam mais usá-las para suas atividades agrícolas e pecuárias (Lohn, 2007).

Um acontecimento de grande importância para o desenvolvimento urbano ocorreu nos anos 1960, com criação da ampla Avenida Beira-Mar Norte ao longo da costa da Baía Norte, criada para tornar a área norte da Ilha mais acessível e valiosa, mas também para definir uma marca distintiva de modernidade para essa região residencial (Sugai, 1994). Essa intervenção viária buscou dar uma identidade única e contemporânea a esse setor da cidade e abriu caminho para a posterior instalação da universidade federal e da agência governamental responsável pelo processo de eletrificação do estado (Teixeira *et al.*, 2014).

Entre 1950 e 1970, Florianópolis passa por um processo de renovação urbana da área central, caracterizada pelo surgimento de prédios mais altos. Essa transformação contrastou com a morfologia urbana anterior, que tinha raízes na cultura luso-brasileira e com sua arquitetura tradicional, que geralmente era de pequeno porte e com uma estrutura horizontal (Teixeira *et al.*, 2014).

Castro (2002), na sua tese de doutorado, coloca a transformação das construções públicas em monumentos como exemplos representativos relevantes para a análise das conexões entre o poder e a representação, a linguagem moderna

e a identidade nacional. Argumenta ainda que elas se integraram a outras estruturas que introduziram na cidade funcionalidade, novas técnicas e espaços caracteristicamente modernos.

Essas outras formas arquitetônicas, criadas pela iniciativa privada - como hotéis, bancos e edifícios comerciais, residenciais, clubes sociais e cinemas - impulsionaram o crescimento vertical e a densificação do centro da cidade, enquanto disseminavam linguagens modernizantes, como o estilo Art Déco em diversos exemplos, ou incorporavam elementos da arquitetura funcional (Castro, 2002; Teixeira; Grad, 2011).

Na ocasião, a cidade não contava com arquitetos com formação modernista, e a responsabilidade pela produção arquitetônica estava nas mãos de profissionais mais experientes, como o arquiteto suíço Tom Wildi, e projetistas-construtores como Wolfgang Rau, também de origem suíça (Teixeira; Grad, 2011). Junto com diversos colaboradores, esses profissionais eram muito ativos na cena arquitetônica e, durante esse período, refletiam uma estética de purismo devido à sua formação e às particularidades da disseminação e recepção das ideias modernas de arquitetura no interior do Brasil, incluindo Florianópolis (Teixeira; Grad, 2011).

Castro (2002) destaca o edifício das Diretorias (Figura 3) como emblemático da modernização da década de 1950 em Florianópolis, inserindo-se na problemática nacional de identidade e representação de poder. Com projeto desenvolvido em 1953 e oficialmente aberto em 1961, este edifício ganha destaque na paisagem do centro histórico da cidade. O prédio incorpora vários elementos que fazem referência ao Ministério da Educação e Saúde (MES) no Rio de Janeiro, cuja construção icônica de 1945 é um modelo característico da arquitetura moderna no Brasil (Castro, 2002). O edifício faz uso de pilotis para expandir o espaço público da calçada, destacando a esquina através de uma cobertura saliente de forma fluida, que conecta de maneira harmoniosa o domínio público e o privado, além dos brises de concreto e janelas em fita que completam essa condição monumental e sua conformação diferenciada (Teixeira, 2009).

Figura 3 - Esquina Edifício das Diretorias, centro de Florianópolis- SC.



Fonte: Teixeira, *et al.*, 2019.

Outro aspecto da modernidade em Florianópolis foi a concretização da arquitetura social, a qual foi profundamente influenciada e definida por grupos específicos da sociedade, em locais como sedes de clubes sociais, espaços recreativos, instalações esportivas, cinemas, teatros e estádios, entre outros projetos que incentivavam a interação social.

Inaugurado em 1964, situado em um lote de esquina valorizado devido à curvatura da Rua Hercílio Luz, que segue em direção ao centro nesse ponto, surge um notável exemplo desse movimento em direção à modernidade, o Clube Doze de Agosto (Figura 4). O projeto do clube foi concebido em 1956 pelo escritório DECAR (Decoração e Arquitetura Pereira e Soares Ltda.), em colaboração com o engenheiro civil José Rui Soares Cabral, com o objetivo de otimizar a utilização do terreno, com um volume horizontal que cruzava com outro volume de forma verticalizada (Yunes, 2013).

Figura 4 - Sede principal do Clube 12 de agosto em Florianópolis, SC.



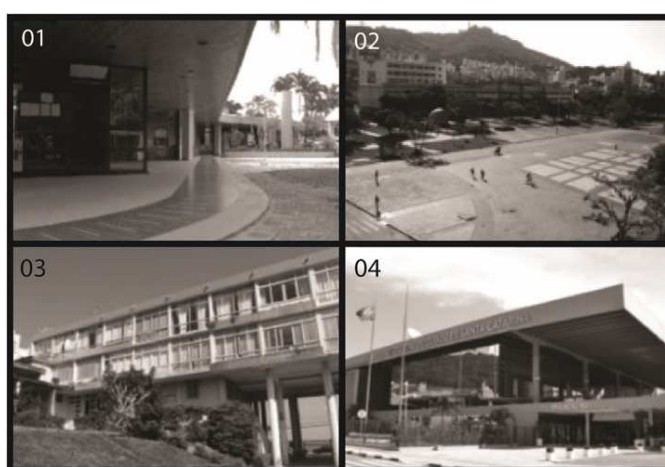
Fonte: <https://ndmais.com.br/noticias/memoria-de-florianopolis-doze-o-clube-social-mais-anti-go-do-estado/> . Acesso em: 30/08/2023.

O Clube Doze de Agosto marca sua entrada com um avanço do primeiro volume, criando uma marquise forte e ostentosa, sustentada por pilares robustos dispostos em forma de “V”. Esses pilares não apenas definem a estrutura do Clube, mas também influenciam o padrão das janelas, estabelecendo uma conexão visual entre a estética do Clube e o espaço comercial originalmente planejado para o térreo da construção. Yunes (2013) observa que entre os anos de 2006 e 2008, o Clube Doze passou por modificações internas e externas que alteraram parcialmente sua identidade original: a marquise, originalmente curvada e projetada para se projetar, foi significativamente substituída por uma plataforma reta, sustentada por dois pilares circulares.

A partir desse contexto mais amplo, Teixeira *et al.* (2014) identificam certas obras significativas (Figura 5) que exemplificam a visão do movimento modernista nacional nessa região: o Lagoa late Clube (1969) e o projeto de urbanização do balneário Jurerê por Oscar Niemeyer (1957); os planos paisagísticos de Burle Marx

para a área de aterro na Baía Sul e a Praça da Cidadania próxima à reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina (1970); o edifício Normandie (1959), concebido por Roberto Félix Veronese; a lamentavelmente destruída Residência Zipser (1956) e o Palácio Santa Catarina (1967) projetados por Hans Broos; a Biblioteca Pública (1988) e as passarelas de Lelé (João Filgueiras Lima); e a Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (1964) projetada por Pedro Paulo de Melo Saraiva, Paulo Mendes da Rocha e Alfredo Paesani.

Figura 5- 01- Lagoa late Clube, 02- Praça da Cidadania, 03-Edifício Normandie e 04- Assembleia Legislativa do Estado.



Fonte: (Teixeira, Luiz Eduardo Fontoura e Yunes, Gilberto Sarkis, 2016)

Teixeira (2009) já demonstrava na sua tese que, em uma perspectiva mais abrangente, a expressão da modernidade se manifestou primeiramente por meio de arquiteturas como as influenciadas pelo estilo Art Déco, opções de Neocolonial (especialmente com influência não erudita) e outras que seguiam uma abordagem de Racionalismo Clássico. Segundo Pimenta, Teixeira e Pereira (2020), dentro desse contexto arquitetônico, o Neocolonial seguia uma abordagem adotada pela modernidade que se apresentou como um símbolo de modernização conservadora, representando um paradoxo inerente à transformação do estado e suas instituições. Esse paradoxo reside na contradição de buscar a modernidade técnica enquanto se recorria a formas de composição que fazem referência ao passado colonial e à estrutura social, algo que ocorreu durante o processo de remodelação e expansão urbana.

Na capital catarinense, à medida que as camadas populares eram deslocadas devido à renovação urbana e buscavam moradia nas regiões mais periféricas, a classe média e as classes mais privilegiadas estavam ocupando os novos loteamentos que emergiam nas áreas intersticiais do centro da cidade, erguendo suas imponentes residências (Pimenta; Teixeira; Pereira , 2020).

Existe hoje, uma falta de reconhecimento tanto do valor histórico quanto do mérito construtivo e estético, apontado por Teixeira e Grad (2011), que deixa evidente de certa maneira a existência de um viés discriminatório em relação a essas formas arquitetônicas. No contexto de Florianópolis, essas construções representam a chegada de uma nova era moderna à capital de um estado interiorano. Esta cidade possui uma morfologia única, com sua parte central situada em uma ilha, e tem uma presença econômica e produtiva relativamente limitada. No entanto, de uma maneira particular, ela também foi agraciada com a modernidade (Teixeira; Grad, 2011).

2.6.2 Objeto de estudo no Brasil – Cine São José

O objeto de estudo escolhido para representar uma vertente da modernidade de Florianópolis, que é pouco reconhecida, é o Antigo Cine São José, localizado no centro fundacional da cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina, no sul do Brasil. A inauguração do cinema em 1954 unia uma atividade urbana moderna com uma arquitetura inovadora, que representaria uma promessa de modernidade para a cidade, marcando um avanço em direção a um ambiente mais contemporâneo (Teixeira, 2009). É importante saber, para entender a importância desta obra na época, que o papel dos cinemas, além de terem sido um meio de entretenimento, segundo Teixeira (2009) também serviam como fonte de informações, transmitidas por meio dos cinejornais. Com o tempo, os cinemas se tornaram pontos de encontro social extremamente significativos na época.

No mapa a seguir (Figura 6) é possível observar a grande quantidade de cinemas que coexistiam na época, que segundo Munarim (2009) serviram como palco para diversos outros eventos sociais, incluindo a realização de apresentações

de orquestras, peças teatrais e cerimônias de formatura das escolas mais proeminentes da região. O autor destaca ainda que esses cinemas trouxeram novas oportunidades para a vida urbana: enquanto clubes e outras associações recreativas tinham restrições de acesso baseadas em classes sociais ou raça, os cinemas eram frequentados por qualquer cidadão. Era comum que antes dos bailes realizados em clubes, que eram restritos a sócios e convidados, as orquestras e bandas fizessem apresentações em algum cinema da cidade, abertas ao público em geral (Munarim, 2009).

Figura 6- Mapa dos cinemas antigos da cidade de Florianópolis.



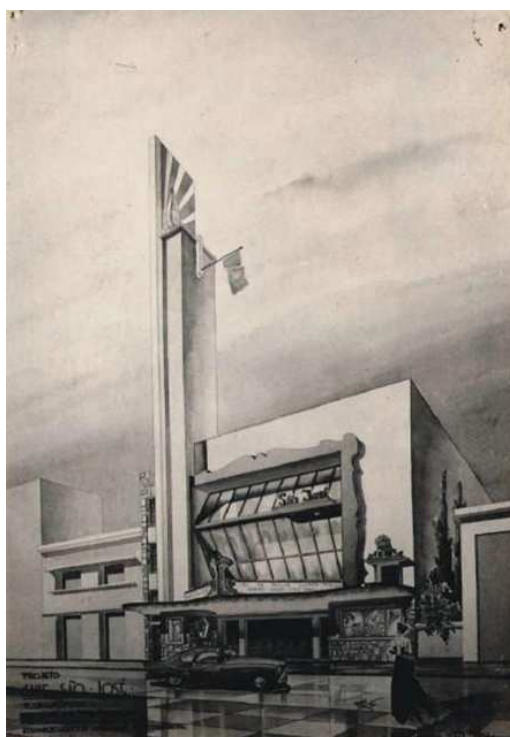
Fonte: (Munarim, 2009) adaptado pela autora

Figura 7- Anúncio publicitário da inauguração do Cine São José em Florianópolis.



Fonte: (Teixeira, 2009)

Figura 8 - Perspectiva do projeto do Cine São José, feita por Wolfgang Ludwig Rau.



Fonte: (Teixeira, 2009)

Meses antes, o jornal O Estado já antecipava a tão esperada abertura do Cine São José (Figura 7), que foi construído pela empresa Moellmann & Rau, com o projeto arquitetônico sob a responsabilidade de Wolfgang Rau e a supervisão das obras conduzida pelo Engenheiro José da Costa Moellmann (Teixeira, 2009). O empreendimento foi liderado pelo empresário Jorge Daux, que tinha vínculos com a indústria cinematográfica em todo o estado de Santa Catarina. A inauguração teve um impacto significativo na cidade, sendo transmitida ao vivo pela Rádio Guarujá e abençoada pelo Bispo D. Jaime Câmara, marcando de maneira impressionante o início das atividades desse cinema (Teixeira, 2009).

O projetista-construtor Wolfgang Ludwig Rau (Figura 9), responsável pelo projeto do Cine São José, filho do arquiteto suíço Ludwig Rau, completou sua formação na Escola Politécnica da Suíça e realizou parte de sua graduação em engenharia na Faculdade de Engenharia do Paraná, em Curitiba. Wolfgang Rau teve um papel ativo na transformação do estado através do processo de modernização, participando de várias obras modernas tanto no setor privado quanto no público. Além dos cinemas, projetou clubes sociais e edifícios públicos, corporativos e residenciais que se espalharam por toda Santa Catarina (Teixeira, 2009).

Figura 9- Carteira de habilitação profissional (CREA) do Wolfgang Ludwig Rau.

TS/

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA DA 8.ª REGIÃO
RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA

LICENÇA PRECÁRIA N.º 264-LP.
Registro no C. R. E. A. N.º 6355

Nome WOLFGANG LUDWIG RAU
Nacionalidade Brasileiro naturalizado
Naturalidade Alemanha
Nascido em 3 de fevereiro de 1916

TÍTULO DE HABILITAÇÃO - É o presente, que precariamente autoriza a exercer no MUNICÍPIO de Lages, ESTADO de Santa Catarina, as funções de Projetista a título precário com limite para Projetar.

enquanto no referido Município não houver profissional habilitado na forma do Dec. Federal N.º 23564 de 1933

ASSINATURA DO PROFISSIONAL
Wolfgang Ludwig Rau
Porto Alegre, 9 de setembro de 1957.
Adalberto
PRESIDENTE DO C. R. E. A.

OBSERVAÇÃO: - Esta licença poderá ser cassada a qualquer momento, a juízo do C. R. E. A. e deverá ser renovada anualmente.

Não é válido o retrato sem o carimbo do Conselho e a rubrica do Presidente.

Polgar direita

Fonte: (Teixeira, 2009)

Ráu estabeleceu uma colaboração bem-sucedida com Franklin Cascaes, um ilustre historiador, pesquisador, artista plástico e estudioso do folclore da ilha. Este desempenhou um papel fundamental na criação da "cenografia" para a plateia do Cine São José, aplicando relevos em gesso (Figura 10) nas paredes laterais do cinema (florões) (Munarim, 2009; Teixeira, 2009). Os espaços internos, incluíam também, no saguão de entrada, uma impressionante luminária centralizada no teto (Figura 11), o espaço desempenhava o papel de palco para encontros sociais, e contava ainda com um imponente mezanino com guarda corpo também contemplado pela arte de Franklin Cascaes (Figura 12), com mais espaço para plateia, completando os mais de 600 lugares, o que elevava o cinema ao lugar de maior cinema da cidade na época (Teixeira, 2009).

Figura 10 - Elementos decorativos nas paredes laterais do cinema.



Fonte: Acervo Dr. Levy Rau, 2023 coletado pela arq. Maira Cruz Bemerguy

Figura 11- Luminária central da plateia inferior



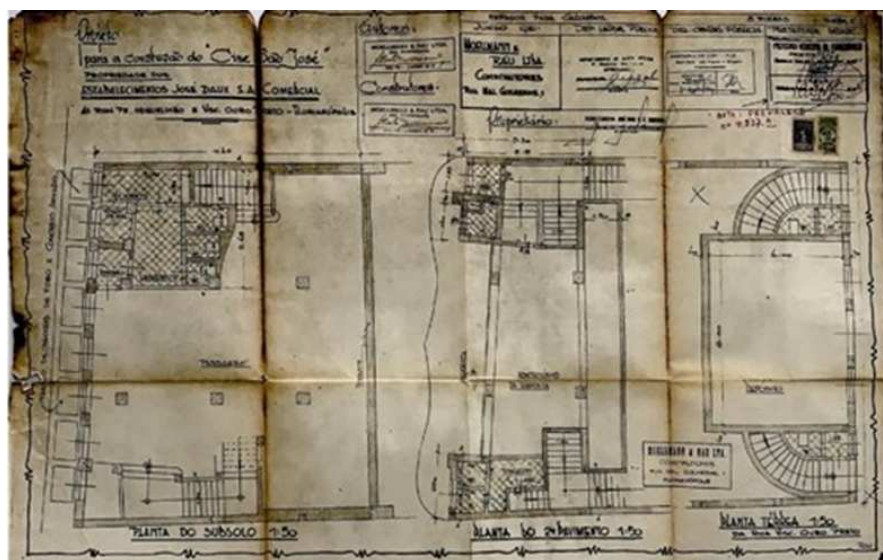
Fonte: (Teixeira, 2009)

Figura 12 - Mural feito por Franklin Cascaes no guarda corpo do mezanino



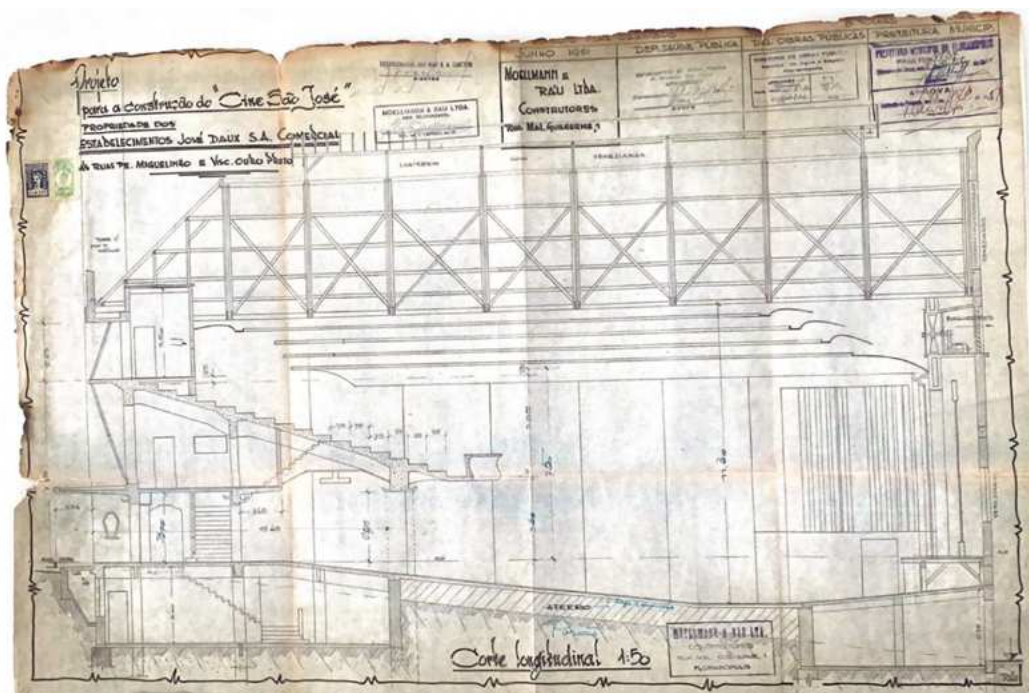
Fonte: Acervo IPHAN, 2007.

Figura 13 - Pranchas das plantas baixas do projeto original do Cine São José



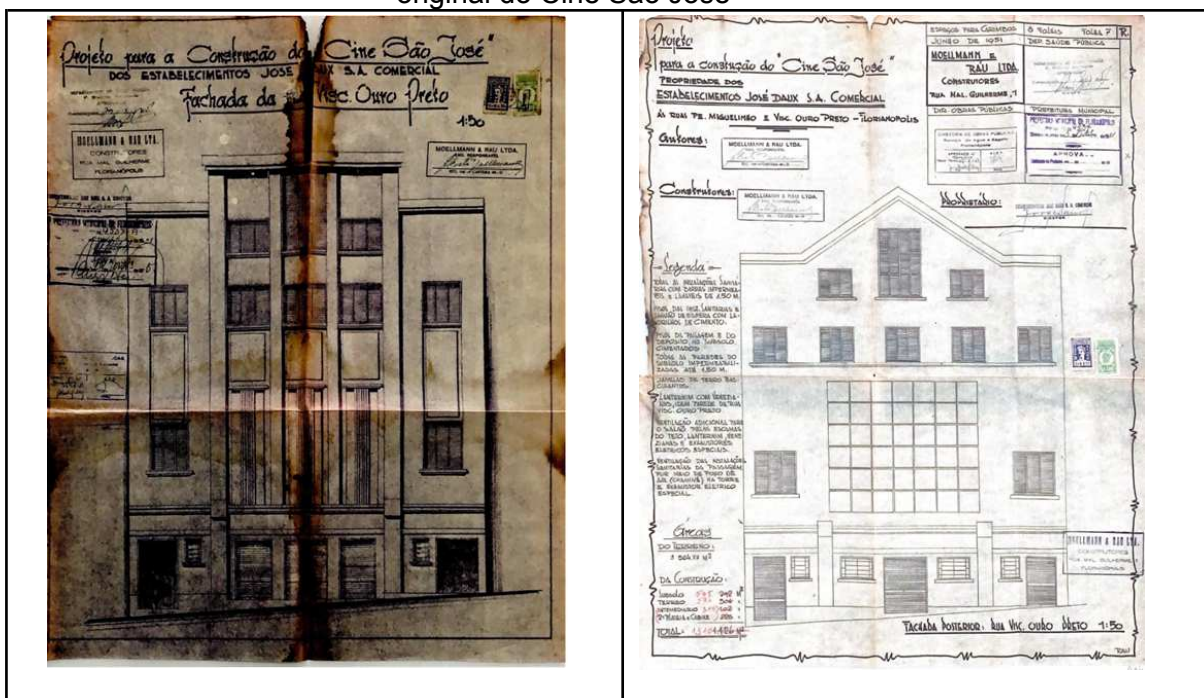
Fonte: encontrado pela autora no Arquivo da SMDU - Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano, 2022.

Figura 14 - Prancha do corte longitudinal do projeto original do Cine São José.



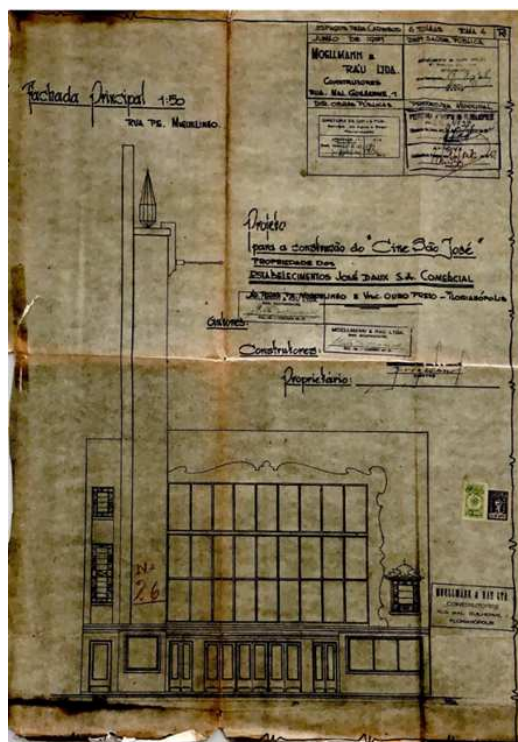
Fonte: encontrado pela autora no Arquivo da SMDU - Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano, 2022.

Figura 15 - Prancha das duas opções da fachada da Rua dos Ilhéus do projeto original do Cine São José



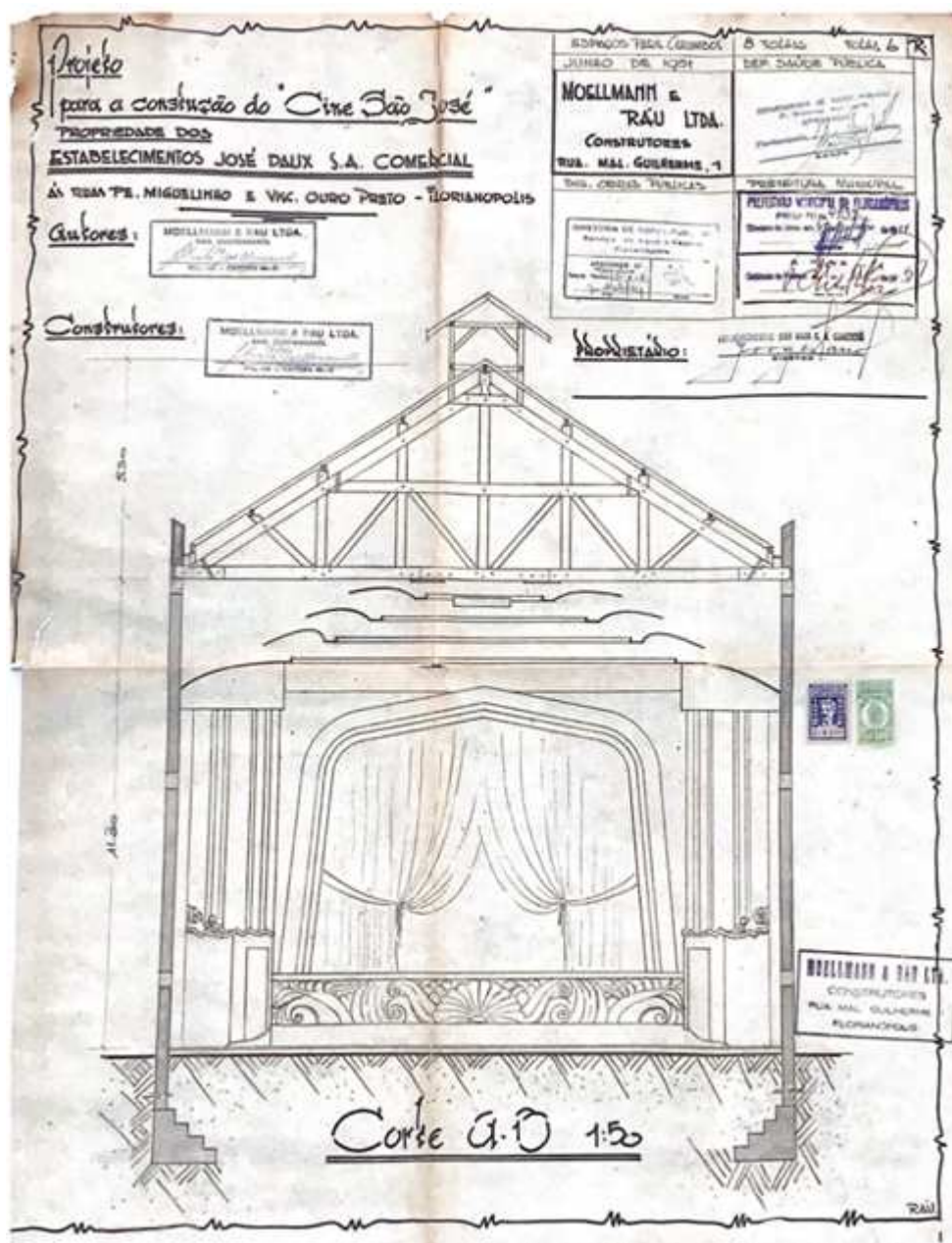
Fonte: encontrado pela autora no Arquivo da SMDU - Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano, 2022.

Figura 16 - Prancha da Fachada rua Padre Miguelinho do projeto original do Cine São José.



Fonte: encontrado pela autora no Arquivo da SMDU - Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano, 2022.

Figura 17 - Prancha do corte com vista para o palco do projeto original do Cine São José



Fonte: encontrado pela autora no Arquivo da SMDU - Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano, 2022.

No desenho deste cinema, um modesto vestíbulo serve como elo entre o ambiente externo e o interno, desempenhando ainda a função de acomodar filas na bilheteria nos dias de grande público. A entrada era definida por amplas portas de

vidro, que abriam a vista para o interior. Essa abordagem mais translúcida em relação à rua é uma característica notável dos novos cinemas seguindo o estilo Art Déco (Munarim, 2009). A edificação possui ainda uma fachada principal na Rua Padre Miguelinho (Figura 16), bem como uma fachada aos fundos com uma estética notavelmente distinta e maior altura, devido a um desnível que permitiu a inclusão de um andar adicional no subsolo, acessível pela Rua dos Ilhéus (Figura 15). O interior do Cine São José era iluminado de maneira indireta, outro traço característico do seu estilo, e sua atmosfera alegórica era formada por ornamentações e revestimentos decorativos.

Figura 18 - Foto Fachada principal do Cine São José a esquerda e Fachada fundos a direita.



Fonte: Autoria própria, 2023

Embora não possua uma designação de tombamento individual, o cinema está situado dentro de uma Área de Preservação Cultural (APC), delimitada pela Gerência de Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Natural do Serviço de Patrimônio Histórico do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis

(SEPHAN/IPUF), como uma Área P2. Essa classificação implica que as edificações dentro desta área são preservadas externamente, com foco nas fachadas e coberturas. Na fachada principal, já não conseguimos mais reconhecer a bilheteria e nem a entrada convidativa com portas envidraçadas, também os vidros inclinados foram substituídos por modelos aprumados que supostamente dariam menos problemas de infiltrações.

Logo no período de declínio dos cinemas de rua, o Cine, depois de um tempo fechado, foi alugado primeiramente para uma igreja evangélica que se desfez dos lustres originais, das poltronas e dos ornamentos florais nas paredes laterais da plateia. Posteriormente, para outra igreja, agora neopentecostal, que fez também diversas adaptações, entre elas o cobrimento do tão prestigiado mural de Franklin Cascaes e o nivelamento do piso da plateia, que originalmente era inclinada favorecendo a acústica e dando um ar mais teatral para o ambiente que hoje está completamente plano, por conta de um tablado de madeira construído com este fim.

O antigo Cine São José enfrentou descaracterizações consideráveis, especialmente internas, devido à dificuldade de manutenção e à adaptação parcial de sua função original para acomodar novos usos, resultando em mudanças que entraram em conflito com sua concepção inicial. A ausência de medidas de preservação patrimonial individual para o cinema, levou a todas as descaracterizações de muitos elementos que representavam a modernidade da época, contribuindo para a perda da identidade do Cine São José.

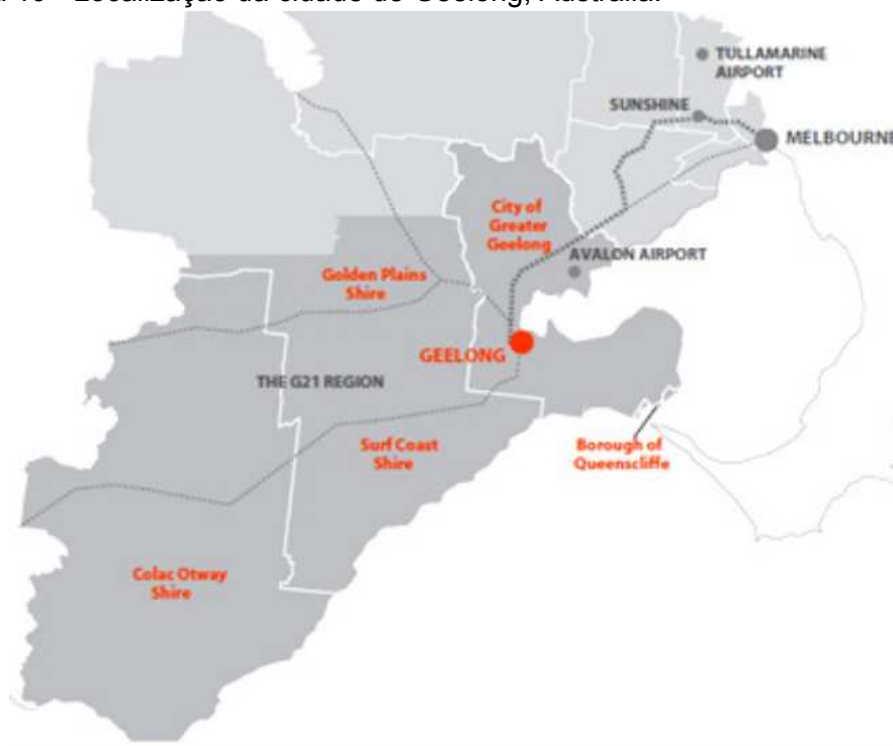
Este exemplar fez parte da história de muitos encontros da juventude de pessoas que ainda podemos encontrar nos cafés nos arredores do antigo cinema. Esta é uma característica da arquitetura da modernidade, tem uma história que parece tão recente, que quando a comunidade se der conta de sua importância, já terá sido demolida ou completamente descaracterizada. Ainda podemos muitas vezes conversar com seus projetistas, ou ao menos com seus filhos e ainda conseguimos resgatar as histórias de pessoas que frequentaram o lugar no auge da sua popularidade. É por isso que se faz necessário recorrer a estratégias de sensibilização da comunidade com relação a estas arquiteturas para que possamos

contar ainda com vestígios do passado na construção de um presente rico em identidade e valor afetivo em todas as suas dimensões.

2.6.3 ARQUITETURA DO SÉCULO XX EM GEELONG

A cidade de Geelong está localizada no estado de Victoria, Austrália, a cerca de 75 quilômetros a sudoeste da capital do estado, Melbourne (figura 19). Foi oficialmente proclamada cidade em 1838 e foi um dos primeiros assentamentos europeus do estado. Neste período, enquanto se consolidava como um importante porto vitoriano, a Austrália ainda era composta por colônias independentes, cada uma cobrando tarifas alfandegárias tanto sobre produtos importados quanto sobre mercadorias que circulavam entre elas. Durante alguns anos, todos os processos alfandegários precisavam ser realizados em Williamstown, no subúrbio de Melbourne, o que obrigava os navios com destino a Geelong a navegar primeiro para o norte, registrar a carga na alfândega, e só então retornar para descarregar os produtos em Geelong (Elkadi, 2020). Algum tempo depois, em 1901, houve a cerimônia de Proclamação da Comunidade da Austrália, transformando o país em uma monarquia constitucional federal sob uma democracia parlamentar, tendo no Rei Charles III (rei da Inglaterra) seu chefe do estado, com poderes limitados pela constituição.

Figura 19 - Localização da cidade de Geelong, Austrália.



Fonte: Elkadi, 2020.

Reconhecida como a segunda maior cidade do estado, Geelong é a porta de entrada para a famosa costa de *Surf Coast* (Elkadi, 2020). O desenvolvimento inicial de Geelong foi impulsionado pela indústria de lã, com a construção de grandes armazéns (Exemplo: Edifício esquina da Moorabool St com Brougham St, hoje estabelecimento comercial de lojas – figura 20) e a consolidação do porto como um ponto crucial para as exportações (Lozanovska; Nakai Kidd, 2020). Com o tempo, tornou-se um importante centro comercial e industrial com uma variedade de indústrias que dominava a região. Além da já citada fabricação de lã, havia indústria de papel e, mais tarde, a produção de automóveis Ford (Elkadi, 2020). Essa origem industrial moldou a paisagem e a arquitetura da cidade desde o século XIX.

Figura 20 - Edifício esquina da Moorabool St com Brougham St, hoje estabelecimento comercial de lojas



Fonte: imagem extraída do software Google Streetview, 30/08/2025.

A consolidação desta arquitetura se deu a partir da transição de uma cidade industrial próspera para uma economia pós-industrial e a expansão urbana da cidade foi impulsionada por seu crescimento econômico (Lozanovska; Nakai Kidd, 2020). O início do século ainda carregava a herança arquitetônica vitoriana e eduardiana (Rashid *et al.*, 2021). No entanto, o modernismo europeu e americano começou a influenciar a Austrália já no período entre as guerras mundiais, disseminado por meio de viagens, publicações, migração e educação (Goad, 2003; Johnson, 2002). A paisagem urbana, inicialmente moldada pela arquitetura do século XIX, começou a se transformar com a introdução de novos estilos e tecnologias e as mudanças na arquitetura foram um reflexo direto deste desenvolvimento industrial e demográfico, que exigiu novas tipologias de edifícios, tanto residenciais quanto comerciais e industriais.

Pode-se observar, portanto, que a arquitetura modernista em Geelong, assim como no resto da Austrália, não foi um resultado de isolamento geográfico, mas sim de uma assimilação de ideias que resultou em uma forte tradição de edifícios modernistas construídos em tijolo (Goad, 2003), como o antigo Hotel Carlton na rua Malop (Figura 21). A consolidação do modernismo no país foi influenciada por uma "mistura crítica" de abordagens (Goad, 2003). No contexto nacional, arquitetos imigrantes contribuíram para a assimilação de novas ideias como, por exemplo, o austríaco Harry Seidler (Figura 22), que iniciou sua prática na Austrália em 1948 e o dinamarquês Jørn Utzon que ganhou fama com o projeto vencedor de um concurso

para um local para óperas e concertos sinfônicos em Sidney, chamado Ópera de Sydney construída em 1973 (Figura 23) (Johnson, 2002). Entretanto, em um contexto local de Geelong, as transformações econômicas e a mudança da indústria pesada para a economia de serviços no final do século XX deixaram muitos edifícios industriais e comerciais desocupados, um fenômeno que ficou conhecido como "Vacant Geelong" (Elkadi, 2020; Lozanovska; Nakai Kidd, 2020).

Figura 21 - Antigo Hotel Carlton, 1937.



Fonte: imagem extraída do software Google Streetview, 30/08/2025.

Figura 22 - Rose Seidler House, residência tombada como patrimônio histórico e agora um museu em Sydney.



Fonte: <https://mhnsu.au/visit-us/rose-seidler-house/> . Acesso: 30 agosto de 2025.

Figura 23 - Ópera de Sidney.

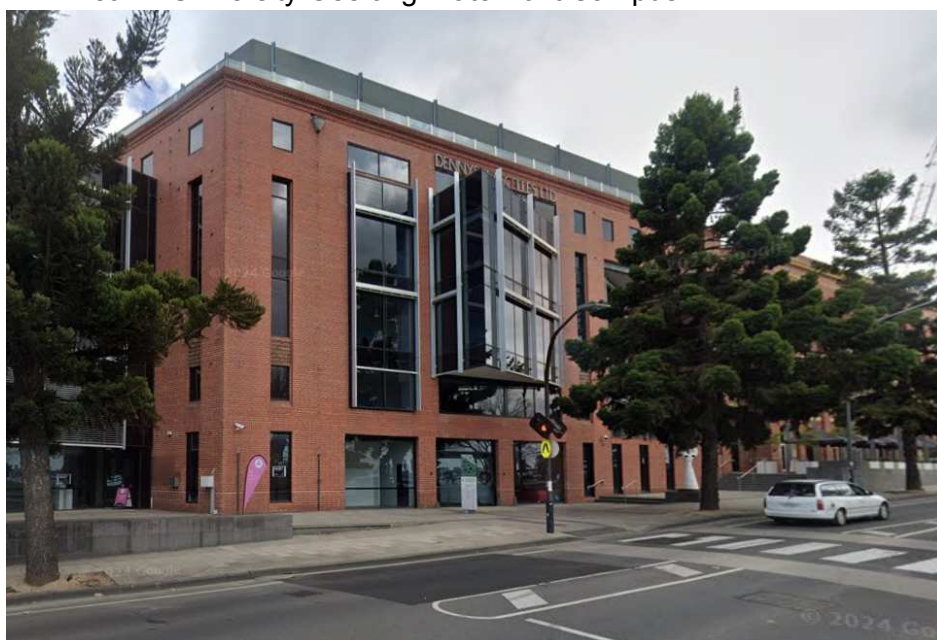


Fonte:

<https://www.archdaily.com.br/br/784303/classicos-da-arquitetura-pera-de-sydney-jorn-utzon> . Acesso: 30 agosto de 2025.

A arquitetura do século XX na cidade precisou, então, enfrentar o desafio de redefinir sua identidade em um mundo globalizado (Lozanovska; Nakai Kidd, 2020). As discussões sobre a reativação de edifícios industriais abandonados se tornaram centrais para a renovação urbana, com a arquitetura servindo como uma ferramenta para a regeneração da cidade (Elkadi, 2020). A reutilização de edifícios industriais representa uma abordagem sustentável e criativa, preservando a história da cidade ao mesmo tempo que se adapta a novas necessidades (Lozanovska; Nakai Kidd, 2020), como por exemplo o edifício onde hoje se encontra o curso de arquitetura da Deakin University Geelong Waterfront Campus (Figura 24).

Figura 24 - Deakin University Geelong Waterfront Campus



Fonte: imagem extraída do software Google Streetview, 30/08/2025.

Os esforços de conservação da arquitetura moderna em Geelong, assim como em toda a Austrália, são guiados por uma abordagem filosófica e metodológica pragmática (Macdonald, 2023). A Austrália ICOMOS, fundada em 1976, desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento dessa abordagem, adaptando os debates internacionais sobre a conservação do patrimônio do século XX à realidade australiana (Macdonald, 2023). A preservação da arquitetura moderna é vista como crucial porque o patrimônio construído do século XX é reconhecido como fundamental para o desenvolvimento da nação (Macdonald, 2023).

Um exemplo notável da conservação do patrimônio industrial em Geelong é o Armazém de Lã Denny Lascelles, construído para a Charles John Dennys and Company, corretora de lã, em um local estratégico próximo à orla. O arquiteto Jacob Pitman projetou o armazém original, clássico e conservador, de três andares, e supervisionou a construção do porão (figura 25) (Rashid *et al.*, 2021). Esse edifício é um dos maiores e mais significativos do tipo no mundo e tem sido objeto de projetos para a sua preservação e reinterpretação (Rashid *et al.*, 2021). A atenção a esses edifícios industriais mostra a valorização não apenas da arquitetura moderna mais reconhecida, mas também de um patrimônio funcional e vernacular que conta a história da cidade.

Figura 25 - Denny Lascelles Woolstore - Área Histórica de Geelong Woolstores.



Fonte: imagem extraída do software Google Streetview, 30/08/2025.

Além dos edifícios industriais, a arquitetura modernista em Geelong apresenta uma paisagem rica e variada, onde diferentes estilos coexistem (Dowling, 2017). As influências arquitetônicas vão desde o modernismo internacional (exemplo: Antigo tribunal de Geelong e escritórios públicos de 1938, figura 26) até o brutalismo (exemplo: Escritórios do governo de Geelong de 1978, Figura 27) e o pós-modernismo (Dowling, 2017). O contraste entre a arquitetura histórica do século XIX e as construções modernas é uma característica marcante do tecido urbano da cidade (Dowling, 2017).

Figura 26 - Antigo Tribunal de Geelong e escritórios públicos, 1938.



Fonte: imagem extraída do software Google Streetview, 30/08/2025.

Figura 27 - Escritórios do governo de Geelong, 1979.



Fonte: imagem extraída do software Google Streetview, 30/08/2025.

Atualmente, Geelong passou de seu caráter industrial para uma região de alta tecnologia, com instalações educacionais e de saúde. Tornou-se um centro para diversas iniciativas de pesquisa, incluindo epidemiologia, tecnologia genética, nanotecnologia e tecnologia de fibras, que se tornaram importantes forças econômicas (Elkadi, 2020). O Distrito Comercial Central (CBD – Figura 28) de Geelong combina uma variedade de opções de compras, oportunidades de

investimento, instalações de saúde e educação, bem como ativos culturais como o Centro de Artes Cênicas, galerias, museus e jardins botânicos (Elkadi, 2020).

Figura 28 - Distrito Comercial Central de Geelong.



Fonte: Elkadi, 2020

A regeneração urbana em Geelong também se deu por meio de modelos participativos, que envolvem a comunidade nos processos de planejamento (Elkadi, 2020). Essa abordagem, que se consolidou nas últimas décadas do século XX, permitiu que a arquitetura e o planejamento urbano respondessem melhor às necessidades e aspirações da população, garantindo que os novos projetos se integrassem bem à paisagem (Elkadi, 2020).

A transição da cidade e a sua revalorização arquitetônica são exemplificadas por edifícios que marcaram a paisagem urbana (Lozanovska; Nakai Kidd, 2020). A arquitetura moderna em Geelong, portanto, é um testemunho da evolução de uma cidade que soube se reinventar, valorizando tanto seu passado histórico quanto a sua projeção de futuro (Elkadi, 2020; Lozanovska; Nakai Kidd, 2020). Essa história da arquitetura do século XX em Geelong inclui edifícios comerciais notáveis que refletem a mudança de uma economia industrial para uma economia de serviços, como o T&G Building, um ponto de referência icônico na paisagem urbana da cidade, usado como objeto de estudo para esta tese e detalhado no próximo subcapítulo.

2.6.4 Objeto de estudo na Austrália – T&G

O objeto de estudo escolhido para representar uma vertente da modernidade na cidade de Geelong na Austrália é tombado pelo órgão de proteção ao Patrimônio Histórico local, o Edifício T&G (Figura 29), localizado na esquina das ruas Moorabool e Ryrie, estado de Victoria, no sudeste da Austrália. Segundo Rowe (2021), este edifício fez parte de um setor importante para a economia da cidade, o setor de seguros, que juntamente com o setor industrial, comercial, financeiro, jurídico e de hospitalidade moldaram a evolução e o desenvolvimento da região, desde a colonização europeia.

Figura 29 - Edifício T&G a esquerda e à direita as estátuas de pai e filho fazendeiros saindo da torre do relógio.



Fonte: Acervo próprio, 2024

Rowe (2021) esclarece que a prestação de serviços no ramo de seguros foi um pilar fundamental para o desenvolvimento econômico de Geelong, estabelecendo a confiança necessária para a expansão de negócios, empreendimentos agrícolas e a construção de edifícios na cidade. Desde o estabelecimento da Companhia de Seguros Marítimos e Contra Incêndios do Distrito de Geelong e Ocidental em 1851, o setor cresceu exponencialmente, com o número de companhias de seguros aumentando de oito em 1854 para 22 em 1882-83. A relevância desse setor se manifestou concretamente na paisagem urbana, com a

construção de grandes edifícios dedicados às companhias de seguros no centro de Geelong, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, demonstrando a contínua confiança na expansão dos negócios e na solidez da cidade (Rowe, 2021).

A Austrália desempenhou um papel importante nas duas Guerras Mundiais, enviando tropas e recursos ao lado do Reino Unido. No período entre as guerras, o país enfrentou instabilidade política e a Grande Depressão e foi neste contexto que se ergueu o Edifício T&G em 1934, um pouco antes da Segunda Guerra Mundial em 1939. O edifício T&G é composto por um andar comercial no subsolo, um andar comercial no térreo, três andares de escritórios onde funcionou a seguradora, um apartamento na cobertura e a torre do relógio com os bonecos (pai e filho).

A história do edifício T&G em Geelong reflete o crescimento da Temperance and General Mutual Life Assurance Society (T&G), uma das maiores companhias de seguros da Austrália e Nova Zelândia, fundada em 1876 por J.T. Thompson (até 1976). A presença da empresa em Geelong começou com o recrutamento de agentes em 1901, o que levou à abertura de um escritório na Moorabool Street em 1911. A expansão do negócio de seguros na cidade, que visava instigar a confiança na economia local, culminou na substituição da estrutura original de dois andares por um prédio maior. Em 1919, o arquiteto W.H. Cleverden projetou um escritório inicial de dois andares, que foi substituído em 1934 pela atual estrutura (Edifício T&G) de quatro andares projetado pelos arquitetos de Melbourne A. e K. Henderson (Rowe, 2021).

Rowe (2002) no seu Plano de Gestão de Conservação, volume 1, encomendado pela Purchase 4 Investment Group Pty Ltd. Authentic Heritage Services Pty afirma que o edifício é um exemplar do estilo modernista renascentista com influências Art Déco. No mesmo documento o autor explica que a construção utilizou uma estrutura de aço com pisos de concreto armado e paredes de tijolo e terracota. A característica mais icônica do edifício é sua torre do relógio, que rivalizava em escala com outros prédios de seguros da cidade e era uma linguagem arquitetônica que se observa repetir nos outros exemplares da mesma empresa, como por exemplo o Edifício da T&G de Hobart (figura 30) e Newcastle (figura 31). Além de sua função prática, a torre se destacou por suas estatuetas de bronze

fundido em tamanho real mecanizadas que se moviam a cada hora conhecidas como "Papai e Dave" (figura 32), que representam um pai transferindo a responsabilidade ao filho para continuar um bom trabalho, simbolizando a transferência de um negócio ou empreendimento familiar, tornando-se um marco urbano. O edifício em Geelong foi parte de uma série de construções comerciais encomendadas pela T&G entre as décadas de 1920 e 1930 em diversas cidades da Austrália e Nova Zelândia, consolidando a identidade arquitetônica da empresa (Rowe, 2021).

Figura 30 - Edifício T&G, cidade de Hobart, estado da Tasmânia, na Austrália.



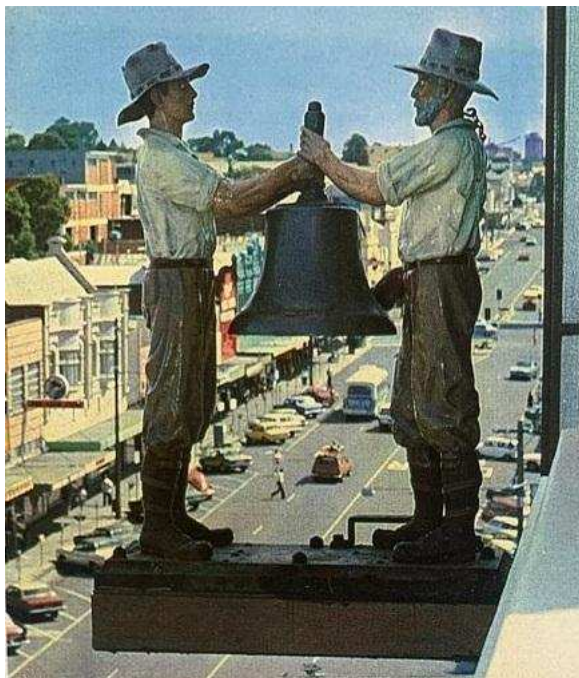
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/64210496@N02/38179280106> . Acesso em: 06/09/2025.

Figura 31 - Edifício T&G na cidade de Newcastle, estado de New South Wales, Austrália.



Fonte: <https://marsbuilding.com.au/projects/tg-building/> Acesso em: 06/09/2025.

Figura 32 - estatuetas mecanizadas do Edifício T&G de Geelong.

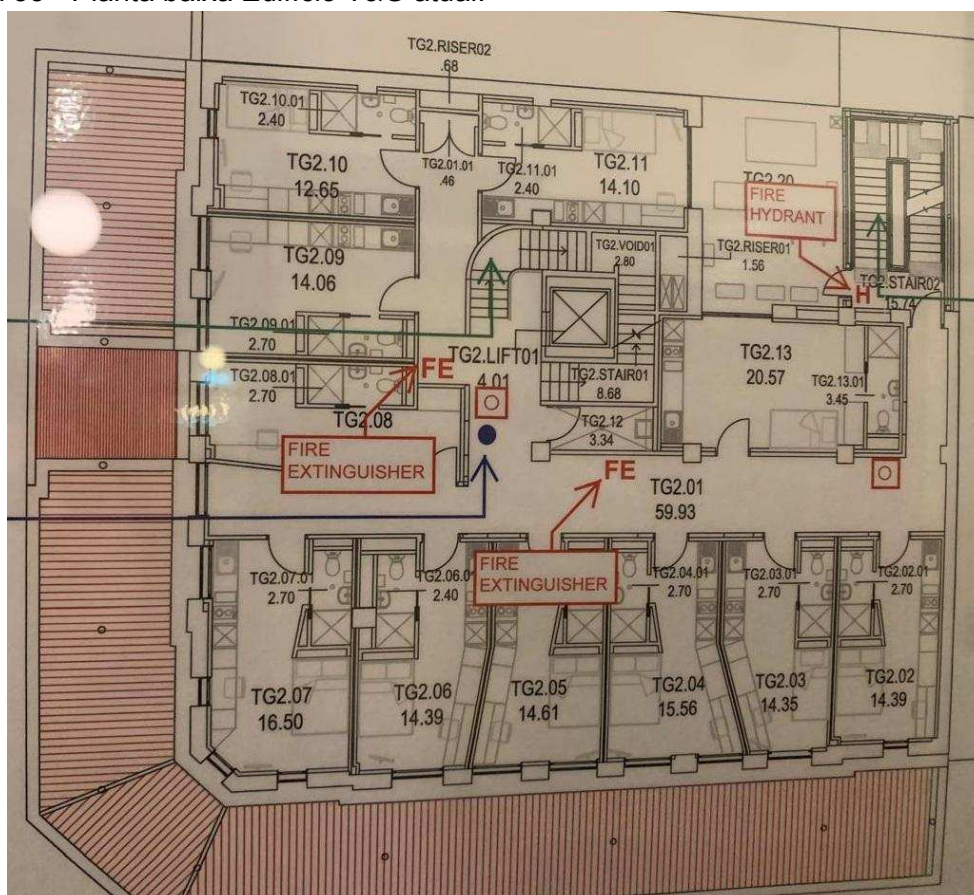


Fonte: TROWER, 1982.

Conforme retratado no Plano de Conservação de Rowe (2002), em meados da década de 1990, o prédio estava em ruínas, o relógio não era mais confiável. Grande parte do térreo estava vazia em 2012, quando o prédio foi comprado e restaurado por Dean Montgomery e seu irmão. Em meados de 2014, foi comprado pela Universidade Deakin para uso como acomodação estudantil, função que permanece até os dias atuais. A conversão do edifício em 33 apartamentos estúdio e áreas comuns foi encomendada ao Studio 101 Architects em Geelong e construída pela Nicholson Construction.

Rowe (2002) descreve bem a planta original do edifício em um subsolo amplamente aberto, nível térreo com corredor e hall central, antiga câmara alterada (posteriormente café) e escada, e primeiro, segundo e terceiro andares com halls e corredores centrais formando plantas em U, dos quais se encontram o elevador, escadas, banheiros e espaços de escritório. Existe originalmente um apartamento na cobertura, enquanto a torre do relógio acomoda os mecanismos do relógio, sino e estatuetas. Atualmente, é possível observar as mudanças na planta baixa para adaptação dos apartamentos (Figura 33), mas também escadas e pisos originais bem conservados (Figura 34).

Figura 33 - Planta baixa Edifício T&G atual.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 34 - Escadas e pisos originais bem conservados.



Fonte: Acervo da autora.

Como é possível constatar neste capítulo, o antigo Edifício T&G, em Geelong, é de importância arquitetônica, histórica, científica e social para Geelong e para o estado de Victoria, por ser um dos poucos edifícios de escritórios do período entreguerras substancialmente intactos. Projetado em um estilo renascentista moderno do período entreguerras, popular na arquitetura comercial, pública e, especialmente, governamental da época, o estilo gerou uma imagem contemporânea e estável por meio de exteriores e interiores clássicos, bem proporcionados. Faz parte da memória de muitos moradores que aguardavam as estatuetas dos "Papai e Dave" saírem de hora em hora, ao toque do relógio. Relatos afirmam que as estatuetas eram decoradas com vestimentas diferentes dependendo da data comemorativa ou do time local em época de campeonato. Fez parte, portanto, da identidade local do povo de Geelong.

3 MÉTODO DA PESQUISA

Tendo em vista que a presente pesquisa parte da problemática relacionada à dificuldade de preservação de patrimônios arquitetônicos do século XX na qual a vontade das comunidades envolvidas poderia representar um importante respaldo para as políticas de proteção desses bens, o objetivo central deste estudo é investigar a influência das quatro dimensões do apego ao lugar na vontade de conservar o patrimônio histórico cultural do século XX. Ao entender e dominar este lado humano e afetivo da comunidade com relação ao patrimônio do século XX, os órgãos competentes podem trabalhar de forma mais efetiva na construção ou reconstrução dos significados destas obras.

Para alcançar esse objetivo, que envolve aspectos que individualmente são de âmbito subjetivo mas que no conjunto de uma comunidade se transformam em conteúdos mais objetivos, optou-se por desenvolver uma pesquisa de cunho quantitativo, qualitativo e de caráter exploratório. O caráter exploratório deve-se às escolhas serem baseadas em evidências produzidas em estudos em outras áreas do conhecimento que não estão diretamente ligadas à arquitetura ou mesmo a

estudos patrimoniais diretamente, mas lidam com objetos de análise similares ao desta tese, como já demonstrado na explicitação da lacuna que a pesquisa visa preencher.

Optou-se também por utilizar como estratégia de pesquisa dois estudos de caso, para possibilitar uma comparação e complementaridade dos conhecimentos obtidos. O primeiro estudo de caso é no Brasil - em Florianópolis, e o segundo na Austrália - efetuado durante o estágio de doutorado sanduíche da autora. A exemplo de Sandholz (2017) e Lewicka (2008) que compararam objetos de estudo de diferentes países, conforme descrito na revisão de literatura sobre identidade de lugar, usando uma mistura de métodos quantitativos e qualitativos, incluindo pesquisas de campo, questionários e entrevistas, sabemos que as comparações são válidas e ajudam a entender como as diferenças culturais podem influenciar nos resultados. Os autores dos estudos supracitados alertam que fazer uma pesquisa em diferentes países traz uma série de riscos ao se desenhar uma metodologia para ser aplicada em diferentes culturas.

No intuito de respeitar estas diferenças, a exemplo de De Jong *et al.* (2021) que também comparam realidades diferentes e fazem uso dos léxicos de emoção, vamos aqui usar este recurso, acreditando no poder da “descrição-narrativa” descrita por Tuan (1991, p. 686), que argumenta que “as palavras têm o poder geral de trazer à luz experiências que estão na sombra ou que nela retrocederam, e o poder específico de trazer à existência os lugares”. Para isso, as perguntas dos questionários e entrevistas são abertas e permitem uma maior liberdade aos respondentes.

Os léxicos de emoção são identificados a partir de interpretações do discurso para a emoção. Existem pesquisas que usam dicionário já bem estabelecido para uso do que se chama Computação Afetiva, conforme a pesquisa de Nascimento (2021), que descreve bem na sua dissertação de mestrado, “Uma análise comparativa entre léxicos afetivos em português”, que a Computação Afetiva é uma área de estudo dedicada à investigação de métodos e técnicas voltados para capacitar um computador a identificar emoções por meio da análise e interpretação de dados. Dentro deste domínio, inspirado na Análise de Sentimentos (AS), que

representa um campo de pesquisa que utiliza ferramentas automatizadas capazes de extrair informações subjetivas de textos, incluindo, por exemplo, opiniões e estados emocionais. Ao simular uma análise automática feita por inteligência artificial, percebeu-se nesta tese que o assunto relacionado à arquitetura necessita de uma interpretação especial, que as ferramentas automatizadas atuais disponíveis ainda não abrangem. Sendo assim, foi feito questionário com perguntas abertas e antes de interpretar a linguagem usada nas respostas, fez-se entrevistas com pessoas que já haviam respondido o questionário, para fazer com que elas mesmas expressassem quais sentimentos estavam relacionados àquelas respostas. Este banco de dados foi usado para interpretar as respostas de todos os respondentes dos questionários, codificando cada léxico de linguagem para a sua emoção correspondente. Para isso foi usado um sistema de codificação de palavras auxiliado pelo software [ATLAS.ti](https://atlas.ti.com/), que permitiu automatizar parte das codificações ao repetir automaticamente as interpretações por similaridade, quando as mesmas palavras se repetiam. Muitas respostas já envolviam claramente o sentimento e não houve necessidade de interpretação, já que muitas perguntas já abordavam emoções. Detalhes deste procedimento estarão nos próximos capítulos.

Para a estruturação do método da pesquisa partiu-se da hipótese de que o apego ao lugar pode exercer influência sobre a vontade de conservar patrimônios construídos no século XX, como já explicitado no capítulo 1.3 de hipóteses. Entende-se que o apego ao lugar possui diversas dimensões que o compõem e, a partir da revisão bibliográfica efetuada e dos fundamentos teóricos e metodológicos que dela puderam ser extraídos, delimitou-se o estudo em 4 dimensões do apego ao lugar consideradas mais relevantes para a pesquisa, sendo elas: dependência de lugar, identidade de lugar, vínculo afetivo com o lugar e vínculo social.

Desta forma, a parte quantitativa desta tese busca resultados comparativos através do método estatístico de análise de regressão considerando como variável dependente a vontade de conservar e como variáveis independentes os domínios de afeto, social, identidade e dependência. Será baseada em consulta a três grupos pré-definidos: o primeiro grupo é de pessoas envolvidas com patrimônio, seja porque trabalham nos órgãos competentes, que se dedicam ao estudo patrimonial, como professores e pesquisadores da área ou pessoas que foram sensibilizadas ao tema

porque se formaram em arquitetura e urbanismo; o segundo grupo contará com pessoas que vivenciaram o local objeto de estudo; e o terceiro grupo são pessoas que apenas ouviram falar do lugar objeto de estudo, sem terem qualquer experiência de vida nele. Estes três diferentes grupos responderam questionário, dez pessoas de cada grupo que já responderam o questionário também foram entrevistados como fonte de coleta dos dados a serem tratados de forma qualitativa e para contribuir na codificação das respostas dos questionários em aspectos quantitativos.

4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A especificidade da temática a ser trabalhada nesta tese é justamente a aplicação de uma avaliação que considera as quatro dimensões do apego ao lugar e relaciona com a vontade de conservar baseado em obras únicas, acreditando que para cada obra, este resultado poderá ser diferente. Fazendo com que a proposta seja não apenas entender como esses fatores se conectam, mas como eles se conectam para uma obra específica da qual a população geral não reconhece seu valor, como uma obra do patrimônio recente do século XX.

Se usarmos uma obra da mesma época e com a mesma problemática de não ser legitimada, mas em uma realidade cultural diferente, será que teremos os mesmos resultados? Para responder a esta questão, a avaliação será aplicada em uma obra no Brasil, assim como em uma obra no sul da Austrália. A obra escolhida para ser objeto de estudo no Brasil é o antigo Cine São José, inaugurado em 1954 em Florianópolis, no centro fundacional da cidade, projeto de Wolfgang Ludwig Rau. Na época era um prestigiado cinema sonoro que fazia parte da vida social da população, que encontrava nos cinemas e nos clubes a sua diversão e seu ponto de encontro.

O que se vislumbra como o destino de tantos patrimônios recentes após a fase áurea de suas atividades, infelizmente, é uma descaracterização ou mesmo destruição completa. O caso do Cine São José começou a ser considerado um obstáculo ao progresso da modernização na cidade, à medida que suas sessões, cada vez mais raras, começaram a perder público. Isso era uma realidade distante da época em que o cinema fora um empreendimento lucrativo e central para a

capital catarinense. Esse novo contexto culminou na venda do Cine e, subsequentemente, sua ocupação por uma igreja evangélica e, mais tarde, por uma igreja neopentecostal. Com o passar dos anos, a utilização do edifício levou à sua descaracterização, desde o ocultamento do mural de Franklin Cascaes por uma cobertura, até a eliminação da característica inclinação das plateias para dar lugar a cadeiras acolchoadas e à criação de novas subdivisões internas. Como resultado, o Cine São José foi transformado de tal maneira que internamente quase não se assemelha mais ao que foi um dia.

O estudo de caso na Austrália é o Edifício T&G, localizado em Geelong. Este exemplar do século XX, selecionado com o auxílio do supervisor do doutorado sanduíche no exterior, Dr. Beau B. Beza, possui uma história de relevância social semelhante à do Cine São José, tendo sido um importante ponto de referência para a comunidade. No entanto, o T&G serve como um contraponto crucial ao caso brasileiro: ele também enfrentou ameaças e falta de reconhecimento, mas passou por um recente processo de restauro. Essa condição permitiu à pesquisa analisar não apenas o valor afetivo em um contexto de abandono (como no Brasil), mas também as intensas reações emocionais da comunidade em face da sua ameaça e subsequente salvaguarda, enriquecendo significativamente a comparação dos resultados em diferentes realidades.

4.1.1 FASES DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de se alcançar os objetivos específicos, foi desenvolvido um conjunto de ações agrupadas em quatro momentos distintos: fase teórica (revisão da literatura, construção do referencial, formulação de hipóteses ou perguntas - Fase 1); fase empírica de investigação (aplicação de questionários, entrevistas, análise de documentos, registros ou bases de dados empíricos - Fase 2); fase analítica (tratamento e interpretação dos dados obtidos - Fase 3); e, Conclusões e discussão dos resultados (Fase 4). O Quadro 3 relaciona as diferentes fases da pesquisa aos procedimentos metodológicos. É importante destacar aqui que o desenvolvimento deste trabalho fez parte de um programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (DSE) na Deakin University para uma pesquisa teórica e coleta de dados empíricos

na Austrália, fazendo uma comparação em diferentes realidades culturais (Brasil e Austrália).

Quadro 3 - fases, e procedimentos metodológicos

Fases	Procedimentos Metodológicos: Ações previstas
Fase 1: teórica Auxilia na construção teórica que fundamentará o estudo	1. Revisão de literatura integrativa⁴: método que tem como finalidade sintetizar, de modo sistemático e abrangente, o corpo de conhecimento mais amplo sobre o tema, incluindo dados de literatura teórica e empírica, a partir de: identificação do tema; estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de dados; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; avaliação dos estudos; interpretação e apresentação dos resultados. Serão incluídos como temas desse tipo de revisão: os estudos que ligam Apego ao lugar a Patrimônio Histórico e ao comportamento pró-ambiental. Esta etapa foi concluída com a contribuição do supervisor do DSE onde foi possível alcançar artigos de livre acesso pela Deakin University fazendo uma melhoria e complementação desta revisão.
	2. Elaboração de contextualização histórica e apresentação do estudo de caso e a comunidade a qual ele se insere. Nesta etapa, existe uma parte no Brasil e outra na Austrália, realizada durante o período do DSE.
Fase 2: empírica de investigação	3. Definição preliminar de proposta metodológica para aplicação de questionário semi-estruturado como forma de medir o apego ao lugar e a vontade de conservar.
	4. Aplicação do questionário piloto em pequena escala e após análise e revisão, aplicação do questionário final em escala maior primeiramente na Austrália e posteriormente no Brasil.

⁴ Esta abordagem de revisão de literatura utilizou inicialmente uma revisão sistemática de cunho exploratório que resultou em 709 artigos e 91 teses e dissertações, onde após a leitura de todos estes resumos, foram selecionados e lidos 45 artigos, 1 tese e 1 dissertação, e a partir destes, o aprofundamento do tema se deu pela busca e leitura de estudos e autores citados, abrindo para mais 103 trabalhos parcialmente lidos, que tratavam diretamente dos conteúdos de interesse da pesquisa, conduzindo a novas citações em sequência.

	5. Aplicação de entrevistas com 10 pessoas de cada um dos três grupos que já haviam respondido ao questionário em ambos os países.
Fase 3: analítica.	6. Baseada nas etapas anteriores, foi criada uma codificação para se interpretar todas as respostas dos questionários. Esta codificação foi aplicada e os dados foram usados para a parte quantitativa da análise através do método de análise de regressão. A análise qualitativa das entrevistas serviu, portanto, para balizar a análise quantitativa feita com os dados das respostas dos questionários.
Fase 4: Conclusões e discussão dos resultados	7. Definição de uma metodologia de comunicação das estratégias traçadas na ação anterior, a fim de transmitir os conhecimentos produzidos de forma clara, organizada e efetiva.
	8. Como resultado do percurso realizado, pretende-se sugerir como este método pode ser usado por gestores públicos para descobrir quais intervenções são mais efetivas no bem-estar e promoção do apego ao lugar a edificações históricas modernas em comunidades de diferentes contextos.

O percurso metodológico, dividido em quatro fases (teórica, empírica, analítica e conclusões), foi desenhado para, primeiramente, embasar o estudo através da revisão de literatura e contextualização dos casos; em seguida, coletar dados primários através de questionários e entrevistas semiestruturadas aplicadas na Austrália e no Brasil; e, por fim, interpretar os dados com análise de regressão para a parte quantitativa, balizada pela análise qualitativa das entrevistas. Este processo, que incluiu um Doutorado Sanduíche na Exterior (DSE) para coleta na Deakin University, permitiu cumprir o objetivo de comparar as relações identificadas em diferentes realidades culturais (Brasil e Austrália) e gerar um método replicável que possa sugerir intervenções efetivas para gestores públicos, promovendo o apego e o bem-estar em relação a edificações históricas modernas.

4.2 CONTEXTO DA PESQUISA

Esta seção tem como objetivo recapitular de forma concisa o panorama da investigação apresentada nos capítulos anteriores. O aprofundamento teórico e a discussão detalhada dos estudos prévios, fundamentais para a nossa abordagem, foram previamente explorados em capítulos anteriores. Para sintetizar e organizar essas informações de maneira clara e direta, apresenta-se a seguir um quadro que resume os principais elementos do contexto, destacando os fatores que ajudam a entender “de onde veio” e “em que condições se insere” esta pesquisa. Esta ferramenta visual permitirá uma rápida compreensão da estrutura que sustenta esta pesquisa.

Quadro 4 - Contexto da pesquisa

Elemento do Contexto	Descrição resumida
Tema geral	O campo amplo de conhecimento em que o estudo se insere é a teoria do apego ao lugar, representada aqui nas suas quatro dimensões, relacionadas a espaços históricos do século XX.
Problema de pesquisa	Qual a influência das quatro dimensões do apego ao lugar na vontade de conservar o patrimônio cultural do século XX?
Local / Recorte espacial	Cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina no Brasil: Objeto de estudo Antigo Cine São José. Cidade de Geelong, estado de Victoria na Austrália: Objeto de estudo Antigo Edifício T&G.
Recorte temporal	Edificações do século XX analisadas em 2025.
Justificativa / Relevância	Necessidade de abordar a preservação do patrimônio arquitetônico do século XX de forma inovadora, explorando a relação emocional e o apego ao lugar por parte da comunidade, a fim de desenvolver metodologias que auxiliem na tomada de decisão para a sua

	conservação.
Lacuna	Ausência de estudos que abordem o apego emocional de diferentes grupos da comunidade com edifícios históricos do século XX, a fim de criar metodologias que apoiem a conservação do patrimônio.
Estado do conhecimento	Já está estabelecido que o apego ao lugar, um conceito central da psicologia ambiental, influencia diretamente a disposição de uma comunidade em se envolver e participar ativamente da preservação do patrimônio cultural.
Condições contextuais	No Brasil os aspectos históricos e culturais da colonização portuguesa do século XVI ofuscam a valorização do patrimônio do século XX, já na Austrália a herança da colonização britânica tardia, a partir do século XVIII, aproxima temporalmente a arquitetura do século XX dos marcos fundadores do país, gerando uma percepção social e econômica distinta sobre a relevância desses edifícios ditos da modernidade.

Fonte: Autora

4.3 PARTICIPANTES

Esta seção apresenta a descrição dos participantes que contribuíram para a compreensão do apego ao patrimônio cultural do século XX. Para aprofundar a análise, os participantes foram divididos em três grupos distintos, uma segmentação fundamental para a justificativa da tese, que busca uma abordagem inovadora para a conservação, focada na relação emocional da comunidade.

Grupo 1: Envolvidos com Patrimônio

Este grupo representa a perspectiva especializada e técnica. Ele inclui indivíduos que, por sua atuação profissional ou acadêmica, possuem um conhecimento aprofundado sobre o tema. São pessoas que trabalham em órgãos de proteção do patrimônio, como Iphan ou prefeituras, ou que atuam no meio

acadêmico, estudando a história e a teoria da arquitetura. O grupo também abrange arquitetos e urbanistas que, por sua formação, foram treinados para reconhecer e valorizar a importância do patrimônio cultural. A análise das respostas deste grupo permite entender a visão formal e técnica do apego.

Grupo 2: Pessoas com Experiência de Vida

Este grupo oferece uma perspectiva mais íntima e afetiva. São pessoas que frequentaram os edifícios em algum momento de suas vidas, seja para lazer ou trabalho. Elas estão imbuídas de lembranças, memórias e nostalgia. A análise deste grupo é crucial, pois investiga como o apego, a identidade, o vínculo social e a dependência de lugar se manifestam através das vivências pessoais.

Grupo 3: Pessoas que Apenas Ouviram Falar

Este grupo representa a percepção do público em geral, que, embora não tenha uma vivência direta com os edifícios do século XX, os conhece por meio de relatos, histórias, ou simplesmente por notá-los em seu cotidiano. A inclusão deste grupo é vital para captar o senso comum da comunidade e demonstrar como a importância do patrimônio se constrói através da cultura local e da memória coletiva, mesmo sem uma experiência pessoal.

Além disso, este grupo é um reflexo das gerações futuras que, naturalmente, não terão vivenciado os locais históricos. Eles terão contato com esses edifícios apenas através de histórias e do testemunho material que o tempo lhes deixou. A análise das respostas deste grupo ajuda a entender como o valor do patrimônio pode ser transmitido e percebido por aqueles que vêm depois, e por que a preservação é fundamental para manter essa conexão com o passado.

A divisão dos participantes nesses grupos é de extrema relevância para a pesquisa, pois permite uma análise comparativa aprofundada. Ao confrontar as respostas de especialistas, de pessoas com laços afetivos diretos e de quem possui apenas uma percepção indireta, é possível identificar os diferentes aspectos que impulsionam o apego e, conseqüentemente, a vontade de conservar. Essa

segmentação ajuda a responder à pergunta de pesquisa, mostrando como e se cada grupo valoriza as dimensões do apego ao lugar de forma distinta.

Pessoas que nunca ouviram falar dos edifícios foram excluídas do estudo, pois o apego ao lugar pressupõe uma conexão, mesmo que mínima, com o espaço. A impossibilidade de se apegar a algo que não se conhece torna a inclusão deste grupo inviável para a proposta da pesquisa. A base teórica do apego requer algum nível de reconhecimento ou interação com o local para que os sentimentos e as percepções possam ser mensurados de forma significativa.

A escolha do tamanho da amostra para esta pesquisa justifica-se pela adoção do número mínimo de 138 respondentes, baseada no estudo de Latiff *et al.* (2020), que se alinha de forma significativa com os objetivos desta tese. O estudo de Latiff *et al.* explora a influência do apego ao lugar na intenção de visitar locais patrimoniais, incluindo dimensões de apego afetivo e vínculo social que muitas vezes são negligenciadas em pesquisas similares. Ao tomar este estudo como referência, esta tese assegura uma amostra robusta e representativa, capaz de gerar resultados estatisticamente válidos e confiáveis, permitindo a análise da influência das dimensões do apego à vontade de conservar o patrimônio cultural do século XX, e garantindo que as conclusões possam ser aplicadas de maneira relevante à justificativa da pesquisa.

Para a coleta de dados, a pesquisa obteve um total de 169 respondentes na Austrália e 209 no Brasil, superando o mínimo necessário. A distribuição dos participantes nos grupos foi a seguinte: na Austrália, foram 34 do grupo "Envolvidos com Patrimônio", 56 do grupo "Com Experiência de Vida" e 79 pessoas do grupo "Apenas Ouviram Falar". No Brasil, o número foi de 57 no primeiro grupo, 107 no segundo e 45 no terceiro. A maior proporção de respondentes brasileiros do grupo "Envolvidos com Patrimônio" se deveu à facilidade de acesso da pesquisadora, que reside no Brasil e faz parte desse meio, o que otimizou a coleta de dados e fortaleceu a representatividade dessa categoria.

Os instrumentos de coleta de dados, incluindo os questionários autoaplicáveis e as entrevistas, serão detalhados na próxima seção, onde a metodologia utilizada será descrita de forma aprofundada.

4.4 INSTRUMENTOS

Para aprofundar a compreensão do tema, esta pesquisa empregou dois instrumentos de coleta de dados: um questionário e entrevistas. O questionário, com seu volume de dados, forneceu uma base quantitativa importante, enquanto as entrevistas foram cruciais para aprofundar a análise e capturar as nuances emocionais das respostas.

A condução ética dos instrumentos foi uma prioridade e serviu para validar a forma como o questionário e as entrevistas seriam conduzidos na pesquisa. Para a etapa na Austrália, a aprovação do Comitê de Ética da Deakin University foi necessária. Primeiramente, a pesquisadora completou com sucesso o curso “*Research Integrity - Human Ethics Induction*” e obteve o certificado em 14 de novembro de 2023. Com este certificado, o projeto foi submetido e aprovado em 20 de dezembro de 2023 pelo “*Faculty of SEBE Human Ethics Advisory Group*” (ID: SEBE-2023-76).

Posteriormente, a aprovação ética para a coleta de dados no Brasil foi solicitada ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEPSH/UFSC), através da Plataforma Brasil. A submissão ocorreu em 17 de dezembro de 2024 e, após algumas correções solicitadas, o projeto foi aprovado em 10 de janeiro de 2025 (CAAE: 84385224.7.0000.0121).

Embora os dados e a aprovação no comitê de ética na Austrália tenham sido obtidos primeiro, a apresentação detalhada dos instrumentos neste capítulo seguirá a ordem de relevância e volume de dados na tese, iniciando com os instrumentos utilizados no Brasil e, em seguida, os utilizados na Austrália.

O questionário desta pesquisa foi desenvolvido na plataforma Qualtrics Survey, uma ferramenta recomendada pela Deakin University por sua capacidade de programação e análise de dados. A escolha desta plataforma para a aplicação do questionário tanto na Austrália quanto no Brasil garantiu a uniformidade do método de coleta de dados.

O questionário consiste em 12 perguntas e estimou-se o tempo de resposta em aproximadamente 10 minutos. Foram obtidas 209 respostas válidas no Brasil e 169 na Austrália. Foram considerados inválidos os questionários em que os respondentes deixaram mais de duas perguntas em branco. As quatro primeiras perguntas tiveram como função a categorização dos respondentes, enquanto as demais se referiam às dimensões do apego ao lugar relacionadas ao objeto de estudo.

A pesquisa foi conduzida de forma anônima, entretanto, na última pergunta do questionário, que era opcional, foi permitido que os respondentes que desejassem contribuir em uma etapa posterior deixassem a sua identificação e contato, quebrando portanto o seu anonimato para serem entrevistados posteriormente.

A etapa de recrutamento dos participantes para o questionário foi realizada via redes sociais da pesquisadora e grupos de Whatsapp. A seguir, será apresentado o QR Code (figura 35) que leva ao vídeo de identificação da edificação objeto de pesquisa no Brasil, o Antigo Cine São José, postado.

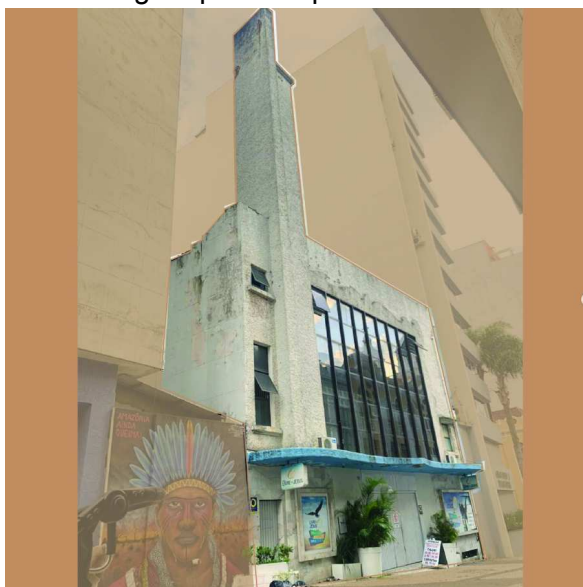
Figura 35 - QR Code do vídeo postado para recrutamento



Fonte: gerada pela autora no <https://app.qr-code-generator.com/>

A seguinte mensagem foi postada nas redes sociais da pesquisadora e enviada pelo Whatsapp juntamente com a figura 36 abaixo: “Você conhece ou já ouviu falar do Cine São José no centro de Florianópolis? Se sim, por favor, peço aqui sua colaboração para responder a um rápido questionário para ajudar a doutoranda prof. Anna Pimenta em sua pesquisa chamada: “A perspectiva do apego ao lugar voltada para o patrimônio do século XX”. A sua colaboração é fundamental nesta pesquisa e não demora mais que 10 minutos. Link para o questionário: https://qualtricsxmvdzcfthdph.qualtrics.com/jfe/form/SV_2gdDqEkiADhuXKC”.

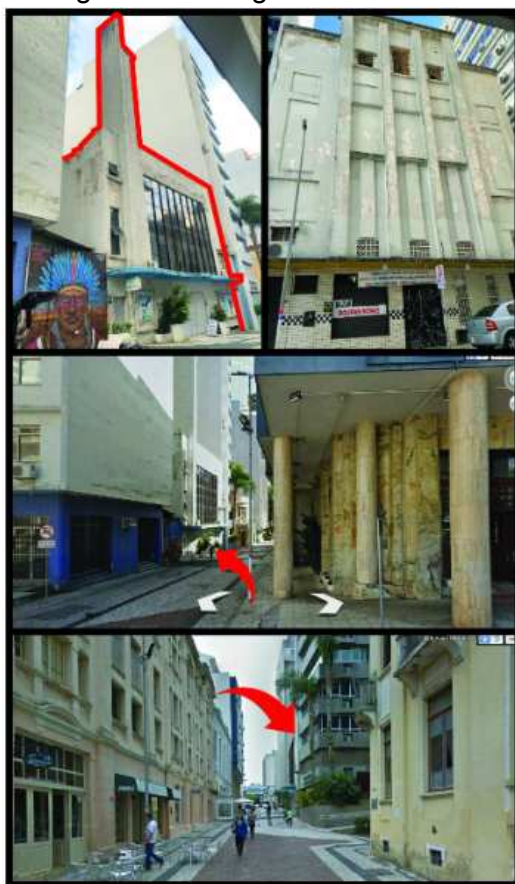
Figura 36 - Imagem postada para recrutamento.



Fonte: Acervo próprio e edição própria.

A figura 37 a seguir apresenta a imagem do Antigo Cine São José, que foi utilizada no questionário do Qualtrics para a identificação do objeto de estudo. A inclusão do contexto do entorno nesta imagem foi uma escolha metodológica intencional, pois o ambiente circundante é parte integrante da ambiência do lugar. Ao apresentar a edificação em seu contexto urbano, a figura não apenas facilita a sua localização pelos participantes, mas também contribui para uma identificação mais completa e realista do objeto de pesquisa.

Figura 37 - Antigo Cine São José



Fonte: Acervo próprio e Google Street View.

Ao acessar o link do questionário online, o respondente é primeiramente direcionado para a sua folha de rosto, que representa o primeiro texto a ser visualizado. Esta página foi cuidadosamente elaborada para cumprir múltiplas funções essenciais: fornecer esclarecimentos genéricos sobre a pesquisa, disponibilizar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para apreciação do participante e, ao mesmo tempo, estabelecer o público-alvo do estudo. A não aceitação do TCLE automaticamente exclui o respondente, garantindo a adesão aos critérios éticos da pesquisa desde o seu ponto inicial.

A seguir, apresenta-se na íntegra o texto que constitui a folha de rosto do questionário:

“Bem-vindo a esta pesquisa!

Não há certo ou errado em suas respostas, ficaremos gratos por sua contribuição, então sinta-se à vontade para pular qualquer pergunta que você não se sinta confortável em responder ou desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento. Decidir não participar não afetará seu

relacionamento com os pesquisadores ou com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O título completo do projeto é "A perspectiva do apego ao lugar voltada para o patrimônio do século XX".

Estamos interessados em investigar a influência da motivação cultural sobre o apego ao lugar (laços entre pessoas e lugares que evoluem por meio de conexão emocional, significado e entendimentos de um lugar específico) e a vontade de preservar o patrimônio do século XX. Para esta pesquisa, você será apresentado a um estudo de caso do século XX, localizado em Florianópolis. Este questionário contém 12 perguntas e foi elaborado para coletar suas opiniões e levará, em média, cerca de 10 minutos para ser concluído. Agradecemos seu tempo e esforço em participar, pois suas respostas são essenciais para a nossa pesquisa e serão mantidas completamente confidenciais.

Se precisar de mais informações ou tiver algum problema, entre em contato com a pesquisadora principal: Anna Pimenta, E-mail: anna.pimenta@ufsc.br
A equipe de pesquisa está alocada na UFSC, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Esta pesquisa recebeu aprovação do Comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CEPSH/UFSC), o qual você poderá contactar através dos contatos Telefone/whatsapp: (48) 3721-6094 ou cep.propesq@contato.ufsc.br

Clique no link abaixo para acessar a versão completa do TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

(LINK GOOGLE DRIVE VERSÃO COMPLETA)

Ao clicar no botão abaixo, você reconhece que:

- Sua participação neste estudo é voluntária.
- Você tem mais de 18 anos.
- Você está ciente de que pode optar por encerrar sua participação a qualquer momento, por qualquer motivo.
- Você leu e concordou com a versão completa do TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.
- () Sim, concordo em participar desta pesquisa.
- () Não concordo em participar desta pesquisa."

Com a aprovação do termo de consentimento na folha de rosto, a pesquisa prossegue com as perguntas. O quadro 5 a seguir apresenta de forma detalhada a estrutura e o conteúdo do questionário, bem como o objetivo e explicações

adicionais para cada pergunta, o que permite uma compreensão completa das intenções subjacentes a este instrumento de coleta de dados.

Quadro 5 - perguntas do questionário com explicações:

OBJETIVO DA PERGUNTA	PERGUNTAS	EXPLICAÇÕES ADICIONAIS
EXCLUIR O RESPONDENTE QUE NUNCA VIU, NEM OUVIU FALAR DO EDIFÍCIO.	1- Breve explicação sobre este edifício: o Antigo Cine São José (hoje Igreja Livre em Jesus), localizado no centro fundacional da cidade, próximo a Catedral Metropolitana de Florianópolis, na Rua Padre Miguelinho, 96 - Centro, foi inaugurado em 1954 em Florianópolis, projeto de Wolfgang Ludwig Rau. Na época era um prestigiado cinema sonoro que fazia parte da vida social da população, que encontrava nos cinemas e nos clubes a sua diversão e seu ponto de encontro. Você já viu / ou já ouviu falar do Antigo Cine São José? () Sim () Não	Nesta pergunta é apresentado a Figura 37 de identificação do objeto de estudo e a ideia é dar uma breve explicação do Edifício para que o respondente que o conhece tenha noção da sua importância e o que não conhece já seja direcionado a uma mensagem final e não precise responder ao questionário em vão.
CARACTERIZAR O RESPONDENTE	2.Qual a sua conexão com a cidade de Florianópolis (você pode selecionar mais de uma opção)? () Eu trabalho em Florianópolis, () Eu moro em Florianópolis, () Eu estudo em Florianópolis () Eu não moro nem trabalho em Florianópolis () Outra	O objetivo desta pergunta é eliminar as pessoas que não moram nem trabalham em Florianópolis, pois queremos adquirir os dados referentes à comunidade local.

CARACTERIZAR O RESPONDENTE Agrupamento de idade segundo Kaufman e Weaver, 2007.	3. Responda sua faixa etária: () 18 anos de idade, () 18 a 50 anos de idade, () mais de 51 anos de idade.	A intenção é posteriormente agrupar os dados por estratos etários, segmentando os indivíduos com idade igual ou inferior a 50 anos e aqueles com idade superior a 50 anos.
CARACTERIZAR O RESPONDENTE	4.Qual destas categorias você acredita fazer parte (você pode selecionar mais de uma opção): () Não conheci esse edifício quando o Antigo Cine São José estava em funcionamento, mas ouvi falar a respeito desta época. () Eu frequentei o Antigo Cine São José quando ele estava em funcionamento. () No meu trabalho (voluntariado ou emprego), estou [ou estive] envolvido com aspectos do patrimônio cultural. () Minha formação acadêmica (graduação ou experiência profissional) envolve alguns aspectos do patrimônio cultural. () Outra.	Esta pergunta tem a finalidade de identificar os grupos em: 1-envolvidos com patrimônio, 2- pessoas com experiência de vida no lugar ou 3 - pessoas que apenas ouviram falar.

MEDIR MOTIVAÇÃO CULTURAL (interesse pelas próprias raízes, Lewicka, 2005)	5. Imagine que você está ouvindo uma história ou relembrando uma experiência no Antigo Cine São José. Quais palavras ou frases representam essa experiência para você?	Essa pergunta incentiva a pessoa a compartilhar quais elementos culturais ou históricos do lugar eles acham cativantes. Se alguém tem motivação cultural em relação ao local, provavelmente mencionará detalhes específicos da cultura, tradições, história, arte ou eventos que os atraem e intrigam. Suas respostas podem indicar o grau de interesse cultural que eles têm em relação ao lugar em questão.
MEDIR DEPENDÊNCIA DE LUGAR Segundo Graham, (2009) dependência de lugar significa ter mais satisfação naquele lugar para uma determinada função do que em qualquer outro. Para Jorgensen e Stedman, (2001) esta dimensão está relacionada à eficácia de um ambiente na obtenção de um determinado objetivo.	6- Como você se sentiria se não pudesse mais visitar ou ter contato com o Antigo Cine São José?	Esta pergunta explora a reação emocional da pessoa à ideia de não poder mais interagir com o lugar em questão. Se alguém tem uma forte dependência do lugar, provavelmente demonstrará sentimentos de tristeza, perda ou desconforto ao imaginar a impossibilidade de estar ou se relacionar com esse local. A resposta pode fornecer pistas sobre a intensidade do vínculo emocional com o lugar.

MEDIR IDENTIDADE DE LUGAR Lugares históricos, em particular, desempenham um papel significativo na formação da identidade local e têm uma relação notável e positiva com o senso de pertencimento (Dameria et al., 2020).	7- Há alguma característica ou aspecto específico do Antigo Cine São José com o qual você se identifica?	Essa pergunta incentiva a pessoa a refletir sobre os traços do lugar que eles consideram ressoar com sua própria identidade. Se alguém se identifica com um lugar, eles provavelmente encontrarão atributos ou elementos desse local que se conectam de alguma forma com suas próprias características, interesses ou valores pessoais. Suas respostas podem oferecer <i>insights</i> sobre a profundidade de sua identificação com o lugar.
MEDIR VÍNCULO AFETIVO Os laços emocionais com lugares históricos são fundamentais para a própria razão pela qual o passado importa para as pessoas (Madgin; Lesh, 2021) O apego afetivo envolve uma interação entre sentimentos e emoções, conhecimento e crenças, bem como comportamentos e ações relacionados a um lugar (Altman; Low, 1992)	8-Que tipo de sentimentos ou emoções você sente quando pensa ou fala sobre o Antigo Cine São José?	Essa pergunta direciona a pessoa a expressar suas emoções e sentimentos em relação ao lugar em questão. Se alguém tem um vínculo afetivo forte com o lugar, é provável que suas respostas incluam sentimentos positivos como carinho, alegria, nostalgia ou conexão emocional. Através das respostas, você poderá avaliar a profundidade do vínculo emocional que a pessoa tem com o lugar.

MEDIR VÍNCULO SOCIAL Uma compreensão social do lugar surge, cresce e é mantida por grupos de indivíduos que compartilham experiências coletivas nesses lugares (Memmott; Long, 2002);	9- Você se lembra de alguém ou de algum grupo específico de pessoas quando pensa ou fala sobre o Antigo Cine São José?	Essa pergunta visa entender com quem a pessoa interagiu quando esteve no lugar em questão. Se alguém tem um vínculo social significativo com o local, provavelmente mencionará pessoas específicas, amigos, família, colegas ou grupos com os quais têm relações próximas ou frequentaram o lugar. Suas respostas podem indicar a extensão de seu vínculo social e conexões pessoais com o local.
MEDIR VONTADE DE CONSERVAR Turistas com forte apego ao destino são mais propensos a recomendá-lo, buscando contribuir para que o destino alcance o reconhecimento e as conquistas que merece (Latiff <i>et al.</i>, 2020). Os estudos existentes sobre comportamento pró-ambiental concentram-se principalmente na questão da conservação do ambiente natural,	10 -Se o Antigo Cine São José fosse demolido eu me sentiria... 11 - Se o Antigo Cine São José fosse restaurado eu me sentiria...	As perguntas 10 e 11 abordam diretamente a opinião da pessoa sobre a preservação de edificações históricas e sua relevância. Ao solicitar que a pessoa considere tanto a demolição quanto o seu restauro, será possível avaliar o nível de interesse e valor que ela atribui à conservação do Antigo Cine São José.

sendo raras as teorias psicológicas que abordam o cuidado em relação ao ambiente construído (Felippe, 2012)		
RESPOSTA OPCIONAL: RECRUTAMENTO PARA ENTREVISTAS	12- Se você estiver disposto a contribuir mais com esta pesquisa e ser entrevistado pessoalmente ou <i>online</i> , deixe seu nome e endereço de e-mail para entrarmos em contato e marcamos uma data e local de acordo com a sua conveniência.	Esta pergunta destina-se apenas a recrutar pessoas que possam ser entrevistadas para ajudar a entender as respostas dadas no questionário e balizar as emoções envolvidas em cada resposta.

Fonte: Autora

As entrevistas foram uma etapa opcional para o respondente para aprofundar as informações obtidas no questionário. Com duração aproximada de 30 minutos, elas puderam ser realizadas de forma presencial ou *online*, conforme a conveniência dos participantes. Foram feitas trinta entrevistas no Brasil (dez de cada grupo) e trinta entrevistas na Austrália (dez de cada grupo).

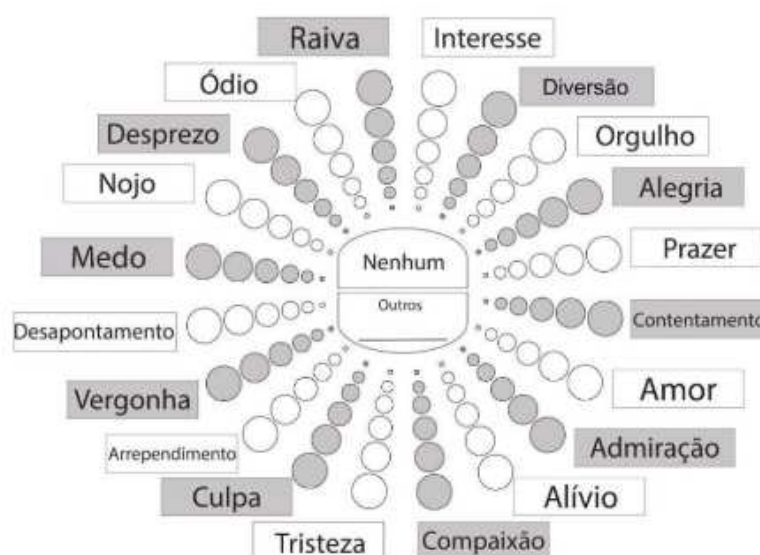
Para garantir o registro completo, as entrevistas foram gravadas: o áudio, no caso das presenciais, e o vídeo, nas realizadas online. As entrevistas presenciais puderam ocorrer nas instalações da UFSC, em um café próximo ou no local de trabalho do entrevistado.

Os procedimentos para a entrevista incluíram primeiramente a entrega ao respondente de duas vias do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), que já havia sido enviado ao respondente por e-mail no momento do recrutamento para que pudesse ler com cuidado. As duas vias foram assinadas, sendo uma entregue ao respondente e outra permaneceu sob posse da pesquisadora principal. Se a entrevista acontecia online, o respondente era solicitado a previamente enviar o TCLE assinado por e-mail antes da entrevista.

A pesquisadora confirmava com o respondente a autorização de gravação da entrevista e nela o respondente dizia o seu nome para facilitar o registro, com a certeza de que este nome não seria revelado na tese e em nenhuma publicação futura relacionada à pesquisa. As perguntas do questionário que dizem respeito a categorização dos respondentes não foram repetidas na entrevista.

A entrevista consistia em pedir para o respondente relacionar a sua resposta, já fornecida pelo questionário respondido *online*, com as emoções da Roda de Emoções de Genebra (Sacharin; Schlegel; Scherer, 2012). Foi usada a versão traduzida da ferramenta (Bastos *et al.*, 2022), que usou a ferramenta em seu artigo, na qual era mostrada a roda de emoções e solicitado ao respondente para relacionar as suas respostas com uma ou mais das vinte emoções presentes na Figura 38 (como feito pela pesquisadora desta tese). O respondente teve também a liberdade de responder que a sua resposta não estava ligada a nenhuma emoção, descrever outra emoção que não estava presente na imagem ou mesmo dizer que não sabia se a resposta se relacionava a alguma emoção. Para cada emoção identificada, o respondente era instruído também a dizer a sua intensidade de 1 a 6, de acordo com a figura abaixo:

Figura 38 - Roda de Emoções de Genebra



Fonte: Bastos et al, 2022.

A metodologia em questão, a Roda de Emoções de Genebra (Geneva Emotion Wheel - GEW), foi desenvolvida por Scherer em 2005 e é citada por Sacharin, Schlegel e Scherer (2012). Ela foi criada como uma ferramenta de autorrelato para a avaliação da componente subjetiva da emoção, ou seja, o "componente de sentimento", que é intrinsecamente pessoal. A GEW é apresentada como uma representação circular que organiza rótulos de emoções (como observado na figura acima) com base em dimensões de avaliação teóricas (como valência e controle), permitindo aos indivíduos reportar suas reações emocionais em contextos diversos, desde interações sociais até a experiência com bens de consumo ou edifícios.

Nesta coleta de dados feita através das entrevistas, duas perguntas de caráter exploratório, que não estavam no questionário foram adicionadas, são elas:

1- Descreva o que você sabe sobre o Antigo Cine São José na época da sua função original e compartilhe se você tem alguma história ou já ouviu falar de alguma história relacionada a ele (caso o respondente já tivesse compartilhado estas informações ao responder as perguntas anteriores, esta pergunta era suprimida);

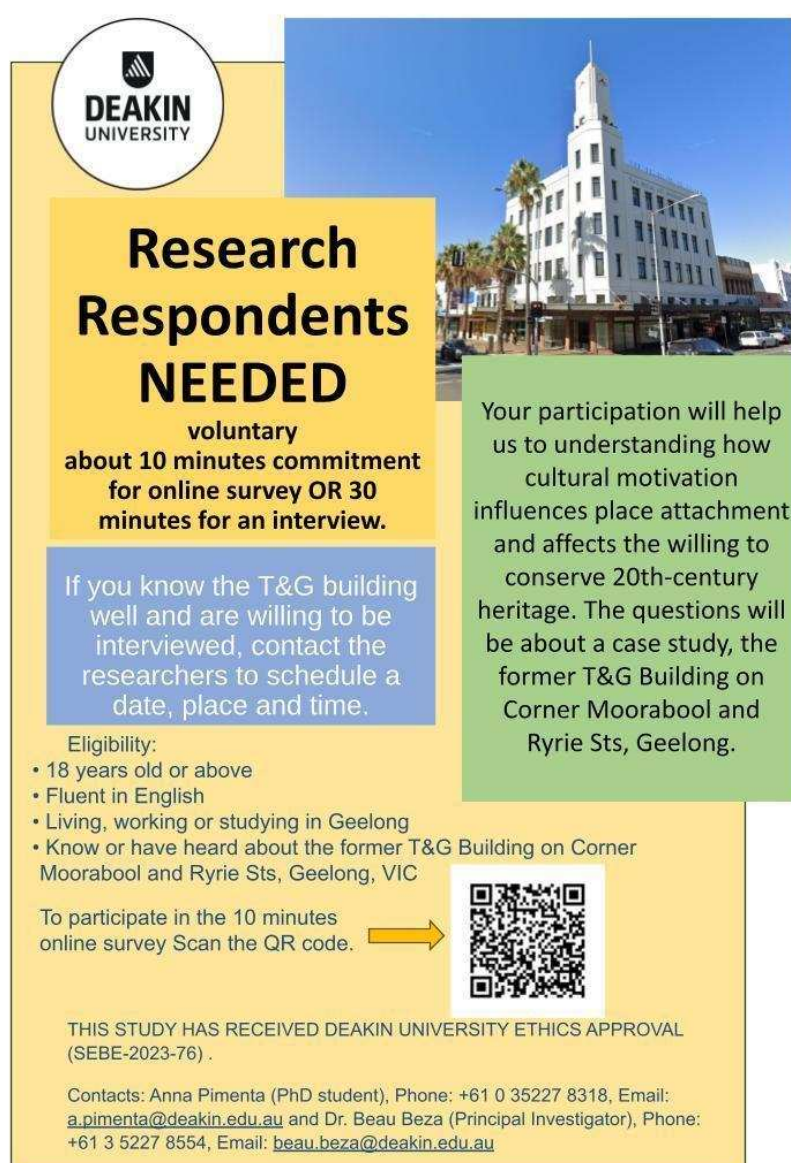
2- Complete esta frase: Eu gostaria que o Antigo Cine São José se transformasse em....

Com isso, encerrava-se a entrevista, momento em que a pesquisadora responsável agradecia a participação do respondente e perguntava se ele gostaria de receber os resultados ao final da análise. É importante destacar que, entre as perguntas aplicadas no questionário e retomadas na entrevista, havia a questão número 5, originalmente elaborada para medir a motivação cultural dos participantes. Contudo, essa pergunta foi posteriormente retirada na etapa de análise, pois se considerou que suas respostas não refletiam de forma fidedigna o objetivo de compreender se havia, de fato, motivação cultural relacionada ao objeto de pesquisa. Assim, apesar de ter sido aplicada nas duas etapas de coleta em ambos os países, entendeu-se que ela não representava adequadamente o que se pretendia investigar. Ressalta-se ainda que toda a pesquisa desenvolvida com o objeto de estudo no

Brasil foi realizada de forma idêntica na Austrália, traduzida para o inglês, por isso não existe necessidade de descrever aqui novamente.

No processo de recrutamento na Austrália, acrescentou-se também um cartaz de divulgação (Figura 39) afixado em diferentes locais da universidade local. Essas decisões e ajustes metodológicos serão detalhados no próximo tópico, que abordará a análise dos dados coletados e explicará de forma mais aprofundada a exclusão da pergunta sobre motivação cultural.

Figura 39 - Cartaz de recrutamento para conseguir respondentes na Austrália.



DEAKIN UNIVERSITY

Research Respondents NEEDED

voluntary
about 10 minutes commitment for online survey OR 30 minutes for an interview.

If you know the T&G building well and are willing to be interviewed, contact the researchers to schedule a date, place and time.

Eligibility:

- 18 years old or above
- Fluent in English
- Living, working or studying in Geelong
- Know or have heard about the former T&G Building on Corner Moorabool and Ryrie Sts, Geelong, VIC

To participate in the 10 minutes online survey Scan the QR code. →

YOUR PARTICIPATION WILL HELP US TO UNDERSTANDING HOW CULTURAL MOTIVATION INFLUENCES PLACE ATTACHMENT AND AFFECTS THE WILLING TO CONSERVE 20th-CENTURY HERITAGE. THE QUESTIONS WILL BE ABOUT A CASE STUDY, THE FORMER T&G BUILDING ON CORNER MOORABOOL AND RYRIE STS, GEELONG.

THIS STUDY HAS RECEIVED DEAKIN UNIVERSITY ETHICS APPROVAL (SEBE-2023-76).

Contacts: Anna Pimenta (PhD student), Phone: +61 0 35227 8318, Email: a.pimenta@deakin.edu.au and Dr. Beau Beza (Principal Investigator), Phone: +61 3 5227 8554, Email: beau.beza@deakin.edu.au

Fonte: Autoria própria.

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi feita em três etapas. A primeira se deu a partir das entrevistas, onde o próprio respondente relacionava as suas respostas, dadas previamente no questionário, com sentimentos da “Roda das Emoções de Genebra” (Geneva Emotion Wheel, GEW) explicitando padrões de léxicos afetivos. A segunda etapa foi a codificação com auxílio do software ATLAS.ti das respostas do questionário com os dados gerados na primeira etapa. Finalmente, a terceira etapa foi a análise dos dados quantitativos gerados para cada dimensão do apego ao lugar (social, afeto, identidade, dependência) e para a vontade de conservar, realizando-se análise de associação entre o nível de apego (negativo, neutro, positivo) e a categoria (envolvido, experiência e ouviu falar), utilizando testes estatísticos apropriados para a comparação de proporções. A seguir descrevem-se essas três etapas.

Etapas um: a partir dos dados coletados nas entrevistas, foi utilizada uma abordagem de identificação de léxicos afetivos em português para as amostras feitas no Brasil e em inglês para as amostras feitas na Austrália. Esse banco de dados foi criado pela pesquisadora desta tese, baseado na frequência que certos sentimentos eram relacionados a certas palavras nas respostas das entrevistas.

Etapas dois: foram estabelecidos, então, padrões claros de sentimentos relacionados às respostas e estes padrões foram usados na codificação das respostas dos questionários. Primeiramente, todas as respostas foram codificadas como: positiva, neutra ou negativa, já evidenciando-se por exemplo a pergunta que se destinava a identificar umas das dimensões do apego, se aquele apego existia, era neutro ou inexistente. A segunda codificação era puramente relacionada aos léxicos de linguagem onde os padrões de respostas encontrados nas entrevistas eram relacionados aos 20 sentimentos que aparecem na GEW (interesse, diversão, orgulho, alegria, prazer, contentamento, amor, admiração, alívio, compaixão, tristeza, culpa, arrependimento, vergonha, desapontamento, medo, nojo, desprezo, ódio e raiva) mais três sentimentos que foram acrescentados pelos respondentes que é “saudades”, “nostalgia” e “felicidade”, já que o respondente estava livre para escolher algum dos vinte sentimentos da GEW ou adicionar outros.

Esta análise, feita por meio do sistema de codificação, usou o recurso de um software chamado ATLAS.ti para a análise textual que dispõe de funcionalidades como a identificação de palavras, agrupamentos de análises e diferenciar e quantificar os códigos.

Etapa três: A análise estatística descritiva dos dados foi realizada, visando a caracterização dos respondentes em cada um dos dois países (Brasil e Austrália), considerando as faixas etárias e a conexão com o local analisado. Os resultados foram expressos em termos de frequências absolutas e relativas.

Uma análise de associação foi realizada, por meio do teste exato de Fisher. O estudo investigou as associações entre as categorias de respondentes (envolvidos com patrimônio, com experiência de vida no lugar e os que apenas ouviram falar) e as quatro dimensões avaliadas (dependência, identidade, afeto, social), acrescentando-se a vontade de conservar, tanto no Brasil quanto na Austrália. Além disso, também foi investigada a associação entre a vontade de conservar e cada uma das dimensões do estudo. A hipótese nula do teste é que as variáveis são independentes e a hipótese alternativa é que as variáveis são dependentes. Este teste foi escolhido por ser adequado para analisar a associação entre variáveis categóricas, especialmente em situações com tamanhos amostrais menores ou quando as frequências esperadas são baixas, permitindo verificar a significância estatística das associações observadas (Agresti, 2007).

Posteriormente, para quantificar a influência das dimensões na vontade de conservar, foi utilizada a análise de regressão logística ordinal simples. Este modelo estatístico foi empregado para analisar a relação entre o desfecho de vontade de conservar e cada uma das variáveis preditoras (as dimensões afeto, dependência, identidade e social) separadamente. Foram estimadas as razões de chances (OR), que quantificam a força da associação entre as variáveis preditoras e o desfecho, e seus respectivos intervalos de confiança (IC), que indicam a precisão dessas estimativas. Os modelos de regressão permitiram identificar preditores associados de forma estatisticamente significativa à vontade de conservar. Adicionalmente, para aquelas dimensões em que a categoria de respondente mostrou associação significativa, foi realizada uma análise de regressão estratificada por categoria, estimando-se um modelo de regressão para cada categoria de respondente

separadamente, a fim de investigar como a relação entre as dimensões e a vontade de preservar variam em cada categoria. A análise foi realizada separadamente para os dados do Brasil e da Austrália.

Em todos os testes estatísticos foi considerado um nível de significância de 5%, de modo que, para $p\text{-valor} < 0,05$, tem-se resultados significativos. As análises estatísticas foram realizadas com o software R versão 4.4.3 (R Core Team, 2024).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo apresenta e discute os resultados da pesquisa, seguindo uma organização dividida em duas seções principais:

1. **Resultados das Entrevistas:** Esta seção detalha os achados qualitativos obtidos a partir das entrevistas.
2. **Resultados Quantitativos dos Questionários:** Aqui, são apresentados os resultados quantitativos oriundos dos questionários.

Para cada uma das etapas, a apresentação dos dados será seguida pela discussão correspondente, permitindo uma análise aprofundada e integrada dos resultados em cada subseção do capítulo.

5.1 Resultados das Entrevistas

Como citado anteriormente, as entrevistas foram usadas para a codificação posterior das respostas dos questionários. Neste processo, foi observado por exemplo nas entrevistas no Brasil, que quando um respondente fazia algum elogio a respeito da obra em questão, como dizer que é “uma obra de arte” por exemplo, este comentário era relacionado ao sentimento de “orgulho”, quando o respondente acrescentava muitos detalhes, como no caso do antigo cinema falar sobre a “tela coberta com cortina vermelha”, acrescentou-se o sentimento de “admiração” e ainda quando o respondente falava de uma experiência pessoal específica, o sentimento de “nostalgia” surgia. Observou-se que havia um sentimento de “decepção” dos respondentes quando falavam do antigo cinema ter se tornado uma igreja, mas quando falavam do cinema ter sido fechado aparecia a “tristeza”.

Na maioria das vezes, como as perguntas sempre levavam o respondente a analisar os próprios sentimentos, o sentimento já aparecia claramente na resposta, sem demandar interpretações, como por exemplo falando claramente em tristeza, alegria, decepção ou nostalgia.

Nesta etapa foi possível observar que a pergunta: “Imagine que você está ouvindo uma história ou relembrando uma experiência no Antigo Cine São José.

Quais palavras ou frases representam essa experiência para você?” não atingia respostas das quais fossem possíveis mesmo interpretar que a pessoa tinha uma motivação cultural frente aquele objeto de pesquisa, pois as respostas eram das mais diversas, como alguma memória nostálgica relacionada aquela edificação, a importância do local para a vida urbana da cidade ou mesmo o fato dela ter se tornado igreja. Se esperava obter respostas relacionadas a elementos culturais ou históricos do lugar para se fazer relação com a “motivação cultural”, mas isso não acontecia, mesmo com pessoas que pareciam ser motivadas culturalmente. A pesquisadora interpretou então, que a pergunta não atingia o objetivo proposto e a medição da “motivação cultural” não poderia, portanto, ser feita com este instrumento.

Nas entrevistas feitas na Austrália, curiosamente, apesar da saudade não ser um sentimento em inglês, pois é um verbo “*I miss*”, que quer dizer eu sinto falta, as pessoas diziam que sentiam falta e outras pessoas entrevistadas na Austrália eram brasileiros que moravam lá há bastante tempo e usavam a palavra “saudade”, sendo portanto acrescentada a lista de emoções tanto na codificação dos respondentes no Brasil como na Austrália.

Após esta explicação geral a respeito das entrevistas, a seguir, nesta seção serão apresentados os resultados da primeira etapa da pesquisa, focada nas entrevistas. Os dados são organizados e discutidos de acordo com as categorias de respondentes, visando uma compreensão aprofundada das diferentes perspectivas. A ordem de apresentação é a seguinte:

1. Envolvidos com Patrimônio: Indivíduos que foram sensibilizados ao tema pela sua formação em arquitetura e urbanismo ou atuam diretamente na gestão e preservação do patrimônio cultural.
2. Com Experiência de Vida no Lugar: Moradores que possuem um vínculo direto e histórico com a área de estudo.
3. Os que Apenas Ouviram Falar: Pessoas que têm conhecimento sobre o local, mas sem uma experiência de vida ou profissional direta.

Para cada categoria, os resultados serão apresentados e analisados com base em quatro dimensões do apego ao lugar e a vontade de conservar, dimensão adicional

criada pela autora, que foi um construto fundamental para a pesquisa, além de variável dependente. Dimensões dispostas na seguinte sequência:

- Dependência
- Identidade
- Afeto
- Social
- Vontade de conservar

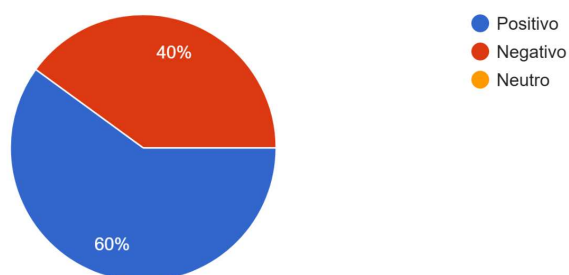
Ao final das entrevistas, os participantes foram convidados a expressar suas aspirações para o futuro dos edifícios, especificamente sobre qual função o lugar deveria ter. Suas respostas, que revelam o que seria o uso ideal para cada local, são apresentadas em uma nuvem de palavras para cada país. Essa estrutura visual permite uma análise clara e comparativa, destacando as nuances das aspirações dos respondentes em relação às dimensões de apego ao lugar, tanto no Brasil quanto na Austrália.

❖ 5.1.1 “Envolvidos com Patrimônio”

- ❖ A seguir os resultados da categoria de “**Envolvidos com Patrimônio**” para dimensão do apego ao lugar denominada **Dependência de lugar**.

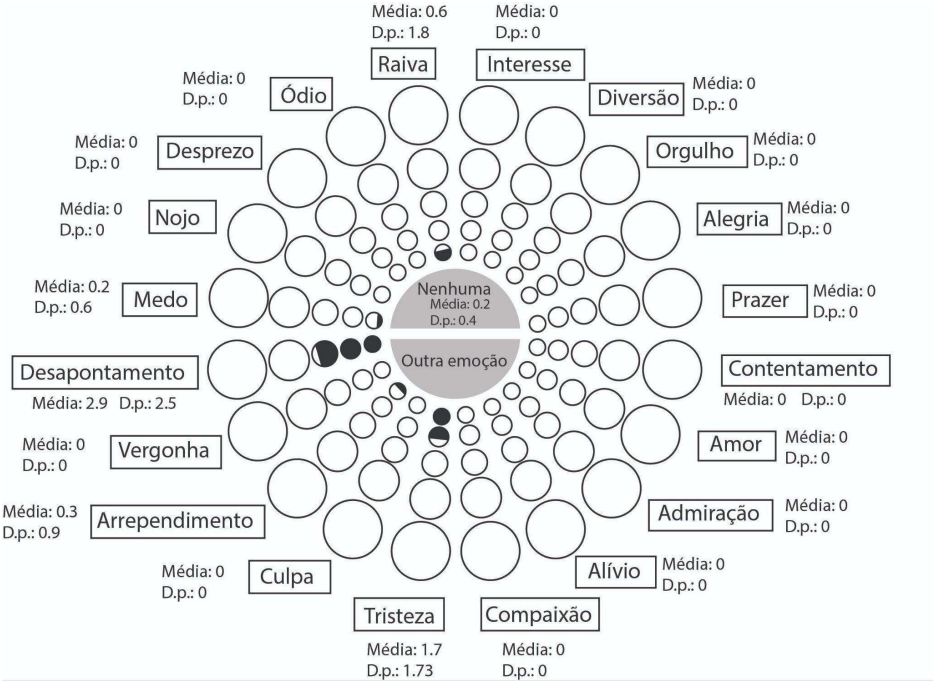
Figura 40 - Gráfico de dependência de lugar - Brasil

Analisando dependência de lugar - Brasil
10 responses



Fonte: Elaborado pela autora

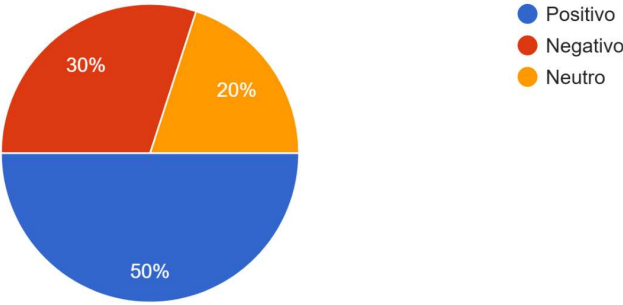
Figura 41 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - EP - Brasil.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

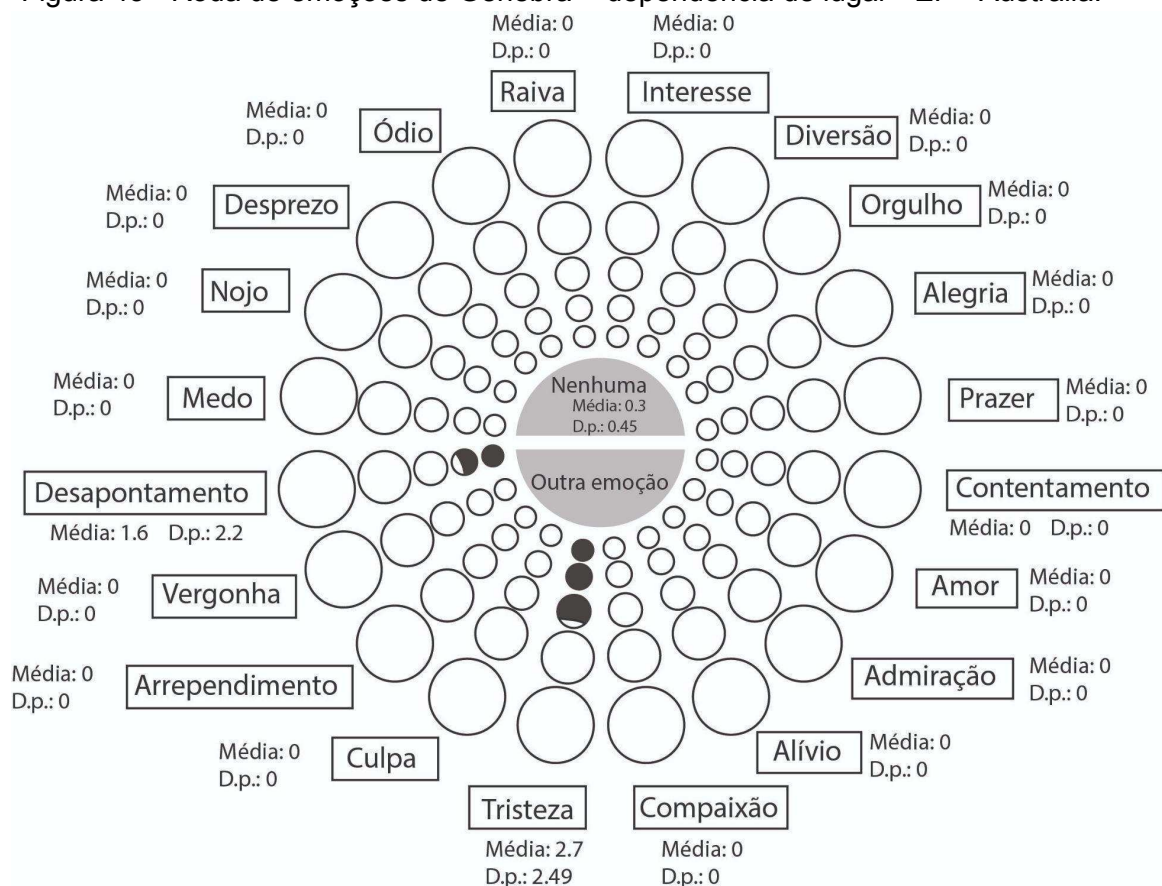
Figura 42 - Gráfico de dependência de lugar - Austrália

Analizando dependência de lugar - Austrália
10 responses



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 43 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - EP - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Considerando a categoria "Envolvidos com Patrimônio" e a dimensão de Dependência de Lugar, os resultados mostram um padrão notavelmente uniforme. A dependência de lugar é um apego emocional extremo a um local, onde o bem-estar de uma pessoa está excessivamente ligado a um bem, podendo causar sofrimento em caso de afastamento. Tanto no Brasil, onde um cinema se tornou uma igreja, quanto na Austrália, onde um edifício comercial virou um prédio de apartamentos privados para estudantes, o acesso público foi severamente limitado.

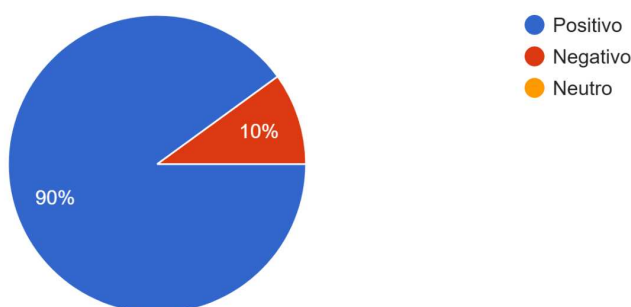
A amostra se comportou de forma similar em ambos os países: 60% dos brasileiros e 50% dos australianos afirmaram ter dependência do lugar. A principal distinção é que 20% dos australianos se mostraram neutros na resposta, enquanto os 40% restantes no Brasil negaram claramente a dependência. No entanto, os sentimentos expressos foram muito parecidos: desapontamento e tristeza foram as emoções encontradas. A causa para esses sentimentos em ambos os locais foi o

fato de os edifícios não serem mais de uso público, o que resultou na perda da dinâmica urbana que geram.

- ❖ A seguir os resultados da categoria de “**Envolvidos com Patrimônio**” para dimensão do apego ao lugar denominada **Identidade de lugar**.

Figura 44 - gráfico de identidade de lugar, Brasil.

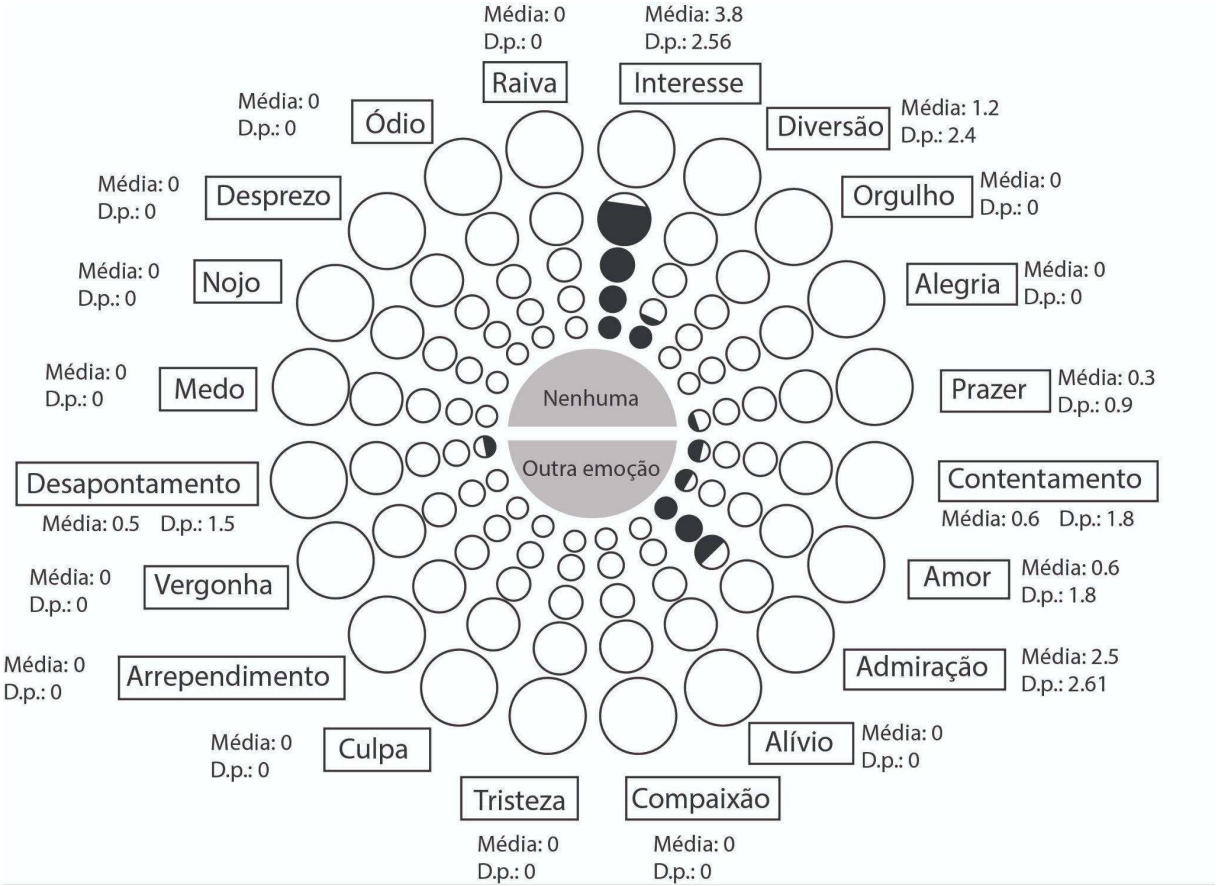
Analizando identidade de lugar - Brasil
10 responses



Fonte: elaborado pela autora

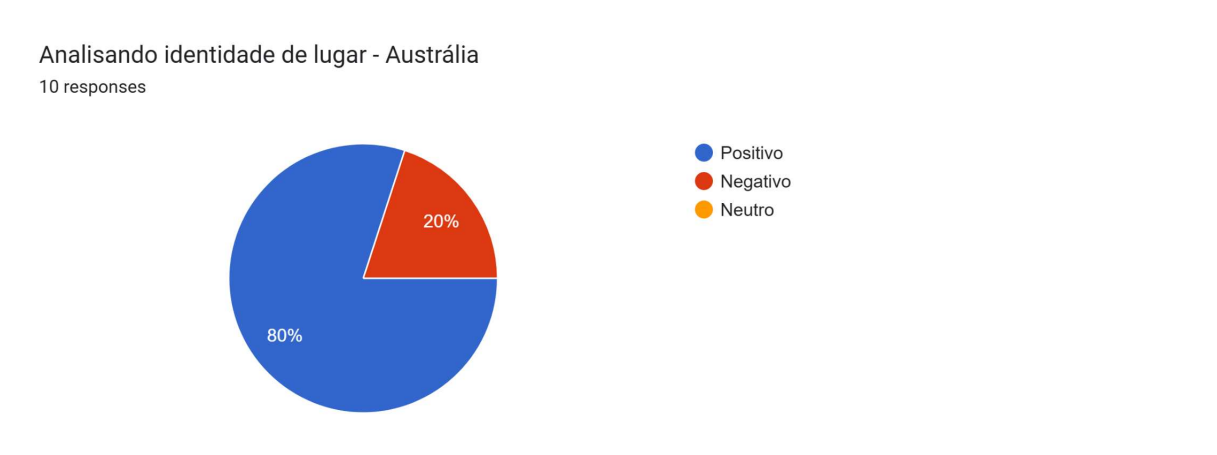
A identidade de lugar trata de como um local específico pode moldar nossas memórias, valores e senso de pertencimento, tornando-se parte do senso de quem somos. No Brasil, de dez respondentes, apenas um afirmou não se identificar mais com a edificação, já que o antigo cinema foi convertido em uma igreja com a qual ele não se alinha ideologicamente. Contudo, mesmo essa pessoa não permaneceu indiferente, expressando um alto nível de desapontamento. A maioria da amostra brasileira (sete de dez) demonstrou um forte sentimento de interesse, sendo este o sentimento mais presente quando se trata de identidade. Esse sentimento foi seguido de perto pela admiração pelo edifício e sua história, reforçando a relevância do patrimônio na formação de um vínculo subjetivo.

Figura 45 - Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - EP - Brasil.



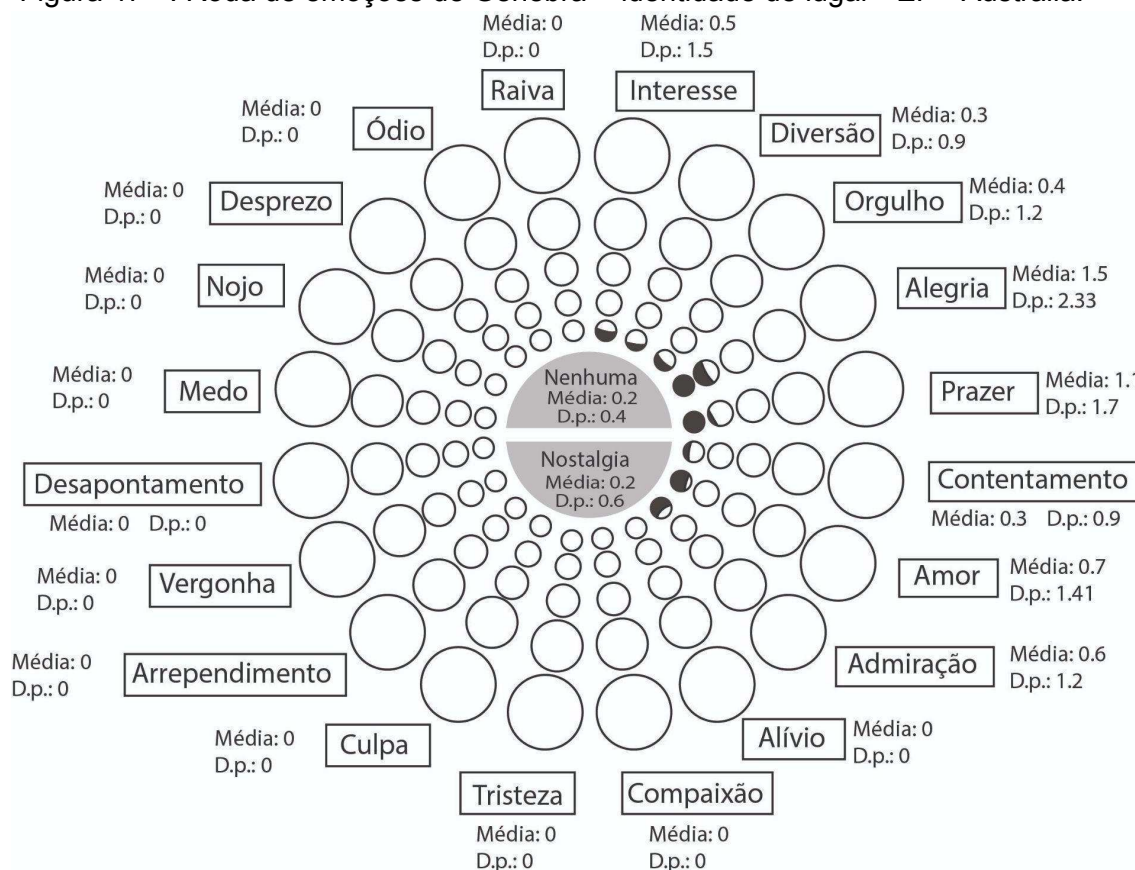
Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 46 - Gráfico identidade de lugar Austrália



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 47 - : Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - EP - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

A coleta de dados nas entrevistas na Austrália revelou duas instâncias de indivíduos que não estabeleceram conexão com quaisquer atributos ou aspectos do Edifício T&G. O primeiro caso refere-se a um estudante chinês de pós-graduação em Arquitetura, cuja justificativa para a ausência de identificação baseou-se na sua limitada familiaridade e conhecimento prévio sobre a edificação. Este achado sublinha a influência do contexto cultural arquitetônico e da exposição contextual na formação das percepções e na vinculação emocional com o patrimônio construído.

O segundo respondente a expressar a falta de identificação foi um indivíduo que participou ativamente da obra de restauro do edifício. Embora não se identificasse com nenhuma característica do edifício, ele apresentou uma crítica técnica específica, alegando a não-confiabilidade estrutural da construção, a qual atribuiu à natureza dos materiais empregados no contexto do pós-guerra. Esta perspectiva, fundamentada na experiência prática e no conhecimento

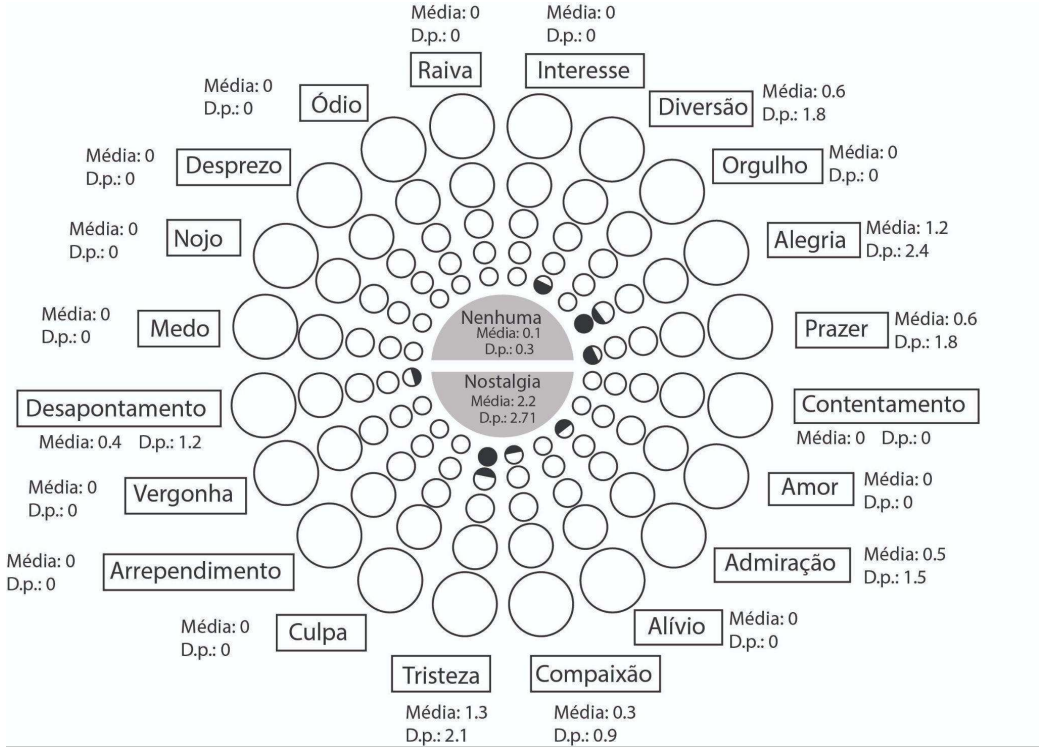
técnico-construtivo, oferece um contraponto materialista à apreciação estética ou simbólica. Contudo, a análise aprofundada revelou uma tensão discursiva notável: apesar da crítica estrutural e da afirmação de desidentificação, o mesmo indivíduo manifestou apreço afetivo pela edificação, possuindo memórias significativas tanto como usuário quanto como trabalhador, e defendeu veementemente a conservação patrimonial do T&G. Essa observação culminou na formulação de um axioma pertinente à efemeridade material ("nada permanece do mesmo jeito para sempre"), mas a simultaneidade da crítica técnica e do apelo afetivo configura uma contradição perceptual relevante.

- ❖ A seguir os resultados da categoria de **“Envolvidos com Patrimônio”** para dimensão do apego ao lugar denominado **vínculo afetivo**.

O vínculo afetivo com o lugar é a conexão emocional que desenvolvemos com um local, gerando sentimentos de carinho, segurança e pertencimento. A análise dos resultados na categoria "Envolvidos com Patrimônio" mostra a força desse vínculo. No Brasil, a maioria dos entrevistados (90%) afirmou ter um forte vínculo afetivo com a edificação. A única exceção foi um respondente que disse não ter esse vínculo por não conhecer a história do local o suficiente. Assim como na Austrália, o sentimento de tristeza aparece ligado à mudança de uso do antigo cinema para uma igreja, percebida como uma perda do caráter público e da dinâmica urbana que o local gerava.

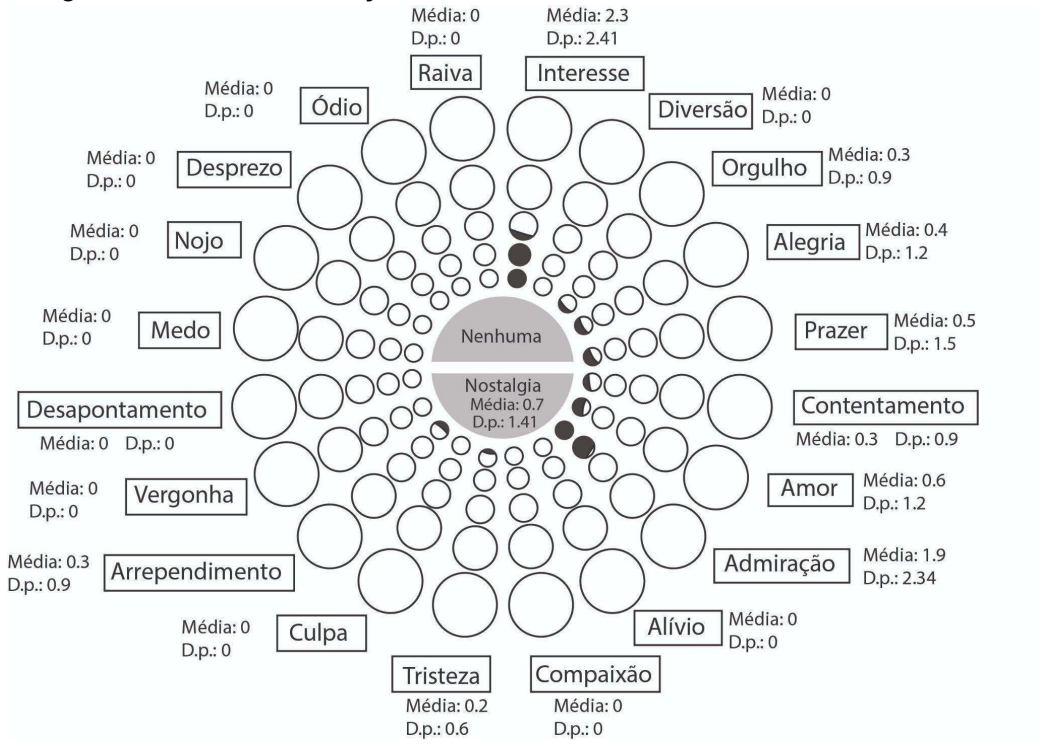
Já na Austrália, 100% dos entrevistados confirmaram ter um vínculo afetivo com o edifício, poucos apresentaram o sentimento de “arrependimento”, por estarem envolvidos com patrimônio e terem de alguma forma permitido esta mudança de função.

Figura 48 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - EP - Brasil.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 49 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - EP - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

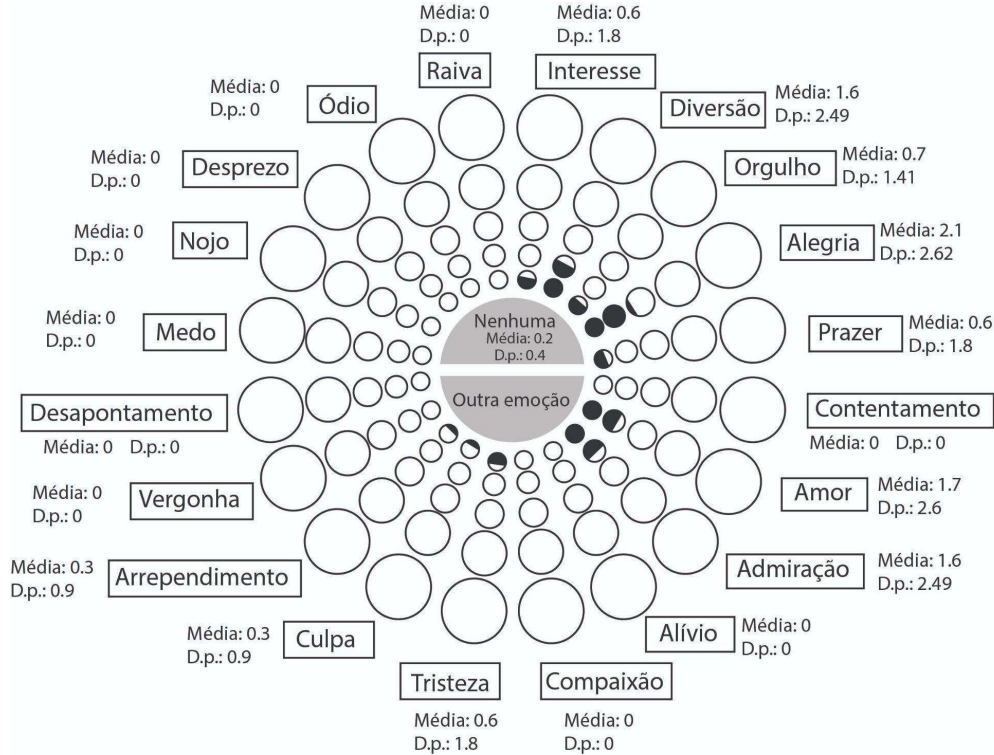
- ❖ A seguir os resultados da categoria de “**Envolvidos com Patrimônio**” para dimensão do apego ao lugar denominado **vínculo social**.

O vínculo social com o lugar é a conexão entre as pessoas e um local específico, fortalecida pelas interações sociais e relacionamentos que ocorrem nesse ambiente. A análise dos dados sobre esse tipo de vínculo entre os participantes revela padrões distintos em cada país.

No Brasil, a maioria dos entrevistados (80%) demonstrou um forte vínculo social com a edificação, associando suas memórias a grupos de estudantes, professores, familiares ou amigos que os acompanharam em suas experiências no local. Apenas dois respondentes (20%) não sentiram esse vínculo, justificando a ausência de memórias por nunca terem frequentado ou estudado a história do lugar.

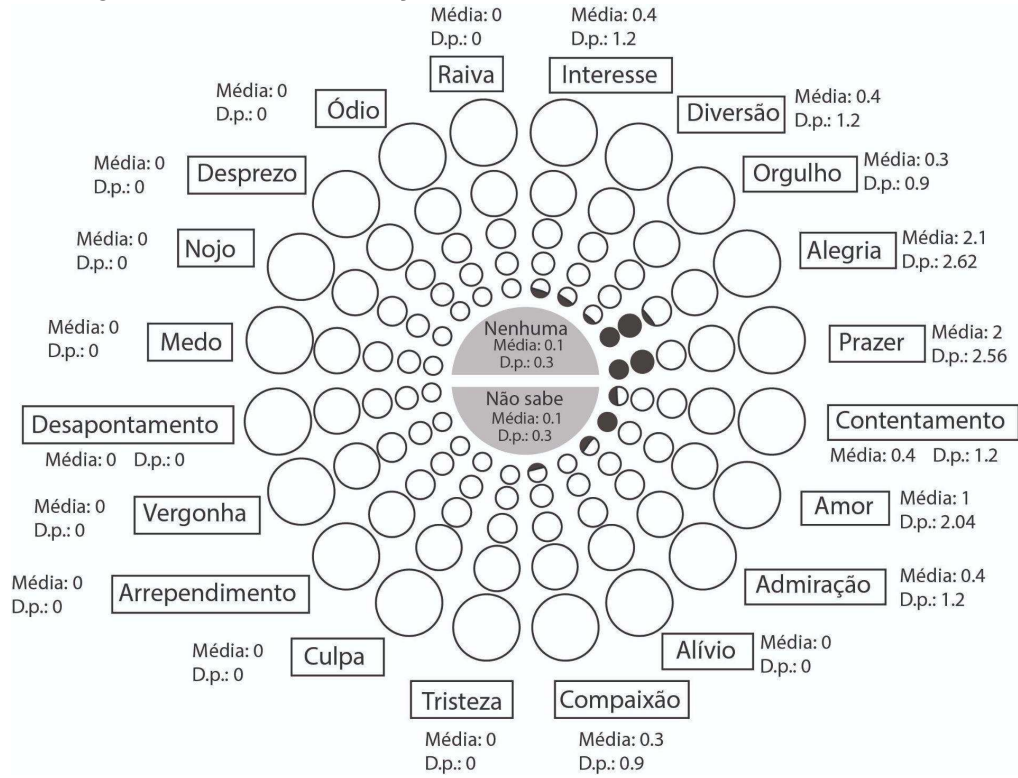
Na Austrália, a conexão social foi ainda mais evidente: apenas um respondente (10%) negou ter vínculo social com a edificação. No entanto, mesmo essa pessoa mencionou a família em outras respostas, indicando que, de forma implícita, existiam ligações afetivas e sociais com o local. A maioria dos australianos vinculou o edifício às suas famílias, pois era um lugar que costumavam frequentar, tanto o comércio do térreo quanto a torre com os bonecos, um local de forte memória social. Hoje, com a mudança para uma residência de estudantes, o vínculo social dos entrevistados ainda gira em torno da nostalgia dessas experiências familiares.

Figura 50 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - EP - Brasil.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 51 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - EP - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Na Austrália, as memórias de grupos e pessoas vinculadas ao edifício evocam exclusivamente sentimentos positivos. No Brasil, o vínculo social com o lugar é mais complexo, revelando uma profunda sensibilidade. As lembranças de um professor importante, que faleceu, geraram tristeza e arrependimento pela falta de oportunidade de passar mais tempo com ele. Além disso, um dos participantes expressou culpa por não ter feito mais pelo patrimônio durante seu período de estudo. Esses sentimentos, embora negativos, demonstram a intensidade do vínculo emocional e social que os participantes brasileiros têm com o local e com as pessoas a ele associadas.

❖ A seguir os resultados da categoria de “**Envolvidos com Patrimônio**” para dimensão denominada **vontade de conservar**.

A lealdade afetiva justifica uma nova dimensão do apego ao lugar, que se manifesta como a vontade de conservar um local histórico. Essa dimensão vai além da conexão pessoal, motivando o indivíduo a torcer pelo sucesso e conservação do lugar, incentivando que outras pessoas também possam vivenciá-lo. Assim, o apego se manifesta como um compromisso proativo e altruísta com o futuro do local, transformando o indivíduo em um defensor de sua herança.

Para analisar essa dimensão, os participantes foram questionados sobre suas emoções em dois cenários: a demolição e a restauração do edifício.

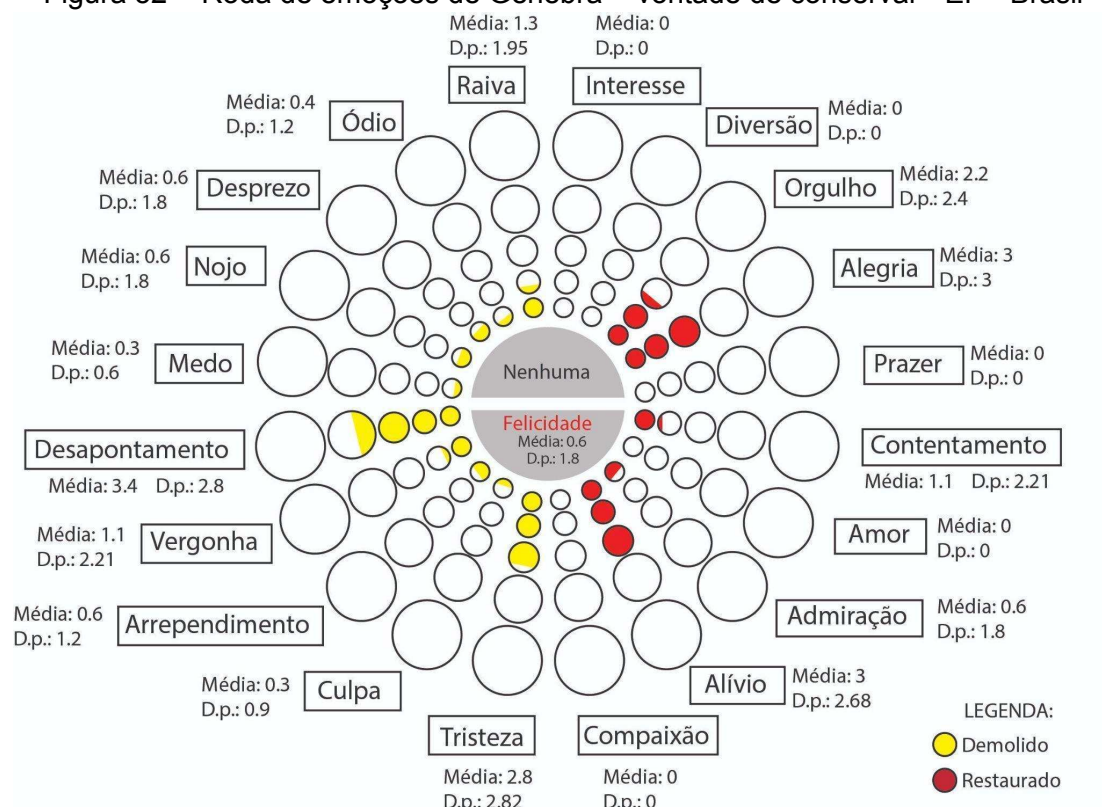
No Brasil, 100% dos respondentes demonstraram a vontade de conservar o edifício. Até mesmo o participante que expressou insatisfação com a atividade religiosa atual no local manifestou sentimentos de raiva e tristeza diante da possibilidade de demolição. Quando questionados sobre a restauração, metade dos participantes sentiu alegria no nível máximo de intensidade. O alívio teve uma média semelhante à alegria, sendo citado por 60% dos respondentes, embora com intensidades variadas. Já em relação à demolição, a tristeza foi um sentimento comum, mencionada por metade dos entrevistados, e o desapontamento foi ainda mais intenso, com 60% dos participantes avaliando-o em níveis de 5 a 6.

Na Austrália, 100% dos respondentes também apresentaram forte vontade de conservar o edifício. A emoção de interesse foi mencionada por um participante, que disse estar interessado em saber o motivo da demolição. Curiosamente, essa

mesma emoção também foi usada para descrever a reação à restauração do edifício, mostrando um sentimento de curiosidade e atenção em relação ao destino do local.

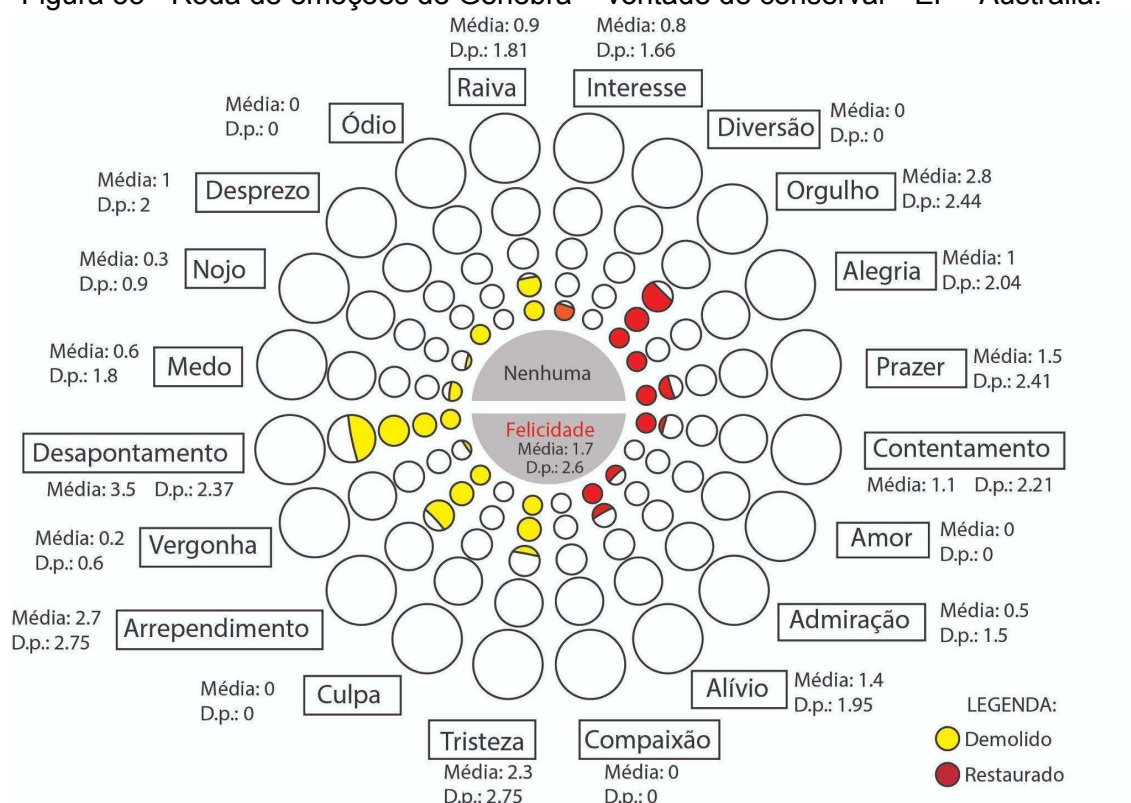
Os resultados apresentados são notavelmente homogêneos em ambos os países, indicando que a vontade de conservar e os sentimentos a ela associados tendem a transcender as especificidades culturais e geográficas.

Figura 52 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - EP - Brasil



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 53 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - EP - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

- ❖ A seguir os resultados da categoria de “**Envolvidos com Patrimônio**” para a explanação do uso ideal para cada local expressa por nuvem de palavras.

No Brasil, as respostas deixam claro que a maioria dos participantes gostaria que o local voltasse a ser um cinema. As sugestões de funções apontam para um desejo de que o espaço seja novamente aberto ao público, recriando a dinâmica urbana que existia no passado.

Na Austrália, a nuvem de palavras revela aspirações semelhantes. Termos como "fachada ativa" e "valioso para a cidade" indicam o desejo de que o edifício promova uma interação mais fluida entre o espaço privado e a calçada, tornando o térreo mais acessível e permeável para a comunidade, e assim o lugar mais ativo e importante para a cidade.

Figura 54 - Nuvem de palavras EP - Brasil.



Fonte: <https://www.wordclouds.com/>

Figura 55 - Nuvem de palavras EP - Austrália.



Fonte: <https://www.wordclouds.com/>

- ❖ 5.1.2 **Pessoas com experiência de vida no local**
- ❖ A seguir os resultados da categoria de “**Pessoas com experiência de vida no local**” para dimensão do apego ao lugar denominado **dependência de lugar**.

Nos resultados para a dimensão de dependência de lugar na categoria de entrevistados que possuem uma experiência de vida no local, a motivação desse grupo difere significativamente da categoria de "Envolvidos com Patrimônio". Em vez de um apego baseado em conhecimentos técnicos ou acadêmicos sobre a história e conservação dos edifícios, a conexão aqui é movida pela nostalgia e pelas memórias pessoais. Suas respostas refletem a vivência direta e as emoções construídas a partir de suas próprias experiências com os lugares, tornando a análise mais subjetiva e focada no impacto emocional das mudanças ocorridas.

No Brasil, a grande maioria dos entrevistados (80%) que vivenciaram o edifício em sua função original como cinema afirmou não sentir mais dependência

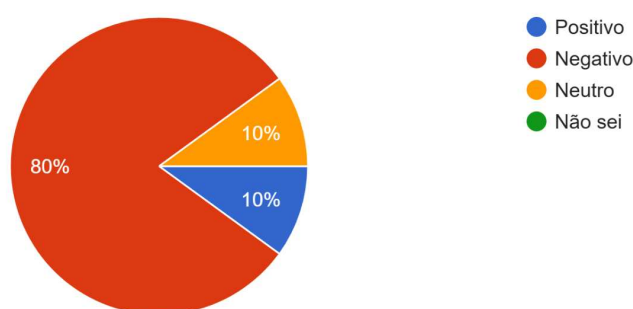
de lugar. Metade deles não associou nenhum sentimento a essa falta de dependência. A outra metade, no entanto, expressou desapontamento em diferentes graus (nível de 3 a 5) pela ausência do cinema. Além disso, duas pessoas mencionaram algum nível de tristeza. Assim, para aqueles que não foram indiferentes, os sentimentos frente à possibilidade de não poderem mais ter contato com o edifício foram negativos.

Na Austrália, a dependência de lugar foi mais acentuada. Apenas um respondente (10%) não soube dizer se sentia dependência, mesmo demonstrando desapontamento e nostalgia em alta intensidade (nível 5) quando questionado sobre a impossibilidade de revisitar o local. Os sentimentos de tristeza e desapontamento foram quase unânimes e muito fortes: apenas um respondente não sentiu tristeza, e os demais a relataram com intensidade alta (5 ou 6). Da mesma forma, somente dois respondentes não mencionaram desapontamento, enquanto os outros o sentiram com uma intensidade de 5 a 6.

Figura 56 - Gráfico dependência de lugar EV-Brasil

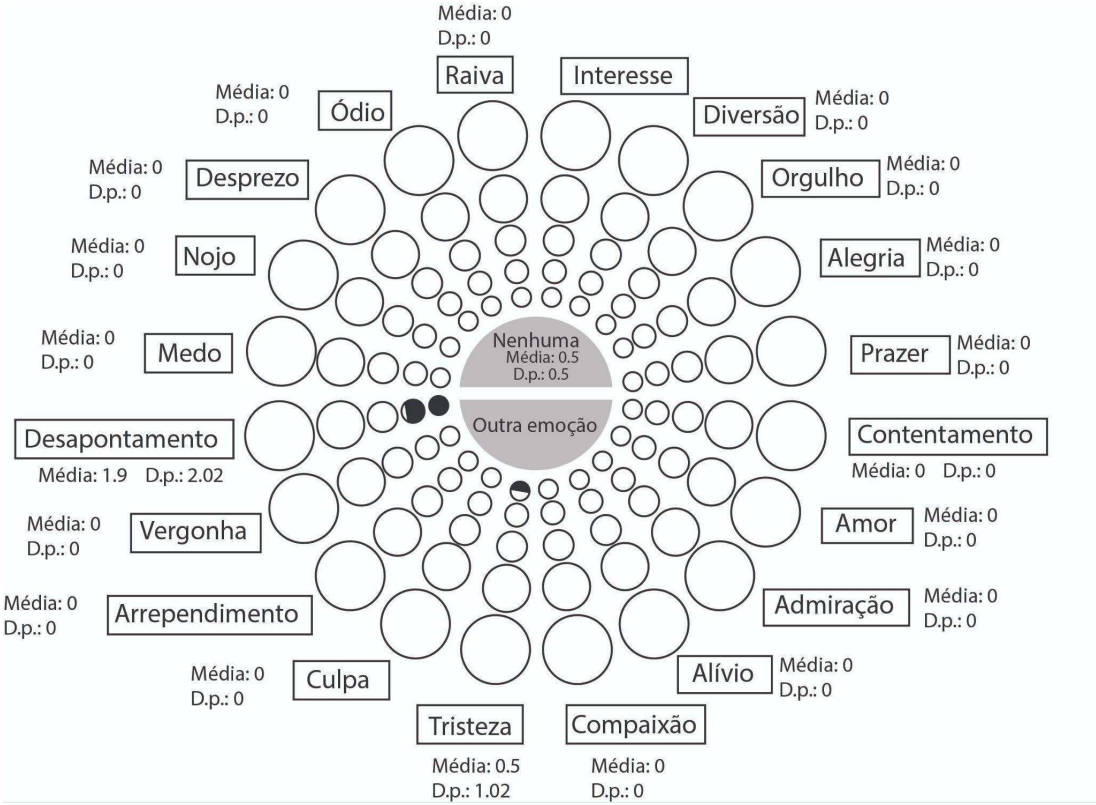
Analisando dependência de lugar - Brasil

10 responses



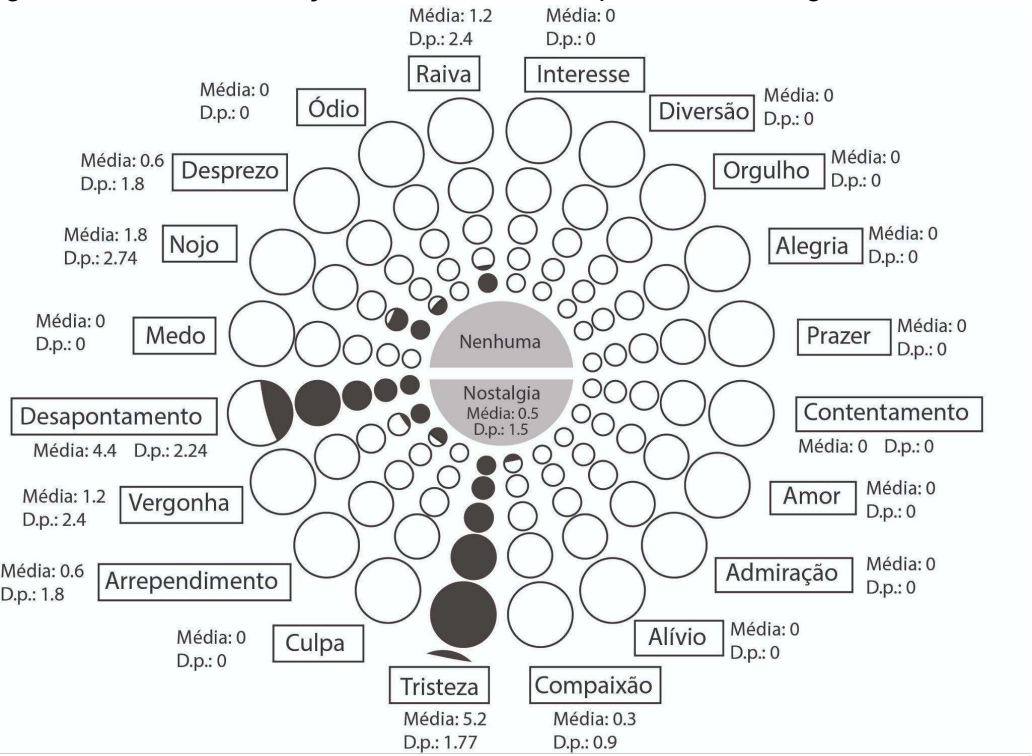
Fonte: Elaborado pela autora

Figura 57 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - EV - Brasil.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 58 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - EV - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Ficou claro que no Brasil os respondentes ficaram bem mais indiferentes à privação de contato com o edifício do que os australianos e isso se deve a indignação dos respondentes brasileiros com a mudança de uso (de cinema para igreja).

- ❖ A seguir os resultados da categoria de **“Pessoas com experiência de vida no local”** para dimensão do apego ao lugar denominado **identidade de lugar**.

A análise da Identidade de Lugar, na categoria de indivíduos com experiência de vida nos locais estudados, revela distinções significativas entre eles, particularmente no que tange à reconfiguração funcional dos edifícios.

No contexto brasileiro, onde a edificação sofreu uma mudança de função de cinema para templo religioso, observou-se uma polarização na identidade de lugar. Trinta por cento dos participantes declararam a perda de identificação com o local na sua configuração atual, o que resultou na ausência de qualquer sentimento associado. Este dado sugere uma forte dependência da identidade de lugar com a função programática original e o uso social a ela inerente.

Em contraste, os setenta por cento restantes mantiveram a identificação, ancorada em memórias e características do antigo cinema. As associações emocionais foram intensas e variadas:

- Alegria intensa: Citada por três dos sete respondentes (n=3), atingindo níveis de intensidade de 5 a 6, indicando um alto grau de vínculo afetivo positivo.
- Prazer e Nostalgia: Associados por dois indivíduos cada (n=2), reforçando a ligação com experiências passadas.
- Outros Sentimentos: Orgulho, diversão e interesse foram citados isoladamente (n=1), adicionando nuances à composição da identidade de lugar evocada pelo uso pretérito.

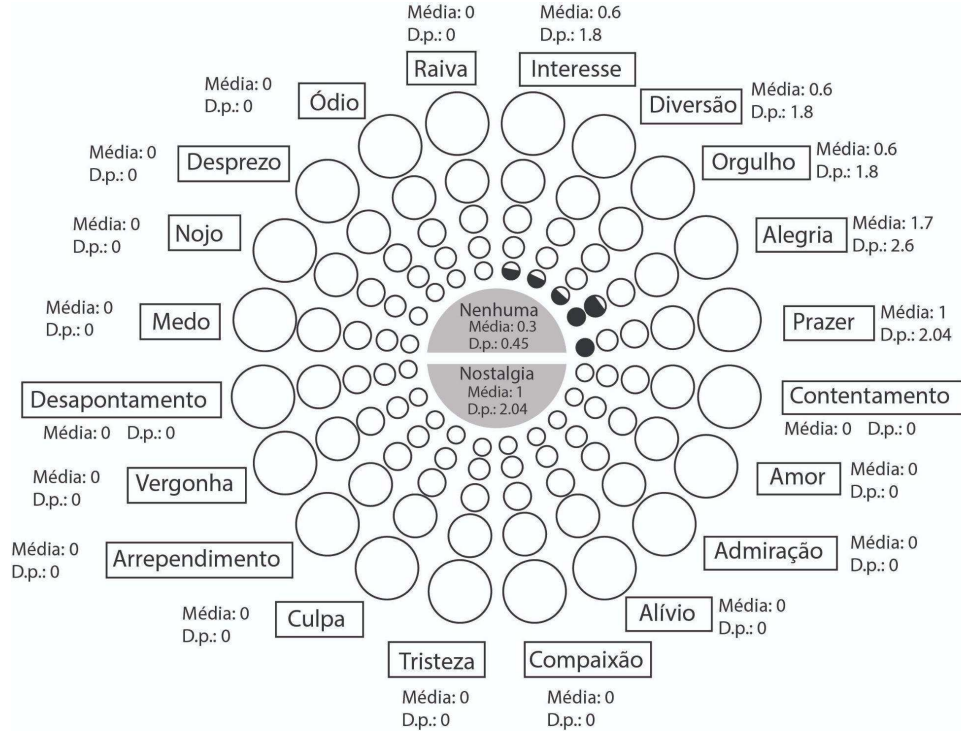
Na amostra australiana, a identificação com o lugar demonstrou ser universal (100% dos respondentes), mesmo em um cenário de restrições de acesso e

alterações funcionais menos drásticas. No entanto, a associação emocional apresentou complexidades:

- Um respondente, apesar de confirmar a identificação, não conseguiu articular o sentimento específico a ela associado ("não sabia" na dimensão emocional). Tal achado sugere que a identidade de lugar pode existir como uma ligação tácita ou cognitiva, independente de uma rotulação emocional clara.
- Outro indivíduo associou sua identidade de lugar ao sentimento de desapontamento. Este sentimento foi explicitamente motivado pelo mau funcionamento do relógio e pela redução na acessibilidade pública do edifício. Esta associação demonstra que a identidade de lugar pode ser mediada por fatores de manutenção e acessibilidade e ser expressa através de emoções negativas que, paradoxalmente, reforçam o valor percebido do local ao lamentar seu declínio ou alteração.

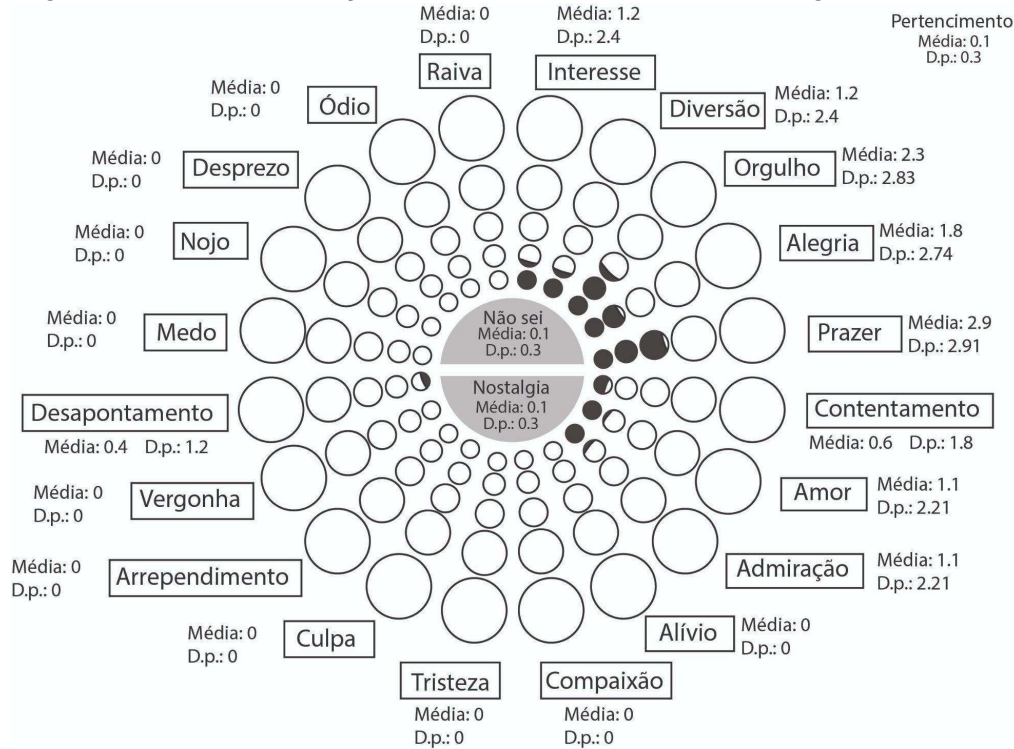
Duas emoções não listadas nas categorias iniciais emergiram espontaneamente: pertencimento e nostalgia. O surgimento de pertencimento corrobora a natureza social e relacional da Identidade de Lugar, enquanto a reincidência de nostalgia (já citada na amostra brasileira) sublinha sua relevância crítica na mediação entre a memória individual e o ambiente construído, especialmente em contextos de transformação do uso ou acesso.

Figura 59 - Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - EV - Brasil.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 60 - Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - EV - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

- ❖ A seguir os resultados da categoria de **“Pessoas com experiência de vida no local”** para dimensão do apego ao lugar denominado **Vínculo afetivo**.

A análise do Vínculo Afetivo (Affective Attachment), conforme relatado por indivíduos com experiência de vida nos locais estudados, revela a complexidade e a diversidade das relações emocionais estabelecidas com as edificações de referência.

No contexto brasileiro, a amostra de dez respondentes demonstrou uma polarização quanto ao vínculo afetivo:

- Ausência de Afeto: Vinte por cento (n=2) dos participantes relataram a inexistência de afeto e, conseqüentemente, de qualquer sentimento associado ao edifício.
- Incerteza: Dez por cento (n=1) manifestaram incerteza sobre a presença de afeto, indicando uma relação emocional menos definida ou articulada.
- Vínculo Afetivo Confirmado: Os setenta por cento restantes (n=7) confirmaram a existência de um vínculo afetivo com a edificação.

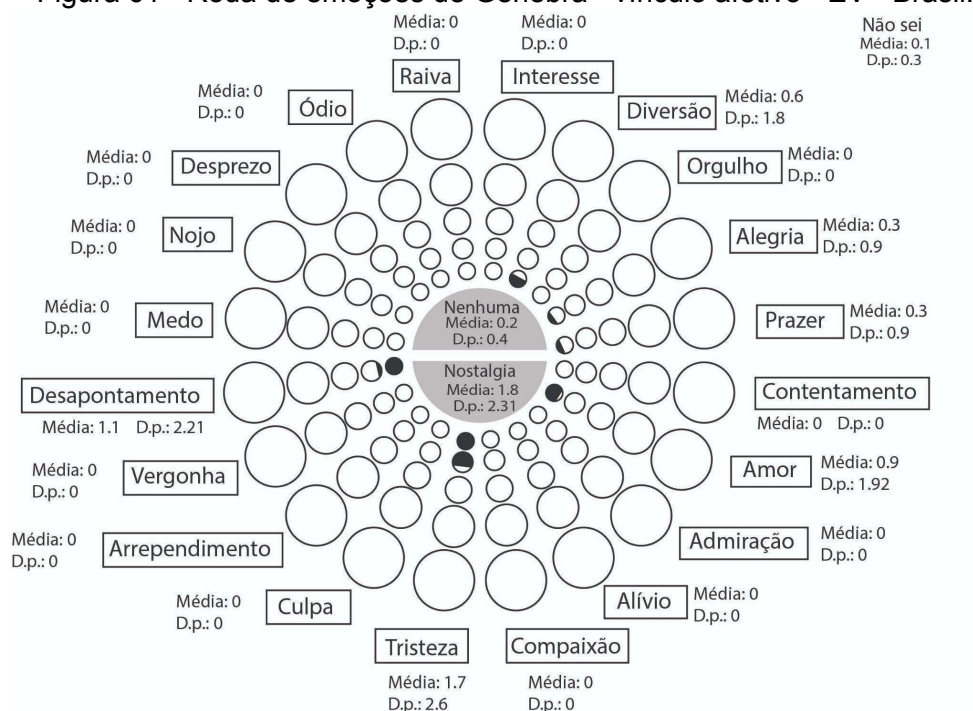
Entre aqueles que confirmaram o vínculo, a nostalgia emergiu como a emoção dominante, sendo citada por quatro indivíduos (n=4), embora em intensidades variadas. A presença da tristeza em três das respostas (n=3), frequentemente em altas intensidades (níveis 5 a 6), é particularmente notável. Em uma dessas ocorrências, a tristeza foi citada em concomitância com o amor. Esta justaposição de valências emocionais demonstra que o vínculo afetivo pode ser intrinsecamente complexo, abrangendo o lamento pela perda do uso ou do tempo passado (tristeza) ao lado da valorização e do apreço pelo objeto arquitetônico (amor).

Na amostra australiana, o estabelecimento de um vínculo afetivo foi universal (100% dos respondentes). Contudo, a expressão desse vínculo também incluiu a articulação de sentimentos complexos:

- Uma respondente exemplificou uma contradição afetiva ao citar a tristeza. Esta emoção negativa foi, no entanto, contextualizada como a lamentação pelo passado temporal da edificação, e não por uma aversão ao edifício em si. Na mesma resposta, sentimentos de alta valência positiva, como alegria e orgulho, foram simultaneamente expressos. Este achado reforça a tese de que o vínculo afetivo não é unidimensional, mas sim uma estrutura emocional multifacetada onde a tristeza pode ser uma componente do apego à memória.

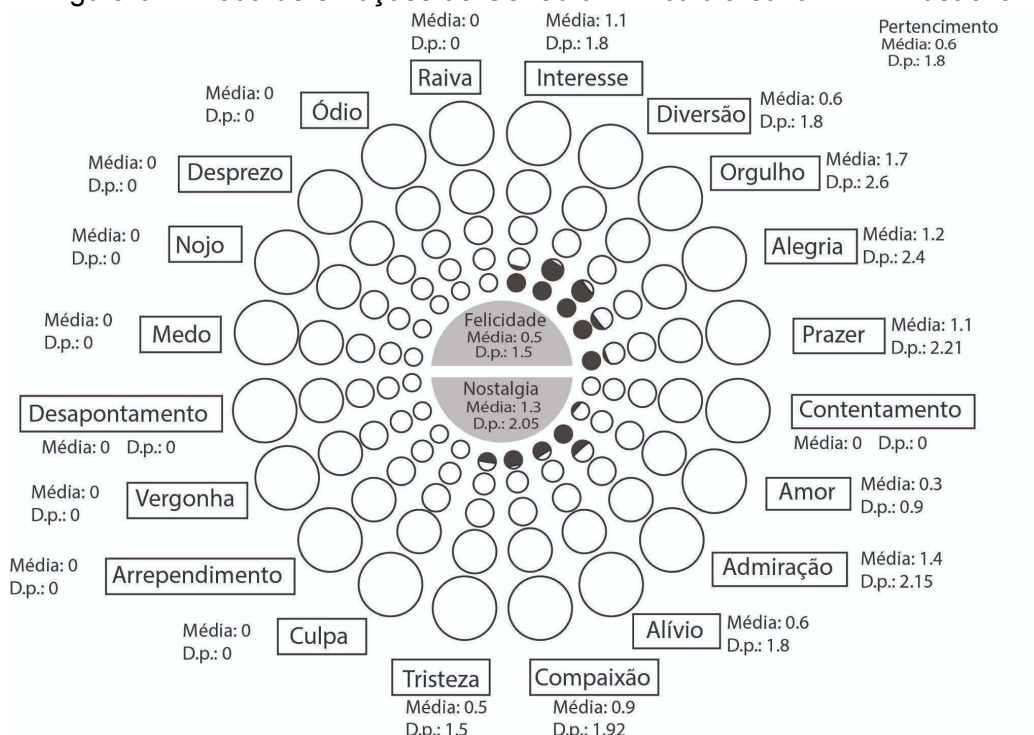
Em termos de emoções emergentes, a nostalgia foi novamente proeminente, citada por três indivíduos diferentes deste grupo (n=3). Adicionalmente, as emoções de felicidade e pertencimento surgiram, cada uma citada uma única vez, corroborando a natureza experiencial e social do vínculo afetivo e a sua intersecção com o sentimento de inserção no local.

Figura 61 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - EV - Brasil.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 62 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - EV - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

- ❖ A seguir os resultados da categoria de **“Pessoas com experiência de vida no local”** para dimensão do apego ao lugar denominado **Vínculo social**.

A análise do Vínculo Social, na categoria de participantes com experiência de vida nos locais de estudo, demonstra a forte associação entre o uso pretérito das edificações e as relações interpessoais, apesar de algumas exceções notáveis.

No contexto brasileiro, a grande maioria dos respondentes estabeleceu um vínculo social robusto:

- Exceção Individual: Apenas um respondente ($n=1$), representando 10% da amostra, não conseguiu evocar memórias de grupos específicos ou de acompanhantes, afirmando frequentar o antigo cinema predominantemente de forma solitária. Este achado sugere que a experiência individual,

desvinculada da interação social explícita, pode ser uma vertente menos comum, mas existente, da memória do lugar.

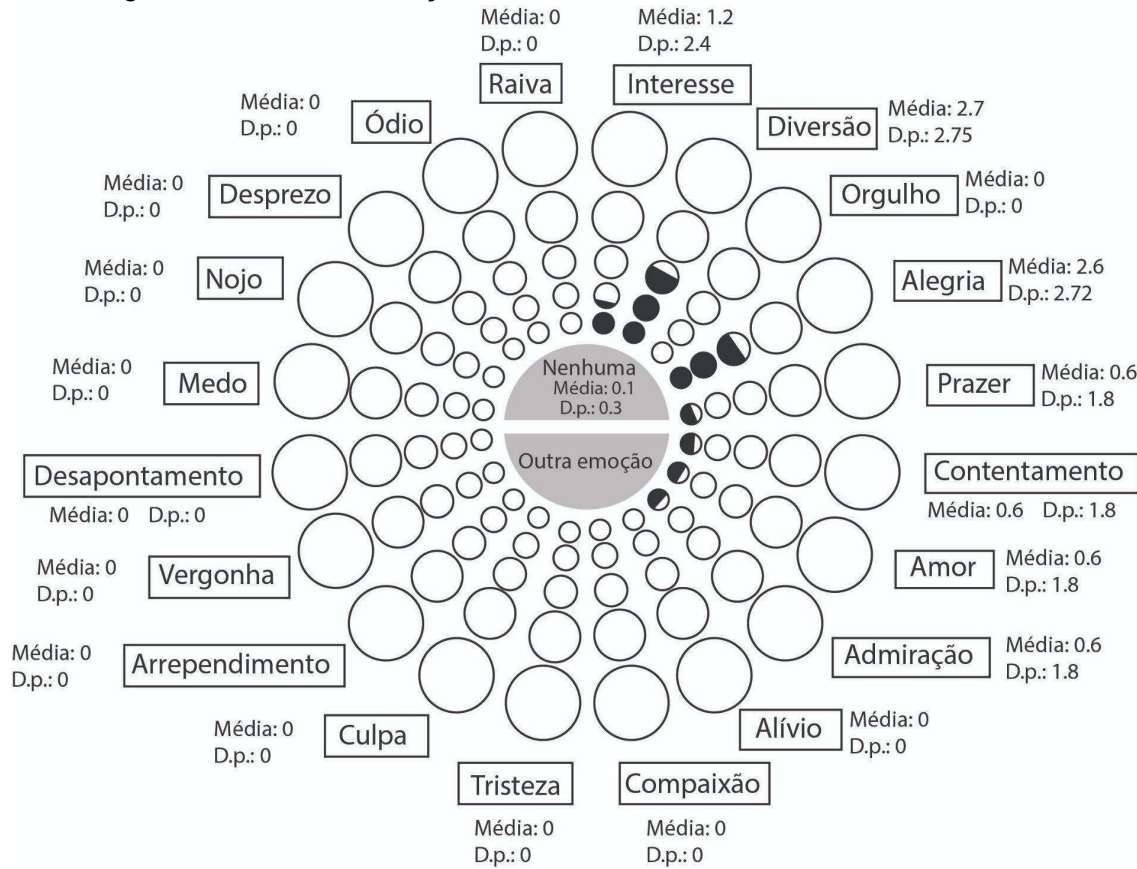
- **Vínculo Social Consolidado:** Os 90% restantes dos participantes associaram inequivocamente a memória do antigo cinema a amigos e/ou familiares. Esta alta proporção sublinha a função do cinema como um espaço de convívio e sociabilidade, onde as experiências individuais se entrelaçavam com o reforço dos laços comunitários e afetivos.
- **Associação Emocional:** Metade da amostra total (50%) atribuiu explicitamente os sentimentos de alegria e diversão ao vínculo social estabelecido no local. Esta correlação sugere que as emoções positivas associadas ao edifício são amplamente mediadas e intensificadas pelas interações sociais ocorridas em seu contexto.

A amostra australiana exibiu um padrão de vínculo social quase universal, corroborando a importância deste construto no apego ao lugar:

- **Neutralidade:** Apenas um respondente ($n=1$), correspondente a 10% da amostra, expressou neutralidade em relação ao vínculo social, justificando a ausência de conexão pela incapacidade de lembrar de qualquer grupo específico associado à edificação.
- **Vínculo Social Afirmado:** Os 90% restantes dos participantes afirmaram explicitamente a presença deste tipo de vínculo.

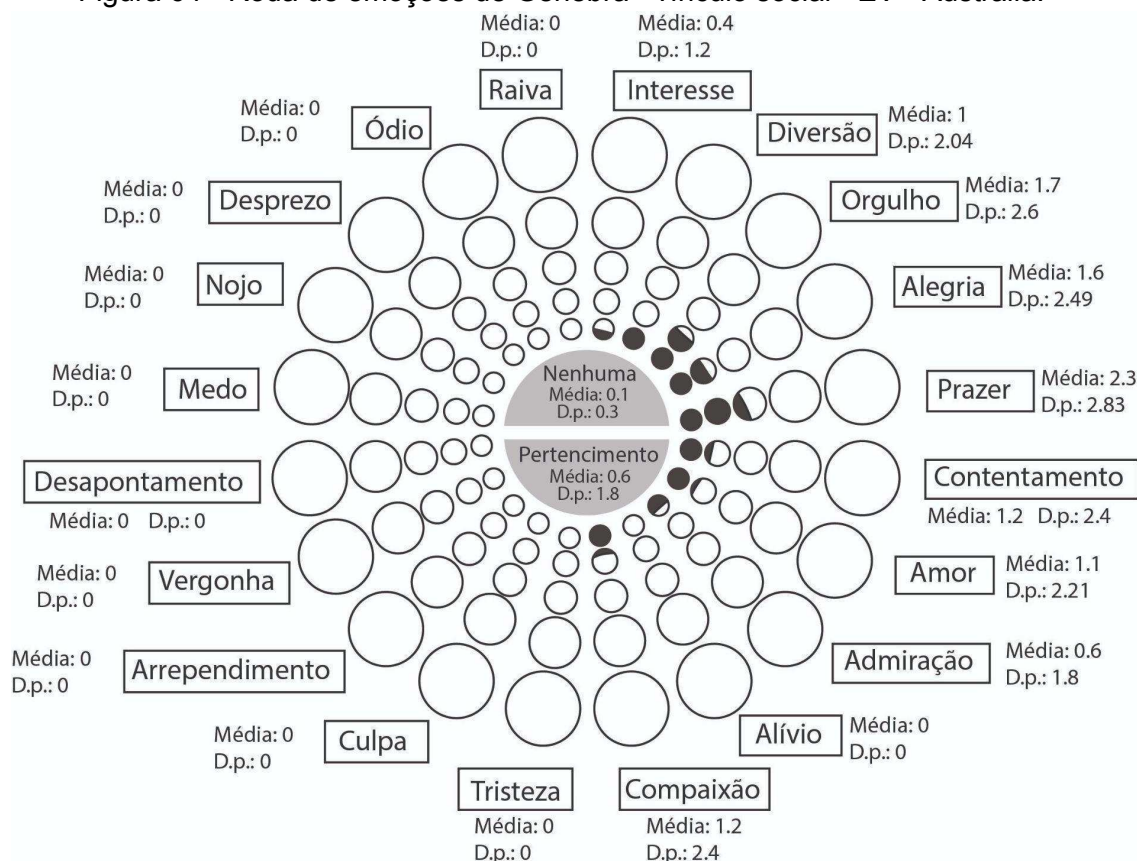
A elevada taxa de afirmação do vínculo social em ambas as localidades — 90% no Brasil e 90% na Austrália — estabelece que a edificação, independentemente da sua função atual ou localização geográfica, funcionou como um catalisador para a formação e manutenção de laços sociais, sendo a dimensão interpessoal um pilar fundamental na construção do apego ao lugar.

Figura 63 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - EV - Brasil.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 64 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - EV - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

- ❖ A seguir os resultados da categoria de **“Pessoas com experiência de vida no local”** para dimensão denominada **vontade de conservar**.

A dimensão da Vontade de Conservar, analisada entre os indivíduos com experiência de vida nos locais de interesse, revela um engajamento emocional significativo, manifestado tanto na aversão à demolição quanto na apreciação pelo restauro.

No Brasil, a Vontade de Conservar apresentou-se com nuances:

- Indiferença Parcial: Dois indivíduos (n=2) manifestaram indiferença à demolição. No entanto, a análise do sentimento em relação ao restauro revelou uma distinção: apenas um desses dois permaneceu indiferente à

possibilidade de restauro. O outro indivíduo, apesar da indiferença inicial à demolição, expressou felicidade e admiração frente ao restauro, condicionando o agrado à reativação da função original de cinema. Este achado sugere que a indiferença à perda pode coexistir com um forte desejo por um futuro programático específico.

- **Reação Negativa à Demolição:** Os demais respondentes que não foram indiferentes à demolição reagiram com tristeza em diferentes intensidades. Quatro indivíduos (n=4) também expressaram desapontamento (intensidades de 3 a 6). Emoções de valência negativa mais intensa também emergiram: medo (intensidade 4, n=1), desprezo (intensidade 5, n=1) e raiva (intensidade 3, n=1), todas concomitantes à tristeza. A ocorrência de múltiplas emoções negativas e intensas frente à potencial demolição evidencia a profundidade do vínculo afetivo e a percepção da demolição como uma perda irreversível.
- **Reação Positiva ao Restauro:** Em contraste, a possibilidade de restauro gerou respostas predominantemente positivas: metade dos respondentes (n=5) manifestou contentamento (intensidades de 4 a 6); quatro indivíduos (n=4) sentiram alívio (intensidades de 4 a 6); e, em menor número, emergiram admiração (n=3) e felicidade (n=2). O sentimento de alívio sugere que o restauro é percebido como a mitigação de uma ameaça à memória e ao patrimônio.

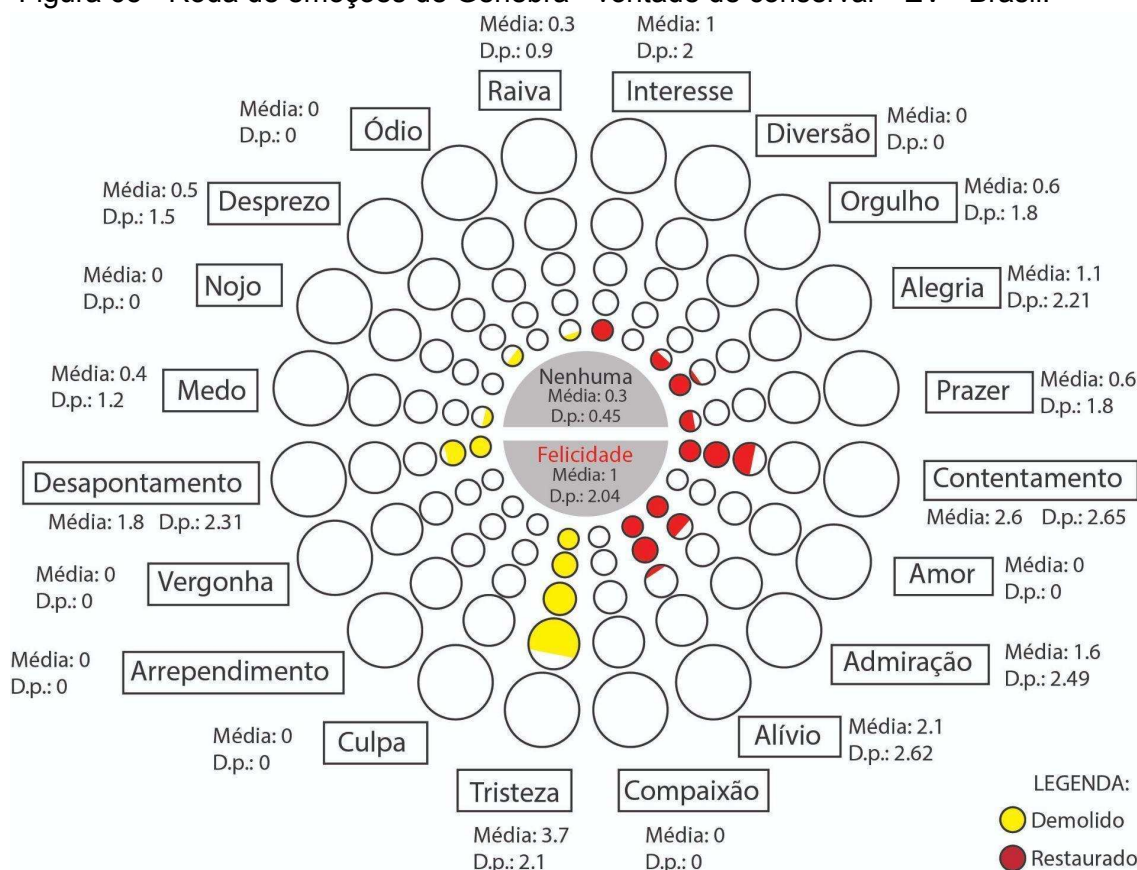
Na Austrália, a Vontade de Conservar foi universal (100% dos respondentes). A intensidade das emoções foi notavelmente superior:

- **Reação Extrema à Demolição:** A potencial demolição provocou raiva e desapontamento em oito dos dez respondentes (n=8), com altíssimas intensidades (níveis 5 a 6). Esta concentração e intensidade de emoções negativas demonstram um engajamento defensivo extremo com a integridade física do edifício.
- **Reação Extrema ao Restauro:** A perspectiva de restauro também gerou reações intensas: oito respondentes (n=8) relataram alegria em intensidade máxima (nível 6). O alívio foi citado por sete indivíduos (n=7), todos também na intensidade máxima (nível 6). Esta manifestação de alívio em grau máximo sugere que a ameaça à conservação é percebida como um risco iminente,

sendo a restauração vista como uma necessidade crítica e não apenas uma melhoria.

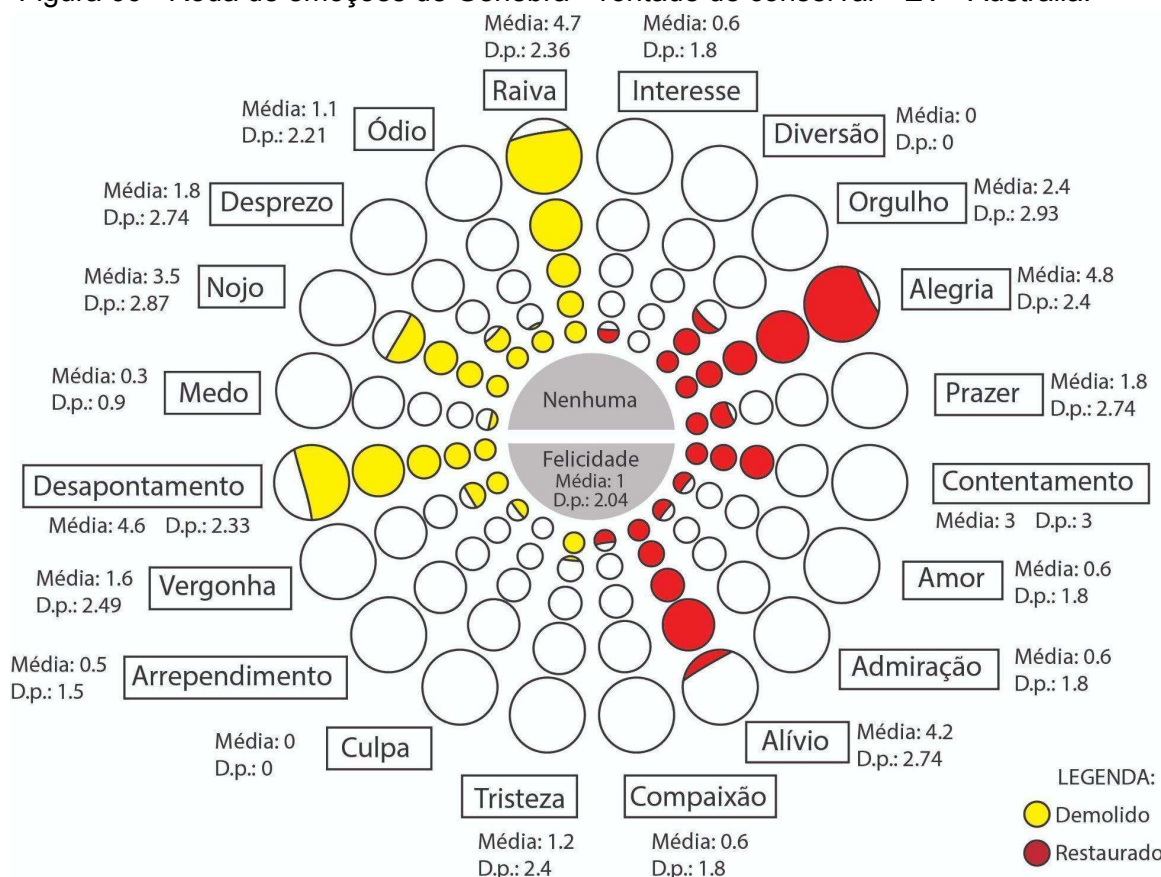
Os resultados comparativos confirmam que os sentimentos associados à demolição e ao restauro são significativamente mais intensos no grupo de "Pessoas com experiência de vida no local", particularmente na amostra australiana. Esta intensidade emocional elevada, expressa na Roda de Emoções, fornece uma evidência robusta de que o apego experiencial é um fator preditivo crucial da Vontade de Conservar, estabelecendo que a história pessoal com o lugar é um motor poderoso para a defesa do patrimônio edificado.

Figura 65 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - EV - Brasil.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 66 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - EV - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

- ❖ A seguir os resultados da categoria de **“Pessoas com experiência de vida no local”** para a explanação do uso ideal para cada local expressa por nuvem de palavras.

A análise das sugestões de uso ideal para os edifícios, conforme expressa pelo grupo de participantes com experiência de vida no local, revelou uma forte inclinação em direção à acessibilidade pública e à reativação da relevância urbana, embora com especificidades contextuais, notadamente o forte apego à memória funcional em ambas as localidades.

No contexto brasileiro, as preferências deste grupo não apresentaram divergências significativas em relação aos demais respondentes: a sugestão dominante para o antigo Cine São José converge para um uso público e amplamente acessível. A opção mais recorrente e endossada foi a restituição da

função de cinema. Esta preferência sublinha a valorização da memória funcional e o desejo de reestabelecer o papel do edifício como um pólo de entretenimento e encontro social, elementos centrais na construção de sua identidade pretérita.

Para os respondentes australianos, o consenso também se concentrou na necessidade de tornar o edifício acessível a todos. Contudo, as alternativas de função ideal apresentaram maior diversidade, refletindo um profundo apego às funções históricas e uma preocupação com o dinamismo urbano de Geelong:

1. Museu: Sugerido como uma função que preservaria a relevância cívica do edifício através da exposição cultural.
2. Escritórios (Uso Original): O desejo de retorno ao uso original de escritórios foi explicitamente mencionado, indicando que a função corporativa inicial é valorizada na memória deste grupo.
3. Restaurante: A reintrodução da função de restaurante, que o edifício comportou historicamente, foi citada como um uso desejável.
4. Lojas no Térreo e Fachada Ativa: Estas sugestões visam a reativação econômica e social do nível da rua. A menção explícita à necessidade de uma fachada ativa demonstra um entendimento do papel do térreo na interface entre o edifício e a rua, buscando reintegrar o patrimônio à dinâmica e vitalidade da cidade.

O apego funcional deste grupo manifesta-se no desejo de revisitar usos passados (escritórios e restaurante), não apenas buscando a preservação física, mas a revitalização programática que o tornaria novamente "importante para a cidade". Em ambos os casos, as sugestões reforçam o princípio de que, para este grupo detentor de memória experiencial, o uso ideal transcende a mera ocupação física, exigindo uma função que promova a pertinência social e a conectividade urbana.

Figura 67 - Nuvem de palavras EV - Brasil.



Fonte: <https://www.wordclouds.com/>

Figura 68 - Nuvem de palavras EV - Austrália.



Fonte: <https://www.wordclouds.com/>

❖ 5.1.3 Os que Apenas Ouviram Falar

- ❖ A seguir os resultados da categoria de “**Os que Apenas Ouviram Falar**” para dimensão do apego ao lugar denominado **dependência de lugar**.

A análise da Dependência de Lugar (Place Dependence) na categoria de respondentes que possuem conhecimento do objeto de estudo apenas por relatos de terceiros ("Os que Apenas Ouviram Falar") revelou um baixo, mas notável, engajamento emocional, com diferenças contextuais entre as localidades.

No Brasil, a ausência de Dependência de Lugar foi majoritária, sendo alegada por oitenta por cento (80%) da amostra.

- Ausência de Dependência: Dentre estes, a maioria (n=5) confirmou a esperada ausência de qualquer emoção envolvida, refletindo a falta de experiência corpórea direta. Contudo, três indivíduos, mesmo negando a dependência funcional, manifestaram emoções negativas ligadas ao *status quo* do edifício, sugerindo uma dependência emocional indireta mediada pelo conhecimento da história:
 - Desapontamento: Um indivíduo relatou desapontamento (intensidade 4) em relação ao estado de conservação atual.
 - Tristeza: Outro expressou tristeza (intensidade 3).
 - Raiva: Um terceiro indivíduo mencionou uma leve raiva (intensidade 1) pela perda da função de cinema.
- Dependência Afirmada: Os vinte por cento restantes (20%) afirmaram a Dependência de Lugar, justificando-a pelas histórias ouvidas sobre a importância do cinema para a cidade e para seus próprios núcleos familiares. Este achado indica que o capital social e narrativo do lugar pode criar uma forma de dependência emocional e identitária, mesmo na ausência de uso direto.

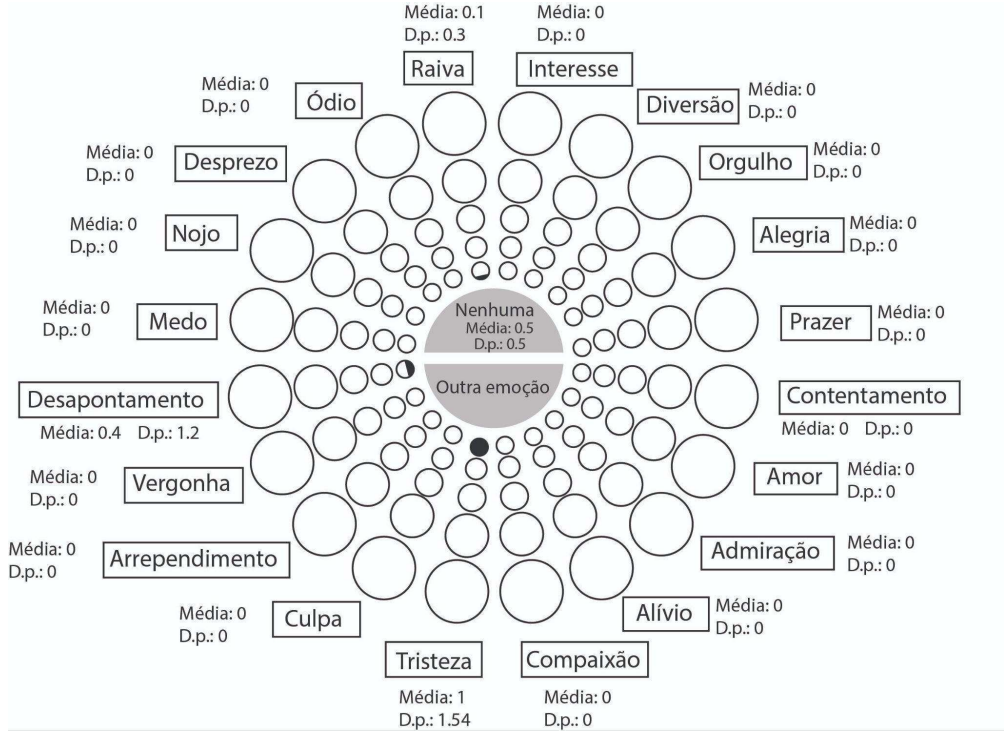
A baixa intensidade das emoções (tristeza: duas vezes com intensidade 3 e uma com 4; desapontamento: uma vez com intensidade 4) é consistente com a expectativa teórica, dado o atual uso restrito do local a um grupo limitado (fiéis da igreja). A privação de acesso a um lugar que já não é frequentado por esse grupo externo tem, portanto, um impacto emocional reduzido.

Na Austrália, a Dependência de Lugar dividiu a amostra de forma equitativa:

- Ausência de Dependência: Cinquenta por cento (50%) dos respondentes não sentiram qualquer dependência e não reportaram emoção envolvida, um resultado que se alinha com a categoria de ausência de uso direto.
- Dependência Afirmada: A outra metade (50%) alegou haver algum grau de dependência em relação ao edifício.

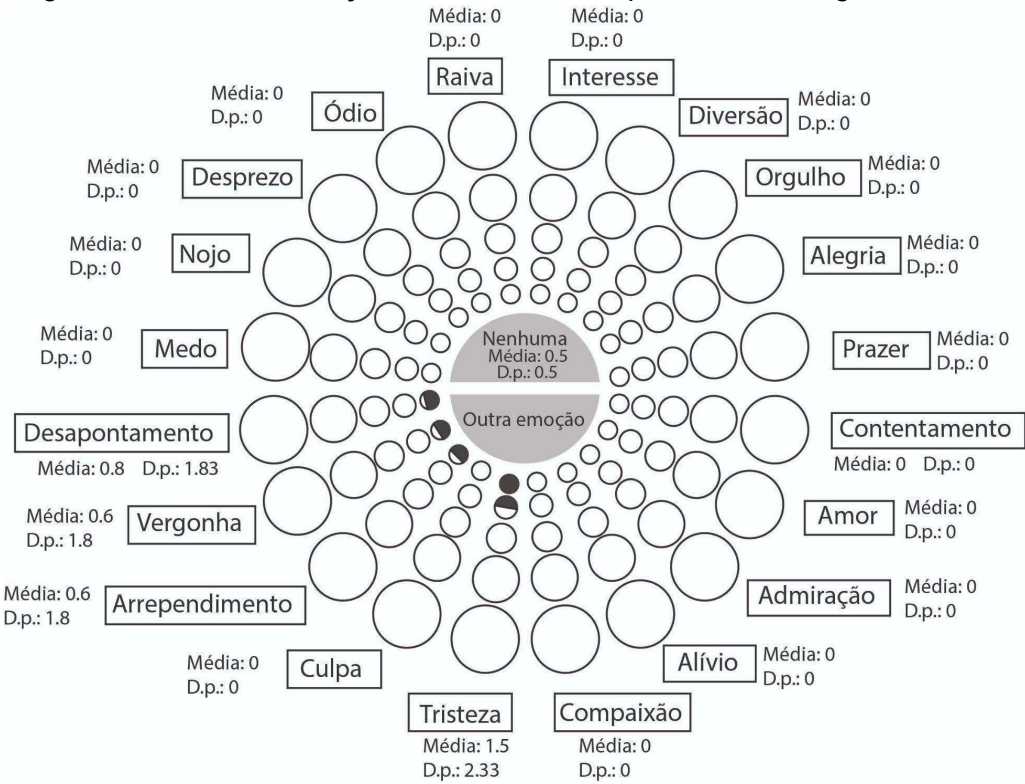
Como era teoricamente esperado, esta categoria de participantes, que não possui experiência de uso direto do edifício, apresentou o menor envolvimento emocional em comparação às demais categorias de respondentes, reforçando a premissa de que a experiência prática é um preditor fundamental da intensidade das emoções associadas à Dependência de Lugar.

Figura 69 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - C - Brasil.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 70 - Roda de emoções de Genebra - dependência de lugar - C - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

- ❖ A seguir os resultados da categoria de “**Os que Apenas Ouviram Falar**” para dimensão do apego ao lugar denominada **identidade de lugar**.

A análise da Identidade de Lugar na categoria de respondentes que não tiveram experiência de uso direto ("Os que Apenas Ouviram Falar") demonstra que a identificação com o patrimônio edificado é significativamente influenciada pela narrativa e pela observação estética, em detrimento da experiência corpórea.

No Brasil, a não-identificação foi o resultado majoritário:

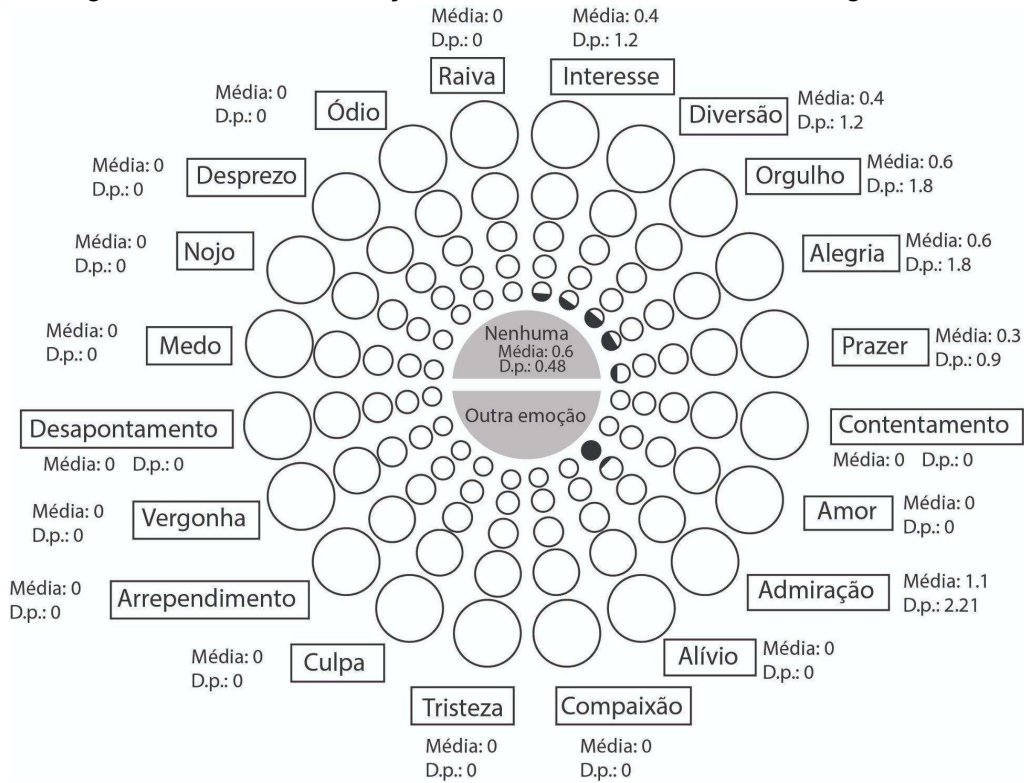
- Ausência de Identidade: Seis dos dez indivíduos entrevistados (60%) declararam não se identificar com o local e, conseqüentemente, não possuíam sentimentos atribuídos a ele. Este achado é esperado, pois a Identidade de Lugar é tipicamente construída através da interação pessoal e da experiência direta no espaço.
- Identidade pela Narrativa e Observação: Os quatro respondentes restantes (40%) afirmaram a existência de alguma forma de identificação, mediada por elementos externos à experiência direta:
 - Um indivíduo identificou-se através da admiração pela fachada (intensidade 5).
 - Outro manifestou interesse (intensidade 4) pelo local.
 - Um terceiro associou o conceito de cinema à diversão (intensidade 4) e prazer (intensidade 3).
 - O caso mais notável é o do quarto respondente, que, exclusivamente a partir das histórias paternas sobre o cinema, atribuiu alegria (intensidade 6), admiração (intensidade 6) e orgulho (intensidade 6). A intensidade máxima e a complexidade emocional (alegria, admiração, orgulho) geradas unicamente pela memória vicária sublinham o papel poderoso da transmissão oral familiar na formação de uma Identidade de Lugar forte, mesmo na ausência de uso direto.

Na amostra australiana, a Identidade de Lugar foi mais prevalente, sugerindo uma maior facilidade na conexão baseada em conhecimento indireto:

- Identificação Confirmada: Sete dos dez respondentes (70%) declararam identificar-se de alguma forma com o edifício.
- Dissociação Cognitivo-Afetiva: Curiosamente, entre os três indivíduos que alegaram não se identificar com o lugar, um deles atribuiu contentamento (nível 5), justificando-o pela apreciação do relógio com sino. Este resultado aponta para uma dissociação entre a avaliação cognitiva (identificação nula) e a resposta afetiva (sentimento positivo), indicando que a atração por um elemento arquitetônico específico pode gerar um vínculo emocional robusto, mesmo que o indivíduo negue uma identificação global com o *locus*.

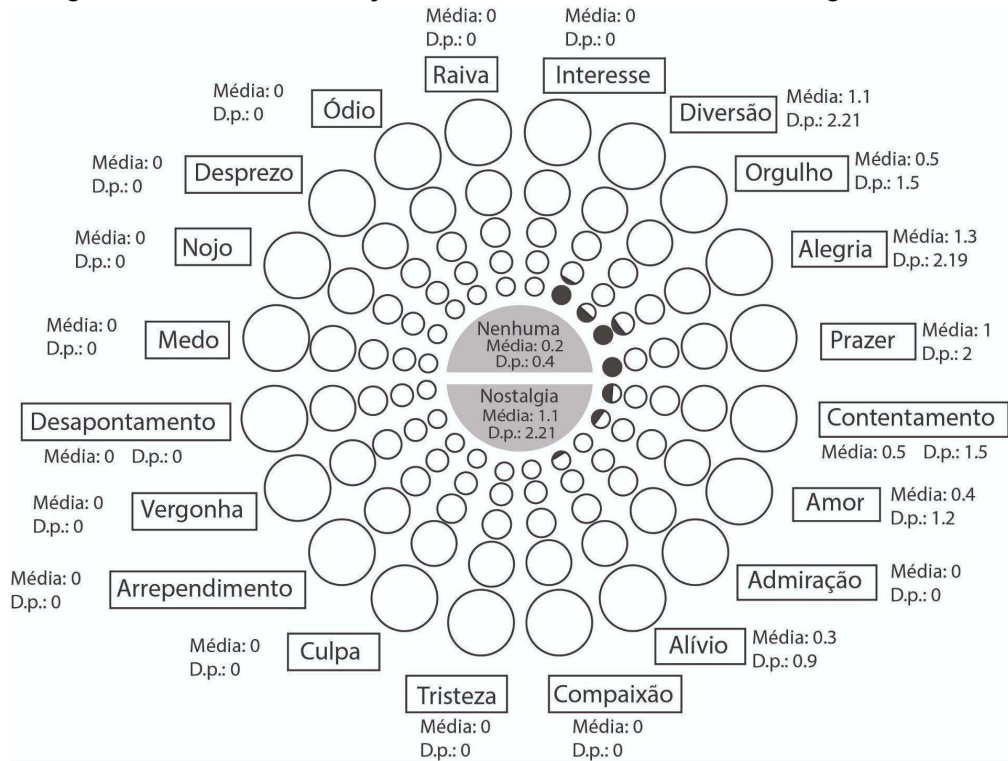
Em suma, a Identidade de Lugar nesta categoria é construída primariamente através da estética do objeto (fachada, relógio) e, mais significativamente, da narrativa social e familiar, atuando como um mecanismo de herança identitária capaz de gerar emoções de intensidade máxima.

Figura 71 - Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - C - Brasil.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 72 - Roda de emoções de Genebra - identidade de lugar - C - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

- ❖ A seguir os resultados da categoria de **“Os que Apenas Ouviram Falar”** para dimensão do apego ao lugar denominado **vínculo afetivo**.

A análise do Vínculo Afetivo na categoria de participantes que baseiam seu conhecimento em relatos de terceiros ("Os que Apenas Ouviram Falar") demonstra que a experiência indireta é capaz de gerar conexões emocionais, ainda que com uma prevalência de ambivalência e intensidade variável.

No Brasil, o Vínculo Afetivo demonstrou uma clara polarização na amostra:

- Vínculo Afetivo Confirmado: Exatamente metade dos respondentes (50%) alegou possuir algum vínculo afetivo com o objeto de estudo.
- Ausência de Vínculo Alegada: A outra metade (50%) declarou a ausência de vínculo afetivo.

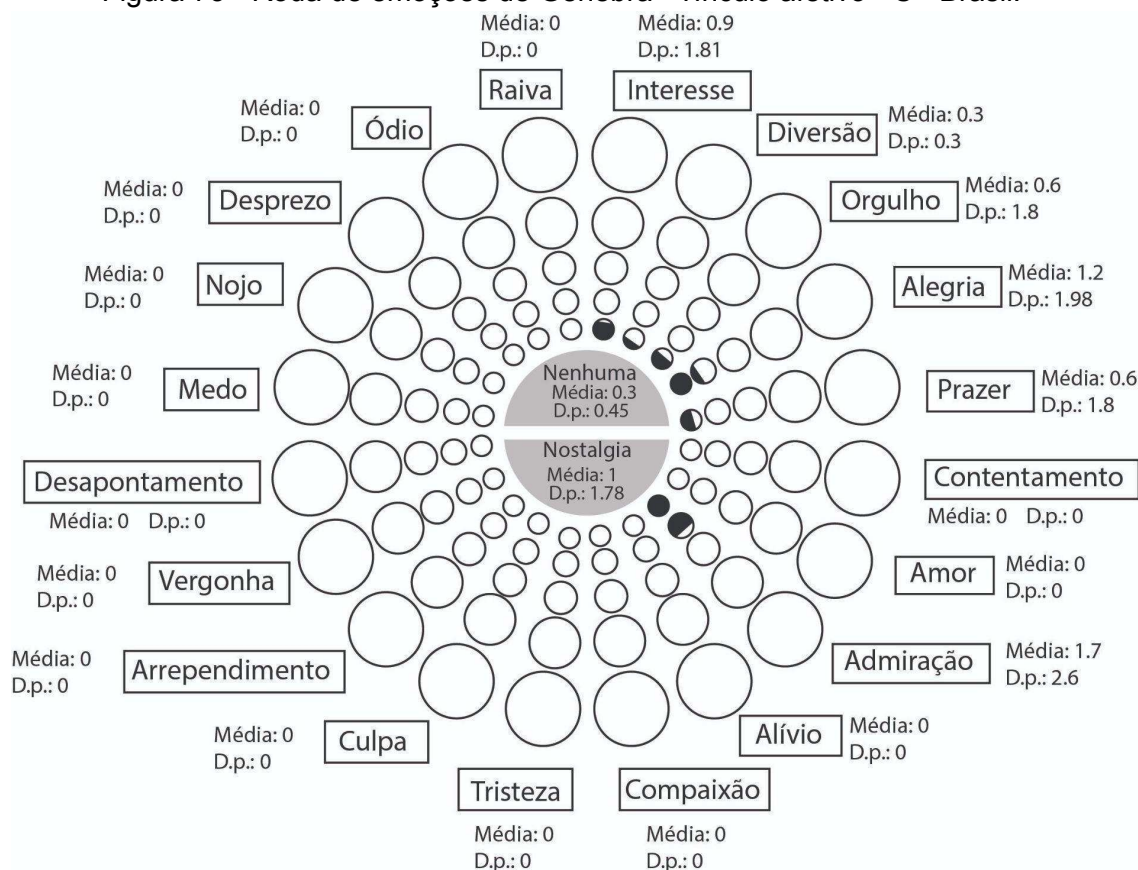
Entretanto, uma análise mais detalhada revelou contradições afetivas notáveis dentro do grupo que negou o vínculo: dois dos cinco indivíduos (n=2), apesar de negarem o afeto, atribuíram emoções positivas ou relacionadas à memória ao edifício. Um deles mencionou nostalgia (intensidade 1), e o outro expressou interesse (intensidade 4), alegria (intensidade 3) e diversão (intensidade 3). Esta discrepância sugere que a avaliação cognitiva da presença de afeto (o "não possuir") pode ser dissociada da resposta emocional espontânea a elementos específicos da narrativa ou da imagem do lugar.

Na Austrália, a maioria dos respondentes afirmou o vínculo afetivo, mas a contradição emocional também esteve presente:

- Vínculo Afetivo Majoritário: Sessenta por cento (60%) da amostra alegou ter vínculo afetivo com a edificação.
- Ausência de Vínculo Alegada: Quatro dos dez respondentes (40%) declararam a ausência de vínculo afetivo. Similar ao Brasil, um desses indivíduos, apesar de negar o afeto, atribuiu o sentimento de interesse (intensidade 4) ao edifício.

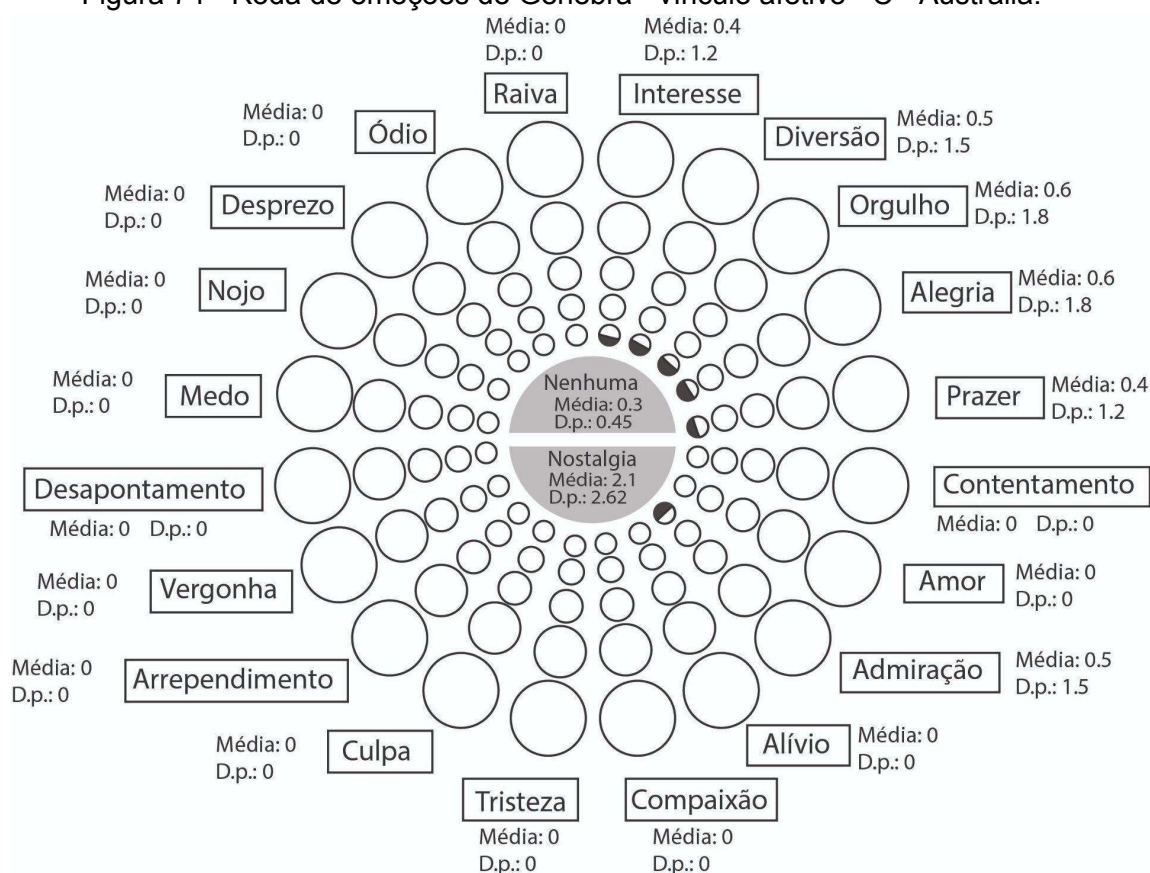
O aspecto mais significativo é a prevalência da nostalgia vicária: quatro dos seis indivíduos que confirmaram o afeto expressaram nostalgia com intensidades elevadas (níveis 4 a 6). A manifestação de nostalgia por algo que não foi vivenciado pessoalmente sublinha a capacidade da memória coletiva e das narrativas de transplantar uma experiência afetiva, tornando a história do lugar um substituto poderoso da experiência direta na formação do vínculo. Outros sentimentos foram citados apenas uma vez, indicando que a nostalgia é a emoção dominante na mediação afetiva indireta.

Figura 73 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - C - Brasil.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 74 - Roda de emoções de Genebra - vínculo afetivo - C - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

❖ A seguir os resultados da categoria de **“Os que Apenas Ouviram Falar”** para dimensão do apego ao lugar denominado **vínculo social**.

A análise do Vínculo Social na categoria de respondentes que não possuem experiência de uso direto ("Os que Apenas Ouviram Falar") demonstra que a conexão com o lugar é estabelecida primariamente por meio da memória transmitida (narrativas familiares e comunitárias) e da socialização contextual próxima ao objeto, em vez de interações internas à edificação.

No Brasil, o Vínculo Social foi construído por meio de múltiplas vias:

- Vínculo Familiar: Dois respondentes estabeleceram o Vínculo Social através da memória de familiares que vivenciaram o auge do cinema. Um indivíduo

rememorou a mãe com amor, e outro lembrou do pai com alegria (intensidade 3) e amor (intensidade 3). Esta transmissão de afeto sublinha o papel do capital social intergeracional na perpetuação do apego ao lugar.

- Vínculo Social no Contorno: Outros dois indivíduos formaram o Vínculo Social em eventos externos ou periféricos à edificação, mas em sua proximidade imediata:
 - Um deles recordou amigos de faculdade durante um *city tour* que passava pelo local, atribuindo diversão (intensidade 5) à memória.
 - Outro associou o edifício a um aulão preparatório para concurso, lembrando o grupo com admiração (intensidade 6) e diversão (intensidade 5).
 - Um quinto indivíduo reforçou o vínculo familiar através das histórias de seu pai e parentes mais antigos, manifestando contentamento (intensidade 5), alegria (intensidade 5) e prazer (intensidade 5).

Estes achados demonstram que, mesmo sem frequentar o local, o Vínculo Social é gerado pela proximidade física do objeto com interações sociais significativas ou pela narrativa familiar altamente carregada de emoção.

Na Austrália, a composição da amostra é crucial: muitos respondentes eram imigrantes em Geelong ou estrangeiros, o que implica que seu conhecimento do Edifício T&G não é primariamente derivado de histórias familiares locais, portanto esses respondentes são os 60% que alegaram não ter nenhum vínculo social com o edifício. Este fato posiciona as percepções deste grupo como uma visão do patrimônio recente em um futuro onde as narrativas de uso direto estarão mais distantes.

Quarenta por cento (40%) dos respondentes conseguiram vincular a memória do edifício a um grupo ou pessoa específica. Nesses casos, o Vínculo Social foi dominado pela nostalgia de histórias (familiares ou comunitárias), associadas a emoções de alta valência positiva, como amor, alegria, orgulho e diversão.

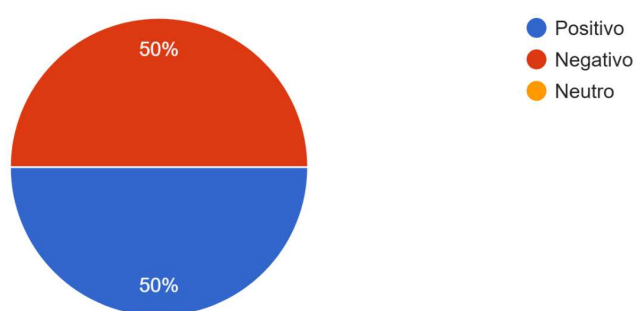
A presença e a intensidade desses sentimentos em indivíduos com vínculos mais tênues ou não-locais sugerem que o Edifício T&G possui um poder narrativo

que transcende a experiência pessoal imediata, sendo a sua história rapidamente absorvida e investida de significado afetivo por novos residentes, consolidando-o como um patrimônio de referência na construção de identidades sociais mesmo em comunidades em fluxo.

Figura 75 - Gráfico vínculo social Brasil

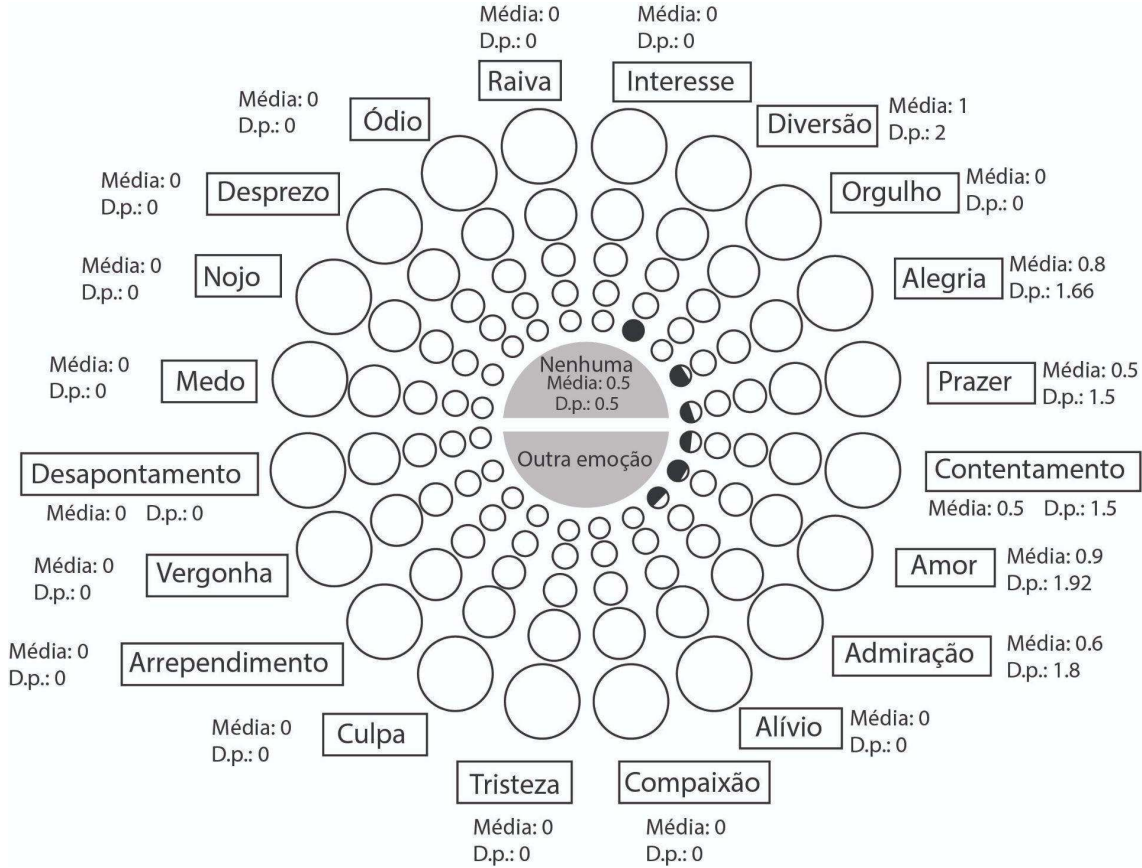
Analisando vínculo social - Brasil

10 responses



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 76 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - C - Brasil.

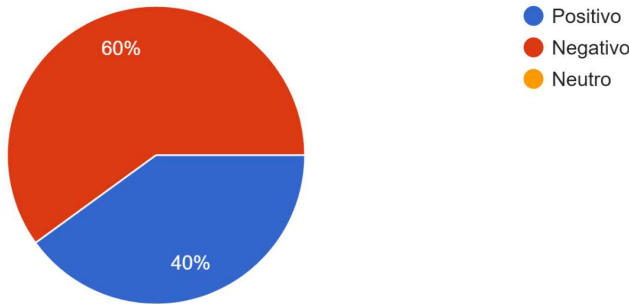


Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 77 - Gráfico vínculo social Austrália.

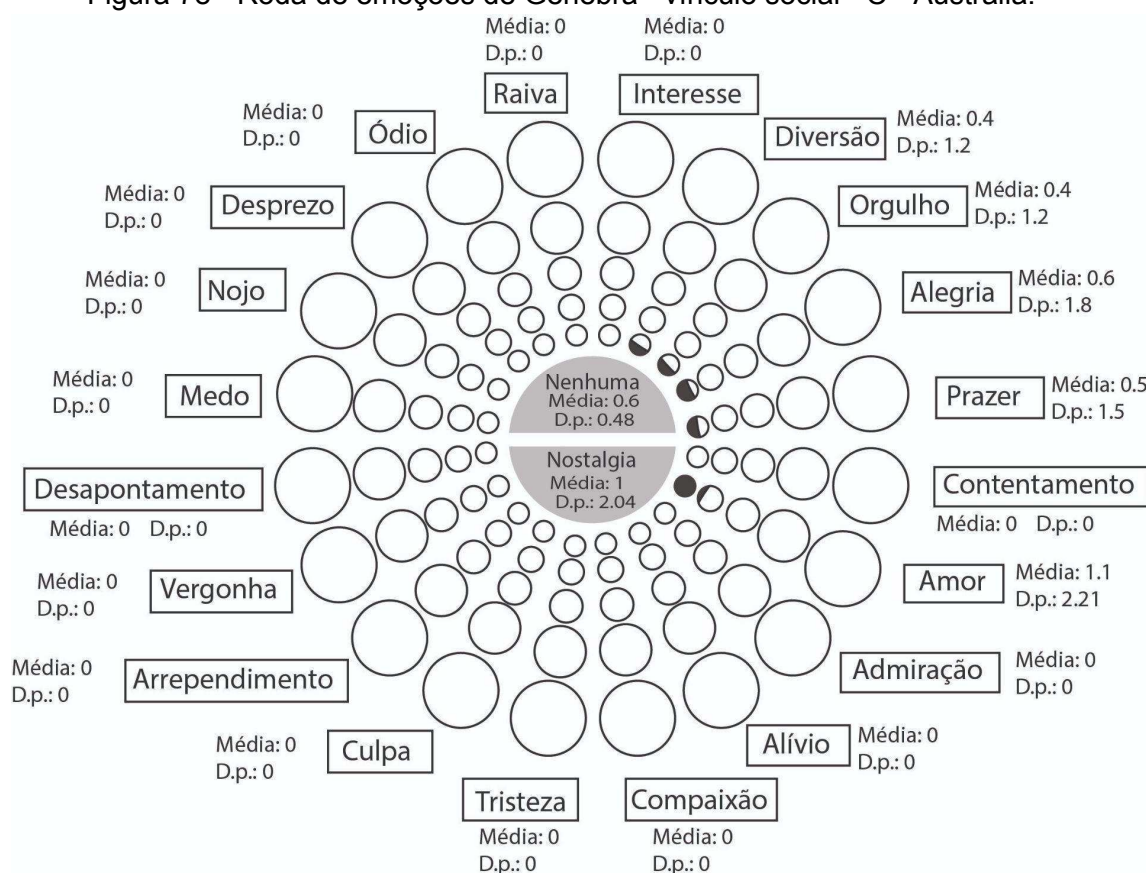
Analisando vínculo social - Austrália

10 respostas



Fonte: elaborado pela autora

Figura 78 - Roda de emoções de Genebra - vínculo social - C - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

❖ A seguir os resultados da categoria de **“Os que Apenas Ouviram Falar”** para dimensão da **vontade de conservar**.

A análise da Vontade de Conservar no grupo de respondentes com conhecimento indireto ("Os que Apenas Ouviram Falar") revela uma tendência clara à preservação, embora matizada por casos de indiferença à perda justificados por princípios não materiais ou pragmáticos.

Na amostra brasileira, a reação à demolição e ao restauro no antigo Cine São José demonstrou uma complexidade emocional particular:

- **Indiferença Seletiva:** Três respondentes manifestaram indiferença à demolição, mas não ao restauro. Um caso notável envolveu uma respondente cuja convicção religiosa sobre a não-adesão ao material justificou sua

indiferença à demolição, mas que, paradoxalmente, expressou felicidade ante a possibilidade de restauro, especialmente se a função de cinema fosse reativada. Este padrão se repetiu em outros dois indivíduos que, apesar da indiferença à perda, alegaram contentamento e admiração diante da perspectiva de restauro. Tais achados sugerem que, para este grupo, a oposição à demolição é menos crítica do que o desejo de revitalização funcional e estética do patrimônio.

- **Reações Negativas Comuns:** Os sentimentos mais frequentemente expressos frente à demolição foram tristeza e desapontamento.
- **Reações Positivas Comuns:** A possibilidade de restauro gerou emoções positivas, com destaque para orgulho, alegria e admiração, indicando que a ação de preservação é percebida como um ato de valorização cívica e cultural.

Na amostra australiana, a Vontade de Conservar foi consistentemente forte, com a maioria absoluta manifestando aversão à demolição e satisfação com o restauro:

- **Reação Negativa à Demolição:** Os respondentes expressaram que não gostariam que o Edifício T&G fosse demolido. As emoções mais recorrentes ligadas à demolição foram desapontamento, tristeza e raiva.
- **Reação Positiva ao Restauro:** Houve unanimidade na satisfação com a restauração, com alegria e prazer destacando-se como emoções associadas.
- **Caso Neutro (Singular):** Apenas um respondente apresentou uma resposta singular: surpresa e compaixão frente à demolição, mas indiferença ao restauro. Esta resposta foi classificada como neutra em relação ao ato de conservação, pois a indiferença ao restauro não implica em oposição, mas sim na ausência de engajamento emocional com a sua execução.

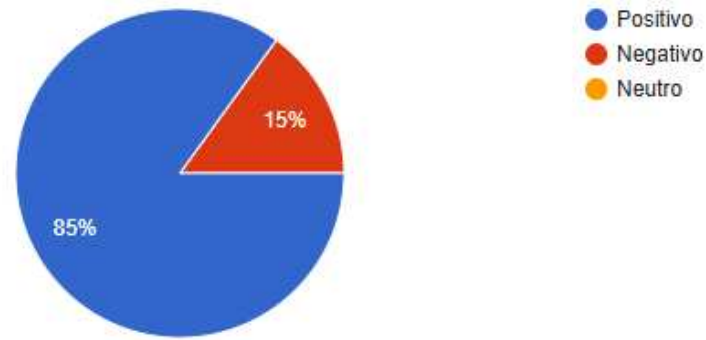
Em suma, embora o grupo de "Os que Apenas Ouviram Falar" apresente menor intensidade emocional do que o grupo com experiência de vida, a Vontade de Conservar é claramente a posição majoritária. As contradições observadas — como a indiferença à destruição versus a felicidade pelo restauro — sugerem que a conservação é valorizada não apenas pela preservação da matéria, mas

principalmente pela promessa de reativação da relevância social e funcional do edifício.

Figura 79 - Gráfico vontade de conservar Brasil.

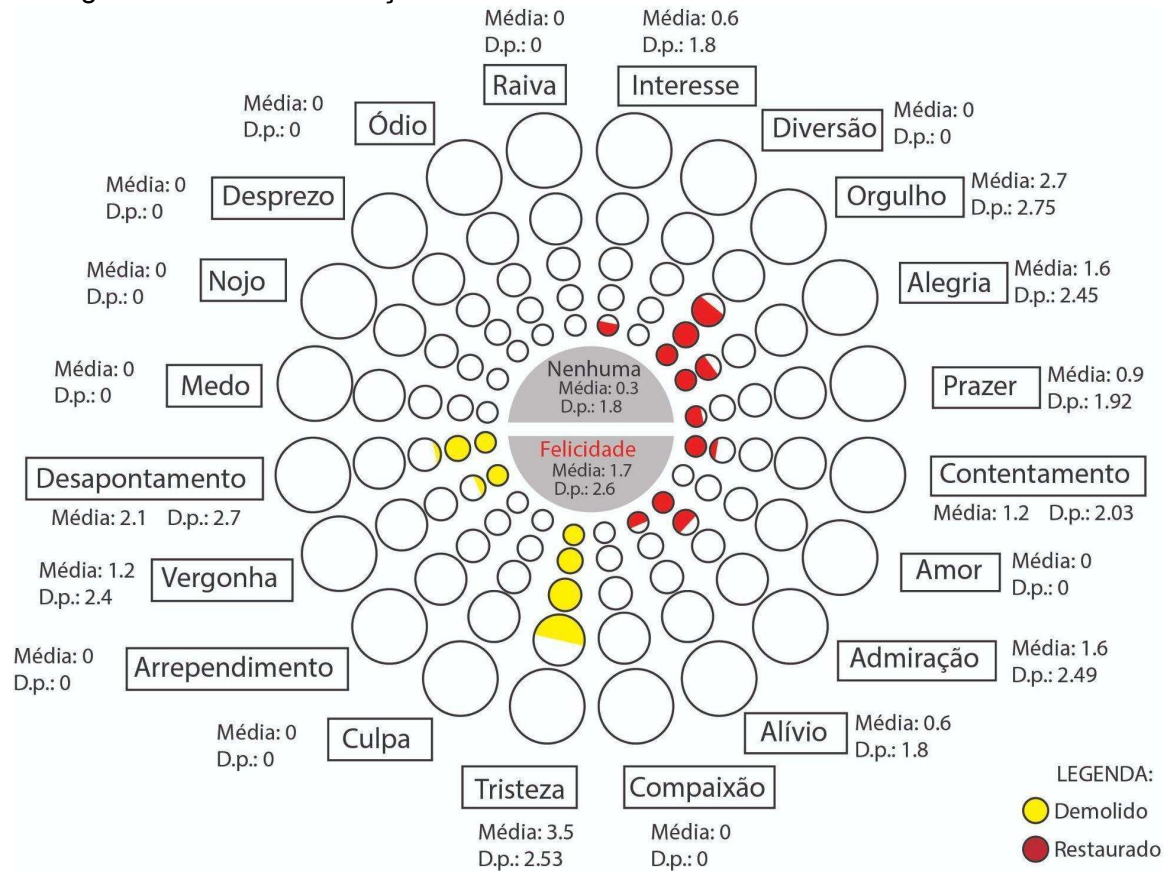
Analizando vontade de conservar - Brasil

20 responses



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 80 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - C - Brasil.

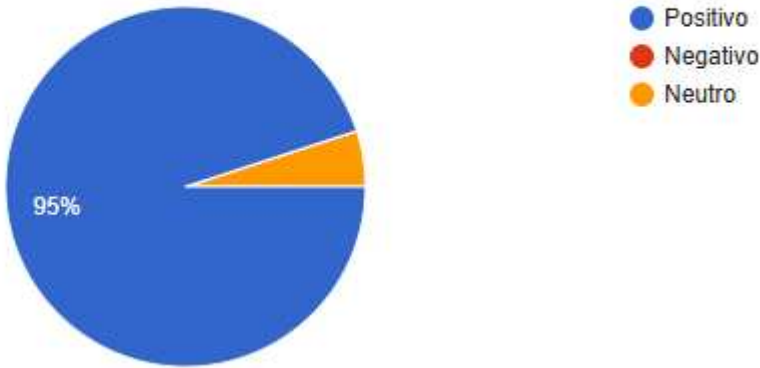


Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

Figura 81 - Gráfico vontade de conservar Austrália.

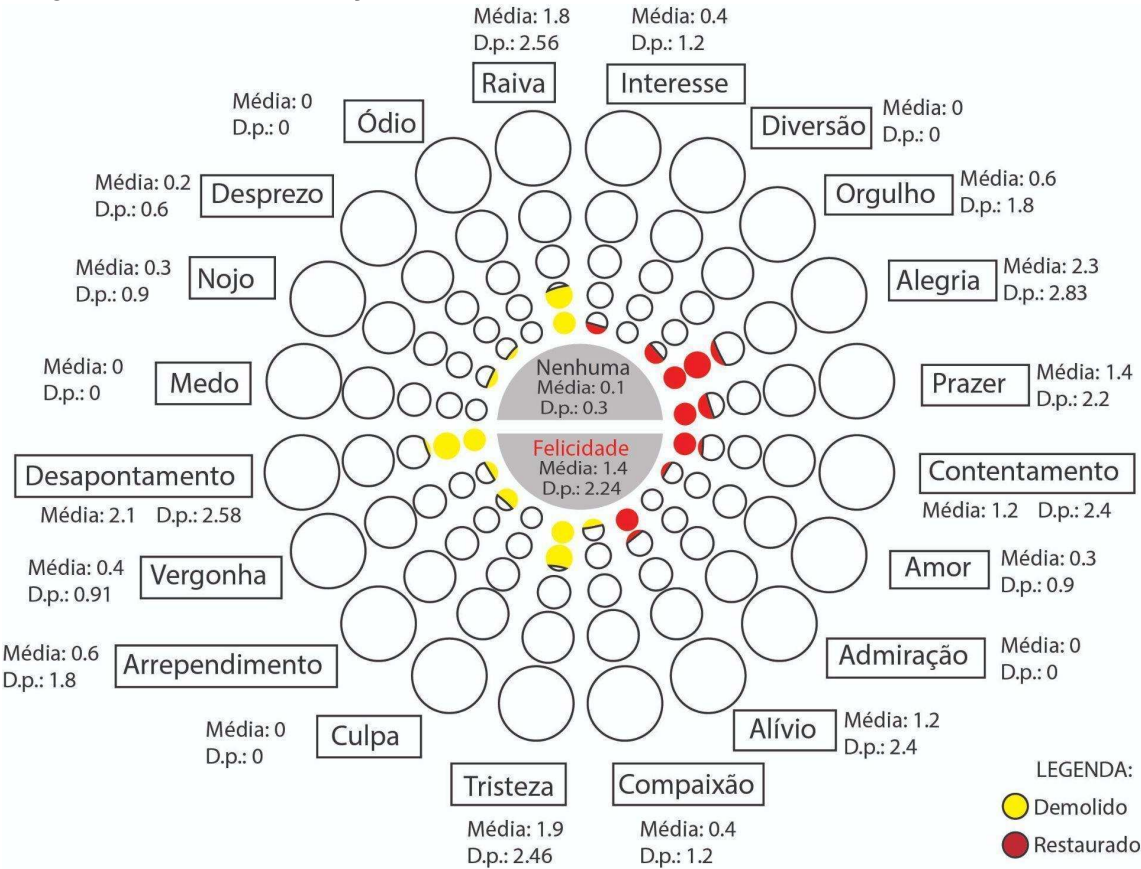
Analisando vontade de conservar

20 responses



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 82 - Roda de emoções de Genebra - vontade de conservar - C - Austrália.



Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Bastos et al., 2022.

- ❖ A seguir os resultados da categoria de **“Os que Apenas Ouviram Falar”** para a explanação do uso ideal para cada local expressa por nuvem de palavras.

A explanação do uso ideal para os objetos de estudo, conforme expressa pelo grupo de respondentes que baseiam seu conhecimento em memória transmitida por narrativas (“Os que Apenas Ouviram Falar”), corrobora as tendências de preservação e reativação urbana observadas nas demais categorias. As sugestões demonstram um desejo claro de que o patrimônio edificado reassuma um papel social e cívico relevante, combatendo a restrição funcional atual.

No contexto brasileiro, as palavras-chave mais recorrentes, provenientes da análise de Nuvem de Palavras, destacaram "cinema", "teatro", "espaço público" e "museu".

A proeminência de "cinema" e "teatro" sinaliza uma forte preferência pela reativação da função cultural e de entretenimento do antigo Cine São José. Tais sugestões refletem o desejo de resgatar a dinamicidade e a vocação original do edifício como um polo de encontro e sociabilidade. O destaque de "espaço público" é crucial, pois manifesta uma rejeição implícita ao uso atual do local (igreja), que é percebido como restritivo e de acesso limitado a um grupo específico (fiéis).

A convergência com as preferências das outras categorias sugere um consenso comunitário em torno da necessidade de transformar o local em um ativo de benefício coletivo. O uso ideal para este grupo é, portanto, definido pela sua capacidade de promover inclusão e ampla acessibilidade, revertendo o estado de privatização e nicho social que a atual função impõe.

Entre os respondentes australianos, as palavras-chave mais salientes foram "museu" e "restaurado". O termo "restaurado" enfatiza que o uso ideal deve ser precedido ou acompanhado por uma intervenção que recupere a integridade física e simbólica do Edifício T&G. Este foco na ação de conservação demonstra que, para o grupo que conhece o edifício por relatos, a sua valorização está intrinsecamente ligada à sua perfeição formal e histórica.

A sugestão proeminente de "museu" indica um desejo de atribuir ao edifício uma função cívica e de valorização da memória. O museu é percebido como um uso que garante a acessibilidade pública ao mesmo tempo em que consagra o edifício como um ícone da cidade de Geelong, resgatando a importância que o T&G possuía em seu auge.

Os resultados obtidos nesta categoria demonstram que a memória transmitida atua como um poderoso motor na definição do uso ideal, mesmo na ausência de experiência direta.

- A preferência por usos públicos e culturais (cinema, teatro, museu) em detrimento do uso restrito é uma evidência da percepção do patrimônio como um bem comum.
- A insistência na reativação da função original (cinema) no Brasil e o foco na restauração de um ícone na Austrália indicam que o uso ideal não é apenas uma questão de funcionalidade, mas um ato de resgate da identidade urbana e da importância histórica do edifício.
- Em ambos os casos, a escolha de uso ideal reflete uma busca por dinamicidade, visando reinserir o patrimônio na vitalidade e no fluxo social da cidade, conforme era percebido nos relatos do seu período de maior proeminência.

Figura 83 - Nuvem de palavras EV - Brasil.



Fonte: <https://www.wordclouds.com/>

Figura 84 - Nuvem de palavras EV - Austrália.



Fonte: <https://www.wordclouds.com/>

O estudo qualitativo, fundamentado nas entrevistas e no referencial teórico, revela que o apego emocional é a força motriz para a preservação, embora sua manifestação varie drasticamente em diferentes contextos culturais. A principal similaridade entre o caso brasileiro (Cine São José) e o australiano (Edifício T&G) reside na universalidade da relação entre as dimensões do apego ao lugar e a vontade de conservar. No entanto, as diferenças qualitativas são marcantes: a ameaça e o abandono do Cine São José, no Brasil, desencadearam reações emocionais de "tristeza" e "decepção" na comunidade. Já o restauro recente do Edifício T&G, na Austrália, gerou um pico de "alívio" e "felicidade" no grupo com vivência direta. Essa distinção confirma que o destino do bem define a qualidade da resposta afetiva da comunidade, seja ela o luto pela perda ou a celebração da salvaguarda (Smith e Campbell, 2015).

A análise dos grupos de participantes reforça a importância da experiência: as Pessoas com Experiência de Vida no Local (EV) demonstraram o apego mais íntimo e intenso, calcado na Identidade de Lugar. Em contraste, o grupo Os que Apenas Ouviram Falar também manifestou apego, mas principalmente por meio da nostalgia vicária, baseada na memória transmitida, o que reitera que a narrativa pode substituir a experiência direta na construção do vínculo. A evidência de que as dimensões afetivas e de identidade são os vetores mais fortes para a Vontade de Conservar, conforme as entrevistas, fornece robusto suporte empírico à literatura, corroborando a tese de Yi-Fu Tuan (1991) de que a ameaça ao lugar é uma ameaça à autoidentidade. Ao enfatizar que o envolvimento emocional é o fator primordial, o estudo legitima uma abordagem de Patrimônio Centrado nas Pessoas (Parente e Bomfim, 2020), provando que o afeto é fundamental para a sustentabilidade da preservação de bens modernos.

5.2 Resultados Quantitativos dos Questionários

Esta seção apresenta os resultados quantitativos oriundos dos questionários, abordando primeiramente a caracterização da amostra, em seguida a análise de associação e por último a análise de regressão.

Caracterização da amostra

Na Tabela 1 mostra-se a caracterização etária dos respondentes no Brasil, totalizando 209 participantes. A maioria se encontra na faixa etária de mais de 51 anos (52,2%), enquanto 47,8% têm entre 19 e 50 anos. Isso sugere que o grupo possui uma distribuição etária relativamente equilibrada, mas com uma maior representação de indivíduos com mais de 51 anos.

Tabela 1 - Caracterização dos respondentes segundo idade no Brasil

Faixa etária	N (%)
19 a 50 anos	100 (47,8%)
Mais de 51 anos	109 (52,2%)
Total	209 (100,0%)

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 2 mostra-se a descrição da conexão dos participantes brasileiros com a cidade de Florianópolis, a partir da amostra de 209 respondentes. Como os participantes puderam escolher mais de uma alternativa, o total de respostas na tabela pode exceder o número de respondentes e as porcentagens referem-se à proporção de respondentes (N=209) que selecionaram cada alternativa individualmente. A maioria declarou residir na cidade (61,7%), seguida por aqueles que nasceram e foram criados em Florianópolis (50,2%), indicando uma forte ligação residencial e afetiva com o município. Uma proporção considerável também trabalha na cidade (34,4%), enquanto um número menor estuda em Florianópolis (10,5%). Apenas 2,4% não moram nem trabalham na cidade, e 1,9% indicaram outra forma de conexão. Esses resultados evidenciam uma predominância de vínculos residenciais e profissionais com Florianópolis entre os respondentes.

Tabela 2 - Caracterização dos participantes do Brasil quanto a conexão com a cidade

Conexão	Contagem	% dos Respondentes (N=209)
Eu moro em Florianópolis.	129	61,7%
Eu nasci e fui criado na cidade de Florianópolis.	105	50,2%
Eu trabalho em Florianópolis.	72	34,4%
Eu estudo em Florianópolis.	22	10,5%
Eu não moro nem trabalho em Florianópolis.	5	2,4%
Outra	4	1,9%

Nota: respondentes puderam selecionar múltiplas opções, portanto, a soma das contagens pode exceder o total de respondentes (N=209), as porcentagens são calculadas como (contagem / 209) * 100

Fonte: elaborado pela autora

Na Tabela 3 mostra-se a caracterização etária dos respondentes na Austrália, com um total de 169 participantes. A maior parte dos respondentes tem mais de 51 anos (57,4%), enquanto 42,6% estão entre 19 e 50 anos. Observa-se uma predominância de adultos mais velhos.

Tabela 3 - Caracterização dos respondentes segundo idade e dimensão na Austrália.

Faixa etária	N (%)
19 a 50 anos	72 (42,6%)
Mais de 51 anos	97 (57,4%)
Total	169 (100,0%)

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 4 mostra-se a caracterização dos participantes australianos quanto à sua conexão com a cidade de Geelong, com base em 169 respondentes. Como os respondentes puderam selecionar múltiplas opções, as contagens podem superar o total de participantes e as porcentagens referem-se à proporção de respondentes (N=169) que selecionaram cada alternativa individualmente. A maioria declarou ter nascido e sido criada em Geelong (60,4%), evidenciando um forte vínculo afetivo e de origem com a cidade. Em seguida, 46,2% afirmaram morar atualmente em

Geelong, indicando também uma presença residencial. Além disso, 33,7% trabalham na cidade e 14,2% estudam em Geelong, mostrando outras formas relevantes de conexão com o local. Os dados revelam que a maioria tem laços duradouros e diversificados com Geelong, especialmente relacionados ao nascimento e moradia.

Tabela 4 - Caracterização dos participantes da Austrália quanto a conexão com a cidade.

Conexão	Contagem	% dos Respondentes (N=169)
I was born and raised in Geelong	102	60,4%
I live in Geelong	78	46,2%
I work in Geelong	57	33,7%
I study in Geelong	24	14,2%

Nota: respondentes puderam selecionar múltiplas opções, portanto, a soma das contagens pode exceder o total de respondentes (N=169), as porcentagens são calculadas como (contagem / 169) * 100

Fonte: elaborado pela autora.

5.1 ANÁLISE DE ASSOCIAÇÃO

Na Tabela 5 mostra-se a análise de associação entre as categorias de respondentes no Brasil (envolvidos com patrimônio, com experiência de vida no lugar e os que apenas ouviram falar) e as cinco dimensões avaliadas: afeto, dependência, identidade, social e vontade de conservar. O teste exato de Fisher foi aplicado e o resultado indica a significância estatística das associações observadas. As dimensões afeto, identidade e social apresentaram associações estatisticamente significativas com o tipo de vínculo do respondente ($p < 0,001$). Indivíduos envolvidos com o patrimônio expressaram majoritariamente percepções positivas nessas três dimensões, com destaque para identidade (89,1%) e afeto (73,7%). Aqueles com experiência de vida no local também demonstraram altos percentuais de respostas positivas, especialmente em afeto (89,4%) e social (83,7%). Por outro lado, os respondentes que apenas ouviram falar do lugar apresentaram menores taxas de respostas positivas, especialmente em identidade (51,3%) e social (50,0%), com maior ocorrência de avaliações negativas. As dimensões dependência e vontade de conservar não apresentaram associação estatisticamente significativa ($p = 0,3$ e $p = 0,058$, respectivamente) em relação ao grupo de respondentes. Ainda assim, observa-se uma tendência de maior positividade entre os envolvidos com o patrimônio, sugerindo um padrão consistente de engajamento

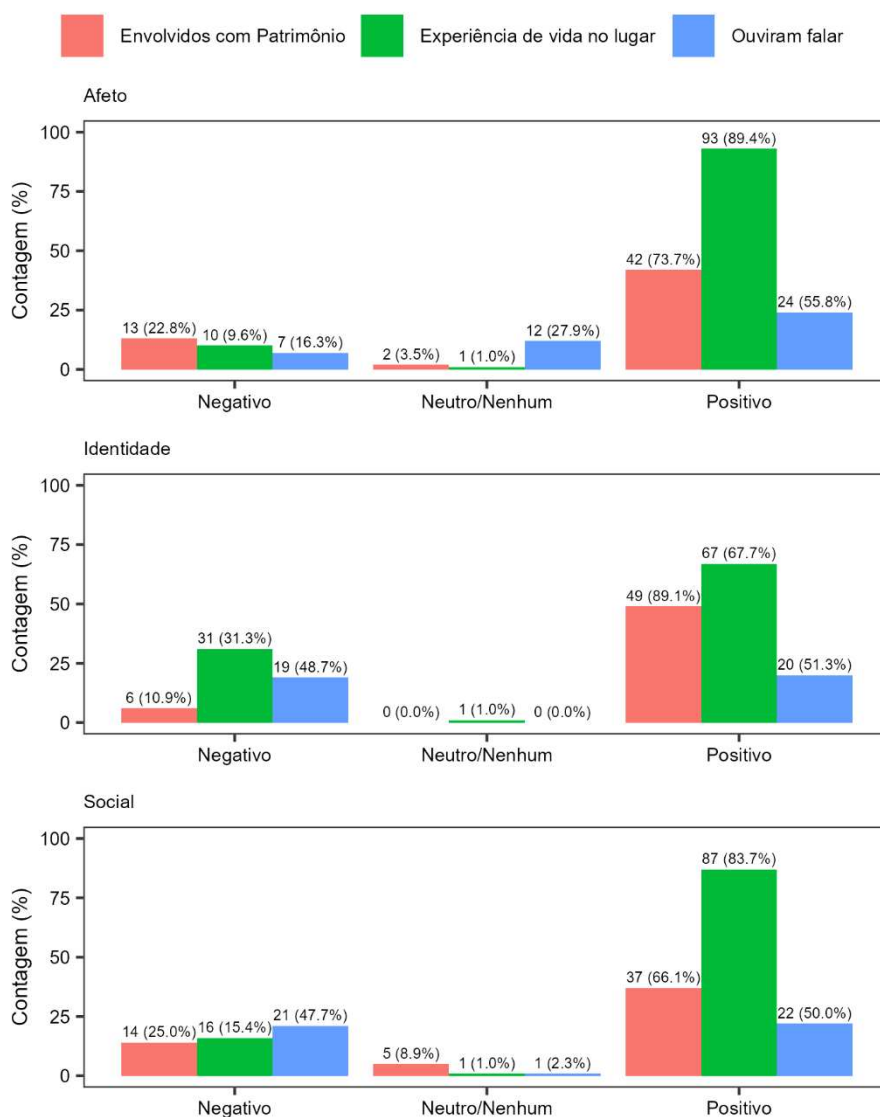
emocional e simbólico mais forte nesse grupo, mesmo que sem significância estatística. A Figura 85 mostra graficamente as associações estatisticamente significativas no Brasil.

Tabela 5 - Análise de associação entre a categoria de respondente e as dimensões no Brasil

Dimensão	Envolvidos com Patrimônio	Experiência de vida no lugar	Ouviram falar	Fisher, p
Afeto, n (%)				<0,001
Negativo	13 (22,8%)	10 (9,6%)	7 (16,3%)	
Neutro/Nenhum	2 (3,5%)	1 (1,0%)	12 (27,9%)	
Positivo	42 (73,7%)	93 (89,4%)	24 (55,8%)	0,3
Dependência, n (%)				
Negativo	14 (24,6%)	36 (34,3%)	19 (43,2%)	
Neutro/Nenhum	1 (1,8%)	1 (1,0%)	0 (0,0%)	<0,001
Positivo	42 (73,7%)	68 (64,8%)	25 (56,8%)	
Identidade, n (%)				
Negativo	6 (10,9%)	31 (31,3%)	19 (48,7%)	<0,001
Neutro/Nenhum	0 (0,0%)	1 (1,0%)	0 (0,0%)	
Positivo	49 (89,1%)	67 (67,7%)	20 (51,3%)	
Social, n (%)				<0,001
Negativo	14 (25,0%)	16 (15,4%)	21 (47,7%)	
Neutro/Nenhum	5 (8,9%)	1 (1,0%)	1 (2,3%)	
Positivo	37 (66,1%)	87 (83,7%)	22 (50,0%)	0,058
Vontade de conservar, n (%)				
Negativo	4 (7,1%)	14 (13,5%)	12 (26,7%)	
Neutro/Nenhum	2 (3,6%)	3 (2,9%)	0 (0,0%)	
Positivo	50 (89,3%)	87 (83,7%)	33 (73,3%)	

Fonte: elaborado pela autora

Figura 85 - Associações significativas entre categoria de respondente e as dimensões no Brasil



Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 6 mostra-se a associação entre a categoria de respondente na Austrália (envolvidos com patrimônio, experiência de vida no lugar e ouviram falar) e as dimensões afeto, dependência, identidade, social e vontade de conservar. O teste exato de Fisher foi utilizado para verificar a significância estatística das associações. A dimensão de afeto apresentou associação estatisticamente significativa ($p < 0,001$), com predominância de respostas positivas em todos os grupos, especialmente entre os com experiência de vida no local (100%) e os envolvidos com patrimônio (87,9%). Entre os que apenas ouviram falar, o percentual positivo foi

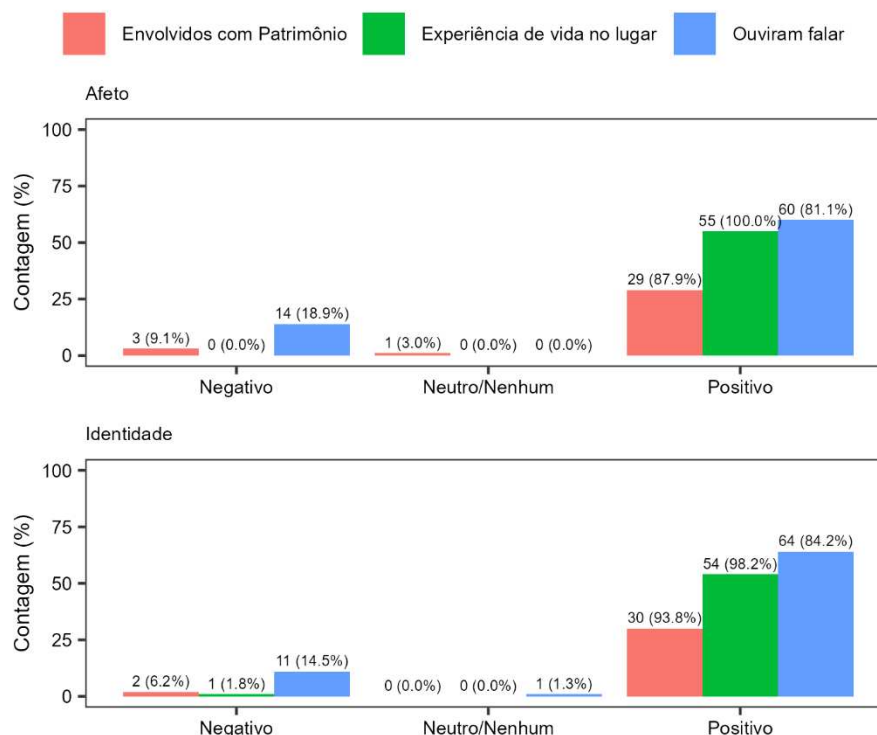
mais baixo (81,1%), com maior presença de respostas negativas (18,9%). A dimensão identidade também mostrou associação significativa ($p = 0,038$). Respostas positivas foram predominantes em todos os grupos, sendo quase totais entre os com experiência de vida no lugar (98,2%) e os envolvidos com patrimônio (93,8%), enquanto os que apenas ouviram falar apresentaram menor proporção positiva (84,2%) e maior ocorrência de respostas negativas (14,5%). As dimensões dependência, social e vontade de conservar não apresentaram associações estatisticamente significativas ($p > 0,05$) com os grupos de participantes embora tenham revelado tendências relevantes. A dependência teve maior positividade entre os mais envolvidos, com queda entre os que ouviram falar (69,3%). A dimensão social apresentou um padrão similar, com menor positividade (53,5%) entre os menos envolvidos. Já a vontade de conservar obteve altos percentuais de respostas positivas em todos os grupos, especialmente nos com experiência de vida no local (98,2%). Na Figura 86 mostra-se graficamente as associações estatisticamente significativas na Austrália.

Tabela 6 - Análise de associação entre a categoria de respondente e as dimensões na Austrália

Dimensão	Envolvidos com Patrimônio	Experiência de vida no lugar	Ouviram falar	Fisher, p
Afeto, n (%)				<0,001
Negativo	3 (9,1%)	0 (0,0%)	14 (18,9%)	
Neutro/Nenhum	1 (3,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	
Positivo	29 (87,9%)	55 (100,0%)	60 (81,1%)	
Dependência, n (%)				0,2
Negativo	5 (16,1%)	6 (11,1%)	20 (26,7%)	
Neutro/Nenhum	0 (0,0%)	2 (3,7%)	3 (4,0%)	
Positivo	26 (83,9%)	46 (85,2%)	52 (69,3%)	
Identidade, n (%)				0,038
Negativo	2 (6,3%)	1 (1,8%)	11 (14,5%)	
Neutro/Nenhum	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (1,3%)	
Positivo	30 (93,8%)	54 (98,2%)	64 (84,2%)	
Social, n (%)				0,055
Negativo	9 (30,0%)	13 (26,0%)	33 (46,5%)	
Neutro/Nenhum	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	
Positivo	21 (70,0%)	37 (74,0%)	38 (53,5%)	
Vontade de conservar, n (%)				0,058
Negativo	4 (11,8%)	1 (1,8%)	10 (12,8%)	
Neutro/Nenhum	0 (0,0%)	0 (0,0%)	2 (2,6%)	
Positivo	30 (88,2%)	54 (98,2%)	66 (84,6%)	

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 86 - Associações significativas entre categoria de respondente e as dimensões na Austrália



Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 7 mostra-se a análise de associação, para a amostra do Brasil, entre a vontade de conservar o patrimônio (negativa, nenhuma/neutra e positiva) e quatro dimensões: Afeto, Dependência, Identidade e Social. Os resultados, expressos em frequências absolutas e relativas, foram analisados por meio do teste exato de Fisher. Na dimensão Afeto, observa-se associação estatisticamente significativa ($p = 0,002$). A maioria dos respondentes com vontade positiva de conservar apresentou percepção afetiva positiva (82,8%), enquanto a maior parte dos que expressaram vontade negativa demonstrou vínculos afetivos predominantemente negativos (37,0%). Isso sugere que o sentimento de afeto está positivamente relacionado à intenção de conservar o patrimônio. A dimensão Dependência também apresentou a associação ($p < 0,001$). Entre os que desejam conservar, 76,5% relataram percepção positiva de dependência, ao passo que entre os que não desejam conservar, 89,3% indicaram percepção negativa. Essa relação evidencia que a percepção de utilidade ou necessidade do patrimônio influencia significativamente a disposição para sua conservação. Em relação à Identidade,

também foi observada associação significativa ($p < 0,001$). A maior parte dos participantes com vontade positiva de conservar reconheceu o patrimônio como parte de sua identidade (78,1%), enquanto 67,9% dos que se opõem à conservação relataram percepção identitária negativa. Esses dados indicam que o vínculo identitário pode ser um fator motivador na conservação patrimonial. Por fim, na dimensão Social, a associação foi igualmente significativa ($p = 0,009$). Participantes com vontade positiva de conservar relataram percepções sociais positivas em maior proporção (75,9%), contrastando com 50,0% de percepção negativa entre os que não desejam conservar. Isso aponta para o papel das relações sociais e da valorização comunitária como componentes relevantes na intenção de conservar o patrimônio. Em conjunto, os resultados indicam que percepções positivas nas quatro dimensões analisadas estão significativamente associadas à vontade de conservar o patrimônio.

Tabela 7 - Análise de associação entre a vontade de conservar o patrimônio (Negativo, Nenhum/Neutro e Positivo) e as dimensões no Brasil

Dimensão	Negativo¹	Nenhum/Neutro¹	Positivo¹	Valor p²
Afeto				0,002
Negativo	10 (37,0%)	1 (20,0%)	17 (10,4%)	
Nenhum/Neutro	4 (14,8%)	0 (0,0%)	11 (6,7%)	
Positivo	13 (48,1%)	4 (80,0%)	135 (82,8%)	
Dependência				<0,001
Negativo	25 (89,3%)	4 (80,0%)	38 (22,9%)	
Nenhum/Neutro	0 (0,0%)	1 (20,0%)	1 (0,6%)	
Positivo	3 (10,7%)	0 (0,0%)	127 (76,5%)	
Identidade				<0,001
Negativo	19 (67,9%)	3 (60,0%)	33 (21,3%)	
Nenhum/Neutro	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (0,6%)	
Positivo	9 (32,1%)	2 (40,0%)	121 (78,1%)	
Social				0,009
Negativo	14 (50,0%)	2 (50,0%)	34 (20,5%)	
Nenhum/Neutro	1 (3,6%)	0 (0,0%)	6 (3,6%)	
Positivo	13 (46,4%)	2 (50,0%)	126 (75,9%)	

¹n (%)

Dimensão	Negativo¹	Nenhum/Neutro¹	Positivo¹	Valor p²
-----------------	-----------------------------	----------------------------------	-----------------------------	----------------------------

²Teste exato de Fisher

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 8 mostra a análise de associação, para a amostra australiana, entre a vontade de conservar o patrimônio (negativa, nenhuma/neutra e positiva) e quatro dimensões no contexto da Austrália: Afeto, Dependência, Identidade e Social. Os dados são apresentados em valores absolutos e percentuais, sendo as associações testadas pelo teste exato de Fisher. Na dimensão Afeto, observou-se uma associação estatisticamente significativa ($p < 0,001$). A maior parte dos participantes com vontade positiva de conservar apresentou percepções afetivas positivas (93,8%), enquanto aqueles com vontade negativa concentraram-se nas percepções negativas (58,3%). Esse padrão sugere que o vínculo afetivo é um importante fator associado à intenção de conservar o patrimônio. A dimensão Dependência também apresentou associação significativa ($p < 0,001$). Entre os participantes com vontade positiva de conservar, 83,6% relataram percepções positivas de dependência em relação ao patrimônio. Em contrapartida, 81,8% dos que não desejam conservar indicaram percepções negativas. Em Identidade, os resultados seguem a mesma tendência ($p < 0,001$). A maioria dos respondentes com vontade positiva de conservar manifestou percepções identitárias positivas (95,9%), enquanto os que se opõem à conservação reportaram majoritariamente percepções negativas (57,1%). Isso reforça o papel da identidade no engajamento com a conservação patrimonial. A dimensão Social, por outro lado, não apresentou associação estatisticamente significativa ($p = 0,9$). As distribuições entre percepções sociais positivas e negativas foram semelhantes tanto para os participantes com vontade positiva quanto negativa de conservar, sugerindo que, no contexto australiano, essa dimensão pode não exercer influência direta sobre a intenção de conservação. Em síntese, as dimensões Afeto, Dependência e Identidade apresentaram associações significativas com a vontade de conservar o patrimônio na Austrália, indicando que vínculos emocionais, utilitários e identitários são determinantes relevantes nesse contexto. A ausência de associação com a dimensão Social sugere variações culturais na influência dos fatores sociais sobre a conservação patrimonial.

Tabela 8 - Análise de associação entre a vontade de conservar o patrimônio (Negativo, Nenhum/Neutro e Positivo) e as dimensões na Austrália

Dimensão	Negativo¹	Nenhum/Neutro¹	Positivo¹	Valor p²
Afeto				<0,001
Negativo	7 (58,3%)	1 (50,0%)	9 (6,3%)	
Nenhum/Neutro	1 (8,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	
Positivo	4 (33,3%)	1 (50,0%)	135 (93,8%)	
Dependência				<0,001
Negativo	9 (81,8%)	2 (100,0%)	19 (13,0%)	
Nenhum/Neutro	0 (0,0%)	0 (0,0%)	5 (3,4%)	
Positivo	2 (18,2%)	0 (0,0%)	122 (83,6%)	
Identidade				<0,001
Negativo	8 (57,1%)	0 (0,0%)	6 (4,1%)	
Nenhum/Neutro	1 (7,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	
Positivo	5 (35,7%)	2 (100,0%)	140 (95,9%)	
Social				0,9
Negativo	6 (40,0%)	1 (50,0%)	48 (35,8%)	
Nenhum/Neutro	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	
Positivo	9 (60,0%)	1 (50,0%)	86 (64,2%)	

¹n (%)

²Teste exato de Fisher

Fonte: elaborado pela autora.

5.2 ANÁLISE DE REGRESSÃO

Na Tabela 9 mostra-se os resultados da análise de regressão logística ordinal simples, para a amostra brasileira, realizada para investigar a associação entre a vontade de conservar o patrimônio (classificada como negativa, nenhuma/neutra e positiva) e cada uma das dimensões avaliadas no Brasil: Afeto, Dependência, Identidade e Social. Os dados são expressos como razão de chances (OR) com respectivos intervalos de confiança de 95% (IC). Em todas as análises de regressão, o nível Negativo foi tomado como a categoria de referência para interpretação dos resultados. Devido ao baixo tamanho amostral, não foi possível estimar de forma confiável os resultados do grupo Nenhum/Neutro na dimensão identidade, e os resultados não são apresentados nesse caso.

Na dimensão Afeto, indivíduos com percepção positiva apresentaram uma chance 5,30 vezes maior de manifestar maior vontade de conservar o patrimônio em

comparação com aqueles com percepção negativa, com intervalo de confiança entre 2,11 e 13,1, indicando uma associação estatisticamente significativa. A categoria Nenhum/Neutro apresentou uma associação não significativa (OR = 1,72; IC 0,46-7,46). Na dimensão Dependência, a percepção positiva esteve fortemente associada à vontade de conservar, com uma razão de chances de 32,3 (IC 10,7-140), demonstrando uma associação robusta. A categoria Nenhum/Neutro, embora com OR de 1,41, apresentou um intervalo de confiança muito amplo (0,13-31,2), não indicando significância estatística. Quanto à dimensão Identidade, apenas a categoria positiva foi incluída na análise, apresentando uma razão de chances de 7,31 (IC 3,21-16,6), sugerindo uma associação significativa entre a identidade positiva com o patrimônio e a maior disposição para sua conservação. Na dimensão Social, percepções positivas também estiveram associadas à maior vontade de conservar (OR = 3,92; IC 1,77-8,79). A categoria Nenhum/Neutro, embora com OR de 2,74, apresentou um intervalo de confiança amplo (0,42-54,0), o que limita a interpretação sobre significância estatística.

No geral, esses resultados indicam que percepções positivas nas dimensões Afeto, Dependência, Identidade e Social estão associadas a uma maior probabilidade de manifestar vontade de conservar o patrimônio no Brasil.

Tabela 9 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e cada uma das dimensões no Brasil

Dimensão	OR¹	95% IC¹
Afeto		
Negativo	—	—
Nenhum/Neutro	1,72	0,46-7,46
Positivo	5,30	2,11-13,1
Dependência		
Negativo	—	—
Nenhum/Neutro	1,41	0,13-31,2
Positivo	32,3	10,7-140
Identidade		
Negativo	—	—
Nenhum/Neutro		
Positivo	7,31	3,21-16,6
Social		
Negativo	—	—
Nenhum/Neutro	2,74	0,42-54,0
Positivo	3,92	1,77-8,79

¹OR = Razão de chances, IC = Intervalo de confiança

Na Tabela 10 mostra-se os resultados da regressão logística ordinal simples, realizada de forma estratificada por categoria de respondente no Brasil, para investigar a associação entre a vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Afeto. As categorias analisadas foram: Envolvidos com Patrimônio, Experiência de vida no lugar e Ouviram falar. Os resultados são expressos em razão de chances (OR) com intervalos de confiança de 95% (IC). Não foi possível estimar de forma confiável os resultados para o nível Nenhum/Neutro nas categorias Envolvidos com Patrimônio e Experiência de vida no lugar, devido ao baixo número de respondentes nestes grupos, e resultados não são apresentados nesses casos.

Entre os Envolvidos com Patrimônio, a associação entre percepção afetiva positiva e a vontade de conservar não foi estatisticamente significativa (OR = 1,53; IC 0,24-9,86), indicando que, para esse grupo, o afeto pode não ser um fator determinante isolado na intenção de conservação. Para os participantes com Experiência de vida no lugar, a percepção afetiva positiva esteve significativamente associada à vontade de conservar, com OR de 9,34 (IC 2,24-39,0), sugerindo que o vínculo afetivo construído pela vivência direta no local exerce influência relevante sobre a intenção de conservação. Entre aqueles que apenas ouviram falar do patrimônio, tanto a percepção Nenhum/Neutro (OR = 12,0; IC 1,20-294) quanto a percepção Positiva (OR = 26,7; IC 2,85-635) mostraram associações significativas com a vontade de conservar, o que indica uma chance de querer preservar maior nesses dois grupos, em comparação aos que tem um apego negativo. Apesar da ampla variação nos intervalos de confiança, esses resultados indicam que mesmo um contato indireto, quando acompanhado de percepção afetiva favorável, está associado a maior disposição para a conservação.

Esses resultados revelam que o papel do afeto na intenção de conservar o patrimônio varia conforme o tipo de relação dos indivíduos com o bem patrimonial. O afeto tem maior impacto entre aqueles com vivência indireta ou recente, enquanto entre os diretamente envolvidos, outros fatores podem ter peso mais significativo.

Tabela 10 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Afeto no Brasil

Categoria	Dimensão	OR¹	95% IC¹
Envolvidos com Patrimônio	Afeto		
	Negativo	—	—
	Nenhum/Neutro		
	Positivo	1,53	0,24-9,86
Experiência de vida no lugar	Afeto		
	Negativo	—	—
	Nenhum/Neutro		
	Positivo	9,34	2,24-39,0
Ouviram falar	Afeto		
	Negativo	—	—
	Nenhum/Neutro	12,0	1,20-294
	Positivo	26,7	2,85-635

¹OR = Razão de chances, IC = Intervalo de confiança

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 11 mostra-se os resultados da análise de regressão logística ordinal simples, para a amostra brasileira, entre a vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Identidade, estratificada por categoria de respondente no Brasil: Envolvidos com Patrimônio, Experiência de vida no lugar e Ouviram falar. Os dados são expressos em razão de chances (OR) com intervalos de confiança de 95% (IC). Não foi possível estimar de forma confiável os resultados para o nível Nenhum/Neutro na categoria Experiência de vida no lugar, por conta do baixo número de respondentes nesse grupo, e os resultados não são apresentados nesses casos. Nas categorias Envolvidos com Patrimônio e Ouviram falar não houve respondentes no nível Nenhum/Neutro, por isso esse nível foi desconsiderado nas análises.

Entre os Envolvidos com Patrimônio, a percepção positiva de identidade foi fortemente associada à maior vontade de conservar, com OR de 30,9 (IC 3,85-248), indicando uma relação significativa e robusta entre identidade e o desejo de preservar o patrimônio nesse grupo. Nos participantes com Experiência de vida no lugar, a associação também foi estatisticamente significativa, ainda que mais moderada (OR = 3,05; IC 1,03-9,00). Isso sugere que a experiência no lugar

contribui para a construção de uma identidade vinculada ao patrimônio, que influencia positivamente a intenção de conservação. Para os respondentes que apenas ouviram falar do patrimônio, a percepção identitária positiva foi igualmente associada à maior vontade de conservar (OR = 17,0; IC 1,70-170). O amplo intervalo de confiança reflete alguma incerteza estatística, mas a magnitude da associação permanece relevante.

No geral, a identidade com o patrimônio revelou-se um fator consistentemente associado à vontade de conservação em todos os grupos analisados, com maior intensidade entre os diretamente envolvidos. Esses resultados reforçam a importância do sentimento de pertencimento como um elemento central na valorização e preservação patrimonial.

Tabela 11 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Identidade no Brasil

Categoria	Dimensão	OR¹	95% IC¹
Envolvidos com Patrimônio	Identidade		
	Negativo	—	—
	Positivo	30,9	3,85-248
Experiência de vida no lugar	Identidade		
	Negativo	—	—
	Nenhum/Neutro		
	Positivo	3,05	1,03-9,00
Ouviram falar	Identidade		
	Negativo	—	—
	Positivo	17,0	1,70-170

¹OR = Razão de chances, IC = Intervalo de confiança

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 12 mostra-se os resultados da regressão logística ordinal simples para a associação entre a vontade de conservar o patrimônio e a dimensão Social, estratificada por categoria de respondente no Brasil: Envolvidos com Patrimônio, Experiência de vida no lugar e Ouviram falar. Os dados são expressos como razão de chances (OR) com intervalos de confiança de 95% (IC). Nas categorias Experiência de vida no lugar e Ouviram falar não foi possível estimar de forma confiável os resultados do nível Nenhum/Neutro, devido ao baixo tamanho amostral nesse grupo, e os resultados não são exibidos.

Entre os Envolvidos com Patrimônio, a percepção social Nenhum/Neutro (OR = 0,60; IC 0,04-14,9) e Positiva (OR = 1,78; IC 0,22-12,0) não apresentaram associação estatisticamente significativa com a vontade de conservar, sugerindo que, para esse grupo, a dimensão social pode não exercer influência determinante sobre a intenção de preservação. No grupo com Experiência de vida no lugar, a percepção social positiva esteve significativamente associada a uma maior vontade de conservar o patrimônio (OR = 9,18; IC 2,71-31,1), indicando que os vínculos sociais estabelecidos no local contribuem para o engajamento com sua conservação. Entre os respondentes que apenas ouviram falar do patrimônio, a percepção social positiva apresentou uma razão de chances de 1,82 (IC 0,41-8,14), sem significância estatística. Isso sugere que, no grupo com ausência de experiência direta, a dimensão social tem influência limitada sobre a intenção de conservação.

De forma geral, a associação entre a dimensão Social e a vontade de conservar varia conforme o tipo de vínculo com o patrimônio. A relevância dessa dimensão se destaca entre aqueles com vivência direta no local, enquanto seu efeito é menos evidente entre os envolvidos formalmente com o patrimônio ou aqueles com contato apenas indireto.

Tabela 12 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e a dimensão Social no Brasil.

Categoria	Dimensão	OR¹	95% IC¹
Envolvidos com Patrimônio	Social		
	Negativo	—	—
	Nenhum/Neutro	0,60	0,04-14,9
Experiência de vida no lugar	Positivo	1,78	0,22-12,0
	Social		
	Negativo	—	—
Ouviram falar	Nenhum/Neutro		
	Positivo	9,18	2,71-31,1
	Social		
	Negativo	—	—

Categoria	Dimensão	OR¹	95% IC¹
	Nenhum/Neutr 0		
	Positivo	1,8 2	0,41-8,1 4

¹OR = Razão de chances, IC = Intervalo de confiança

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 13 mostra-se os resultados da regressão logística ordinal simples que avalia a associação entre a vontade de conservar o patrimônio (classificada como negativa, nenhuma/neutra e positiva) e as dimensões Afeto, Dependência, Identidade e Social na Austrália. Os valores são expressos em razão de chances (OR) com intervalos de confiança de 95% (IC). Em todas as análises de regressão, o nível Negativo foi considerado a categoria de referência para interpretação dos resultados. Devido ao baixo número de participantes no nível Nenhum/Neutro de vontade de conservar na Austrália, não foi possível estimar de forma confiável os coeficientes desse nível. Por conta disso, não são exibidos os valores de OR para este nível. A categoria Neutro/Nenhum da dimensão social foi desconsiderada pois não houve nenhum respondente neste nível.

Na dimensão Afeto, indivíduos com percepção positiva apresentaram uma chance 24 vezes maior de manifestar maior vontade de conservar o patrimônio em comparação com aqueles com percepção negativa, com intervalo de confiança entre 6,48 e 88,5. Isso indica uma associação estatisticamente significativa e robusta. A dimensão Dependência mostrou uma razão de chances ainda mais elevada, com OR de 34,4 (IC 7,01-169), reforçando uma forte associação entre percepção positiva de dependência e intenção de conservação do patrimônio. Na dimensão Identidade, os participantes com percepção positiva apresentaram OR de 30,3 (IC 8,07-114), também demonstrando uma associação significativa com a vontade de conservar, sugerindo que o vínculo identitário é um importante preditor do comportamento conservacionista no contexto australiano. Por outro lado, na dimensão Social, a razão de chances foi de 1,25 (IC 0,44-3,51), sem significância estatística, indicando que a percepção social positiva não esteve associada de forma relevante à vontade de conservar o patrimônio na Austrália.

No geral, percepções positivas nas dimensões Afeto, Dependência e Identidade mostraram-se fortemente associadas à maior disposição para conservar

o patrimônio. A dimensão Social, entretanto, não apresentou evidência de associação, sugerindo menor relevância dessa variável no contexto analisado.

Tabela 13 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e cada uma das dimensões na Austrália

Dimensão	OR¹	95% IC¹
Afeto		
Negativo	—	—
Nenhum/Neutro		
Positivo	24,0	6,48-88,5
Dependência		
Negativo	—	—
Nenhum/Neutro		
Positivo	34,4	7,01-169
Identidade		
Negativo	—	—
Nenhum/Neutro		
Positivo	30,3	8,07-114
Social		
Negativo	—	—
Positivo	1,25	0,44-3,51

¹OR = Razão de chances, IC = Intervalo de confiança

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 14 mostra-se os resultados da regressão logística ordinal simples que avalia a associação entre a vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Afeto, estratificada por categoria de respondente na Austrália: Envolvidos com Patrimônio e Ouviram falar. Os resultados são expressos como razão de chances (OR) com intervalos de confiança de 95% (IC). A categoria Experiência de vida no lugar tem apenas positivo teve apenas respostas de afeto positivo, impossibilitando a análise de regressão. Na categoria Ouviram falar, não houve respondentes no nível Nenhum/Neutro, sendo este nível desconsiderado. Já na categoria Envolvidos com Patrimônio, não foi possível estimar de forma confiável os resultados do nível Nenhum/Neutro devido ao baixo número de respondentes, e os resultados não são mostrados.

Entre os Envolvidos com Patrimônio, a percepção afetiva positiva mostrou uma forte associação com a vontade de conservar o patrimônio, com OR de 55,9 (IC 2,15-1.451). Apesar do intervalo de confiança amplo, o valor elevado da razão de chances indica uma relação significativa e intensa, sugerindo que o afeto desempenha um papel central nesse grupo. Para os respondentes que apenas

ouviram falar do patrimônio, a percepção positiva também esteve significativamente associada à maior vontade de conservação (OR = 10,1; IC 2,30-44,6), reforçando que mesmo vínculos indiretos, quando acompanhados de uma carga afetiva positiva, influenciam favoravelmente a intenção de preservar.

Esses resultados evidenciam que o afeto é um fator importante na disposição para conservar o patrimônio na Austrália, tanto entre os envolvidos diretamente quanto entre aqueles com contato indireto, ainda que com diferentes magnitudes de associação.

Tabela 14 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Afeto na Austrália

Categoria	Dimensão	OR¹	95% IC¹
Envolvidos com Patrimônio	Afeto		
	Negativo	—	—
	Nenhum/Neutro		
	Positivo	55,9	2,15-1.451
Ouviram falar	Afeto		
	Negativo	—	—
	Positivo	10,1	2,30-44,6

¹OR = Razão de chances, IC = Intervalo de confiança

Fonte: elaborado pela autora.

Na Tabela 15 mostra-se os resultados da regressão logística ordinal simples que investigou a associação entre a vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Identidade, estratificada por categoria de respondente na Austrália: Envolvidos com Patrimônio e Ouviram falar. Os dados são expressos em razão de chances (OR) com intervalos de confiança de 95% (IC). A categoria Experiência de vida no lugar teve majoritariamente respondentes positivos e apenas um respondente no nível negativo, o que impossibilitou a realização da análise de regressão nessa categoria. Na categoria Envolvidos com Patrimônio, não houve respondentes no nível Nenhum/Neutro, sendo este nível desconsiderado. Já na categoria Ouviram falar, não foi possível estimar de forma confiável os resultados do nível Nenhum/Neutro devido ao baixo número de respondentes, e os resultados não são mostrados.

Entre os Envolvidos com Patrimônio, a percepção identitária positiva apresentou uma razão de chances de 9,00 (IC 0,39-210), sem significância estatística, possivelmente em função da ampla variabilidade e do tamanho reduzido da amostra. Apesar da magnitude elevada da OR, a incerteza limita a interpretação conclusiva sobre essa associação. Por outro lado, entre os respondentes que apenas ouviram falar do patrimônio, a percepção positiva de identidade mostrou-se fortemente associada à maior vontade de conservar, com OR de 22,1 (IC 4,43-110). Este resultado indica que mesmo em situações de vínculo indireto, sentir-se representado pelo patrimônio exerce influência significativa sobre a intenção de preservação.

Os resultados reforçam o papel da identidade na motivação para conservar o patrimônio na Austrália, sobretudo entre aqueles com vínculos simbólicos ou indiretos. A percepção de identidade surge como um fator relevante para o engajamento com a conservação, ainda que com variação conforme o nível de envolvimento com o patrimônio.

Tabela 15 - Resultados da análise de regressão logística ordinal simples entre o desfecho de vontade de conservar o patrimônio e a dimensão de Identidade na Austrália.

Categoria	Dimensão	OR¹	95% IC¹
Envolvidos com Patrimônio	Identidade		
	Negativo	—	—
	Positivo	9,00	0,39-210
Ouviram falar	Identidade		
	Negativo	—	—
	Nenhum/Neutro		
	Positivo	22,1	4,43-110

¹OR = Razão de chances, IC = Intervalo de confiança

Fonte: elaborado pela autora.

A análise dos Resultados Quantitativos dos Questionários confirma e aprofunda as percepções levantadas na etapa qualitativa. De forma geral, o estudo demonstrou que as quatro dimensões do apego ao lugar se associam à Vontade de Conservar, mas com pesos distintos. As dimensões de natureza afetiva e cognitiva, Identidade de Lugar e Vínculo Afetivo, emergiram como os preditores mais fortes e consistentes da intenção positiva de preservar, tanto no Brasil quanto na Austrália. A percepção identitária positiva, por exemplo, demonstrou uma razão de chances

substancialmente maior para a Vontade de Conservar em grupos como os Envolvidos com Patrimônio, validando a hipótese de que a internalização do valor do bem na autoimagem é o principal motor da conservação.

A comparação entre as amostras revelou que, apesar das diferenças contextuais entre o Cine São José (abandono) e o Edifício T&G (restauro), a estrutura da relação entre as dimensões e a vontade de conservar se mantém. Contudo, as diferenças entre os grupos de participantes foram cruciais. O grupo "Pessoas com Experiência de Vida no Local" (EV), em ambos os países, destacou-se por apresentar os maiores percentuais de percepções positivas nas dimensões afeto e social, reforçando que a vivência direta é a matriz do apego mais profundo. Em contraste, a dimensão vínculo social apresentou uma associação significativa, mas com influência limitada ou inexistente sobre a intenção de conservar no grupo "Os que Apenas Ouviram Falar". Isso sugere que o apego funcional e social, medidos quantitativamente, exigem uma interação mais robusta com o local para se transformarem em motivação conservacionista, ao passo que a identidade e o afeto podem ser mais facilmente medidas.

A articulação entre os resultados qualitativos e quantitativos é notável, com os números corroborando o discurso. As entrevistas revelaram que as emoções mais intensas (como a "tristeza" ou o "alívio") estavam ligadas diretamente à percepção de perda ou preservação do significado do lugar, o que o questionário traduziu em alta significância estatística das dimensões Identidade e Afeto. O relato qualitativo de nostalgia vicária entre o grupo "Ouviram Falar" encontra eco no resultado quantitativo de que, embora apresentem a menor vontade de conservar, ela não é nula, indicando que a narrativa histórica e a memória transmitida agem como um substituto eficaz para a experiência direta, influenciando o apego em certo grau.

Em termos de discussão teórica, a primazia das dimensões Identidade e Vínculo Afetivo sobre a Dependência e o Vínculo Social confirma a visão de teóricos como Yi-Fu Tuan (1991), que estabelecem o lugar como elemento intrínseco à formação do *self*, e não apenas um palco funcional. Os resultados apoiam a abordagem de patrimônio centrado nas pessoas (Parente e Bomfim, 2020), que argumenta que a legitimação do patrimônio do século XX depende mais do valor afetivo e social que ele confere à comunidade do que de seu valor histórico-artístico

formal. Além disso, a variação da importância do vínculo social conforme o grupo de participante preenche uma lacuna empírica, mostrando que o apego não é um constructo monolítico, mas um fenômeno que exige análise segmentada para que as estratégias de intervenção sejam realmente eficazes.

Dessa forma, a pesquisa estabelece um framework que evidencia a hierarquia de influência das dimensões do apego ao lugar na vontade de conservar o patrimônio recente, sintetizada no quadro a seguir:

Quadro 6: Framework

Dimensão do Apego ao Lugar	Nível de Influência na Vontade de Conservar	Variação de Influência por Grupo de Participante
Identidade de Lugar	Maior preditor (relação mais forte)	Alta e consistente em todos os grupos; máxima no grupo Experiência de Vida (EV)
Vínculo Afetivo	Forte preditor (próximo à Identidade)	Alto em EV e Envolvidos; forte no geral
Vínculo Social	Associação significativa, mas variável	Forte apenas no grupo EV (vivência direta); influência limitada e sem significância no grupo Ouviram Falar
Dependência de Lugar	Menor preditor entre as quatro dimensões	Efeito menos preditivo na vontade de conservar quando comparado às dimensões afetivas e de identidade.

Fonte: Autora

6 CONCLUSÃO

A tese se dedicou a investigar uma lacuna crítica na preservação do patrimônio arquitetônico do século XX, que, por sua falta de reconhecimento formal e vulnerabilidade, exige uma nova base de legitimação. Para cumprir este objetivo, foi desenvolvida uma pesquisa quali-quantitativa e transcultural, comparando o Cine São José (Brasil) e o Edifício T&G (Austrália), com o intuito de aplicar os conceitos da psicologia ambiental e da emoção. O percurso metodológico permitiu analisar as quatro dimensões do apego ao lugar e demonstrar que o vínculo afetivo e a identidade pessoal e social com o bem constituem o principal motor para a vontade de conservar na comunidade, fornecendo uma justificativa social robusta para a salvaguarda sustentável desses bens.

O objetivo primordial desta tese foi investigar como as diferentes dimensões do Apego ao Lugar – dependência, identidade, vínculo afetivo e vínculo social – influenciam na vontade de conservar, usando como estudos de casos dois edifícios representativos do século XX, o Cine São José (Brasil) e o Edifício T&G (Austrália). É comprovado também como a experiência de uso direto se relaciona com a intensidade emocional e a consequente vontade de conservar.

A análise dos resultados corrobora integralmente a hipótese central desta pesquisa: “Qual a influência das quatro dimensões do apego ao lugar na vontade de conservar o patrimônio histórico cultural do século XX?”. O grupo de “Pessoas com experiência de vida no local” demonstrou consistentemente as maiores intensidades emocionais, com picos de 6 (intensidade máxima) em sentimentos de alegria, alívio, raiva e desapontamento, notadamente na amostra australiana. O alívio máximo frente ao restauro, citado por sete dos dez respondentes australianos com experiência, evidencia que a conservação é percebida como a mitigação de uma ameaça à identidade pessoal e coletiva, e não apenas uma ação técnica.

Por outro lado, os resultados da categoria “Os que Apenas Ouviram Falar” atestam a existência de um vínculo afetivo e social resiliente, mesmo na ausência de experiência direta. Nesses casos, a memória transmitida por narrativas assume o

papel de catalisador. O fenômeno da Nostalgia Vicária, que gera sentimentos de alegria, orgulho e até nostalgia por um passado não vivido, comprova que a história do patrimônio é absorvida como capital social e identitário, sendo um mecanismo poderoso para a formação do apego em novos grupos populacionais ou em gerações futuras.

Na Identidade de Lugar a dissociação é mais evidente no Brasil, onde a mudança drástica de função (cinema para igreja) resultou na perda de identificação para 30% dos respondentes com experiência. Este fato reforça que a identidade não se prende apenas à forma arquitetônica, mas é vulnerável à desprogramação social e à restrição de acesso.

O Vínculo Afetivo e Social em ambas as localidades, são vínculos dominados pela nostalgia e pela alegria no grupo com experiência. A coexistência de tristeza e amor no Brasil, ou tristeza e orgulho na Austrália, demonstra que o vínculo afetivo é uma estrutura multifacetada onde a dor se manifesta como a lamentação pela perda do tempo vivido ou pelo declínio estético, e não como aversão ao objeto em si. O vínculo social é essencialmente construído pela família e amigos, evidenciando que o uso ideal do patrimônio é aquele que promove o convívio amplo (espaço público, cinema, restaurante), conforme apontado nas Nuvem de Palavras.

Na Vontade de Conservar a indiferença à demolição, mesmo com o desejo de restauro, observada em alguns respondentes brasileiros, sugere que o apego ao lugar pode ser menos um apego à matéria do que à promessa de reativação da função social original. A indiferença é superada pelo contentamento e felicidade quando o restauro implica o retorno à dinamicidade urbana (cinema no Brasil; museu/fachada ativa na Austrália).

Os resultados desta tese validam a urgência de incorporar as emoções e os afetos no centro da teoria e prática da conservação, alinhando-se à perspectiva do Patrimônio Sensível e dos Estudos Críticos do Patrimônio (Muniz, 2020).

Os altos índices de raiva, desapontamento e alívio demonstrados pelos respondentes não são apenas reações subjetivas, são dados concretos que refletem a profunda conexão entre o indivíduo e o lugar. Ao ignorar essa dimensão, a gestão

patrimonial corre o risco de deslegitimar as narrativas comunitárias em favor de critérios técnicos ou estéticos que não ressoam com a experiência popular.

O patrimônio requer uma abordagem que não fuja das controvérsias e contradições. A "tensão discursiva" de indivíduos que criticam a estrutura, mas defendem o restauro, ou que negam a identificação, mas sentem contentamento, demonstra que a preservação é uma questão de ética social e não apenas de técnica. O apego experiencial e a memória corpórea coexistem com avaliações críticas, e essa complexidade deve ser acolhida.

O conceito de "afetivo efetivo" (Olender, 2017) não consta da fundamentação teórica ganha centralidade na análise, pois o afeto não é apenas um sentimento, mas uma força mobilizadora. A raiva e o desapontamento frente à demolição se tornam a efetividade que justifica a mobilização e a demanda por conservação. A alegria e o orgulho frente ao restauro se tornam o valor emocional que legitima o investimento público e a mudança de uso para funções mais inclusivas.

Portanto, a Vontade de Conservar não deve ser vista apenas como um indicador, ela é a expressão quantificável do valor emocional que o patrimônio ainda detém na comunidade. Nos edifícios do século XX, frequentemente desvalorizados pela falta de idade histórica ou pelo descompasso estético, o elo afetivo é o principal argumento de defesa. A memória transmitida assegura que esse elo transcende a geração que usufruiu diretamente do bem, garantindo a sustentabilidade da conservação a longo prazo.

Acrescenta-se ainda, que apesar de ter alcançado os objetivos centrais e comprovado a forte influência do apego na preservação, este estudo apresenta algumas limitações inerentes ao seu desenho metodológico. Primeiramente, a escolha de apenas dois estudos de caso (Cine São José e Edifício T&G), embora essencial para o aprofundamento da análise quali-quantitativa, limita a generalização dos resultados a outras tipologias ou contextos patrimoniais do século XX. Adicionalmente, a condição atual distinta dos bens, abandono e descaracterização no Brasil em contrapartida ao recente restauro na Austrália, introduz uma variável significativa que, embora tenha enriquecido a análise emocional, dificulta a

atribuição das diferenças comportamentais puramente ao contexto cultural. Por fim, a pesquisa utilizou uma amostragem não probabilística e se baseou em dados de autorrelato (questionários e entrevistas), o que implica que os resultados refletem a intenção de conservar (Vontade de Conservar) e não necessariamente o comportamento pró-patrimônio efetivo e de longo prazo da população.

Com base nas conclusões deste estudo, apresentam-se as seguintes recomendações e sugestões:

6.1 RECOMENDAÇÕES PARA A PRÁTICA E GESTÃO DO PATRIMÔNIO:

1. Mapeamento Emocional no Processo de Inventário: Sugere-se a incorporação da metodologia de mapeamento de emoções (utilizando a Roda de Emoções com escalas de intensidade) nas fases iniciais do inventário e do tombamento. O diagnóstico do valor emocional deve ser tão crucial quanto o diagnóstico material, fornecendo subsídios quantitativos para a tomada de decisão.
2. Reuso Sensível e Programático: As propostas de reuso devem priorizar a função social e pública em detrimento de usos restritivos. O uso ideal deve buscar o resgate da dinamicidade urbana, conforme a demanda majoritária das Nuvem de Palavras.
3. Valorização da Memória Transmitida: Os programas de educação patrimonial devem ser desenhados para capturar e promover a memória transmitida. Documentários, entrevistas e projetos de história oral com os "Pessoas com experiência de vida no local" são essenciais para transformar a experiência individual em Patrimônio Narrativo para os "Os que Apenas Ouviram Falar".

6.2 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

1. Estudos Longitudinais: Recomenda-se a realização de estudos longitudinais para acompanhar a evolução do apego após um evento de restauro ou de mudança funcional. Seria relevante medir se o restauro do Edifício T&G, por exemplo, mitiga o desapontamento ou se a reativação da função (se ocorresse no Brasil) transformaria a indiferença em vínculo afetivo.

2. Análise da Nostalgia Vicária como Construto: Sugere-se o aprofundamento do conceito de Nostalgia Vicária, investigando sua estrutura psicológica e seu impacto em outras tipologias patrimoniais.
3. Comparação Metodológica: Recomenda-se aplicar a mesma metodologia de Apego ao Lugar e Emoção a edifícios com status oficial de tombamento (patrimônio consolidado) e a edifícios que ainda não possuem reconhecimento legal, testando se a diferença de *status* afeta a intensidade da Vontade de Conservar.

Esta tese demonstrou que o patrimônio arquitetônico do século XX, muitas vezes marginalizado pelos critérios de antiguidade ou de estilo, é intensamente carregado de significado afetivo. O estudo das emoções forneceu a chave para decodificar a complexidade do apego, provando que o elo entre a comunidade e a arquitetura é emocional, social e programático.

Ao trazer o afeto do cidadão para a mesa de decisão e ao reconhecer a memória transmitida como um poderoso instrumento de perpetuação, a pesquisa cumpre seu objetivo de fornecer uma perspectiva sensível para a preservação. Em última análise, a conservação bem-sucedida de um edifício como o Cine São José ou o Edifício T&G depende menos da sua perfeição formal e mais da sua capacidade de continuar sendo um repositório vivo e acessível das histórias, das alegrias e dos vínculos que definem a identidade das cidades.

7 REFERÊNCIAS

- ABREU, Diego Candido; SILVEIRA, Fernanda Vieira da Rocha. Afeto, emoções e sentimentos: uma revisão do estado da arte. **The ESpecialist**, v. 46, n. 1, p. 566–586, 2025.
- ALTMAN, Irwin; LOW, Setha M. (ORGS.). **Place Attachment**. Boston, MA: Springer US, 1992.
- AGRESTI, A. **An Introduction to Categorical Data Analysis**. 2nd ed. New York: John Wiley & Sons, 2007.
- ANDRÉA DE PAIVA. Neuroscience for Architecture: How Building Design Can Influence Behaviors and Performance. **Journal of Civil Engineering and Architecture**, [s. l.], v. 12, n. 2, 28 fev. 2018. ISSN 19347359, 19347367. DOI 10.17265/1934-7359/2018.02.007. Disponível em: <http://www.davidpublisher.org/index.php/Home/Article/index?id=35503.html>. Acesso em: 19 ago. 2023.
- BARRETT, Lisa Feldman *et al.* The theory of constructed emotion: More than a feeling. **Perspectives on Psychological Science**, v. 20, n. 3, p. 392–420, 2025.
- BASTOS, Alex Cael Borges *et al.* Cor e emoção no design automotivo: uma análise do Jeep Renegade por meio do GEW. **[re]Design**, v. 1, n. 1, p. 81–98, 31 dez. 2022.
- BERROETA, H.; MANCILLA, H. M. R.; e ZUMÁRRAGA-ESPINOSA, M. Place attachment and place identity in heritage neighborhoods. **Revista CES Psicología**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 85–90, 2021. ISSN 20113080 (ISSN). DOI 10.21615/CESP.14.1.7. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85107050543&doi=10.21615%2fCESP.14.1.7&partnerID=40&md5=8704cdfa77a0dbe51c0b0fcabee242cb>.
- BONN, Mark A.; JOSEPH-MATHEWS, Sacha M.; DAI, Mo; HAYES, Steve; e CAVE, Jenny. Heritage/Cultural Attraction Atmospherics: Creating the Right Environment for the Heritage/Cultural Visitor. **Journal of Travel Research**, [s. l.], v. 45, n. 3, p. 345–354, fev. 2007. ISSN 0047-2875, 1552-6763. DOI 10.1177/0047287506295947. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0047287506295947>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BRACKETT, Marc. **Permissão para sentir**. Tradução: Livia de Almeida. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. ISBN 978-65-5564-205-6
- CASARIN, Thiago Da Cunha Martins; CASTRIOTA, Leonardo Barci. PERSPECTIVAS NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO SENSÍVEL: ABORDAGENS INICIAIS. *In*: ANAIS DO 11º MESTRES E CONSELHEIROS: EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO. **Anais do(a) Anais do 11º mestres e conselheiros: educação para o patrimônio**. UFMG: Even3, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/11mestreseconselheiros/167465-PERSPECTIVAS-NA-PRESERVACAO-DO-PATRIMONIO-SENSIVEL--ABORDAGENS-INICIAIS>>. Acesso em: 11 abr. 2024

CHAN, R. S. K.; e KHAILD, K. A. T. Chan She Shu Yuen: The Cantonese Ancestral Clan in Malaysia as Transnational Social Support Network. **HSE Social and Education History**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 1–37, 2020. ISSN 20143567 (ISSN). DOI 10.17583/hse.2020.4216. Disponível em:

<https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85114260925&doi=10.17583%2fhse.2020.4216&partnerID=40&md5=4e2981e383ae77968f4f19fd5c42970b>.

CONSELHO DA EUROPA. **Convenção-Quadro do Conselho da Europa relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade (CETS n.º 199)**. , 2005. Disponível em: <<https://rm.coe.int/1680083746>>. Acesso em: 20 jul. 2025

CALKINS, Mary Whiton. Discussion: The relation of feeling (affection) to emotion. **Psychological Bulletin**, v. 5, n. 10, p. 340–344, out. 1908.

DIAS, Cláudia; CRUZ, José Fernando; FONSECA, António Manuel. Emoções: Passado, presente e futuro. **PSICOLOGIA**, v. 22, n. 2, p. 11, 7 jan. 2014.

DAMERIA, C. *et al.* A Conceptual Framework for Understanding Sense of Place Dimensions in the Heritage Context. **JOURNAL OF REGIONAL AND CITY PLANNING**, v. 31, n. 2, p. 139–163, ago. 2020.

ELKADI, Hisham. A Participatory Model for the Regeneration of Australian Cities: The Case of Geelong. **Global Journal of Engineering Sciences**, v. 4, n. 4, 24 fev. 2020.

ESPERIDIÃO-ANTONIO, Vanderson *et al.* Neurobiologia das emoções. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 35, p. 55–65, 2008.

FELIPPE, Maíra Longhinotti; e KUHNEN, Ariane. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, [s. l.], v. 29, n. 4, p. 609–617, dez. 2012. ISSN 0103-166X. DOI 10.1590/S0103-166X2012000400015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000400015&lng=pt&lng=pt. Acesso em: 12 nov. 2022.

GRAHAM, Helen. Literature Review: Historic Environment, Sense of Place and Social Capital. 2009.

GOAD, Philip. Modernism and Australian architecture: PART OF THE CRITICAL FILTER. **docomomo journal**, v. 29, p. 61–68, set. 2003.

HERNÁNDEZ-GARCÍA, Jaime; CÁRDENAS-O'BYRNE, Sabina; GARCÍA-JEREZ, Adolfo; e BEZA, Beau B. (ed.). **Urban Space: experiences and Reflections from the Global South**. 1. ed. [S. l.]: Sello Editorial Javeriano, 14 dez. 2018. ISBN 978-958-54-5339-5. DOI 10.2307/j.ctvhn0bx4. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.2307/j.ctvhn0bx4>. Acesso em: 5 ago. 2023.

HOANG, T. D. T.; BROWN, G.; e KIM, A. K. J. Measuring resident place attachment in a World Cultural Heritage tourism context: the case of Hoi An (Vietnam). **Current Issues in Tourism**, [s. l.], v. 23, n. 16, p. 2059–2075, 2020. ISSN 13683500 (ISSN). DOI 10.1080/13683500.2020.1751091. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85083561971&doi=10.1080%2f13683500.2020.1751091>.

[2f13683500.2020.1751091&partnerID=40&md5=1808f348177f9129fd398665dd0997dc.](https://doi.org/10.1080/19368623.2016.1185988)

JIANG, Yangyang; RAMKISSOON, Haywantee; MAVONDO, Felix T.; e FENG, Shanfei. Authenticity: The Link Between Destination Image and Place Attachment. **Journal of Hospitality Marketing & Management**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 105–124, 17 fev. 2017. ISSN 1936-8623, 1936-8631. DOI 10.1080/19368623.2016.1185988. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19368623.2016.1185988>. Acesso em: 10 ago. 2023.

JONG, URSULA DE; FREEMAN, CRISTINA GARDUÑO; BEZA, BEAU B.; GRAY, FIONA; NOVACEVSKI, MATT. Histories of urban heritage: emotional and experiential attachments across time and space. **Em: People-centred methodologies for Heritage conservation: exploring emotional attachments to historic urban places**. [S. l.]: Routledge, 2021. ISBN 978-0-367-36418-2.

JOHNSON, Donald Leslie. **Australian architecture 1901-51: Sources of modernism**. [S. l.]: Sydney University Press, 2002.

JORGENSEN, Bradley S.; STEDMAN, Richard C. SENSE OF PLACE AS AN ATTITUDE: LAKESHORE OWNERS ATTITUDES TOWARD THEIR PROPERTIES. **Journal of Environmental Psychology**, v. 21, n. 3, p. 233–248, set. 2001.

JUNIOR, NIVALDO VIEIRA DE ANDRADE; ANDRADE, MARIA ROSA DE CARVALHO; e FREIRE, RAQUEL NEIMANN DA CUNHA. O IPHAN E OS DESAFIOS DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MODERNO: A aplicação na Bahia do Inventário Nacional da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo Modernos. **XI Seminário Docomomo Brasil. abril**, [s. l.], n. Recife-PE, 2016.

KAUFMAN, Tammie J.; WEAVER, Pamela A. Heritage tourism: A question of age. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**, v. 11, n. 2, p. 135–146, 2006.

LATIFF, K.; NG, S. I.; AZIZ, Y. A.; e BASHA, N. K. Antecedent and outcome of place attachment in heritage sites. **Journal of Applied Structural Equation Modeling**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 81–90, 2020. ISSN 25904221 (ISSN). DOI 10.47263/jasem.4(1)06. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85107032861&doi=10.47263%2fjasem.4%281%2906&partnerID=40&md5=f9672e56527511bfec0da22e6bf1cf5a>.

LEWICKA, M. Ways to make people active: The role of place attachment, cultural capital, and neighborhood ties. **Journal of Environmental Psychology**, [s. l.], v. 25, n. 4, p. 381–395, 2005. ISSN 02724944 (ISSN). DOI 10.1016/j.jenvp.2005.10.004.

LOZANOVSKA, Mirjana; NAKAI KIDD, Akari. 'Vacant Geelong' and its lingering industrial architecture. **Architectural Research Quarterly**, v. 24, n. 4, p. 353–368, dez. 2020.

MACDONALD, Susan. Conserving the modernism in Australia: a pragmatic approach. **Docomomo Journal**, n. 29, set. 2023.

MADGIN, Rebecca; e LESH, James (ed.). **People-centred methodologies for heritage conservation: exploring emotional attachments to historic urban places**. Capítulo “histories of urban heritage: emotional and experiential attachments across time and space”. Abingdon, Oxon: Routledge, 2021. ISBN 978-0-429-34580-7.

MAGNONI, F.; VALETTE-FLORENCE, P.; e DE BARNIER, V. Modeling the effects of place heritage and place experience on residents’ behavioral intentions toward a city: A mediation analysis. **Journal of Business Research**, [s. l.], v. 134, p. 428–442, 2021. ISSN 01482963 (ISSN). DOI 10.1016/j.jbusres.2021.04.069. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85108782648&doi=10.1016%2fj.jbusres.2021.04.069&partnerID=40&md5=f79f5af7fa8e7ffb3666e7fb3d212bc6>.

MCCARTHY, W. “Meet me on main street”: Disneyland as place attachment for Southern Californians. **Tourism Geographies**, [s. l.], v. 21, n. 4, p. 586–612, 2019. ISSN 14616688 (ISSN). DOI 10.1080/14616688.2018.1545252. Disponível em: <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85059916907&doi=10.1080%2f14616688.2018.1545252&partnerID=40&md5=12b8eaa5c867ef0d7cd7fb00d04a7e29>.

MEMMOTT, Paul; LONG, Stephen. Place Theory and Place Maintenance in Indigenous Australia. **Urban Policy and Research**, v. 20, n. 1, p. 39–56, mar. 2002.

MUNIZ, Tiago Silva Alves. Patrimônio Aplicado e Estudos de Patrimônio Crítico: engajando a sociedade para sustentabilidade e Patrimônios Futuros - Applied Heritage and Critical Heritage Studies engaging society to sustainability and Heritage Futures. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v. 17, n. 34, p. 44–57, 22 dez. 2020.

OLIVEIRA, Milena Behling; RIBEIRO, Diego Lemos. Patrimônios Afetivos: Um Novo Recurso para o Turismo em Morro Redondo-RS, Brasil. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 11, n. 4, p. 847–860, 14 out. 2019.

OLENDER, Marcos. O afetivo efetivo. Sobre afetos, movimentos sociais e preservação do patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 35, p. 321–341, 2017.

PINTO, Fernanda Lúcia Herbster; e MOREIRA, Fernando Diniz. INTERVENÇÕES EM SUPERFÍCIES DE CONCRETO APARENTE E OS VALORES DA ARQUITETURA MODERNA: O CASO DO EDIFÍCIO SEDE DA CELPE – COMPANHIA ENERGÉTICA DE PERNAMBUCO. **Revista CPC**, [s. l.], v. 0, n. 21, p. 119–139, 29 jul. 2016. DOI 10.11606/issn.1980-4466.v0i21p119-139. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/109807>. Acesso em: 16 ago. 2023.

PRAYAG, Girish; CHEN, Ning (Chris); e DEL CHIAPPA, Giacomo. Domestic tourists to Sardinia: motivation, overall attitude, attachment, and **behavioural** intentions. **Anatolia**, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 84–97, 2 jan. 2018. ISSN 1303-2917, 2156-6909. DOI 10.1080/13032917.2017.1387583. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13032917.2017.1387583>. Acesso em: 11 fev. 2023.

PRAYAG, Girish; e RYAN, Chris. Antecedents of Tourists' Loyalty to Mauritius: The Role and Influence of Destination Image, Place Attachment, Personal Involvement, and Satisfaction. **Journal of Travel Research**, [s. l.], v. 51, n. 3, p. 342–356, maio 2012. ISSN 0047-2875, 1552-6763. DOI 10.1177/0047287511410321. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0047287511410321>. Acesso em: 10 ago. 2023.

PARENTE, José Reginaldo Feijão; BOMFIM, Zulmira Aurea Cruz. ANÁLISE DO PERFIL DAS PUBLICAÇÕES SOBRE AFETO E PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL. **Essentia - Revista de Cultura, Ciência e Tecnologia da UVA**, 17 jun. 2020.

RASHID, Md Mizanur *et al.* Presence of the Past: Digital Narrative of the Dennys Lascelles Concrete Wool Store; Geelong, Australia. **Remote Sensing**, v. 13, n. 7, p. 1395, 5 abr. 2021.

R CORE TEAM. **R**: A language and environment for statistical computing. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing, 2024. Available at: <https://www.R-project.org/>.

ROWE, David. Theme five: building Greater Geelong's industries & workforce. Em: The city of Greater Geelong about Corayo: a thematic history of Greater Geelong. Authentic Heritage Services Pty Ltd, Geelong, 2021. ISBN: 978-0-6483576-3-6

ROWE, David. Former T&G Building. Corner Moorabool & Ryrie Streets, Geelong. Conservation Management Plan (interior – all floors). Volume 1. Comissioned by Purchase 4 Investment Group Pty Ltd. Authentic Heritage Services Pty Ltd. January 2002.

SACHARIN, Vera; SCHLEGEL, Katja; SCHERER, Klaus R. Geneva emotion wheel rating study. **Center for Person, Kommunikation, Aalborg University, NCCR Affective Sciences. Aalborg University, Aalborg**, 2012.

SMITH, Bernard. Architecture in Australia. **Historical Studies**, v. 14, n. 53, p. 85–92, out. 1969.

SMITH, Laurajane; CAMPBELL, Gary. The elephant in the room: Heritage, affect, and emotion. **A companion to heritage studies**, p. 443–460, 2015.

SARI, P.; MUNANDAR, A.; e FATIMAH, I. S.; KASWANTO R.L. (ed.). Perception of place attachment between cultural heritage in Yogyakarta City. Em: KASWANTO R.L. (ed.). 2018. **IOP Conf. Ser. Earth Environ. Sci.** [S. l.]: Institute of Physics Publishing, 2018. journalAbbreviation: IOP Conf. Ser. Earth Environ. Sci. v. 179, n. 1. ISBN 17551307 (ISSN). DOI 10.1088/1755-1315/179/1/012012. Disponível em: [https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85055246199&doi=10.1088%](https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85055246199&doi=10.1088%2F1755-1315%2F179%2F1%2F012012)

2f1755-1315%2f179%2f1%2f012012&partnerID=40&md5=7322b1b79dff05d08cbbb22264e260c6.

SACHARIN, Vera; SCHLEGEL, Katja; SCHERER, Klaus R. Geneva emotion wheel rating study. **Center for Person, Kommunikation, Aalborg University, NCCR Affective Sciences. Aalborg University, Aalborg**, 2012.

SMITH, Laurajane; CAMPBELL, Gary. The elephant in the room: Heritage, affect, and emotion. **A companion to heritage studies**, p. 443–460, 2015.

SCHERER, Klaus R. What are emotions? And how can they be measured? **Social science information**, v. 44, n. 4, p. 695–729, 2005.

TINEM, NELCI. Desafios da Preservação da arquitetura moderna: o caso da Paraíba. [s. l.], v. 2, 2010.

TUAN, Yi-Fu. Language and the Making of Place: A Narrative-Descriptive Approach. **Annals of the Association of American Geographers**, [s. l.], v. 81, n. 4, p. 684–696, 1991. ISSN 00045608, 14678306. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2563430>. Acesso em: 5 ago. 2023.

TROWER, Rosalie. Geelong, Victoria. Mulgrave, Editora Nucolorvue productions Pty LTD, 1982. Fotografias: John Hanstein. ISBN: 0858580640.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 54, p. 7–21, ago. 2019.

WELLS, Jeremy C.; e STIEFEL, Barry (ed.). **Human-centered built environment heritage preservation: theory and evidence-based practice**. New York: Routledge, 2019. 1 p. ISBN 978-0-429-50635-2.

ZUANON, Rachel *et al.* Memória, emoções e sentimentos: impactos na percepção espacial e afetiva da área urbana central de Campinas. **DAT Journal**, v. 5, n. 1, p. 4–21, 26 mar. 2020.